

A Revista do Norte

Anno 4

Maranhão, 1 de Setembro de 1904

Num. 73



ALVES DE SOUZA

A legalidade da condenção de Jesus

É opinião quasi unanime dos criticos protestantes destes ultimos annos que Jesus foi julgado e condemnado legalmente.

«Sabemos, escreve Alberto Réville, que ao Sanhedrin competia de pleno direito tomar conhecimento dos casos de blasphemia contra a religião judaica e revolta contra a autoridade ecclesiastica... Sabemos igualmente que a pena de morte, pronunciada por aquelle tribunal, deveria, para ser executada, receber a sancção do procurador romano.

Ora, nada d'isto faltou no processo de Jesus. Depois da sua morte, os seus discipulos baixaram dolorosamente a cabeça ante a vontade divina que não permitia que o «Santo» e o «Justo» soffressem uma affronta tão injusta; mas, ao que conste, a menor queixa foi murmurada contra violação de ordem juridica que porventura houvessem dado o processo. Os que sustentam que o julgamento do Christo foi uma serie de illegalidades, que o Apostolo Paulo partia exactamente do facto de ter a morte de Jesus sido de-

cretada de accordo com a lei para estabelecer que a lei foi abolida pela cruz».

Em que pese ao autor de semelhantes asserções, mantemos e sustentamos que o processo ecclesiastico e o processo civil de Jesus não passaram de um tecido de calumnias e de illegalidades.

Com effeito, nenhum dos membros que compunham o Sanhedrin apresentava os requisitos moraes necessarios ao desempenho das funções de que se achavam investidos. Os proprios historiadores judeus são concordes em affirmar que a maior parte d'elles eram homens corruptos e gastos, sem piedade e sem fé.

Que valiam pontifices como Kaiapha e Hanna? Guindados ao fastigio do poder sacerdotal, por favor especial dos magistrados romanos, favor alcançado á custa de intrigas inconfessaveis e vergonhosas humilhações, não se recommendavam ao respeito dos contemporaneos, nem pela sua conducta, nem pelo seu character. Os escribas e ancãos que os secundavam eram merecedores de igual desprezo e os epithetos que lhes confere o historiador Josepho nada tem de lisongeiros. Pilatos e Herodes Antipas podem ser aferidos pelo mesmo estalão. O primeiro foi um cobarde forrado de um sceptico e o segundo tornou-se legendario na historia pelos seus deboches. Eis ahi os juizes do innocente filho de Maria!

Mas, deixemo-los de parte e volvamos ao processo.

O protestante Stapfer affirma que o conjuncto do processado foi correcto e de accordo com o direito de entao, salvo na precipitação com que os juizes condemnaram á morte o accusado, sem esperarem o segundo voto da assembléa, depois de decorridas vinte e quatro horas do primeiro, conforme estabelecia a lei em vigor.

O padre Lémann, ao contrario, conta nada menos de *vinete e sete irregularidades* só no processo ecclesiastico. Basta lembrar apenas as principaes dessas irregularidades.

A lei judaica vedava expressamente que se instruisse um processo *durante a noite*, assim como prohibia terminantemente que qualquer julgamento tivesse logar *na vespera da grande festa da Paschoa*. O Sanhedrin no processo de Jesus violou estas duas prescripções.

Ainda de acordo com as leis, toda a pena de morte votada fóra da sala *Gazith*, nas dependencias do Templo, era *nulla de pleno direito*. Ora, foi na

casa de Kaiapha que Jesus durante a noite foi em primeiro lugar, mas definitivamente condenado. Nova irregularidade!

Os depoimentos das testemunhas não foram também feitos de accordo com a lei.

Os sanhedritas, na precipitação que os impelia, desprezaram os usos e as praxes ditados pela justiça mais elementar.

Quanto ao fundo mesmo do processo, ninguém ignora que o Sanhedrin baseou-se para a sua sentença num amontoado de calumnias e de odiosas mentiras. Não somente as acusações não concordavam entre si, mas eram falsas, á excepção de uma, a saber: que o Galileu dizia-se Filho de Deus. Semelhante declaração foi explorada do modo mais indigno e encarada como uma blasphemia.

As outras acusações, sem alcance de especie alguma, foram, todavia, encaradas como suficientes para demonstrar a culpabilidade do accusado—facto este vedado pela lei hebraica que, além d'isso, prohibia que se pronunciasse uma sentença capital no mesmo dia em que o accusado pela primeira vez comparecia ante os seus juizes.

Ainda mais: o facto de condemnar Jesus *a priori*, antes mesmo da audição das testemunhas e sem lhe fornecer os meios de defesa, não constitue por si só a mais flagrante e a mais monstruosa das illegalidades?

Incontestavelmente, o procedimento dos sanhedritas, do começo ao fim do julgamento, respira o mais fundo odio e a mais revoltante das injustiças.

Da parte de Pilatos não houve, no processo civil, propriamente falando, a mesma animosidade odienta. Mas houve porisso mais justiça? Certamente que não, porque ninguém pode chamar justiça aos reprováveis expedientes a que recorreu o procurador romano para sahir da embaraçosa situação em que o collocaram os representantes do poder sacerdotal.

Vendo perfeitamente que nenhuma das acusações pronunciadas contra Jesus—nem a de lesa-majestade, nem a de rebellião—tinham fundamento, o tímido magistrado deveria immediatamente pôr em liberdade o accusado. Ao envez disso, porém, preferio libertar Barrabbás e mandar flagelar Jesus.

Exercia Pilatos um direito que a lei lhe conferia, dirão. Talvez, mas na especie, o uso desse direito transformava-se num abuso, e a justiça cedia ante a força bruta. Não se pune, não se fere como culpado aquelle que se sabe innocente.

Pilatos, além disso, no julgamento de Jesus, violou as formalidades mais elementares da processualística romana. Não designou os accusadores, não concedeu ao accusado o prazo de rigor para escolher os seus advogados, nem mesmo buscou saber se elle tinha um defensor. Não houve citação em regra, não houve discussão contradictoria, não houve acareação de testemunhas, nem mesmo a propria sentença foi pronunciada de accordo com os requisitos legais.

Pode-se, portanto, aplicar ao julgamento de Jesus as palavras do grande orador romano: *Crimen sine accusatore, sententia sine concilio, damnatio sine defensione!*

P. Constantino.

Trecho de viagem

(Continuação)

—Santa Cruz!

E o vulto do conductor passava de nobre bonet ao alto da cabeça, de lado, e os botões farda a reluzirem ao sol que já agora accendia tudo. E o rumor da chegada espalhando-se torno, um alvoroço apressado de bagagens, e as que punham sobre os bancos, o apito do trem, annunciando a proximidade de Santa Cruz, punham uma movimentação alegre no por onde erava ainda diluindo-se no ar a fumaça do charuto do commendador com um vago de *whiterose*, desprendendo-se dos lenços e dos das minhas companheiras de 2 horas de viagem.

Chegámos. Apeamo-nos meio tumultuosamente entre o povo que enchia a *gare*, rumoroso vendo-se em todos os sentidos, n'um descecho de vozes multiplas.

O commendador era esperado por um que que apresentou-lhe as redeas de um burrinho e prompto.

Toma-lhe a mala de mão e cavalgando animal, eil-os a caminho.

Abotóo o paletot de flanela até em cima da mala a um homem de côr que de mim se descolou.

Faz frio. E atravesso com a senhora anafada e as duas moçoilas em direcção ao hotel decente do lugar.

Vamos almoçar.

Posso mesmo dizer que passei apenas Santa Cruz apanhando toda a povoação n'um de olhos rapido de *touriste* apressado.

Do trem dirigi-me ao hotel, um hotel bastante commum, com um pequeno jardim ao lado, de rosas e abrindo ao sol a chaga vermelha de umas dhalias bonitas.

A porta, a tal senhora gorda da viagem, e pensativa, ruminando eternamente o seu pão, esperava naturalmente que se servisse o almoço para abrir o apetite ia pairando a vista pelos portos fronteiros, pela pradaria que lhe ficava frente, voltando de vez em quando os olhos ao trem que manobrava á curta distancia, vindo, n'um *ronflement* poderoso de animal, me que estivesse cansado, deixando sobre o espelhante dos trilhos a nodosa do azeite e de com que o lubrificavam.

Sahi n'um gyro curto, a conhecer todo o irro em que estava e conclui convencidamente que Santa Cruz é um povoado muitissimo decaído, velho, onde não medram as colheitas e as produções e onde só se nota o matadouro, isto é, *guilhotine* de quanto boi pacífico e manso e para o *beef*, o alimento capital da raça humana. Por traz da estação da estrada de ferro, sua uma elevação irregular e mal feita do solo, e tra-se um vasto quadrado cujos lados são formados por casas pequenas e mal acabadas, tendo ao lado uma igreja. E' na sacristia, digo mal, é no d'essa igreja, n'um quarto estreito e mal di-



MANAUS—MONUMENTO DO AMAZONAS E FACHADA DO THEATRO

a receptibilidade do serviço que está installado, o telegrapho. Ahí fui por interesse proprio e tive de esperar 20 minutos talvez pelo empregado que... tinha ido almoçar. E' possível que houvesse mais de um, porém o que posso garantir aos meus duvidosos leitores é que só vi lá esse homem encarregado de todo o trabalho de receber, transmittir, ouvir ao apparelho telegraphico, enfim, desempenhar todo o trabalho de telegraphista completo.

Depois de uma volta por traz da igreja fechada uma olhadella esfomeada, de quem sente o esmagamento a dar-lhe horas, para o fumo branco, a pairar sobre as casas, dirigi-me ao hotel, ao almoço. Dentro, na sala larga, de paredes nús e caídas, quadros penduravam-se, trazendo a tela da oleographia curriqueira, quadros burguezes e novados de gente que almoça, n'um *pic-nic*, ao ar livre, sob a sombra larga de arvores copadas, em uma irreverencia acabada de fazedores de dias bonos e alegres, bucolizados no campo. Por baixo, de uma um letreiro respectivo e correspondente ao assumpto do quadro—*Sejour au champ—enfin succès!*—*tour au champ*.

Na mesa, forrada de uma toalha clara, com nanchas ligeiras, provavelmente de café, estavam-se os pratos postos symetricamente, guardados ao lado e o talher ladeando-os.

Na cabeceira, sentava-se um homemsinho ma-

gro, cara chupada, com um *cavaignac* em miniatura, partindo com as mãos pedacinhos de pão que mastigava successivamente, a dizer para o dono do hotel:

—O' Pereira, pois o sujeito caliu! Na volta para a fazenda encontrou-me, inda não ha meia hora, e disse-me tudo tal e qual.

Aqui o hoteleiro, enxugando rapidamente um prato raso a um guardanapo suspenso a um braço, ria-se com os seus tres dentes da frente de um modo alvar e gostoso, a dizer para o homemsinho:

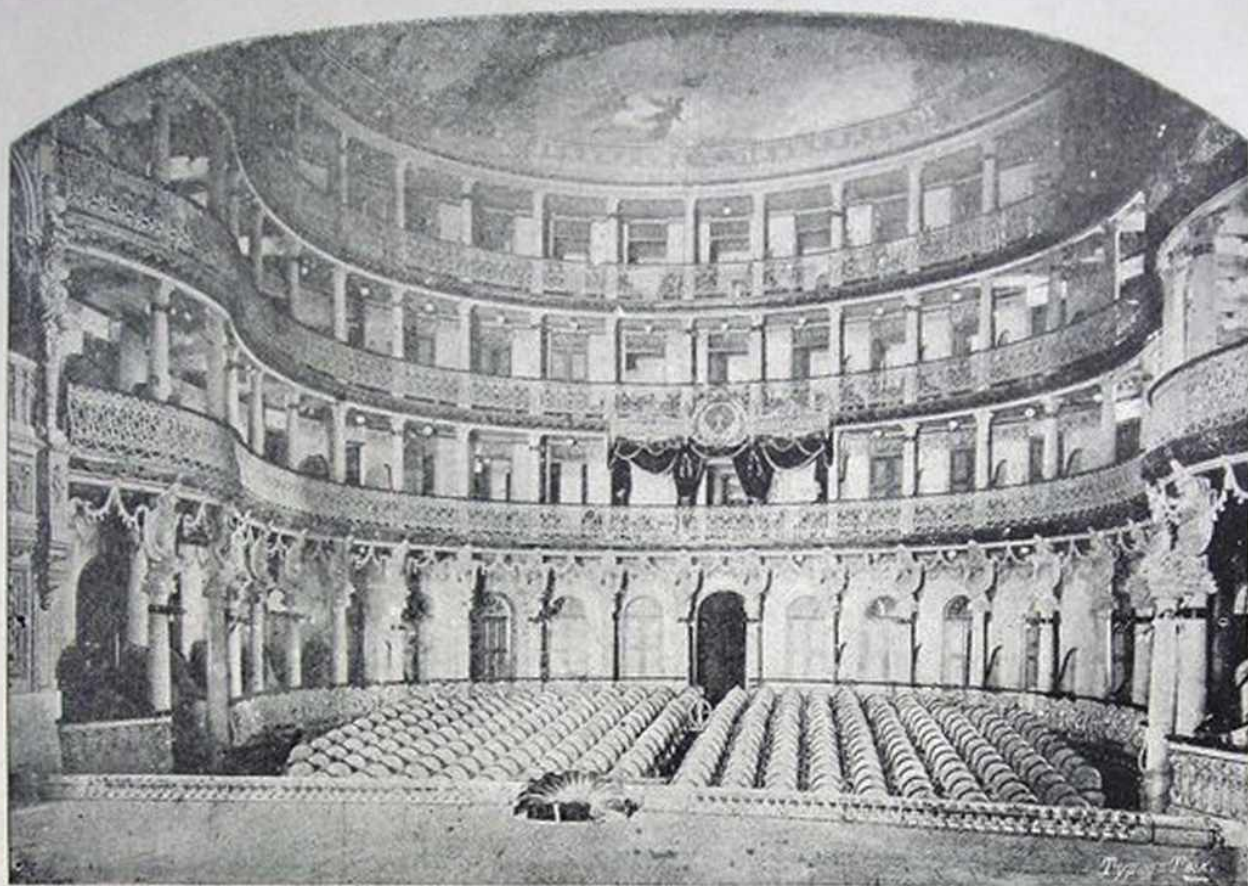
—Pois olhe que deu-lh'a direito, seu *Nixico*. O homem é duro a valer.

Em frente, pela janella aberta, um trecho azul de céu fluminense enquadricula-se no quadrado, esfumado ligeiramente n'uma ponta pela aza de uma nuvem que passa.

Pombas vóam em torno do beiral da casa n'um ruflo de azas fortes e vê-se um pouco ao fundo o vulto baixo e corpulento de um homem que abre uma porteira.

—Agora, V. pensa que elle não trazia do Rio qualquer informação segura a respeito? Olé se trazia!

E o homem minuscuro da cabeceira da mesa levanta e abaixa vagarosamente a cabeça afagando o *cavaignac* enquanto as duas moças accomodam



MANAUS—THEATRO AMAZONAS.—SALA DE ESPECTACULOS

mais ou menos entre si o vulto enfesado do Juca, uma criança de olhos chupados pela ophtalmia ou cousa que o valha.

Somos agora sete pessoas ao almoço—o Chichico, a velha, as duas moças, o menino, um estrangeiro roliço, embrulhada a cara n'umas barbas louras como o trigo, e eu.

Mr. Cox (ouvi-o chamar por esse modo) come às pressas um bife inglez escorrendo sangue, vermelho, ensopando glotonamente o pão no caldo e dosando-o com um pouco de *Spaten-Beer*, que espumava em um copo cheio ao seu lado.

No meio de tudo isso a minha rosa amarella, escandalosa, abrindo toda sobre a flanela do terno, na casa da botoeira da cor da roupa que visto, contrastando com a gravata longa de laço correcto, põe uma alacridade cantante n'esse almoço burguez e pansa, sem a commodidade facil do *Londres* no Rio ou do *Progreior* em S. Paulo.

N'isto um apito agudo da machina, um tremolo do conductor e o—*quem embarca*—costumado ressoam no ar alvoroando todos, trazendo um desmoronamento para a placidez socegada e burgueza do almoço.

A senhora gorda levanta-se atrapalhada a dizer para as moças:

—Vamos, Milota! Joaquinha, olha quando o trem parte, os bonds ficam sahindo.

Vamos embora!

Mas volta do meio da sala, atrapalhada a perguntar ao hoteleiro o preço do almoço. Afinal accede um pouco ás informações d'este que a tranquilisa, com bons modos e traz-lhe a conta na qual incluiu com certeza aquellas phrases de accommodação que dispendeu, ha instantes, para socegal-a.

O que eu sei é que a gorda mulher pagou, mas fallou toda a viagem da ladroeira e da *victimagem* que a gente sofre nessas casas de pasto aonde entra...

Mas, senhores, até onde me acompanhará esta mulher? Vai-se-me tornando um pesadello!

Mr. Cox, tomado o chá sem torradas, devido a pressa, limpa o mundo redondo das barbas louras ao guardanapo que tem preso ao collete.

Saio amollado d'essa convivencia por instantes com gente tão desequilibrada.

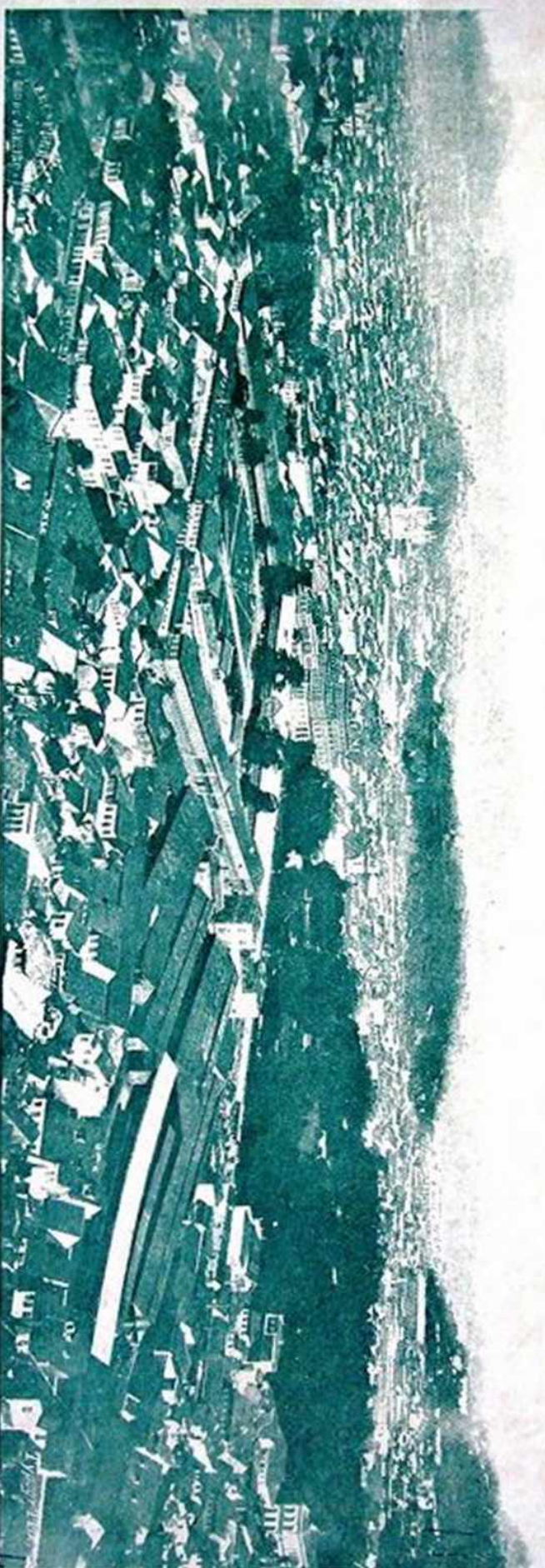
Para o bond.

Mas é n'isto que eu vou embarcar, fazer uma hora de viagem massante? Uma carangueijola mal construida, puxada por um burro magrerrimo, exausto, soffrendo do peito?

Como enfim, não ha outros, é tomar esse mal-fadado bond! Persigno-me em imaginação antes de penetrar n'elle, faço mais ou menos o meu testamento de cabeça, deixando este *Lino de Assumpção*, de capa amarella e lettras vermelhas na capa ao Belmiro Braga, entre *muchas cosas mas...* e sento-

SUPPLEMENTO AO N. 73

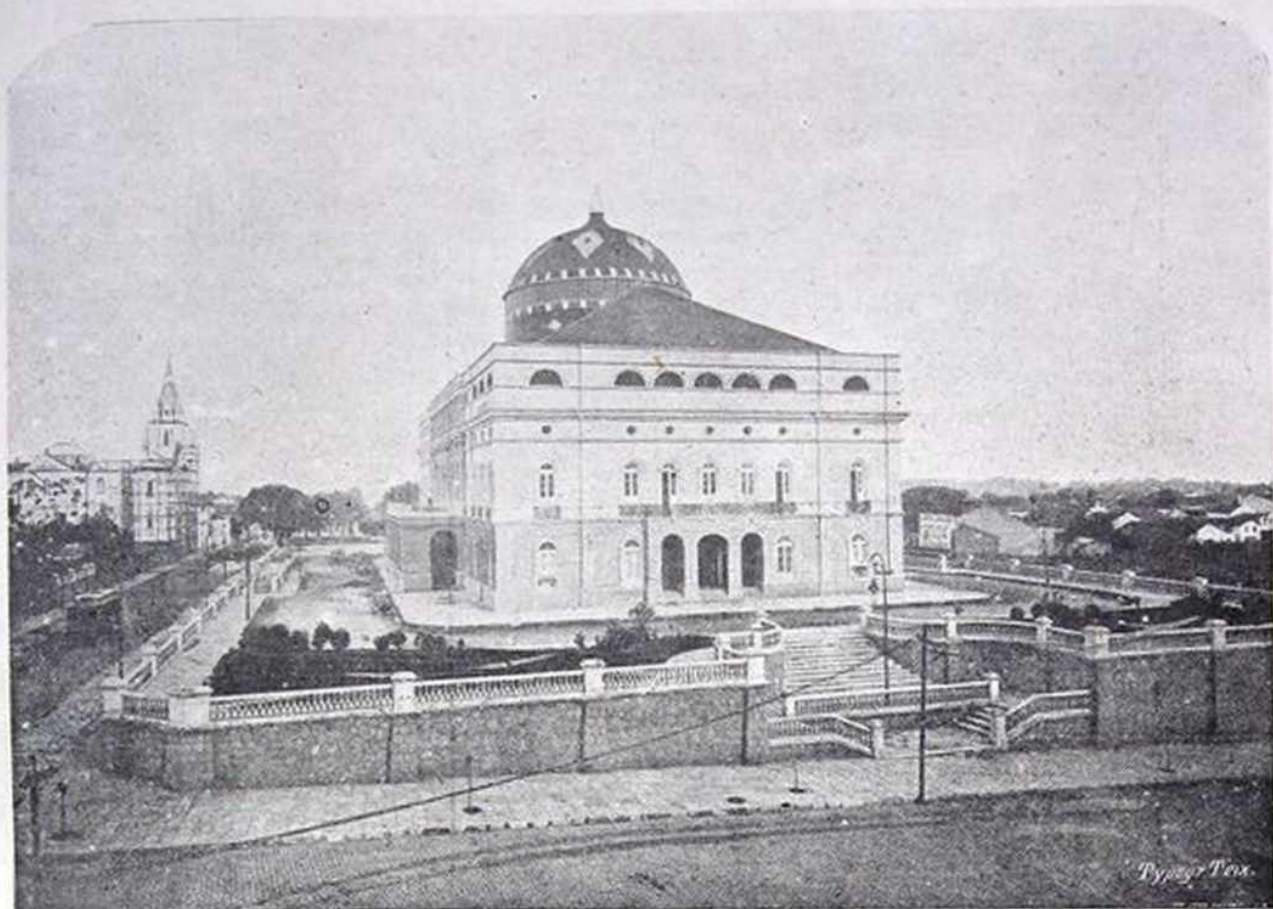
1 DE SETEMBRO DE 1904



RIO DE JANEIRO—Vista da cidade

A REVISTA DO NORTE

Maranhão—BRAZIL



MANAUS—THEATRO AMAZONAS.—(Lado posterior).

me n'um dos bancos com toda a minha coragem cívica e christã. São duas as carangueijolas... isto é, os bonds. Vou no de detraz, com a senhora gorda (!) o inglez e mais cinco ou seis passageiros que olham admirados para a rosa que tenho ao peito.

Oh! *marechale* de uma figa! Chamas a atenção... ainda bem!

Vamos atravancados com malas aos pés, dos lados, por baixo e por cima dos bancos.

Um horror!

Trava-se uma discussão entre o conductor e o cocheiro por causa de uma correia ou cousa que o valha que prendia os arreios do miseravel burro. Um chinga o outro de *penca*, olham-se, desembainham razões compridas como floretes e eu já vejo do meu banco a cara pandega da *gorda* que remoe uma exclamação de medo de mistura com o seu eterno ruminamento.

Atinal partimos todos. Um atraz do outro. Pra-dos desenrolam-se. Costeamos casas pequenas, em ruina, caídas, com alpendres. Agora roda-se por um caminho largo, bem feito, matta a dentro.

Os solavancos são medonhos. Atiram-nos como fardos por cima uns dos outros, atabalhoadamente. Felizmente a *senhora*, a *gorda*, o meu pesadello, dista alguns passos de mim.

De repente zás! o da frente descarrilla e o de detraz que ia a passo apressado não contando com

o da frente parado, dá com o burro... não foi propriamente na agua, mas de encontro a placa larga trazeira do *bond* da frente. Saltamos.

Estamos n'um trecho esplendido de caminho.

Houve uma queimada recente. Troncos incinerados erguem-se ao ar.

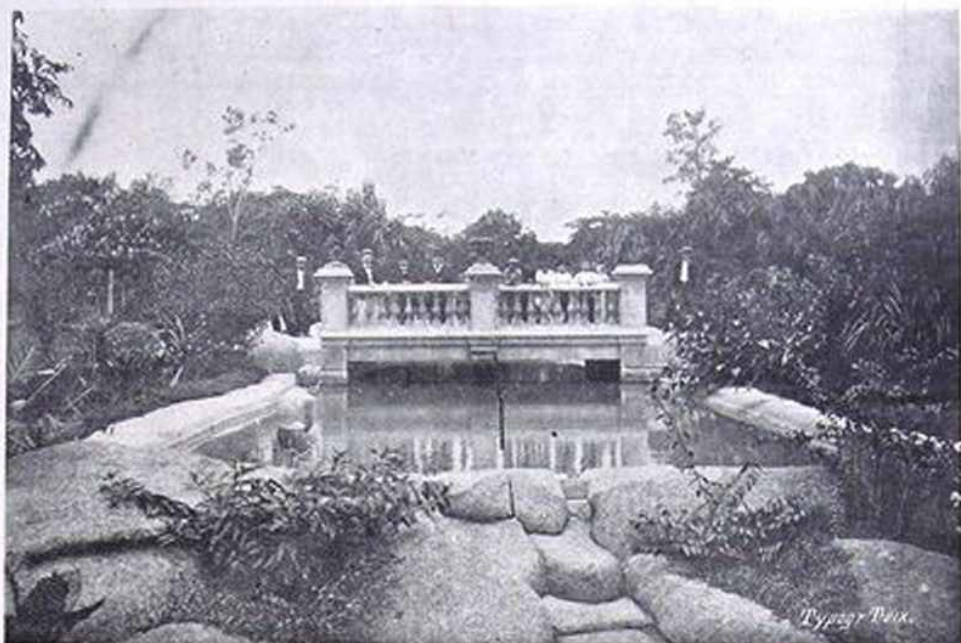
Gravatas selvagens enramam-se em outros enflorando os troncos e sangrando poderosamente em flores vermelhas e esplendidas.

Encosto-me a um tronco decepado, beirando a estrada, e puchando um charuto que accendo, fico á espera que encarrillem o tal *bond*, olhando contemplativamente toda aquella natureza ardente e requeimada.

São 11 horas da manha. Dia claro. De cima o sol cabe voluptuoso, n'um descanso luminoso, sobre o *edredon* da folhagem verde através da qual escoas-se vagarosamente.

Partimos de novo.

Desenrola-se agora o caminho, cheio de voltas, de sinuosidades, sempre coberto de uma vegetação de floresta. Ao fundo, na frente, dos lados, uma matta sombria de arvores, enredando-se, subindo e descendo, lembrando trechos suspensos onde a gente poderia dormir á sombra, enlevado por essa poesia bucolica de Virgilio, a cantar e glosar nos ramos e a ouvir a passarada chalrear alegre n'uma ebriedade infantil.



PARA'—PRAÇA BAPTISTA CAMPOS—PHOT. AMADOR—Eduardo F. d'Oliveira Junior

Falta apenas aqui o mar, o mar largo e palpitante de Loti, a bater como um malho sobre as rochas da Islandia, com um clarão arrastado de astro moribundo, cheio de palitação suave do velame dos navios e do coração de Yaun, o noivo!

Mas eis que de repente, por uma volta rápida do caminho, desdobra-se aos nossos olhos de *tou-riste*, cansado, vastíssimo na superfície azulada, rumoroso eternamente, cravando a garra azul das suas ondas sobre o largo peito da praia, o mar.

Esplendida toda essa paisagem que a gente não espera e que nos surpreende assim de repente, n'uma visualidade subita e deslumbrante, trazendo á optica todo o deslumbramento, imprevisível.

E é alegre como um collegial vadio que eu atravesso em linha recta a praia desenrolada, as casas em frente, por onde o bond vai rodando sempre até parar em frente a uma casinhola branca que se chama a *estação*.

Salto por momentos.

A primeira vista Sepetiba, que assim se chama esse lugarejo, offerece-nos aos olhos todo o aspecto magnifico de uma cidadezinha de pescadores, alegres, vivendo a vida pacifica e socegada do mar, sahindo cedo para o oceano e voltando tarde, trazendo as barcas de pesca cheias de peixe vivo, a tremeluzir o olho parado na ancía da falta do elemento querido.

Mas basta fixar um pouco a attenção sobre as casas, sobre os habitantes, sobre a praia mesmo para concluir-se pela insalubridade de Sepetiba onde apenas o vento do alto mar traz de vez em quando uma onda saturada de perfumes marinhos. Na praia algas marinhas em quantidade reputavel coalham tudo em redor.

Mosquitos adejam no ar promptos a arpoarem a humanidade que não é vigilante.

Uma desgraça, enfim!

Tomamos o bond de novo e eis-nosa atravessar Sepetiba; depois entramos por um caminho sobre rochas. No fundo uma estaçõesinha, isto é, uma larga coberta de zinco, com uma escada para vapor.

Embaixo fumegava o *Emiliano*, um pequenino vapor, que se vae affastando pouco a pouco, fumegando, até sumir-se n'uma volta do caminho.

Sobre a amurada do pequeno *steam* costeiro, ladeando toda a costa do Rio de Janeiro n'uma extensão longuissima de umas 40 leguas, eu ia debruçado, charuto entre os dedos, pensamento entre sonhos.

Não sei por que escriptor algum já me comoveu tanto e desceu tão profundamente ao intimo do meu ser com esse delicioso membro da Academia Franceza, esse inimigo acerrimo do Zola litterario de hoje, Pierre Loti, nas suas obras esplendidas, simples como as camponesas de Islandia mas soberbas na sua forma opulenta encarcerada dentro d'essas roupas despreoccupadas.

Principalmente o *Pêcheur d'Islande*, um livro monotono como o proprio mar, mas d'essa monotonia deliciosa, esplendida, de oceano que se espreguiça, que rola ondas azulinhas, na sua *berceuse* magnifica de eterno rumoroso!

A gente sente como esses pescadores islandezes, embarca-se com elles nas sestras, sobre navios pequenos, deixa-se ir mar afóra á pesca proveitosa, enchendo o tombadilho dos *paquebols*, n'um barulho apressado, cheio de movimento.

Depois é a volta! Por uma madrugada clara, cheia de um sol muito longe ainda, quando enfuma as velas com um rumor morto o vento terral marinho, colhem-se as redes, ha um apanhar de cabos de pesca, abrem-se velas e quando o navio parte, ouve-se a voz de um timoneiro que canta saudosamente, nostalgicamente:

Jean François de Nantes
Jean François!

Páginas verdadeiras essas do novo membro da Academia Franceza.

Sem pretensão litteraria apparente e accentuada nas suas obras, estylo simples e correctissimo, Lotti faz dos seus romances verdadeiros renques de lyrios e floração tenra e molle de Abril, abrindo para o sol flores claras, vermelhas, amarellas de ouro, n'uma coloração viva de pintor italiano, n'um desleixo principesco de nababo!

E ao atravessar esse trecho de mar, á vista de terra, tambem não sei porque vem-me á lembrança a espera de Gaud pelo noivo, pelo marido, o Yann que partira ha dous mezes e que não voltará mais porque o mar o engoliu!

Ficas noivando, Gaud! E' preciso ires arrancar-o agora ao fundo, ao fundo d'este oceano ou-sado que vês estendido a teus pés, n'uma estagnação de geleiros da Suissa, de *steppes* da Russia, sem uma vaga, sem um rumor, no tempo regelado do frio. E por esse inverno rigoroso só havia estio, só havia calor na alma de Gaud, tanto que elle rebentava, subindo aos olhos em borbotões de lagrimas amorosas.

O meu charuto vai em meio. Como é delicioso fumar-se á pôpa de um navio que segue deixando na superficie do mar o unico salco da sua passagem!

Volto-me a ver do outro lado uma jangada de pescador que segue, panno enfunado, cabaz sobre o banco e o vulto de um homem assentado á pôpa, n'um banco tosco, de pau.

Confesso, francamente, que qualquer d'elles é mais corajoso do que eu. Não haveria interesse que me fizesse partir na fragilidade de quatro taboas unidas a affrontar a furia d'esse inimigo—o oceano.

Estamos agora a um kilometro de terra. Fazendas, plantações enormes, brejos, tudo isso desenvolve-se confusamente, sem que se possa determinar onde acaba um, onde o outro começa.

N'uma volta de caminho, vê-se uma praia ao longe, Itacurussá. Abro a mala e tiro um binoculo pequenino, de viagem.

Aponto-o. Descubro um pouco alem da praia uma igreja, branca, pequenina. Casas em numero diminutissimo, naturalmente umas 14 ou 15 rodeiam-na. Chama-se Itacurussá.

Deve ser monotona a vida ali n'um lugar tão desprovido de tudo, a tantas leguas do Rio.

E' um dos pontos que o *Emiliano* toca, na sua viagem vagarosa e monotona.

Approximamo-nos pouco a pouco. De terra partem canoas que trazem passageiros. A' proa de uma, um velho cego toca guitarra, saudosamente. E' um homemsinho pequeno, imberbe, quarenta annos, mais ou menos.

Fica junto do vapor a tanger o instrumento n'um gesto doloroso de exilado da vida, de expulso do convívio suave e doce do prazer e do riso. Tiro nickels do bolso e atiro-lhos, ao chapéo velho e cebento que traz sobre a cabeça e que estende n'esse momento, de pé, á compaixão dos viajantes.

Sou contra a esmola dada a quem mendiga indifferentemente, sem procurar saber se ha a falta de recursos que allega o mendigo, sem descer á consciencia e vida intima desse homem a descobrir ali, no fundo d'esta vida que leva, a imagem sordida da miseria acocorada a um canto.

Mas esse homem que me estendia o chapéo sobre a onda, que arriscava-se á morte impiedosa do naufrago que luta na angustia suprema do ultimo momento, não podia mentir, não mentia com certeza vindo estender-me a mão na posição desolada de quem pede uma esmola.

Mas já o *Emiliano* virando de bordo affasta-se pouco a pouco, deixando sobre a superficie o sulco movimentado da sua passagem.

Que tedio devem causar essas viagens longas, sem accommodações, n'um vapor pequenino e estreito como o em que eu vou, cercado de passageiros mais estupidos que eu, n'uma semsaboria dos versos do padre Correia de Almeida!

Quando cortar todo este trecho uma linha-ferrea e o apito sonoro da machina vibrar por esses valados a fóra, acceleradamente, quebrando-se de morro em morro e passar silvando o trem de ferro, a *alavanca do progresso* na chapa chapissima e ridicula dos discursadores, enlão sim! será delicioso um dia ou horas passadas na calentura de um *wagon* que vai vertiginosamente, galgando morros, atravessando cascatas, despenhadeiros ingremes aonde a gente vê no fundo o olhar suave e azul dos myosotis selvagens a espiarem para o ar amedrontadamente!

(A seguir)

R. Alves de Farias.

O crime politico

Será na verdade difficil precisar com segurança onde começa e onde termina o crime politico.

Lombroso estabelece uma distincção entre as *revoluções* que teem um desenvolvimento lento, preparado, necessario, accelerado por vezes por algum genio ou algum louco, e as *revoltas* que não passam de uma incubação precipitada e artificial, uma explosão de embriões por isso mesmo votados a uma morte certa.

As primeiras devem constituir na opinião do celebre criminalista italiano phenomenos physiologicos, e as segundas phenomenos pathologicos e por consequencia crimes.

Os factores mais poderosos da criminalidade politica são o clima e a raça.

Laschi sustenta que os revolucionarios ardentes são brachycephalos: exemplo: Marat; e os revolucionarios lentos dolichocephalos: ex: Voltaire e Diderot. Na França e na Italia os brachycephalos são revolucionarios e os dolichocephalos conservadores.

O mesmo sabio accrescenta que o genio é posto em evidencia pelas evoluções rapidas e por consequencia o seu apparecimento torna-se mais frequente nos meios revolucionarios! Athenas nunca produziu tantos homens de genio como nos momentos das suas revoluções.

Comparando as distribuições geographicas do



MARANHÃO—ALCANTARA—RUA GRANDE—PHOT. AMADOR—J. Faria

genio na França com o resultado das ultimas eleições politicas, parece que a *genialidade* marcha de par com a tendencia radical.

O dr. Régis, que estudou os regicidas, divide-os em falsos e verdadeiros regicidas.

Os primeiros são aquelles nos quaes o attentado, mais apparente do que real, constitue unicamente um producto de accaso.

O impulso que na maioria dos casos os arrasta ao crime é o desejo de se tornarem salientes, de attrahirem sobre si as attentões publicas.

Os verdadeiros regicidas são aquelles nos quaes o attentado constitue a consequencia directa e forçada de um estado de espirito particular.

Estes ultimos subdividem-se em regicidas loucos, nos quaes o regicidio nada mais representa do que a forma ou a consequencia do delirio que os persegue, e em regicidas typicos ou regicidas natos.

Os regicidas typicos são degenerados hereditarios, de temperamento mystico que, transviados por um delirio politico ou religioso complicado por vezes de hallucinações, julgam-se chamados ao duplo papel de justiceiros e de martyres a quem incumbe a missão de ferir um grande da terra em nome de Deus ou da Patria.

São, em resumo, os anormaes, os mattoides, isto é: os semi-loucos, participando simultaneamente do alienado e do criminoso.

Participam do alienado pelo seu mysticismo hereditario, pelas suas hallucinações; participam do criminoso pela sua vaidade excessiva, pelo seu amor da declamação e muitas vezes pelas suas transgressões anteriores. Participam tambem do genio e de heroe pela coragem e pelo stoicismo que quasi sempre revelam no supplicio.

E. L.

LYRICAS

IV

—Esperava-o, disseste-me. O meu coração leal adivinhava a sua visita. . .

E uma fanfarra triumphal de alegria vibrou-me n'alma ao ouvir dos teus labios essas palavras benditas.

Eu entrara pallido e indeciso, no receio do acolhimento que me farias.

De ha muito que me suppunha esquecido, banido de vez da tua lembrança e do teu coração.

Por sobre a quadra feliz de nosso amor partilhado uma avalanche de annos desabara.

Cada um de nós seguio o rumo opposto que lhe traçava o destino.

Na minha alma, porem, perdurara sempre indelevel a tua imagem; de envolta com a saudade immensa dos teus beijos e o inconsolavel desespero de te haver perdido.

Mas viviam commigo essa imagem, essa saudade e esse desespero, viviam commigo, sem que os me cercavam da sua existencia suspeitassem.

E quando me proporcionou o destino a ventura suprema de te ver de novo, suppunha que me recebesses como um indifferente, como alguém que a gente conheceu em tempos, mas que depois esqueceu. . .

As tuas palavras porem arrancaram-me essa dolorosa suspeita. . .

Amavas-me ainda, e, o que é mais, tinhas tambem a certeza de que eu te não havia esquecido. . .

E na noite perenne e negra da minha desdita figurará para sempre, como um claro luar de perdão, esse instante bendito. . .

Mario da Silva.

A Revista do Norte

Anno 4

Maranhão, 16 de Setembro de 1904

Num. 74



Carlos Gomes





MARANHÃO—ALCANTARA—Phot. amador J. Faria

Dona Leonor

Numa suave quietude e postura evangelica de santa affeita ao martyrio, na estreita e archaica janella da sua casinha da rua do Passeio, Dona Leonor aguardava a passagem do bonde. Era a sua diaria preocupação, ás tres da tarde, quando o calor vae diminuindo e uma branda aragem vem chegando. Desde ás 2 horas ella começava os preparativos para a espera. Ia a uma corda meia bamba pelo peso da rouparia, desordenadamente posta, collocada em um dos compartimentos da casa e começava então numa luta mortal de perscrutar o segredo da elegancia de cada uma das blusas. Era a sua tortura predilecta, essa de escolher as blusas. Das saias pouco se importava. Para que? Se elle só lhe via o busto saliente da sacada forrada por um paneiro entrançado de madeira polida? Os quadris, os contornos desfavorecidos de carne fresca, não necessitavam ainda do seu cuidado e ella, logo que elle estivesse em mais intimidade e adquirisse entrada na casa, trataria disso. Por enquanto era preciso enfeitar o busto que sustentava aquelles negros cabellos e negros olhos, que o haviam apaixonado tanto á primeira vista, e que tão bem foram rimados em versos vibrantes e cheios duma ternura e emoção poucas vezes confessadas... E nisso ia todo um delicioso martyrio. Pegava uma blusa, endireitava a renda, alisava com carinho a manga um pouco amachucada e procurava desfazer a marca visivel que o cotovello lhe deixara, tudo com uma meticulosidade e uma paciência inexplicaveis no seu temperamento ardente de mulher desejosa... Uma por uma, as blusas iam sendo revistadas, desde o decote escandaloso, velado por

uma gaze finissima de colchete atabalhoadamente pregado, sem requinte, quasi que sem symetria, por ser um «secundario agente de elegancia», como lhe chamava Dona Leonor, na pressa de concluir uma nova blusa.

Os minutos corriam e ella, ora experimentava esta, ora aquella, postada em frente do largo espelho de cristal, denegrido pelo tempo, onde, num dos cantos, se ostentava a volumosa figura de Venus, entre bogarys e dhalias, restos da fidalguia burlesca dum commendador, seu avô. Depois de vestida e muitas vezes mirada ao espelho, a blusa era ainda repuxada, repregada uma fita e, por fim, um molho de cravos rescendentes e angelicas perfumadas, com infinitas precauções, era depositado no collo extractado, seguro por um alfinete de metal bronzeado. Feito isso principiava o borriço de pó de arroz pelo rosto. E era uma delicia vê-la, de olhos muito fortes e provocantemente abertos, para que nem um dos póros da face pallida, deixasse de ser revestido pelo rosado do pó. Nisso ia um bom quarto de hora. Os cabellos eram arredados da testa curta e molhada, com carinhoso sobressalto, para que o penteado feito pela manhã não se desmanchasse e o lenço de algodão embebesse as gottas de suor, adquiridas naquella excessivo requinte de parecer bem. Depois era o perfume que finalizava todo esse escrupuloso adorno, febrilmente entornado, sob as rendas balouçantes da blusa, em cada um dos sanguineos bicos dos pujados seios, para que, de longe, venenosa e violentamente, aquella mistura de carne humana e extracto fosse percebida...

Ainda uma vez volvidos os dois grandes olhos ao espelho, num ultimo retoque geral, ella, can-

tando a ultima modinha dos trovadores da terra, lá ia, arrastada inconscientemente por aquella submissão fiel de cão... E, anciosamente, gulosa daquelles fartos bigodes louros, que já tantas vezes roçaram pelo branco do seu rosto, Dona Leonor esperava beatamente resignada, que o bonde reponhasse na curva da rua Grande. A mão direita sobre o lado direito do rosto, o pollegar no queixo saliente, quasi na mesma linha do nariz e o labio superior leve e propositadamente erguido para deixar brilhar o esmalte novo de virgem, da meia-lua dos dentes. Mal avistava o bonde, que ronseiramente vinha cabeceando, ficava numa indolencia estudada, a recalcar o fremito voluptuoso que sentia percorrer-lhe todo o corpo á approximação delle. E á proporção que o bonde avançava lazarentamente puxado por duas pilecas magras e ossudas, augmentava-lhe aquelle estupendo fogo que lhe ia n'alma. O cumprimento era sempre o mesmo: medido e severo, para que os outros passageiros não desconfiassem do namoro. E, enquanto, o bonde, agora empurrado pelo declive da rua, descia, aos sacolejos, Dona Leonor, com um meneio de pomba arrulhando, o ia seguindo, inclinando mais e mais o disforme da sua cabeça, recoberto com o donaire do penteado, até que o vehiculo se sumisse na outra curva em frente ao Hospital Portuguez.

Assim feita esta segunda operação do dia, pois que identica era a da manhã, ao decimo dos conquistados, Dona Leonor, no concheiro do lar, ao longo do jardim, ao cheiro morno e excitante dos jasmims e ao sussurro casquilhante do severo charfariz prateado, sondava o céu, orlado, por vezes, dum pomposo arco iris, implorando a noite, para que sobre o rebordo da janella se viesse apoiar o requestado Alberto. Ah, nesse fresco e asseado jardim, ás ultimas franjas do sol, ella recordava toda a sua mocidade, gasta ás pavorosas garras do Homem. Este era o decimo, e em nada, absolutamente em nada, divergia do primeiro. Os mesmos modos lascivos, a mesma brutalidade de incompreensíveis nervos que nunca se satisfazem...

Às 7 da noite, invariavelmente, lá estava, com a mesma blusa, com o mesmo ar de amor intenso e inacabavel. Elle vinha-se esgueirando pelas casas proximas, numa vontade de apressar mais os passos, de correr para ser della, inteiramente della, até que o relógio de S. João, na sua marcha incessante, fizesse badalar as 10 da noite e o cornetim do quartel do batalhão reclamasse silencio. A conversa poucas vezes variava. Logo á chegada, Alberto apertava-lhe soffrega e nervosamente a mão e, aproveitando-se do escuro da rua, onde poucos lampeões luziam, nella depositava-lhe um beijo demorado e surdo.

— Como havia passado ?

— Bem, á parte as saudades delle.

— Qual, não tinha saudades !

— Pois, seria possível que não acreditasse na sinceridade do seu coração ?

— Acreditava, acreditava, mas parecia-lhe que ella o amava pouco, que lhe não tinha aquella afeição enorme que dizia e procurava demonstrar. Que fazia aquillo, talvez, por comprazer-lhe, para enganar-lo.

E era uma serie interminavel de queixas e interpellações, evocações de sonhos, passagens comprobatorias desse amor num gaguejado soluço de padecimento.

Outras vezes fôra uma desocupada lingua que se atrevera a metter-se nessa doce troca de sentimentos e affectos, uma visinha avelhantada que os censurara pelo «modo pouco decente com que se haviam em tamanha rua publica». Dona Leonor exprovara exageradamente essa lingua mexeriqueira e, Alberto, num extasis divino, por ve-la tão radiante a falar do seu amor, de olhos luzindo numa luxuria morbida, numa attitude de peccador constricto, novos e longos beijos depositava-lhe nas mãos desregradamente... Às vezes esses momentos eram tão deliciosos e toucos que, elle, affrontando tudo, num assomo brusco, recurvava o alongado braço, envolvendo a delgada cintura de Dona Leonor, num abraço carnicero e brutal. Em taes occasiões, por pudicicia e, ainda por parecer bem e senhora de muito juizo, Dona Leonor, com um gesto de caricioso enfado, repellia-o brandamente, lembrando-lhe a responsabilidade e o escandalo de tão excessivas provas de amizade...

••

A tia de Dona Leonor, a Sinhá Barbara, uma recolhida e seria senhora dos seus 40 annos, festejava sempre o florido Maio, em louvor da Mãe dos Peccadores, excelsa creatura da sua devoção. Durante os 31 dias, baforadas de incenso e de vozes erguiam-se aos céus, numa doce e religiosa harmonia, para que a virtuosa Mãe dos Afflictos se apiedasse dos miseros mortaes. Para cada noite eram designados dois fieis, uma rapariga e um rapaz; quasi sempre recabindo a escolha em dois suspiros noivos ou queridos namorados. O encerramento de tão catholicos festejos cabia a Sinhá Barbara, promessa que fizera, quando o seu fallecido marido, por cuidado ao seu primeiro parto, apanhara forte constipação que degenerou numa peritonite, ao voltar da cocheira do Balthazar onde tinha ido ordenar a corrida de uma das victorias á casa do Dr. Parreira, medico especialista. Todos os habituaes aguardavam esse dia 31 que era a chave de ouro desse mez de canticos e flôres.

Por uma consideração especial á Dona Leonor, a sua boa tia consentira nesse anno em fazer-la, mais o Alberto, partilharem como bons sobrinhos e amigos, do fecho das ladainhas. Só por consideração... E o alvoroço entre os noitan es foi então enorme. Cada beata moçoila tratou de arranjar melhor o seu vestuario, para o grande baile da noite de 31. Em todas as outras noites, nas rodas baladeiras das portas das boticas, só se falava nelle, no enorme successo de Alberto e de Dona Leonor, na pompa e esplendor que teria a ladainha, dessa vez acompanhada a grande instrumental e rezada pelo sapientissimo sacristão de Santo Antonio, o mais entendido dentre os sacristães da terra, acompanhado d'um côro de perto de 50 devotas, moças e velhas... Os estranhos á casa procuravam, por meio dos amigos de Sinhá Barbara, bispar um convite para essa falada festa, indagando se, realmen-



MANAUS—PALACIO DA JUSTIÇA—FACHADA DE UM LADO

te, haveria aquelle reboliço todo que ia na cidade, Sinhá Barbara, sempre com um sorriso de perfeita e lustrosa satisfação, respondia acolhedoramente aos sollicitadores de ingressos: pois não! podiam trazer quem quizessem! Aquella casa era delles. Dispusessem da melhor forma, convidassem os amigos e as familias conhecidas, que ella com isso se sentia bastante lisonjeada e muito grata pela subida importancia e sublime respeito que demonstravam pela sua religiosa adoração.

E cada qual se esmerava no gommado das leves cambraias, no arrumo de mais effeito para o penteado e na escolha da gravata mais arqueadamente escandalosa. A cidade toda era um fervedouro de cochichos e uma ancia de festa desusadas; e, de raro em raro, circulavam segredantes boatos duma nova surpresa preparada pelo Alberto á boa da Sinhá Barbara.

..

Dona Leonor quasi que não cuidava, nem conversava de outra coisa. E via-se, então, radiante e soberba, ali, no meio daquella multidão festeira, como o alvo de todos os olhares. Foram descosidas todas as blusas e rebuscada toda a interminavel colleccão das variegadas litas e das rendas, conservadas em duas largas caixas de papelão avermelhado, adquiridas, pelo seu fallecido pae, com

camisas francesas. Entornadas ellas e desmanchadas as blusas mais modernas, começou-se o trabalho da reconstrucção. Foi uma cerrada discussão sobre o figurino escolhido e sobre a combinação das côres e dos enfeites. A amiga, Dona Rittinha, fôra com muita insistencia chamada para dar a sua tão conhecida opinião e o seu bom gosto na materia.

Era uma azafama extraordinaria que ia naquella casinha socegada e pobre.

Agora já não era simplesmente a blusa, esse elegante aprumo do busto e o cuidado extremado no arranjo dos seios... Agora, era, principalmente, a saia, a saia, essa meia-tunica de que Dona Leonor pretendia tirar o melhor dos partidos.

—Eram precisas, monologava consigo mesma, quatro anagoas mettidas em gomma bem forte e dura e uma bem achiada e rara arrumação, para que aquella ausencia assustadora de quadris, não desfeiasse toda a estupenda e admiravel pujança dos seios. Era preciso uma felicidade inaudita na occasião de vestir-se e um estudado entrecho de pannos para que Alberto, esse sentimental poeta dos olhos, visse, através daquellas almofadas de morim gommado toda uma exuberancia de carne sensual e moça. Era preciso que o conjunto em nada fosse desproporcionado e que á rigidez e á melancolia daquelles fartos seios se viesse juntar toda a desastrada ruina das cadeiras desfavoreci-

SUPPLEMENTO AO N. 74

16 DE SETEMBRO DE 1904



Rio de Janeiro—Caes da Saude

A REVISTA DO NORTE

Maranhão—BRAZIL



MANAUS—CHEFATURA DE POLICIA

sapientissima doutrina de Dona Rittinha que predominava, como o ultimo, o mais sensato e systematico dos tratados de elegancia, de ordem, de ajuste, de apuro e de mistura harmonicas...

A prova definitiva foi tirada com o mais escrupuloso disvello e inquietações de Dona Leonor, que se preparou com toda a vigilancia possivel para esse final exame, ultimo transe de experiencia por que devia passar todo aquelle primor de conquista. E á viveza dos olhos de Rittinha aquillo tudo apparecia como um insuccesso desclador e um epilogo grotesco de tardia desillusão. Ella de muitos mais encantos, de mais severo pensar e de comedidas palavras não se habituara ainda a futilidade e ao descôco de Dona Leonor. Tudo aquillo figurava-se-lhe um senho fantastico, uma obra des-

das, excelsamente e com artificio, revigoradas para esse dia 31.

Até então nunca o loiro amante a avistara de alto a baixo, com toda aquella rutilancia de olhos, que tudo vêem e adivinham, desde o pomposo e alinhado negro dos cabellos repartidos, á esquerda, visivelmente vendo-se-lhe o alvo do couro da cabeça, com uma alta e afoufada trunfa, para a direita, trabalhadamente combinada, segura e adornada por tres pentes de tartaruga com frisos de ouro, ponteados por duas carreiras multicôres de pedras falsas, até o afinado e microscopico beico dos escondidos cothurnos, agora que a moda decretara as saias estupidamente cumpridas. Nunca aquelles seductores olhos, tão intelligentes e canalhas, haviam logrado inspecionar, por inteiro, o corpo de Dona Leonor. E a angustia crescia á medida que os dias avançavam.

A machina «Singer» rodava desabalada e furiosamente movida á toda e o maior esmero e attenção foram dispensados ao vestuario conquistador das ultimas victorias.

Dona Rittinha, encerrada na sua importancia de entendida e de reclamada modista, exultava no seu orgulho, rindo-se, intericrmente sarcastica, de todo aquelle requinte exagerado de parecer bem, embora immaterialmente... Sobre o minimo detalhe a executar, a cor melhor do pafo, se de seda, se de foulard, as nesgas, os botões, para tudo, enfim, era a

conhecido do Demo e uma falta de senso e de olhos, de olhos, principalmente... A' Dona Rittinha, pobre senhora educada do obulo sublime e misericordioso da caridade, num convento de freiras, com uma recolhida e excepcional pratica do Bem, aquillo não passavam de astucias de Satan, esse inimigo feroz dos cristãos sem longo convívio monastico. E, com modos de penitente e santa, logo fingida, beata e surrateira, persignou-se, invocando o auxilio de Santa Thereza, com quem mais á vontade estava em momentos de aperto...

La pelo 30 de Maio, e cada vez mais, a fama dessa desejada noite de 31 se alastrava e crescia...

Dona Leonor, depois de haver circulado o seu debil corpo, agora largamente rotundo pelo elevado prestimo e passiva obediencia das anagoas, em tor-

no do alto espelho, indagou do assente da blusa, do perfeito equilibrio dos quadris e da sua homogeneia. Mandou repregar mais a blusa e repuxar mais a saia, a ver se não fôra desastroso o resultado de taes pesquisas. E depois de bem revisto, de bem repuxado e innumeras vezes esmerilhado, o vestuario, placidamente desafineto, foi aos poucos descendo, enquanto Dona Leonor, mais socehada agora, com um sorriso em flôr nos labios chuchos, intimamente se assegurava do enorme triunfo do dia seguinte...

F. SERPA.

(Novella em preparação).

Um grande homem

—Se eu lhes contasse a historia d'aquelle homem, não essa que por ahí anda apregoada nos jornaes, repetida a cada esquina pelos engrossadores imbecis, mas a outra, a intima, a verdadeira, a que poucos conhecem, vocês pasmariam de certo da inconsciencia dos homens e do cynismo da divindade que nem sequer dispõe mais do fogo do céu para consumir as cidades malditas...

E o Guilherme Ribas, theatra e cavernoso, apontava com a bengala o Dr. Silverio que passava ao fim da rua, solenne e grave, na sua cartola reluzente e no seu sobrecasaco de corte impecavel.

Era á porta do botequim do Gaudencio, por uma tarde de sabbado, festiva e clara.

Os outros acompanharam a direcção da bengala do Guilherme, e olharam depois para os lados, no receio de que ouvidos indiscretos houvessem colhido aquella desrespeitosa apostrophe do bohemio.

—Deixa-te disso, contrapoz o Eusebio Seixas; não te corriges da tua insupportavel mania de fazer opposição a todo o mundo. Vês o Silverio guindado ás culminancias da politica e entendes do teu dever faze-lo descer á força, pelo menos na nossa opinião...

—Ah! vocês duvidão? O diabo é que a coisa é longa e eu não estou disposto á maçada de a reproduzir agora... Emfim, para que se convençam de que falo verdade, lá vai uma scena apenas e das mais triviaes, da odysséa de infamia que esse homem vem entoando na vida desde a idade da razão... Vamos lá dentro, num recanto reservado, a reviver esse traço precioso da psychologia d'aquelle idiota...

Entraram todos e foram abancar-se a uma das mezas do botequim.

—Cerveja? veio logo perguntar sollicito o creado.

—Não, replicou o Guilherme; o nectar que vamos sorver agora é mais delicioso do que essa zurrapa infame com que o teu patrão diariamente nos arruina as visceras.

E logo em seguida entabou a historia.

—Vocês lembram-se de certo d'aquella menina que a mãe do Silverio expulsou uma noite de casa sob o pretexto de que a infeliz vivia a rouba-la e

a introduzir secretamente no seu quarto, nas noites em que a familia sahia, um soldado da policia?

Os outros acenaram affirmativamente com a cabeça.

—Lembram-se tambem de que a misera, sentindo-se abandonada, foi atirar-se de um paredão do caes abaixo, sendo na manhã seguinte encontrada morta pelos caltraeiros, com a cabeça esmialhada e os miolos espalhados pelo pedregulho que a maré baixa deixava a descoberto?

—Perfeitamente, confirmaram os outros, e até a familia do Silverio foi de uma correcção admiravel por essa occasião: fez recolher a casa o corpo da rapariga, promovendo-lhe um enterro mais que decente...

—Vae tudo muito bem, continuou o narrador. A velha Pulcheria mandou dizer não sei quantas missas por alma da triste, o Silverio deitou luto por uma semana, etc. etc. Mas o que vocês não sabem é que a pequena estava grávida...

—Grávida?

—Grávida, sim e o pae da creança... vejam lá se adivinham...

Os outros entreolhavam-se boquiabertos.

—O pae da creança, declarou o Guilherme meditando as syllabas, o pae da creança era o Dr. Silverio da Matta Vergueiro.

—Ora, isso é invenção tua, protestaram todos a uma voz.

—Invenção? Olhem, como vim a saber da coisa não lhes posso dizer agora, fica para mais tarde, para quando lhes contar toda a vida do canalha... Mas o que lhes posso garantir é que é pura verdade o que lhes estou contando... Vocês bem sabem que eu não minto senão por gracejo e agora juro-lhes que estou falando serio e muito serio... A rapariga, filha bastarda de um irmão da Dona Pulcheria, foi por esta recolhida a casa muito nova ainda. Creou-se juntamente com o Silverio e depois de moça apaixonou-se por elle. O canalha percebeu a coisa e... fez o que outro qualquer canalha no seu caso faria... Quando voltou formado, ajustou casamento com a filha do Telles, casamento que lhe traria a fortuna e a posição que elle hoje occupa. Mas a Rosalia—vocês sabem que a suicida se chamava Rosalia?—estava grávida. Procurou o Silverio uma noite e contou-lhe o seu estado, exigindo-lhe, sob ameaça de escandalo, que desse um nome ao filho... O patife, vendo-se perdido, contou tudo a mãe que, como vocês sabem, é uma megera infernal, e os dois mancomunados, forjaram a calúnia do roubo e dos amores com o soldado de policia... O resultado conhecem vocês qual foi...

—E não commentem, concluiu o Guilherme; não commentem. Registem e aprendam por ahí a conhecer os homens.

—O' rapaz, agora podes trazer a cerveja!

H. Salgado.

Trecho de viagem

(CONTINUAÇÃO)

Vejo ao relógio que horas são. Meia hora depois do meio dia. Uma hora mais e teremos chega-



MANAUS—RESERVATÓRIO DAS ÁGUAS

do. E abrindo preguiçosamente, somnolentemente a boca, mãos nos bolsos das calças, ponho-me a passear no tombadilho.

Sentadas as duas moças do trem que vão à Angra dos Reis, vêm sempre baixo, a conversar sobre o Rio.

Ambas são morenas, cabellos encaracolados na testa, gestos desmanchados, a olhar para o mar. Perto dorme a velha, a *gorda*, de buço ligeiro sobre o lábio superior e bandós de cabellos na cabeça.

E eu fico a olhá-las pensadoramente, lembrando-me da contingência d'esta natureza em que vivemos que faz brotar o riso e a mocidade a na bocca d'essas duas moças grosseiras e faz que dure a velhice a resomnar pela bocca d'esta velha anafada e ridícula.

Mas que diabo! Como me aborreço a pensar essas tolices que me vêm a mente e a olhar em redor de mim!

Como me recordo saudosamente da vida académica que deixei em S. Paulo, cheia das noites friorentas, das mulheres bonitas, de olhos rasgados e roupas de frio, cruzando n'um vôo rasteiro de andorinhas apressadas. Como me vêm saudosamente a lembrança as ceias no Java, o vulto ridiculamente formoso do Bento de Barros, vestido de negro, camelia ao peito, lembrando, na phrase de Guy, a tonalidade branda de uma estrela no chão preto de uma nuvem!

E convenco-me então n'esse tédio que me cerca, n'esse spleen que começa a encher-me e tende a extravasar, que ha uma monotonia tremula, reles, a exalar-se do oceano, como nas paginas deliciosas d'esse principe da phrase franceza, d'esse nababo universal do espirito e da *verve*—Pierre Loti.

Ufa! que cheguei! N'uma volta do caminho desolado e nú, de pastagens rentes e sem morros, sinão ao fundo, Mangaratiba apparece.

Casas brancas, como pombas paradas, immoveis no seu vulto amesquinhado e baixo, torres de igrejas e um casarão barreado a beirad'agua, quasi a entrar pelo mar a dentro, eis ali Mangaratiba.

Sobre a corrente agitada do mar vem de terra uma canoa. A' popa rema um homem, em manga de camisa, curvando a espinha no esforço sobre os remos, enquanto ao pé, junto ao banco, alguém vestido de flanela e calçado de botas, tendo á cabeça um chapéo branco de cortiça e lona, olha fixamente, a enormidade preguiçosa do *Emiliana*, agora parado nas aguas do pequeno golpho.

De mala sobre o banco, espero. Sobre o meu espirito de enjoado da viagem e dos companheiros, *flaneur* diario da rua do Ouvidor, acostumado a elegancia suprema da grande arteria fluminense, paira uma duvida.

— Quem será?

E fico a olhar admiradamente para o sujeito de



MANAUS—THEATRO AMAZONAS

côco na cabeça que curva-se agora e endireita qual-quer coisa nas botas.

De repente ergue-se. A canôa, mais perto, aproxima-se tanjada pela força a toda a prova do remeiro em camisa de meia vermelha, riscada de preto.

—Pois é possível? E's tu?

E já quero descer precipitadamente a escada do vapor para atirar-me nos braços de meu irmão que me olha com o seu ar de paternal bondade, alegre, feliz.

Vou descer, mas esbarro com o commissario de bordo que cortezmente me põe a mão no hombro e inclinando-se:—O seu cartão!

Metto a mão no bolso e saco um dos meus *addresses*—cuja ponta dobro e entrego-a ao homem. Quero passar, embora por cima d'elle, mas impede-me de novo:

—Perdão, cavalheiro! é o seu bilhete de passagem que eu peço.

Abro a bocca desmesuradamente. Só agora é que comprehendo o que o homem quer. Largo a mala e procuro acceleradamente o bilhete que encontro afinal no bolso da calça, enrolado entre umas magras notas de mil réis.

—Ah! tem, sr. Deixe-me passar!

E precipito-me, degraú abaixo até cahir nos braços de meu irmão que quasi vacillou dentro da canôa que deu um tombo formidável.

De cima, de bordo, o vulto das rapariguinhas debruçadas riam suavemente do meu desastre, do meu *mal à tête* de instantes, à procura do meu *cartão* que eu sempre julguei ser o meu *address*, acostumado a etymologia do termo e ao seu emprego no *argot* fluminense entre senhores do bom tom.

Ingratas! vingo-me de vocês duas agora, escrevendo estas paginas que ali ficam, em que só não lhes chamo de *feias*, mas de engraçadas, graciosas, typos de vultos da roça, e isto é o que me desafoga.

—Manda tocar esta podenga para terra, meu caro! Olha que tu estás encortiçado e não te alfo-garás, si cahires ao mar.

—Depois o meu estomago dá horas, cinquenta e quatro badalladas, de vasio que está. Almocei muito bem, mas um diabo de uma velha toda a viagem levou a ruminar-me o almoço de modo q'estou em jejum! Meu irmão ria-se.

—Vamos, Agostinho!

R. Alves de Faria.

—A seguir.

A Revista do Norte

Anno 4

Maranhão, 1 de Outubro de 1904

Num. 75



MARANHÃO—ALCANTRARA—INTENDENCIA—hot. amador J. Faria

Fachos

Padres! o vosso Deus, o Deus que ha tantos annos
Pregais, é o maior de todos os tyrannos!
Ante seus pés a dór humana embalde vóia!
Tal Deus sem coração, tal Deus que não perdôa,
Que possúe, como um rei qualquer d'este planeta,
Infernos, padres vãos, não passa de uma peta!
Que elle reine, que extasi, é inacreditavel!
Um Deus não pôde ser assim tão implacavel!
E nem na Porta Azul da Celeste Esperança
Para o mau escrever esta phrase: vingança;
Tal palavra lhe põe negrissimo labéu...
O vingar é da terra, o perdoar do céu.
Deus é o braço que ampara, a égide que abriga;
E' pai, e sendo pai perdôa e não castiga;
Acima da Rasão severa que condemna,
Está seu coração a commutar a pena;
Deus, o bem—Deus—à luz—o eterno, ou providencia,
Esse sol, posto sobre o monte da existencia,
Esse symbolo fiel de tudo que é divino,
Que fazemos tão grande e vós tão pequenino,
Nescios! não pode ser como o pregais oh! não!
Elle é feito de amor, é feito de perdão;
E' um divino ser, angelico, perfeito,
Sem um odio sequer, sem um rancor no peito!

Não mora lá na paz eterna das alturas,
Gozando calmamente as mysticas venturas.
—Pavoroso juiz, severo, e imparcial,
Aureolando o Bem, satanizando o Mal—
Mora entre nós, sorrindo aos bons e aos peccadores,
Partilhando connosco as delicias e as dores,
E nas noites fataes que a existencia offerece,
Se nos vê padecer, mais do que nós padece.
E' o raio de luz de toda a escuridão,
E' conforto, é sorriso, é lagrima, é clarão;
Jamais ponde assistir á mais pequena magoa

Sem ter completamente os olhos cheios d'agua;
Nem uma hora sequer a sua mão descança;
A um atira um sonho, a outro uma esperanza.
Por toda a parte vela o seu olhar amigo;
Canta com um rouxinol e geme com um mendigo;
E protege com o mesmo entranhado carinho,
Com o mesmo grande amor, um berço como um ninho!
Ha uma dór alli? buscai-o, que está perto:
E' o oasis que vê o arabe no deserto;
E no mar, ao tufão que os vagalhões escalfa,
E' a taboa na qual o naufrago se salva.
Onde ha uma afflicção, onde uma dór palpita,
E' ali que Deus mora! ali que Deus habita!

O Christo, esse que eu amo, o Christo casto e doce,
O Deus meigo, que nunca uma só vez vingou-se,
E que tinha, ao morrer, entre doces resabios,
Mil soluços no olhar, e mil perdões nos labios;
Aquella alma divina, aquelle Ser albente,
Aquelle coração de quem descende a aurora,
Não tem coleras, não! tem isto simplesmente:
Quando o adoramos, ri; quando o deixamos, chora.
Jamais maldiz quem vai por um erradão trilho.
E' pai, padres, e um pai sempre perdôa um filho!

Em seu rosto que a luz do proprio sol humilha,
Tanto affecto transluz, tanta doçura brilha,
Que a alma, ao despertar do iniquo pesadelo
Da vida, ao penetrar no seu imperio, e ao vel-o
Em pé, sobre o seu throno estrellado e singello,
Tão piedoso, tão bom, tão mystico, tão bello,
Lembrando que feriu seu coração suave,
Como a dór que se tem de ter ferido uma ave,
Tal remorso lhe vem das torpesas da vida,
Que se atira aos seus pés, chorando, arrependida.

Pregais: «Tremei, increus! peccadores, cuidado!
Deus prescruta, Deus vê o mais imo peccado;
E dá a cada um, juiz, frio e inclemente,
O premio, que merece, irrevogavelmente!
Cuidado! que ao soar das horas da vingança
Pra vós não haverá uma pequena esperanza!
Como haveis de ficar ante o juiz augusto?!
Peccadores, tremei! o Creador é justo!»
E' o mesmo que diser, dizendo o que diseis:
«Nosso Deus é o maior e o mais cruel dos reis!
Esse grande espião, diabolico e invisivel,
E' medonho, é feroz, é lugubre, é terrivel!
Esse despota negro, esse sultão eterno,
Possúe, como o Csar, uma Siberia—o Inferno—.
Seu negro coração é feito de granito,
Cuidado com o chacal da jaula do Infinito!
Ninguém offenda a mão que brande cimitarras!
O nosso Deus se vinga! o nosso Deus tem garras!»
E d'elle faseis um retrato tão horrendo,
Que a alma do que morre entra no céu, tremendo.

O que diríeis vós, se um filho ha muito auzente,
Que dissipando os seus thesouros loucamente,
Viesses após bater á porta do seu lar;
E o velho pai gritasse: «eu não te deixo entrar!
O que buscas aqui? fiseste-me soffrer!
Fiseste-me chorar! não quero mais te vêr!

Amaldiço-o-te! vai para bem longe! vai!
 Tu não és mais meu filho! eu não sou mais teu pai!
 E negando-lhe a luz da paternal lareira,
 Jamais, jamais quisesse o ver a vida inteira?
 O que diries? nem impulso indignado,
 Gritaries: que pai! que pai desnaturado!

E' assim vosso Deus. Do Christo piedoso
 Fisestes um ser vil, sinistro e rancoroso,
 Escondestes Jesus nas máscaras do diabo;
 Destes-lhes cornos e o respectivo rabo.
 Que crime colossal! que sacrilegio fero!
 Por no peito d'um anjo o coração de Nero!
 Fazer do Christo meigo um Christo sanguinario!
 Transformar n'uma hyena a pomba do Calvario!

Esse Deus que cobris d'uma maldade estranha,
 Esse velho que é irmão do Velho da Montanha,
 E imbecil como Claudio e mau como Jugurta,
 Um Deus de curta vista e intelligencia curta,
 Inimigo da luz e tudo que é progresso,
 No seu intellectual não pode ter ingresso.
 A civilização que ha na mansão divina,
 Fica quem, muito aquém d'ess'outra que ha na China.
 E' um barbaro! Prendeu, despotico e tyranno,
 N'uma jaula de treva, o Pensamento Humano,
 Desdenhou esse Rei, cuspiu esse Colosso,
 Poz-lhe ironicamente um pé sobre o pescoço,
 E fez entrega a nós, n'um riso galhofeiro,
 Da chave desse inferno, ao papa-o carcereiro—
 Prendeu a Luz! mas ah! quem pode encarcerar,
 Quem pode destruir um raio de luar?
 Ponde uma qualquer luz em trevas perennas,
 E ella brilha, ella fulge, ella illumina mais!
 Prendeu-a, mas fugiu um raio pela fresta
 E a gotta se fez mar e o grão se fez floresta;
 Subindo para o azul immenso e radiante,
 Cresceu, cresceu, cresceu, tornou-se num gigante;
 N'um gigante viril, que está neste momento
 Tocando já com a fronte o velho firmamento;
 E que um dia, com o sol que nos seus olhos arde,
 Irá grave, perante o vosso Deus cobarde,
 E alto ha de dizer-lhe, olhando-o fronte a fronte:
 «Tú sabes quem Eu sou? chamo-me Augusto Comte!
 Grava bem em tua alma esta grande verdade:
 Eu sou o unico Deus que adora a humanidade!
 Tú que fisestes? um ser quasi imbecil! fisestes
 O torpe homem terreno, eu fiz o homem celeste!
 Dentro da tua estatua inconsciente e rude,
 Puz um sangue—Razão—puz um clarão—Virtude!
 Quem mais merece o amor da humanidade, pois?
 Olha-me bem! quem é mais alto de nós dois?
 Luctei muito e ao luctar feri-me, mas venci,
 Sem precisar de Deus, sem precisar de ti!
 Sou robusto, sou bom, sou meigo, sou singello,
 Como és pequeno e mau! como eu sou grande e bello!
 Ah! ante o resplendor casto do vulto meu,
 O' velho Deus gigante, és quasi um pigmeu!
 E's a mão que castiga, eu a mão que redime,
 Tú te tornaste vil, eu me tornei sublime!
 Com tua justiça cahes, com meu perdão eu vôo,
 Tú julgas, és juiz, eu faço mais: perdão!
 Sou humano e piedoso, és justo e deshumano,
 E's o escriba que passa, eu o Samaritano,
 Sou o consolador de todas as desgraças,
 Tú olha-as simplesmente, olha-as somente e passas.
 Onde ha um soffrimento e um pranto que enxugar,
 Eu immediatamente ahi faço o meu lar.
 E quando na miseria alguém geme de fome
 Sobre o catre, debalde invocando o teu nome;
 Vou pressuroso, vou incognito e obscuro,
 E penetro, a sorrir, por esse inferno escuro,
 Bato á porta e sob um praser immorredouro,
 Deixo sobre a soleira uma moeda d'oiro.
 O unico Deus sou eu! ó velho—Rei—espectro!
 Expulso-te do throno! entrega-me o teu sceptro!

Abaixo, pois! abaixo o velho Uzurpador
 De Deus—eterno Bem,—de Deus—eterno Amor!
 Já basta de o aturar! já basta de o soffrer!

Padres! o vosso Deus precisa de morrer!
 A luz brotou ha pouco embryonaria, informe,
 Inda a alma humana erê! inda o gigante dorme!
 Mas quando elle rugir, quando elle despertar,
 Reguendo para o espaço o seu immenso olhar,
 E ver na placidez do derradeiro somno,
 O esqueleto de um Deus, sentado sobre um throno;
 D'um Deus que já morreu, mas cujos vis ministros
 Fazem inda imperar seus dogmas sinistros;
 Ah! então o titan, n'uma furia tremenda,
 Arrancando do olhar a duvida—essa venda—
 Colerico e febril, sinistramente mudo,
 Irá no velho cêo despedaçando tudo;
 E das ruínas fazendo uma montanha immensa,
 Tocará n'ella o archote astral da nova Crença.
 E podeis depois, ver n'um santo, vilipendio
 O gigante a cantar entre os clarões do incendio.

S. Luiz 1904.

Corrêa de Araújo.

Fallencia

A palavra—fallir—vem de *fallere*, que significa faltar. Fallido é aquelle que falta aos seus compromissos.

A palavra—bancarota,—originaria do italiano, *banca rota*, nasceu do antigo uso dos negociantes que tinham um banco ou banca na praça publica, que se quebrava quando elles faltavam ao cumprimento das obrigações contrahidas.

A expressão—fallencia—é applicavel a todos os casos em que o commerciante deixa de fazer os seus pagamentos, sem indagar dos motivos que occasionaram esta falta. A expressão—bancarota—pouco empregada hoje na linguagem do direito commercial, é do uso vulgar e emprega-se designando o estado do commerciante, que deixou de satisfazer os seus compromissos por uma causa certa ou uma fraude.

O não pagamento das obrigações de um commerciante pode acarretar consequências bem funestas, que não devem escapar ao legislador:—pode motivar falta identica a outros commerciantes, seus credores, que assim ficarão involuntariamente ameaçados de perder o seu credito e de abandonar os seus negocios. A lei, pois, deve regular essa situação, procurando prevenir ou attenuar as consequências, que podem resultar d'essa falta de pagamentos.

Os meios de prevenir a fallencia eram, pelo dec. n. 917 de 11 de outubro de 1890, os seguintes:

1.º A moratoria.

2.º O accordo extrajudicial com os credores e a concordata preventiva.

3.º A cessão de bens.

O cit. dec. tinha em grande conta as difficuldades por que passam os commerciantes, que, muitas vezes, deixam de satisfazer seus compromissos, não por falta de actividade e prudencia nos negocios, mas por circumstancias multiplas e imprevistas. D'ahi a amplitude nos meios de evitar a situação anormal da fallencia.

Mas, si taes favores eram admissiveis para o commerciante honesto, devia-se ter em vista que elles offereciam grande margem á especulação dos deshonestos. E foi o que se deu.

Em todos os pontos da Republica, a deshonestidade campeou desenfreada, a fraude dos commerciantes destituidos de escrupulos alçou o collo, prejudicando o commercio honesto, que se sentia constantemente ameaçado e logo começou a bradar contra os bancaroteiros, fabricantes de escripturações falsas, que, amparados na propria lei, não pagaram aos credores e recolhiam largos proventos de suas falcatruas.

Essa grita repercutiu no seio do Congresso Nacional que, como de seu dever, tratou de reformar a legislação em vigor, de modo a por cobro a esses escandalos forenses, que reclamavam severas providencias. Veio, por isso, a lei n. 859 de 16 de agosto de 1902, reduzindo os meios de prevenir a fallencia ao—acordo ou concordata preventiva,—estabelecendo para as concordatas, em geral, um systema complexo, conforme o dividendo offerecido e não admittendo-as, preventivamente, si o commerciante não tiver os seus livros commerciaes mercantilmente escripturados, na forma exigida pelo cod. do commercio, e si tiver a escripturação atrasada. Como complemento destas providencias, e para evitar que ellas sejam illudidas, manda a mesma lei que se junte certidão de quantos livros do commerciante foram abertos, rubricados e encerrados pela Junta Commercial nos ultimos tres annos; e que o «Diario» seja annualmente rubricado pelo juiz do commercio, logo que no mesmo livro for lançado o balanço.

Da utilidade destas e outras medidas é facil de ajuizar, principalmente no que diz respeito a extincção das moratorias e cessões de bens, que, apesar de não serem completamente abolidas em outros paizes, são instituições geralmente consideradas incompatíveis com o actual estado da sciencia do direito.

Mas, nem por isso a citada lei de 16 de agosto de 1902 deixou de apresentar valvulas de que se podem utilisar os commerciantes deshonestos para, ao abrigo de qualquer sentença condemnatoria, sacrificar os seus credores. E' o que quasi sempre succede ás leis desta natureza.

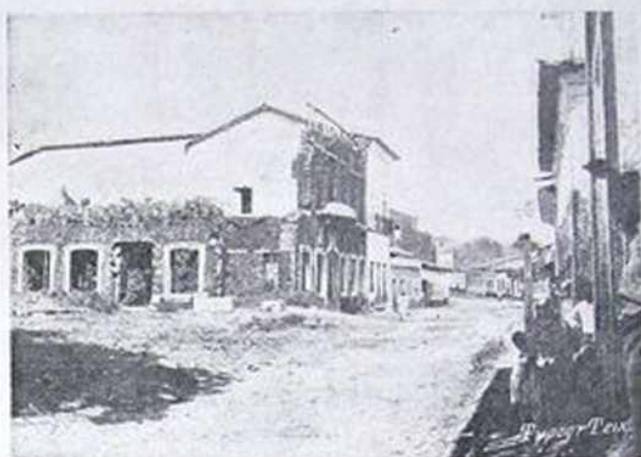
E tanto assim é que um dos maiores paladinos do commercio honesto—o deputado Paranhos Montenegro—apresentou logo depois um projecto substitutivo d'aquella lei, consagrando outras providencias de alcance inestimavel. Admitte, como a referida lei, um unico meio preventivo de declaração da fallencia—o accordo ou concordata—sujeito a regras diferentes.

Segundo o art. 26 da redacção final do citado projecto publicado no «Diario Official» de 27 de agosto deste anno, são condições para a validade da concordata, salvo annuência da totalidade dos credores,—que a proposta seja de pagamento de 30 ou mais por cento e approvada ou votada:

a) por credores que representem $\frac{4}{5}$ do passivo, se o dividendo for de 30 a 50 por cento;
b) por credores que representem $\frac{3}{4}$ do passivo, quando o dividendo for superior a 50 por cento;

c) por prazo não excedente de dois annos.

Esta disposição do projecto é necessaria; não



MARANHÃO--ALCANTATA--RUA GRANDE--Phot. amator J. Faria

porque o art. 54 da lei vigente não consulte, de algum modo, os interesses do commercio, mas por ser elle insufficiente na quadra actual. Acostumados os commerciantes deshonestos a retirar avultados lucros da fraude, grandemente estimulados pelo cit. dec. de fallencias de 1890, na vigencia do qual chegou a haver proposta de um por cento sobre passivo superior a dois mil contos, só muito rigor na lei poderá matar o estímulo adquirido e impedir que os maos exemplos da fraude encontrem maior numero de imitadores. E' o que procura o projecto com muito acerto.

No art. 9.º § 4.º o projecto, restabelecendo a disposição do art. 4.º letra d do dec. n. 917 de 24 de outubro de 1890, e contrariamente á lei de fallencias em vigor, commette ao ministerio publico a faculdade de requerer a fallencia do commerciante que se achar nos casos do art. 7.º, isto é, quando elle tem praticado actos que denotam má fé, vontade de prejudicar os credores ou não pagar quando executado por divida commercial. Estes actos ou faltas deverão ser provados, conforme o art. 8.º do cit. projecto, por instrumentos publicos ou particulares ou depoimentos de testemunhas em justificação requerida pelo prejudicado.

A nosso ver, é palpitante o alcance desta medida.

O commerciante honesto é em regra, tímido. Embora possa elle mesmo requerer a fallencia d'aquelle que dolosamente o prejudica, quasi sempre julga este acto odioso, accomodando-se, por isso, facilmente com o prejuizo. Mas, desde que se considere ao abrigo da odiosidade, não vacilará em secundar o ministerio publico, fornecendo provas que o esclareçam sobre os negocios de seu devedor. E este, sabendo que ao lado do tímido credor está o órgão da justiça publica que a lei manda agir, será mais comedido nos seus actos, evitando sacrificar interesses alheios.

No dominio da lei actual, art. 16, que se inspirou no art. 1419 do Cod. Com.º Argentino, o Juiz nomeará um syndico provisório tirado de uma lista de commerciantes que de dois em dois annos lhe fornecerá a Junta Commercial, ou, onde não hou-



MARANHÃO—ALCANTARA—RUINAS DA RUA DA AMARGURA
—Phot. amador J. Faria

ver Junta, de entre os commerciantes maiores contribuintes; e de uma lista fornecida pelo fallido de seus 10 maiores credores, nomeará uma comissão fiscal.

O projecto faz, a respeito, importante alteração, restabelecendo as funções do curador fiscal, o que é de vantagem, por ser este agente estranho ao commercio. O mesmo curador, tendo feito a arrecadação dos livros e fechado o estabelecimento (art. 53), apresentará ao Juiz a lista dos dez maiores credores, da qual escolherá elle dois syndicos, podendo, porém, nomear pessoas estranhas á massa, si os escolhidos declinarem da escolha.

A gestão do curador fiscal e dos syndicos (art. 154) prolonga-se até á concordata ou até ao contracto de união. Pela concordata ficará o devedor na posse e administração dos bens da massa, (art. 214) e, não havendo concordata, dar-se-á a solução da fallencia pelo estado de união, (art. 244) sendo então nomeados pelos credores um ou mais administradores e uma comissão fiscal composta de dois membros para a liquidação definitiva da massa e respectiva distribuição.

Trabalho que denota muita competencia no assumpto, o projecto, entretanto, tem alguma coisa que se devia evitar.

Na faina de tudo desenvolver, o seu illustre autor pecca por prolixidade, o que se não compadece com a indole dos trabalhos legislativos. Intercala no projecto expressões e disposições, que nos parecem desnecessarias e ociosas.

Vejamos alguns casos:

O art. 3.º define divida mercantil—*a que tem por objecto um acto de especulação com o intento de lucro.*

Com effeito, este é o principio geral para estabelecer-lhe o criterio, mas ha divida mercantil sem o interesse especulativo. Uma *lettra* é sempre divida mercantil, e, como tal, só pode ser demandada perante o juizo do commercio, mas o seu devedor nem sempre especula com o intuito de lucro.

Verdade que sendo o devedor commerciante—qualidade indispensavel para a fallencia—se pre-

sume que, assignando uma *lettra*, tenha praticado um acto de especulação mercantil. Mas, isto não basta para justificar a definição, que, a ser dada, deve ser comprehensiva do todo.

O art. 45 diz que—*a sentença deve summariar as razões de facto e de direito e motivar a decisão.*

Não havia necessidade d'isto, porque estes requisitos já são exigidos para toda e qualquer sentença.

O art. 40 § 2.º, aliás copiando o art. 99 da lei vigente, que já copiava o art. 92 da anterior, diz que—*tendo o devedor dois ou mais estabelecimentos, em diversos paizes, são competentes os juizes ou tribunaes dos respectivos domicilios.*

Esta competencia dos juizes e tribunaes estrangeiros existiu e existirá, quer a estabeleça a nossa lei de fallencias, quer não. Basta que ella se limite á execução da sentença estrangeira, que se tem de cumprir no paiz, como faz o projecto em outros dispositivos.

Dispõe o art. 42 que—*a competencia para declarar a fallencia não elide as causas legaes de suspensão, que poderão ser averbadas pelos interessados.*

A suspeição do juiz já se achava consagrada no reg. n. 737 de 25 de novembro de 1850, podendo, por isso, ser excluída da lei; acrescentando que a expressão—*interessados*—abrange, na fallencia, uma infinidade de credores, entre os quaes é facil apparecer alguns que, concludos, se sirvam deste meio para procrastinar o processo e até mesmo embaraçar-o por completo, dando por suspeito, ora o juiz competente, ora aquelle que o tiver substituído.

O projecto encerra, além disso, dois longos capitulos que, occupando-se da punição do fallido, dão-lhe, em grande parte, o caracter de uma lei penal.

Tamanha proporção na lei (o projecto tem 344 artigos) pode difficultar-lhe a boa comprehensão.

Melhor seria desenvolvê-la por meio de uma regulamentação, como fez o actual ministro da justiça, dr. J. J. Seabra, em relação á lei vigente, expedindo o reg. n. 4855 de 2 de junho de 1903.

S. Luiz, setembro de 1904.

Araujo Costa.

A Igreja e Galileo

O monge egypcio Cosmos Indicopleustos estabeleceu, no seculo VI, que a terra era um parallelogramma chato, de uma extensão de 400 dias de marcha e uma largura de 200, cercado por quatro mares. Resumia o monge a sua theoria da maneira seguinte:

«Dizemos, pois, como Isaias, que o ceu abraçando o universo é uma abobada; como Job, que esta abobada está ligada á terra; e como Moisés que a extensão da terra é maior do que a sua largura».

Colombo descobre a America e prova a sphericidade da terra. Em 1493 o papa Alexandre VI e em 1506 o papa Julio II traçaram a linha de demar-

cação que attribuia a Hespanha todas as descobertas feitas ao Oeste d'essa linha e aos Portuguezes todas as de Leste. A viagem de Magalhães ao redor do planeta em 1519 alterou a linha do papa e provou a existencia dos antipodas, a despeito da opinião de S. Agostinho. Esta prova experimental não pareceu decisiva a homens conscienciosos que, durante dois seculos ainda buscaram provar a incompatibilidade absoluta entre a fé e a sciencia.

Copernico não poudo imprimir a sua *de Revolutionibus* senão em 1542, em Nuremberg e seu editor, Osiandro, não ousou entregal-a ao publico senão precedida de um humilde prefacio em que mentirosamente affirmava que Copernico expusera o movimento da terra não como um facto, mas como uma simples hypothese. Foi esta precaução que salvou o livro.

A Igreja catholica deixou passar despercebida a publicação mas poz-se em campo quando em 1610 Galileu annunciou que o seu telescópio lhe havia revelado as luas do planeta de Jupiter. A mesma tempestade de novo se desencadeou quando o citado astrónomo declarou que o seu telescópio lhe havia ainda revelado a existencia de montanhas e vales na lua e de manchas no sol. As Universidades de Pisa, de Innsbruck e de Salamanca prohibiram que semelhantes questões fossem ventiladas. «Oh! empedernido Galileu, exclamou o dominicano Occini, porque te obstinas em perscrutar os segredos do ceu?» O Padre Louisi appellou para a Inquisição e o celebre theologo Belarmino demonstrou que se existem outros planetas elles devem igualmente ser habitados; mas como poderiam os seus habitantes descender de Adão e serem resgatados pelo sangue do Salvador?

Em 1615 Galileu foi intimado a comparecer ante o tribunal da Inquisição em Roma. A 26 de Fevereiro, Lauda, munido de uma carta do papa, ordena que Galileu seja encerrado nos calabouços da Inquisição caso se recuse a retractar as seguintes proposições: 1.ª Que o sol é centro do systema planetario e não faz a volta da terra; 2.ª Que a terra não é o centro e faz a volta do sol. Galileu teve medo dos carcereiros da inquisição.

Alguns mezes mais tarde a Congregação do Index condemnou «todos os escriptos que affirmam a rotação da terra» e publicou uma bulla especial para dar mais força á decisão do Index.

Galileu voltou a proseguir silenciosamente os seus estudos em Florença e em 1672 publicou o *Dialogo*, consentindo em assignar um prefacio no qual declarava não apresentar a theoria de Copernico senão como uma obra de imaginação que não podia ser contraposta á bulla de Paulo V. De novo Galileu, enclausurado, succumbindo sob as ameaças da tortura na idade de setenta annos, declara de joelhos, diante da Inquisição, «que abjura, maldiz e detesta o erro e a heresia de movimento da terra».

Alguns tempos depois, o monge Campanella, por ter escripto a apologia de Galileu, foi por sete vezes submettido á tortura.

Nos começos do seculo XVIII, depois das descobertas de Newton, Bossuet declarava ainda a



MARANHÃO—ALCANTARA—LARGO DO CARMO—Phot. amador J. Faria

theoria de Copernico contraria á Escripura e Casini, director do Observatorio de Paris, igualmente a rejeitava. A obra de Copernico figurou no Index até 1835.

O processo transformou-se com o correr dos tempos num serio embaraço á Igreja romana, e ella tentou subtrahir-se á sua responsabilidade por meio de documentos falsos. O governo francez, durante a occupação de Roma por Napoleão, trouxera para Paris as peças do celebre processo. A instancias de Rossi, teve elle a fraquesa de em 1846, restitui-las ao Vaticano, mediante a condição de serem todas publicadas. Monsenhor Marini incumbio-se d'essa tarefa supprimindo os documentos compromettedores e no seu lugar intercalando outros á sua feição, tendentes a provar que Galileu não fôra condemnado por heresia e sim por contumacia. Desastradamente, porem, um francez catholico, M. L'Epinos, tendo obtido a communicação dos documentos do processo de Galileu, publicou os mais importantes que vieram destruir a fraude do Monsenhor. Um catholico inglez, Roberts, reunio-os em 1870 num livro intitulado: *Os decretos pontificios contra o movimento da terra*.

Depois desta rapida exposição, é justo perguntar: Quem foi a derrotada nessa questão, a Sciencia ou a Religião?

Y. G

Trecho de viagem

(Continuação)

CANTO DE TERRA

Sentei-me e meus olhos cahiam agora curiosos sobre a esquisitice das suas roupas amarellas, sujas, de botas mais ou menos pouco limpas; mas o que me encabulava solemnamente era o tal chapéu de cortiça e lona todo branco, cahido em abas largas por traz e por diante, perante o qual o meu Christy fazia a figura mais ridicula escondendo-se dentro das suas beiras, pequenino, mesquinho, avarento de abas.



MARANHÃO—QUARTEL INFANTERIA FEDERAL—Phot. amador H. Mazêdo

—Olhas-me admirado! Amanhã si quizeres sahir e acompanhar-nos à picada, tens de te metter em trajes iguaes, roupa grossa e pôr a cabeça um chapéu desabado qualquer.

Tive saudades do *sombrero* largo de S. Paulo, cahindo sobre a capa hespanhola de estudante e gemendo amoroso n'um deliquio terno de apaixonado, quando beijava o vulto gracioso e adoravel de uma allemãsita, isto porque todo o chapéu deve ser solidario com o dono, em todos os terrenos e sob todos os pontos de vista.

—Mas que diabo! Tu n'estes trajes o mais que podes parecer, é com certeza um mineiro da matta e si te vissem n'estas roupas á rua do Ouvidor correriam todos de ti, meu filho!

O Agostinho remava agora mais vagarosamente, talvez extenuado pelo esforço que fizera havia instantes para alcançar o *Emiliana*, que n'esse momento movia-se, n'um anseio enorme de pachyderme, mexendo-se compassadamente, levando rumo de Angra dos Reis.

Eu sentia-me mal. Uma especie de enjôo enchia-me os pulmões, entontecia-me. Um cheiro forte de maresia, de mar alto e cavado, enchia tudo em derredor!

—Puah! meu caro. Sempre é preferivel o Rio desse estado de cousas.

—Vás divertir-te muito por aqui. Em vez dos espectaculos de *flaneur* pela esquina da *Gonçalves Dias*, a as *blagues*, dos *canards* fluminenses, terás

aqui o emballo fresco da rede e o ruido monotono do coqueiral.

Chegavamos a terra. Por um esforço do Agostinho, o bote ou canôa—(porque eu em nautica sou um pouco peor que em grego) aproou e conseguimos saltar na praia arenosa e clara.

Saltei presto. A minha rosa murchara na boteira; o meu chapéu amassava-se e pendia a um lado, como aquelle celebre barrete de Tartarin que Daudet descreve, na viagem para Tunis.

Tinha a figura meio grotesca e empanizada de enjôo.

—Diabo! onde moram vocês? Preciso de *home*, de casa, de um *menage* confortativo, onde me lave e mude de roupa.

—Mas que é isto? Nós estamos mais adiante um pouco! Residiamos na Praia da Cruz, a pequena distancia d'aqui, mas sahimos hontem em direcção a Jacarehy onde estamos agora.

Eu olhava espantado. Para mim era uma verdadeira ignorancia tudo aquillo que me dizia.

—Vamos ver cartas aqui e depois embarcamos de novo. Agostinho chama os rapazes. Que fiquem preparados. Vamos á casa do Moreira.

Seguia-o já muito curioso com esta nova vida que me entrava assim pelos habitos a dentro como um desconhecido que nos entra em casa e senta-se á vontade.

Na venda do Moreira, a quem eu fui apresentado, tomamos cerveja. Por signal—cousa que me surpreendeu bastante—que era detestavel.

Mas, que querem! Habitados de S. Paulo e do Rio, desde a confeitaria Paulicéa, forrada dos seus espelhos de crystal de alto a baixo, até o Paschoal e o Caillau do Rio rescendendo o seu perfume forte de *victoria* elegante e chic.

Não supportava, pelo menos n'este dia, a vida do campo, a vida bucolica que o Virgílio decantou nas suas *Eclogas* e que eu fui gozar (ai!) em Mangaratiba.

Não pude percorrer a cidade, villa, comarca ou qualquer cousa semelhante. Embarcamos apenas chegados e lá não voltei mais. Também que diabo! confesso que não tenho saudades.

Foi, pois, depois de quasi 2 horas de viagem por mar em canoa remada por homens, todos *à plaisir*, peito ao vento, enquanto eu lançava ao mar toda a carga que trazia no estomago, que chegamos em Jacarehy.

Quasi saí carregado para casa e lembro-me apenas de ter ouvido a voz de meu irmão que dizia para alguém:

—O' Joaquim, traze a agua de Selters para este fraccão.

Ao outro dia, eram 6 horas da manhã, ia pe'a casa o rumor movimentado de alguém que parte.

Da cama sob os cobertores quentes, n'uma calentura suave de arminho, eu ouvia a voz de meu irmão que dizia para alguém que eu ainda não conhecia.

—Joaquim, almoço prompto na picada ás 11 horas.

—Que diabo será picada, perguntava eu aos meus silenciosos botões? Não vem de pico, não vem de picar... Qual será a origem generica do termo?

N'isto entra-me no quarto um sujeito gordo de botas e chapéo de côco... (ora estes chapeos de côco!)

Procura uma faca a um canto, sobre uma especie de estante improvisada com um caixão de pirho.

Quem será?

Sahe e ouço-o da porta gritar:

—O' Joaquim!—que é de meu freio?

Commento da cama:—Este sujeito pede um freio que é seu. Deve occupar pelo menos um lugar de animal de montaria! E este Joaquim porque todos chamam deve ser uma especie de *factotum* da companhia. Anceio por conhecê-lo. Espreguiço-me. Perto range uma roldana de poço que movem. Gallos cantam e ouço do meu quarto (que é de meu irmão, de um outro e meu) alguém que assovia a *Maria Cazuxa*.

Que diabo! porque não me levantarei?

E fico de novo na quentura dos cobertores agora que recaindo tudo em silencio, que passos de animal que se affasta ouviram-se fóra e que só enche vagamente a casa a voz de alguém que canta na cosinha uma trova campesina.

Afinal venço a repugnancia. Salto da cama. Está frio. E me lembro agora vagamente do enjôo de hontem, do máo estar e do copo de agua de Selters que o Joaquim...

Mas senhores! eu já devo ter visto este Joaquim.

Pois não foi elle que me trouxe hontem o tal copo da tal agua?

E eis-me sem querer o chamar em voz de patrão para dentro:

—O' Joaquim!

Apparece-me um sujeito baixo, moreno, grosso, com um buço ameaçando crescer e um nariz adunco de ave de rapina.

—Prompto, seu doutor!

Faço como qualquer Mr. de La Palisse faria em circumstancias iguaes. Pergunto-lhe:

—Pois o Joaquim é o senhor?

Mas cahindo em mim:

—Arranje-me ahi uma chicara de café com qualquer cousa que se coma.

Rodar sobre os calcanhares e desaparecer n'uma volta de parede foi obra de um momento.

Feitas as ablucões, vestida a flanela (mas que frio!) e acceso um charuto, puz á cabeça um gorro de lá que desenterrei do fundo da mala e depois de tomado o café com biscoitos saio a passeio e a exame.

Mas o que é isto? Fico pasmo, sem uma phrase, sem um gesto!

E ouço apenas o oceano que geme doloridamente na praia, a cinco metros de distancia da porta onde estou, alisado por uma brisa cortante e fria de manhã clara.

Olho em roda e saio impetuosamente, commettendo o crime hygienico de descobrir-me ao ar frio! Não! é necessario que eu saide o mar, principalmente este mar sem vélas, azulado, manso como um lago, na paz mais ou menos quieta d'este bellissimo golpho.

A meus olhos ha uma ilha a pequena distancia, pequenina, *ronde* como um seio tumefacto, onde uma palmeira agita ao ar e ao vento da manhã as suas palmas verdes como a esperança!

Na praia, erguendo os dous braços nús ao oceano, desolado, no isolamento piedoso da Fé, um alto cruzeiro destaca-se.

Sento-me á sua sombra como alguém que se encosta a um seio caridoso. E olho de novo o mar que se estende a perda de vista para alem da ilha, n'uma pastosidade azulada de aquarella.

Casas brancas, lembrando pombas, aninhando-se na praia e sobre a casaria humilde eleva-se o vôo altivo de pombas brancas que revôam.

Presos á praia, arfando no respirar molle do oceano, dous botes estão.

E eu de olhos abertos, estaticos, ante aquella manhã, n'um canto de terra ignorado, sinto que me entra n'uma lufada todo o aroma das flores que me cercam, todo este cheiro rumuroso de mar.

—Só, isso me porá bom! digo eu e me sinto já capaz de lular com um touro.

Na praia, estendida, gotteja uma rede de pescador. Crianças passam com leite e para a nota bucolica da paysagem, vacas mugem sentidamente, na saudade nostalgica de animaes mansos e bons.

Corro á casa a buscar um livro predilecto que trouxe *Ashaverus* do Edgar Quinet e é no emballo fresco desta manhã sem sol, ouvindo perto rumo-

rar uma fonte que corre junto ao porto que abro o livro e leio com olhos alegres e satisfeitos:

«LA VIERGE MARIE

Sa maison vous la voyez; son toit est d'azur du ciel, le soleil est sa lampe d'ouvrier et le matin qui poudroie, est la poussière qu'il secoue à sa porte».

A' noite, ao chegarem do trabalho anafado do dia, galgando morros, abrindo picadas, almoçando á sombra de uma arvore, sobre pedras, n'uma corrente clara, é que conheço os meus companheiros de casa.

O dr. Morsing, alto, espadaúdo, largo de hombros, é um rapaz sympathico em extremo, elegante prosador, *conteur* adoravel de historias de além-mar, porque viajou todo o mundo, a cantar em voz atenorada e melodiosa uma *chansonnette* que ouvira á Daure, por uma noite barulhosa de Paris, nos *champs Elysées*, quando a nevoa enchia toda a grande capital do mundo que escreve e que lê.

Mr. Chibott, um americano do Norte, forte, musculoso, transpirando a rigidez salutar dos filhos de New-York, trazendo o seu espirito de bairrismo todo accentuado e considerando os Estados Unidos da America o maior paiz do mundo, é um palreiro singular, com a *verve* caracteristica dos habitantes de perto do pólo e curiosissimo pela sua difficuldade ingenita de fallar e comprehender o portuguez.

Mr. Keller, um suíço, gordo, quasi imberbe, filho de Berne, trazendo a nostalgia suave dos geledes do seu paiz, é naturalmente calado, ouvindo de palestras, e muito inclinado a mulheres.

Meu irmão—o que é que hei de dizer d'elle que lhe não vá ferir a modestia exagerada que o distingue e que não lhe vá chocar o amor entranhado que me dedica?—é sempre o mesmo, bom, paternal para mim, olhando-me sempre com os seus olhos profundos de arabe nostalgico, rindo quando eu rio e propenso a incommodar-se, todas as vezes que me incomodo. Devo-lhe tudo e hade ser eterna a minha gratidão por elle, menos eterna, porém, que a minha amizade profunda.

N'essa noite, ao café, accesos os charutos magnificos que a turma tinha, palestramos largamente sobre a Australia, aonde o dr. Morsing ouvira a Sarah, certa vez, tendo occasião de se exercitar no jogo dos murros com um par de inglezes que os queria desalojar do camarote que occupava.

—D'ahi partimos, dizia elle, dous dias depois, a viajar como *touristes* que eramos, mar em fóra, em direcção a Calcuttá. Nem lhe sei dizer a monotonia da viagem, por mar alto, ouvindo o rumor das ondas e o canto dos marinheiros. Meu companheiro, um francez representante de Lemaitre & C.^a, de Bordéus, dizia-me de vez em quando, quando o mar era mais socegado e a onda gemia mais vagarosamente:

—*Beaucoup d'ennui, non, Monsieur Charles?*

E ria-se, trauteando, sobre o tombadilho, n'uma *chaise-longue* de bambús de Australia, uma

aria do Taunhauser, porque, apesar de francez, adorava a musica allemã. Longos dias! Longas horas de aborrecimento!...

Deitamos-nos a meia noite.

E foi sob os cobertores quen'es da cama (porque estavamos em junho) quando a véla vacillava aos empuxões da ventania que se coava através das frinchas da janella, que eu disse a meu irmão:

—Meu caro, estás tu contente da vida que levavas? Vives feliz?

—Extremamente. Physicamente, engordo, como vés. Nada ha que me faça tão bem como o ar puro e oxygenado, a ascensão difficil a morros ao sol claro do dia. Moralmente, isto me retempera.

O caracter se me faz leal e franco, com a rudeza das grandes arvores que vejo, o meu temperamento modifica-se como a dôr do meu rosto e eu fico decididamente um outro homem.

Ouvia-se a pequenina distancia o oceano que rugia.

—Mas então vives feliz com a vida de Ashaverus que levavas, errando de ponto em ponto, para não dizer de mundo em mundo?

—Oh! muito! muito! extremamente...

—Pois então... também eu.

E voltando-me para o outro lado, adormeci, enquanto a véla que nos allumiava extinguia-se por um sopro forte de meu irmão.

O trabalho do dia seguinte hypothecava-lhe o somno. Era necessario dormir para trabalhar no outro dia.

E, pois, dormimos.

Dizer o que foi a minha vida de mezes, as sensações boas que me assaltaram, as deliciosas impressões de paysagens diversas com o incommodo da vida que levavamos, sem um *menage* correcto onde alvejasse na meia sombra um braço alvo de mulher e amante, é cousa facil e que se resume n'uma unica palavra, em um só termo—*pol-pourri*.

O Aulette que tenho em frente, define-o—«composição musical formada pela miscellanea de varios trechos de uma opera, ou mesmo de operas diferentes», e mais abaixo: «canção cujos *couplets* pertencem a diferentes arias».

Eu, com permissão do illustrado lexicographo accrescentei ao texto do dictionario—«applica-se igualmente a trechos de vida errante onde a payagem varia dia a dia, como no olho de vidro de um diorama».

Passeios longos a cavallo, momentos de repouso á sombra, participação directa em dansas que engendravamos, tudo isso constituia o nosso modo de vida.

Trago d'esse tempo duas impressões deliciosas—o conhecimento do capitão Costa Campos, hoje deputado ao congresso do Rio e a certeza de que o esquadro e a mira não haviam modificado ainda o meu irmão.

O capitão Costa Campos mora em Jacarehy, n'uma casa um pouco elevada para a qual se sobe ligeiramente por uma estrada aberta no morro.

R. Alves de Faria.

—A seguir.

A Revista do Norte

Anno 4

Maranhão, 16 de Outubro de 1904

Num. 76



RIO DE JANEIRO—JARDIM BOTANICO—RUA DE MANGUEIRAS

Noivado

Seu aposento é um sonho
Feito de doce esperança,
E' um sorrir de criança
De lábios cor de romã,
E' uma flor expellindo
Perfumes os mais fragantes,
Um punhado de brilhantes,
Uma estrella da manhã.
O ar é cheio de aromas,
A lua atira seus raios
E a claridade em desmaios
Vae tombando no aposento.
Abrindo de leve a porta,
A vemos entrar formosa,
A desfolhar uma rosa
Que rola sentida ao vento.
Vae entrando e treme ao peso
De um susto que invade a alma,
Attende, se torna calma
E entra sem mais temer...
Cerra os olhos que flamejão,
Deixando cahir o véo,
Eleva uma prece ao céu...
Parece que vae morrer!
Despe de leve o vestido
Feito de claro setim,
Salpicado de jasmim
E flores de laranjeira;
Colloca as mãosinhas suas
Por sobre os seios de neve
E solta um suspiro breve,
Desprendendo a cabelleira.

O leito dorme silente
Com flores do laranjal,
Com a alvura do crystal
Que dóe nos olhos, meu Deus!
Ao cortinado tão alvo,
Ella atira um quente olhar,
Parece que vê brilhar
Estrellas que tem nos céos!
Fita os quadros que enfeitão
As paredes do aposento
E passa no pensamento
Uma lembrança tão bella!
Atira um olhar em braza,
Senta-se ao leito de leve...
Um sorriso fresco e breve
Borbulha nos lábios della.
E batem de leve á porta;
Ella treme de surpresa;
Os olhos em morbidez
Vae cerrando com ternura,
Ouvindo uns passos nervosos,
Vira o rosto que descora...
—E' noiva—que doce aurora!
Que poema de ternura!
Elle entra e atira os olhos
Do aposento em redor,
E cheio de doce amor,
Procura-a silente, calmo.
O cortinado tremula;
Vae abrindo-o docemente

E vê divina, imponente
A noiva por sobre o thal'mo.
E assenta-se satisfeito
A' borda do leito virgem,
Vae tremendo de vertigem
Quando chega junto della;
Beija-lhe as faces nevadas,
Aperta a mão pequenina
E quando cerra a cortina
.....
Apaga-se a luz da vella.

1889.

SEBASTIÃO LOBO.

Lenda medieva

O luar batia em cheio.
O velho castello feudal erguia no meio das
mattas as suas grandes muralhas ennegrecidas pe-
los seculos, e a sua immensa cupula assemelhava-
se a um corvo collossal que descêra do infinito
para estender as suas azas funebres sobre as flo-
restas virgens.

Terminara o festim.

A bachanal fôra longa e a luz amortecida, co-
ando-se por entre os flacidos brocados, desenhava
as faces dos gardingos adormecidos sobre os capa-
cetes e os risos d'essas damas tragicas que viam
mesmo em sonhos os gladios crusarem-se em sua
honra e por seu amor.

Só ella... a languida filha da Italia, transpor-
tada para alli como um penhor da barbara con-
quista, aproveitara as explosões d'essa festa infrê-
na, para descer ao pateo, a menos triste céla d'esse
claustro. Abi, se ella não tinha o céu azul da sua
doce Florença, se não podia sonhar sobre uma
gondola, uma das pennas d'esse immenso cysne que
boia eternamente sobre o Adriatico e chama-se Ve-
neza, ao menos podia palpitar sob um ar mais li-
vre, ouvindo ao longe o murmurar saudoso dos
rouxinoes.

E ella todas as noites ouvia um rouxinol hu-
mano, melancolico como uma alma que ama mas
não pode amar. Elle cantava-lhe sempre como
agora por traz dos muros umas canções tão ter-
nas... dava-lhe ao coração certas pulsações que
não eram de um musculo... chamava por ella tão
saudoso e tão amante... E porque não iria então
n'essa noite ter com elle, quando sabia que nin-
guem lhe seguiria os passos?

Vivia tão só n'aquelle triste claustro... que lhe
restava mais?...

A voz gemeu mais forte... ella debruçou-se
mais e mais... e sem sentir rolou por uma escada
de seda... e tremula e palpitante cahiu nos braços
do ignoto amante...

O ginete partiu... e ás portas do castello, o es-
queleto de um sicario alli justiciado ria sinistra-
mente vendo a seus pés essa terna amante que das
suas tranças soltas deixara então voar as ultimas
illusões mundanas.

OSCAR DE LA TOUR.



MARANHÃO—ANH.—Phot. amador—José G. Pereira

A mercadora de beijos

Pallida, tão pallida, era a graciosa mercadora de beijos, que eu, quando uma noite a vi pela primeira vez n'um sombrio bairro de uma cidade que em outro tempo eu tomara por Suburra, julguei ver uma d'essas criações marmóreas e sublimes do artista Phidias, velha reliquia da escultura grega, ou um raio de luar que, foragido, divagasse na terra. Era pallida, tão pallida...

A mercadora de beijos, Beatriz, era uma rapariguinha de doze annos. Simples como a virtude era o seu trajar: apenas um *peignoir*, tão branco como ella, occultava-lhe o mimoso, debil, flexível e esbelto corpinho, e um laço de fitas azues sobre a opulenta catadupa do ouro fluido de seus cabellos louros, louros como as madrugadas de Abril, completava-lhe o vestuario. Mas era tambem o que lhe bastava para ser um mixto de belleza e meiguice.

Quando a vi n'essa noite pela primeira vez, eu era um estudante de dezeseis annos. Caminhava pelas longas avenidas do referido bairro, com a recordação saudosa e doce de uns entes que idolatrou, distraindo o meu fatigado espirito que passara affamado durante o dia com sérias cogitações sobre uma sciencia difficil, quando de repente ouço uma angelica voz de mulher, uma voz, não...

antes um melodioso gorgueio, partido d'entre uma immensa turba de sybaritas, murmurar assim:

—Beijos! Beijos! Beijos!

E os pipillos sonoros de uns beijos demorados quebraram o monotono silencio da noite que dormia.

Aquillo excitou-me a curiosidade: approximei-me da turba.

Foi então que vi pela primeira vez a graciosa mercadora de beijos, a languida e vaporosa Beatriz, de *peignoir* tão branco como ella, e de laço de fitas azues sobre a opulenta catadupa do ouro fluido de seus cabellos louros, louros como as madrugadas de Abril. E ella era pallida, tão pallida...

Eu permanecia estupefacto, pasmo, na contemplação d'aquella scena singular.

Finalmente fez-se tarde: a mercadora sentindo os labios extenuados e os pulmões affando de cansaço, cortejou a turba que a cercava que lhe atirou apodos, porque ella não lhe saciou completamente a sede de volupia hedionda e revoltante, e retirou-se.

A turba tambem retirou-se, e eu segui os passos de Beatriz, caminhando pelo sulco de luz e perfume que ella deixava na sua passagem. A mercadora não me presentiu siquer, seguindo-a eu no entanto á pouca distancia.

Caminhamos por muito tempo, até que ella entrou n'um obscuro e humilde pardieiro, postado á beira mar, habitação tranquilla de um pobre pescador de cabellos brancos, pobre alquebrado pelo soffrimento e os annos.

Era alli o ignorado ninho de Beatriz, a avesita que vendia beijos.

Uma pancada, levemente dada por mim na porta do pardieiro, fez que o ancião viesse verme. Fallei-lhe. Elle mandou-me entrar.

Entrei... e oh! nem um banquinho tinha para offerecer-me!

Mas como o luar começasse a apparecer na orla longinqua do ceruleo firmamento, elle conduziu-me, em companhia de Beatriz, para um enorme bloco de granito; e alli sentado, escutava eu o soluçar queixoso das vagas enlanguescidas, escutando tambem os consternadores lamentos banhados de lagrimas, cortados de soluços, do velho pescador.

O desgraçado homem narrava-me a sua historia, a sua desventurosa historia; e quando a interrompia para occultar-me as lagrimas que lhe corriam nas encovadas faces, eu contemplava Beatriz que chorava tambem e que como as *Willis* das lendas allemans, illuminada pelos tenues e frouxos raios do luar, era pallida, tão pallida...

Foi bem longa a historia do pescador; não poupo os mais simples episodios de sua vida.

A sua mocidade foi uma pezada cadeia de magoas e tormentos, como elle mesmo dizia, e n'aquelles ultimos dias de sua existencia, quando se dispunha a descer os degraus do tumulo, era Beatriz,



Kouropatkine



Oyama

o unico recurso que tinha. Vendia beijos para não morrerem de fome !...

Finalmente despedi-me e silencioso e triste retirei-me.

Tem-se passado o tempo e essa criança ainda continha a vender beijos; mas não tardará muito (oh! verdade cruel!) que a turba não lh'os compre mais, e ella, depois de se ter despenhado inconscientemente ao cair pavoroso do abysmo, depois de ter cançado demasiadamente os labios, depois de ter rasgado o candido véu de pudor que lhe cobre as fôrmas de virgem, se veja nos estertores da agonia, no leito mephitico de um hospital de caridade, sob um lençol que como ella é pallido, tão pallido !

A. ROBERTO.

A visita da Morta

Eu meditava calmo em busca do veneno
Que me arrastasse logo aos paramos do nada,
Quando assomou á porta uma visão ousada,
Pallidamente branca. E eu disse-lhe sereno:

—Podes entrar, espectro ! A minha triste alcova
Tem os ernos glaciaes de um triste cemiterio;
Aqui reina o silencio, aqui reina o mysterio,
E' um carcere talvez... talvez uma outra cova !

Como és horrenda e feia ! E's por acaso a hedionda
Mensageira fatal e lugubre da morte,
Que vem aqui me ver a conjurar a sorte,
A mim que de outra vida o fundo arcano sonda ?

Mas... fala, eu quero ouvir-te, eu não te tenho medo;
Approxima-te mais... de perto eu quero ver-te;
E se acaso, não és, visão, materia inerte,
Oh ! dize quem tu és ! conta-me o teu segredo !

—Quem sou?... Eu sou aquella em quem tu deste um beijo,
N'uma noite infernal de sonhos voluptuosos,
Aquella que levaste a uns antros tenebrosos,
—Imperio da volupia, azylo do desejo.

Aquella que olvidou sem mageas, sem pezares,
Do doce lar materno a lucida chimera,
Aquella que lançaste, ó coração de fera,
Ao barathro fatal de ignobes lupanares !

Aquella que soltou na febre do delirio,
Satanica blasphemia, estolida risada,
N'uma asquerosa tarefa, enquanto desolada,
No claustro a monja entoava um psalmo á luz de um cirio.

Aquella que na orgia, em lubrica vertigem,
Sorveu contigo, poeta, as gotas de uma taça,
Que o sonho idolatrou da meretriz devassa,
Que achava estulto e nescio o sonho de uma virgem.

Aquella que adoraste altucinado e vario,
De quem estiaste a flôr de laranjeira,
O espectro que tu vês, a tabida caveira
Branca, branca da cor de u n funebre sudario.

E a voz emmudeceu com doloroso esforço,
E ria-se a caveira estatelada, em quanto
Corriam-me na face as perolas do pranto,
Pairavam-me no craneo as sombras do remorso.

ALUIZIO PORTO.

A Saudade

Creança de doze annos, candida, da candidez dos lyrios, pura, da pureza das aves, aureolada de illusões e de esperanças, cingida de sonhos e venturas, risonha e leda nas festas da adolescencia.

Eu queria-lhe bem. Disse-lhe um dia que ella era a flôr que perfumava o sacrario do meu coração, a ave que alegrava o ninho de minha alma.

Quando uma noite eu fui dizer-lhe o adeus de despedida, ella, chorando convulsivamente, balbuciou apenas:—Tome esta flôr: é uma saudade.

Enxuguei com beijos as petalas orvalhadas de pranto, da flôr que traduzia o sentimento do formoso anjinho e, n'um ultimo olhar em que lhe deixava todo o meu coração e n'uma derradeira palavra em que lhe dava a minha alma inteira, parti com saudade daquella creança de doze annos, candida, da candidez dos lyrios, pura, da pureza das aves, aureolada de illusões e de esperanças, cingida de sonhos e venturas, risonha e leda nas festas da adolescencia.

..

No lago azul do firmamento o luar boiava, no infinito espaço suspirava a aragem e o batel singrava... singrava.

Choravam as aguas, choravam os ventos, choravam as estrellas e eu chorava tambem.

A noite silenciosa espreguiçava-se na immensidade e eu, ao canto do nauta, ora fitava as opalinas nuvens que corriam devagarinho, ora as tremulas ondinas que corriam rapidamente.

E da terra que eu deixara e que o muro do horizonte encobria, eu só levava uma unica saudade. Se a flôr que eu guardava commigo tivesse labios para falar, diria certamente de quem era a saudade que eu tinha.

No lago azul do firmamento o luar boiava, no infinito espaço suspirava a aragem e o batel singrava... singrava.

..

A flôr, que ao fogo dos meus beijos perdeu todo o viço e louçania de outr'ora e que se me antolha hoje estiolada e triste, é para mim o balsamo que suavisa as dôres da ausencia, o lenitivo que minora a saudade.

Quando uma vez recebi de um velho amigo meu a noticia de que o anjinho agonizava no leito da enfermidade, pareceu-me ouvir a pallida flôr dizer-me tristemente: Se ella desprezar a terra e fôr sonhar nas noites do tumulto, leva-me para onde ella esteja, colloca-me sobre a lage que a esconde, porque eu hei de contar-lhe baixinho, enquanto o cypreste gemer e a viração chorar, toda essa longa historia da tua saudade e das tuas lagrimas.

Mas, se fôr assim, eu soffrerei muito mais, porque ficarei sem a flôr que ao fogo dos meus beijos perdeu todo o viço e louçania de outr'ora e se me antolha hoje estiolada e triste e que é para mim o balsamo que suavisa as dôres da ausencia, o lenitivo que minora a saudade.

Glovis Noel.

A Classificação das Sciencias

Quando examinamos o mundo physico, distinguimos phenomenos de natureza differente, aos quaes podemos dar diversas classificações.

Notamos com precisão—movimento, forma, extensão, luz, calor, gravidade, electricidade, magnetismo, etc.

Assistimos tambem a composições e decomposições espontaneas—formam-se substancias que anteriormente não existiam, outras desaparecem ou resolvem-se nos seus elementos constitutivos.

Todas estas categorias de phenomenos concorrem para produzir certos resultados de unidade, que se apresentam sob um aspecto tangivel e revestem uma forma concreta. Podemos, entretanto, abstrahir os dos seres naturaes, onde existem e se combinam, para estudal-os e agrupal-os, e, tendo descoberto as suas leis, fazer delles objecto de sciencias distinctas.

Ao lado desta grande classe de phenomenos prendendo-se á natureza physica, encontra-se outra offerecendo uma ordem mais elevada em complexidade e onde novos phenomenos, desconhecidos na classe precedente, se produzem; ou porque resultam dos primeiros, ou porque, independente delles, se combinam para dar um resultado mais nobre: a natureza animada.

A cima desta dispõem-se em ordem os phenomenos moraes e sociaes que, separando as questões transcendentales de caracter metaphysico, constituem os objectos mais elevados em dignidade descortinados ao estudo humano.

Estes ultimos phenomenos, sendo productos da sociabilidade, das relações psychicas (mentaes e moraes), economicas, juridicas, religiosas, etc., que se estabelecem entre os membros da humanidade e da animalidade superior e ahi cultivam-se, —revestem-se de uma complexidade ainda maior, presumindo a sua realisação necessariamente uma existencia anterior da ordem biologica, como tambem da ordem puramente physica.

Portanto, a partir deste primeiro exame da realidade ambiente, descobrem-se logo trez grandes divisões, trez vastos quadros scientificos dos quaes cada um serve de base ao immediato, mantendo a sua independencia, approximando-se porem no complexo universal e ahi congruando-se harmoniosamente.

Assim, temos pois—ordens: *mathematico-physico-chimica* (reino inorganico), *biologica* (reino animado) e *sociologica* (reino social).

E' portanto natural, quando se procura classifical-as, começar pela mais independente, mais simples e tambem mais geral, porque em toda a parte, na natureza, no céu, como nas profundidades liquidas e ardentes do globo, produzem-se phenomenos da primeira ordem; ao passo que os da segunda se localisam na sua superficie e em certas regiões do seu duplo involucro (atmosphérico e aquoso); e, finalmente, os da terceira, phenomenos moraes e sociaes, tendo somente por sede a superficie do nosso globo.

Encontramos, portanto, na primeira linha os

planos menos mathematicos e physicos—chimicos, cujo estudo precede ao dos phenomenos biologicos, pois sem o conhecimento daquelles estes ultimos, assim como os sociaes, permanecerão incompreensiveis; na segunda linha, temos, pois, os phenomenos biologicos para cuja explicação se empregam os dados, noções e induções fornecidas pelo primeiro estudo; e, finalmente, em terceira linha, notamos os phenomenos sociologicos e moraes, exigindo immediatamente para sua exploração racional, as revelações da biologia e, mediamente as do primeiro grupo scientifico, pois que os segredos da biologia ficarão occultos a quem não conhecer os preceitos scientificos do grupo luminar.

Assim, o principio que rege a disposição scientifica e constitue a hierarchia das trez grandes ordens naturaes, foi formulado pela maneira seguinte: *«Les vastes groupes de sciences, qui apparaissent à la raison guidée par l'observation comme ayant des sphères spéciales et distinctes, se succèdent suivant leur complexité, leur dépendance et leur noblesse croissantes et, en même temps, suivant leur généralité, leur simplicité et leur indépendance décroissantes».*

E' esta uma das grandes e fecundas leis fundamentais descobertas por Augusto Comte e exposta na sua portentosa *Philosophia Positiva*.

A complexidade e a nobresa crescem effectivamente do reino inorganico ao social. A natureza, a principio inerte e despida de espontaneidade, anima-se depois, move-se, sente, pensa e, produzindo exteriormente pelos seres mais perfeitos (consequencia da evolução secular) resultados apreciaveis, —combina-os dando lugar a esses organismos complexos, a esses grandes seres collectivos, que são as sociedades humanas; cujo estudo depende de diversas disciplinas, reunindo-se todas pelos seus principios geraes na sociologia, que é effectivamente a sua synthese.

Ha na secante adoptada uma sequencia real e natural para a sua dependencia crescente e logica.

A biologia depende da physico-chimica onde immerge suas raizes e de onde retira elementos e leis proprias para explicar seus phenomenos autonomos; é este o primeiro grão de dependencia.

A sociologia não se pode constituir sem os rudimentos adquiridos e fornecidos pela sciencia precedente, que lhe serve de base e da qual recebe um *criterium* permitindo-lhe verificar a exactidão de suas proprias descobertas; porque se uma theoria, uma hypothese ou uma lei sociologica contradiz a uma verdade de ordem biologica, é indispensavel regeital-a como falsa e insusceptivel de ajustar-se á harmonia das noções scientificas já estabelecidas e em plena concordancia com o meio ambiente. Ha, portanto, aqui a dependencia para com uma sciencia, que tambem repousa sobre outras sciencias; e este facto constitue o segundo grão de subordinação.

O principio de hierarchisação formulado por aquelle modo, relativamente ás grandes categorias scientificas, induz-nos a procurar e estudar a sua applicação no interior de cada grupo.

Vejamos, por isso, o primeiro grupo: *mathematicas, physica e chimica*.



MARANHÃO—ANIL—Phot. amador—José G. Pereira

A primeira, sciencia que incorporou muitos outros ramos, que são por sua vez outras tantas sciencias distinctas, estuda os phenomenos que se relacionam com os numeros, extensão, movimento; sendo as suas divisões por conseguinte:—calculo, geometria (extensão, forma), mechanica (movimento). O conceito do espaço é evidentemente mais geral e mais simples que o de movimento. A sciencia nos ensina que tudo é movimento no universo e resolve-se portanto em gravitação, vibração, ondulação, etc.

A intelligencia, entretanto, não pode conceber um movimento sem um espaço que o encerre, uma extensão onde se tenha de produzir, pois que a propria idéa de movimento supõe um deslocamento no espaço e uma successão no tempo.

Assim pois, a extensão tem alguma cousa de mais simples e geral que o movimento; a sciencia que comprehende o objecto de seu estudo deve collocar-se por isso antes da sciencia dinamica; o estudo do equilibrio entre diversas forças formando a transição entre ambas.

Todas as cousas existentes têm uma forma, uma certa porção de espaço; e não é possível concebê-las como inextensas e completamente informes. Pode-se, entretanto, representá-las sem movimento e até mesmo figurar moléculas em repouso, sem energia vibratoria, ao passo que o movimento

não se pode representar independente da idéa de forma, ou para melhor comprehensão,—de um systema que se move.

Quando, pois, em mechanica se allude a um ponto immaterial, este é simplesmente uma pura abstracção.

Finalmente este ponto sem extensão obtem-se por uma operação de redução, como a linha obtem-se reduzindo um plano e este pela redução de um solido, conservando-se apenas as suas duas dimensões.

Em mechanica a noção de forma, extensão, com a qual já se está familiarizado pela geometria, reúne-se mais a noção de movimento, o que, por conseguinte, determina um terceiro grão de complexidade.

Do mesmo modo a geometria só pode constituir-se e desenvolver-se devido às noções elaboradas pela arithmetica e pela algebra; noções que são as mais simples e geraes de todas as accessíveis á nossa intelligencia.

Estas trez sciencias, ou exprimindo-nos melhor, estes trez ramos da mathematica classificam-se do modo seguinte: *calculo*, *geometria* e *mechanica*; vieram os trez simultaneamente antes da physica, onde apparecem novos attributos da materia, despresados em mechanica. (*)

A physica estuda, como todos sabem, os phenomenos de gravitação, que se manifestam na superficie do globo e na sua atmosphera, entre outros, calor, som, luz, electricidade, magnetismo, etc.

Estes grandes factos naturaes produzem novos resultados, mais complexos e universaes que os até aqui enumerados.

Assiste-se nesta região a mudanças que, sem alterar a identidade das substancias, modificam contudo os seus aspectos e até mesmo alguns de seus principaes caracteres, taes como densidade, calor especifico, sonoridade, poder absorbente e emissivo, poder reflexivo tanto para o calor como para a luz, permeabilidade, conductibilidade calorifica, electrica, etc.

As forças que produzem estas transformações agem sobre as moléculas da substancia, aproximando-as ou afastando-as, deixando porem intacta sua composição chimica.

E' sempre a mesma substancia, somente sob estados differentes—solido, liquido, gazoso, extra-gazoso, quente ou frio, luminoso ou obscuro, electrico ou neutro, etc.

Os phenomenos que se produzem affectam por isso ás moléculas e não aos atomos. Nada têm de electivo e attingem a todas as substancias indistinctamente e quase do mesmo modo.

A physica compõe-se de diversos ramos que, considerados propriamente, formam quase que outras tantas sciencias distinctas.

(*) A mechanica é incontestavelmente a primeira das sciencias de ordem physica; e sob certas relações, assim a comprehende e classifica Auguste Comte. Léase a este respeito um trabalho de Freycinet publicado na Rev. des Scienc. Pures e Appl., de 30 de abril-01.

(A seguir).

A Revista do Norte

Anno 4

Maranhão, 1 de Novembro de 1904

Num. 77



PARAÍHYBA DO NORTE—DESEMBARQUE DE ALGODÃO DA ESTRADA DE FERRO

O POMO

De facos purpurinas e azetizadas como petala de rosa aljofrada pelo banho do alvorecer; de cabellos louros como os primeiros lampejos de uma madrugada açoitada pelos raios ainda mornos do sol e de olhos azues e scintillantes como o manto anilado e sideral do firmamento, é a minha doce amada.

Uma manhã alegre e clara ella, a esvoaçar pelo jardim como dourada borboleta, e a adejar por sobre as suas perfumosas irmãs como azulado beija-flor, entreabindo os labios carmesins, disse-me n'uma expressão supplice e amorosa: acompanha-me, duvido...

E fomos, e fomos por uma região odorifera de rosas e madre-silvas, por entre o trescalar excitante da flor de laranjeira, banhada das bagas

cristalinas dos pallidos nevoeiros noturnos; sorvendo aqui e acolá o aroma luxuriante do cravo pendido na fragil hastil; estasiando-nos na contemplação provocadora de dois bemevis a alarem-se no espaço, n'uma perseguição mutua e... já cansados da peregrinação, sentamo-nos n'um taboleiro verde-esmeralda de relva, salpicado de jasmims, —dir-se-hia um thalamo para um noivado celeste, tecido pela fecundante natureza.

Cantarolamos ao doce cavatinar das melodias campestres uma cantiga quente e repassada de languor, como as das formosas andaluzas, requebrada de suspiros e suspiros que se vão desvanecendo ao longe como os ultimos vagidos de um goso a expirar. Approximamo-nos mais e mais e o seu halito queimava-me os labios n'um beijo de fogo; eu sentia o arfar ardente e descompassado dos seus seios de encontro ao meu largo peito; en-

laçava a sua cintura delgada e flexível que parecia partir-se... e assim... loucos, desvairados e famintos, entregamo-nos, ruborisados, tímidos, insuflados e faceis, lembrando o peccado original, á colheita do maravilhoso pomo, que também é o pomo setinoso dos seus deseseis annos de amor e mocidade.

Delirio infernal, satânico prazer, tu que és o primeiro canto do poema intermino da vida, o suave rorejar do pollen na pura corolla de uma flôr, a pagina primeira do livro da tradicional sciencia do Bem e do Mal, eu te maldigo, porque foste tão corrosivo que a minha doce amada já não tem as faces purpurinas e assetinadas como petala de rosa aljofrada pelo banho do alvorecer; os cabellos louros como os primeiros lampejos de uma madrugada açoitada pelos raios ainda mornos do sol e os olhos azues e scintillantes como o manto anilado e sideral do firmamento.

Paulo Mario.

A' morte de Pereira da Costa

Partiste para sempre, e o teu violino ousado contigo se partio... e dos banhos do amor, vi toda a passara a esvoaçar na dôr, buscando em vão cantar o que tinhas cantado!

Mas quem na *Suécia* ouviu, no adagio apaixonado, do teu arco infinito o infinito languor; quem te viu imitar no *Delirio del cuor*, um coração que ama e que não é amado;

quem de Gounod t'ouviu gemer a *Ave-Maria*, dolente como um canto oceanico ao luar, quem via-te soffrer e via-te tocar:

como sobre a tua dôr de chorar não havia, quando cahio-te o braço, o seductor das claves, como um sol que se apaga emmudecendo as aves!

DUNSHEE DE ABRANCHES.

Poemas do coração

Expira a dor fecunda. A lampada da vida,
Como o primeiro sol o Chãos illuminando,
De luz inunda a gruta ennegrecida
Pelas trevas do nada!... a gruta, o miserando
Pedaço d'alma,—o coração. Palpita...
E' o palpar primeiro interrogando a Deus;
Chora... E' o vagido languido que exprime
Pela primeira vez interrogando os Ceus!
Palpita e chora!... E' a synthese sublime
De um poema ideal que o labio da creança,
Ledo as estrophes candidas declama,
E venturoso chama
Poema da Esperança.

Vão-se os dias passando e as noites como os dias
Tambem se vão passando. E o coração na estrada

Asperima da vida descuidada,
Ora proscrito vae como o Ashavero errante,
Tendo do Hamleto as duvidas sombrias
E de Tantalos a sede devorante;
Ora, sem luto e magua, em delirante festa,
Cercado de illusões, repleto de ventura,
Nas azas do ideal vae pelo azul a fóra,
Vae p'lo ceruleo mar e vae pela floresta,
Sorrindo á estrella, ouvindo a partitura
Do mar, das aves, ao romper da aurora...
Vae... Segue... Escuta a noite, escuta o luar albente,
Os labios da mulher, o fructo, a brisa, a flôr,
E tudo lhe descanta infindo, puro, ardente,
O poema do Amor.

Tudo acabando vae com o perpassar das éras!
E o coração fitando o tumulo isolado
Onde entre cinza e pó descansa o seu passado,
—Riso feliz tecido de chimeras,
—Sonho feliz bordado de utopias.
Tropeço, sem vigor, na augusta soledade,
Do caminho da vida, em fundas agonias,
Subito pára, e então de lagrimas coberto,
A recordar a verde mocidade,
Murmura tristemente aos ventos do deserto,
O poema da Saudade.

ALUIZIO PORTO.

O sonho da noiva

I

Creança, ainda muito creança, ella perdera o precioso cofre de suas illusões, o sagrado thesouro de suas alegrias, o querido escriptorio de suas venturas. Ella perdera o noivo.

Uma noite, enquanto pelo parque as suas irmanzinhas saltitavam risonhas, ella sentada n'uma *chaise longue*, contemplando-as, recordava-se da sua idade infantil, dos seus dez annos, quando brincava festiva e leda ao doce affago das illusões, ao ineffavel bafejo das alegrias, ao divino sorriso das venturas.

Recordava-se também da ephemera e deliciosa quadra do seu noivado, do penetrante olhar do seu noivo que lhe traduzia os pensamentos, das suas fallas amorosas que lhe iam parar no adyto da alma, da voluptuosa sensação do contacto de suas mãos, dos arrufos pueris que elles tinham quando se zangavam.

Tudo, tudo lhe vinha á lembrança.

E nem uma lagrima lhe queimava as faces! Era que o seu coração, pobre coração! se tinha transformado n'uma steppe de gelo para nunca mais chorar.

Ella adormeceu. Tarde, muito tarde, quando a noite já ia alta, despertou.

Sonhára... E aquella alma ainda sonhava!

Sonhára o dia supremo da resurreição de seu noivo, a noite venturosa de suas nupcias, a quadra azul de sua lua de mel.

Quando despertou, teve vontade de chorar; mas debalde, que seu coração não tinha lagrimas



PARAHYBA DO NORTE—UM DEPOSITO AO LADO DOS ARMAZENS DA ESTRADA DE FERRO

e se tinha transformado n'uma steppe de gelo para nunca mais chorar.

No entanto, ella tinha as faces humidas.

Ah! era que a natureza chorara por ella, roreando-lhe as faces com as gotas algentes do orvalho nocturno.

Ella retirou-se do parque, encaminhou-se para a alcova, enquanto na infinda e cérulea planície do firmamento, desenhavam-se o profundo extase do luar e o fogo fatuo das tremulas estrellas, enquanto soavam ao longe a cavatina lugubre do vento e o piar sinistro de uma agoureira estrige.

II

Com um ar tristissimo de moribunda, pallida e melancolica, ella estava deitada sobre a colcha negra de seus cabellos revoltos, tendo entre as mãos um livro religioso que fitava, mas que não lia.

O sonho de felicidade que tivera, havia poucos momentos, parecia preoccupar-lha demasiado.

Muito crente, muito supersticiosa, ella pensava no dia supremo da resurreição do noivo, na noite venturosa de suas nupcias, na quadra azul de sua lua de mel.

A reminiscencia do sonho não lhe sabia da mente.

E assim ella passou a noite, n'uma vigilia sem treguas, até que das ramas do arvoredo, a colovia preludiasse as dulcissimas notas do seu mavioso gorgeio, annunciando a appareição esplendida da aurora que das faldas da montanha começava a tingir os horisontes e a soletrar os seus beijos de fogo nos cimos das arvores.

Foi um pasmio geral quando ella se levantou para ir receber o osculo e benção maternas. A nuvem de melancolia fugira-lhe da fronte; ella tinha sorrisos, expansões joviaes. Singular transição!

A sua mãe, ainda que n'um estado de morbiidez, não cabia em si de contente. A cada instante que fitava o rosto angelico de sua filhinha, via-lhe

o sorriso satisfeito de outr'ora, o olhar travesso das epocas passadas, a jovialidade franca da idade infantil. Parecia muito feiz.

E de facto o era. Embalada pelas vagas da esperança ella previa a realisação do que sonhara.

Ah! a esperança! Como é deliciosa a esperança!

O dia expirou.

As suas imansinhas ainda mais risonhas foram para o parque, levando-a tambem.

Ella acompanhou-as. Ah! aquelle lugar fazia-lhe pensar mais no sonho: alli ella se julgava feliz.

Emquanto saltitava com as pequerruchas na esperança de realisar o seu sonho, desenhavam-se na infinda e cérula planície do firmamento, o profundo extase do luar e o fogo fatuo das tremulas estrellas e soavam ao longe a cavatina lugubre do vento e o piar sinistro de uma agoureira estrige.

III

Passaram-se os annos. Ella já tinha rugas no rosto, ella já tinha os primeiros cabellos brancos. A belleza já lhe era extincta, o viço da mocidade já lhe era perdido; mas a reminiscencia ainda lhe adejava na mente, mas a esperança ainda lhe palpitava no coração, porque nunca, nunca se poderá perdê-la de todo.

A flor que se colloca entre as paginas de um livro, emmurchece, mas nunca, nunca que de todo se poderá evolvar o perfume.

Uma noite ella entrou n'um templo em ruinas. Entrou a rezar.

Depois de uma longa e fervorosa prece começou a perlustrar a vasta fila de sepulchros abandonados e quasi desfeitos.

De repente uma inscripção tumular, quasi obliterateda, reteve-lhe os passos. Approximou-se mais e apenas ponde ver o nome que seus labios nunca se fatigaram de balbuciar,—o nome do seu noivo.

Quer restituir-lhe a vida; approxima-se ainda mais, porem vacilla... Tenta de novo approximar-

se, e subitamente, por um extraordinário impulso de vitalidade, lança-se sobre o tumulto...

Viola-o!... Cinzas... e nada mais!

Desvairada, febril, delirante, louca, ella ruga um grito de dor e sobre o lagedo humido do templo, ella tomba estatelada, hirta... inteiramente morta!

Nesse instante desenhavam-se na infinda planície do firmamento o profundo extase do luar e o fogo fatuo das tremulas estrellas e, pelas arcadas sombrias do templo, em ruínas, soavam a cavatina lugubre do vento e o piar sinistro de uma agoureira estrige.

CLOVIS NOEL.

O Iyrismo

Como vulgarisadora do movimento politico, scientifico e social, de todos esses assumptos politicos, profundos e eternos problemas que convulsionam a vida moderna, é a poesia a mais pobre de todas as formas litterarias.

Os celebrados poetas da *Idéa Nova*, proclamando em rutilantes alexandrinos as invenções, descobertas e syntheses da sciencia e da industria; derribando as antigas formas politicas e religiosas; e fazendo a apothese da blusa e da officina, amesquinham a magnitude dos assumptos que miram vulgarisar sem dar margem aos vôos da imaginação.

«Os seus moldes, rimas, hyperboles, imagens e coloridos, fazem o effeito de maravilhosas *toilettes* parisienses, aereas, tecidas com rendas e côres veladas, de estylo mordente e talhe franzino, cobrindo os violentos corpos, severos e masculos, das grandes mulheres aldeãs».

A verdadeira poesia vive do vago que deixa o poeta ir idealizando, n'um fundo translucido, figuras doces e fluctuantes,—bandos de visões tecidas de nuvens e sonhos; da intima harmonia que existe entre o amor, a religião, a familia e a patria.

Nasce das emoções e traduz-se pelo sentimento.

Ha quem acredite que essa poesia tem de morrer (se já não morreu), por ser essencialmente pessoal e falta de condições sociaes que a impulsionem e fecundem; que, «apenas pode guardar-se ainda, por um prodigio de cultura, no coração de algum d'esses sublimes eremitas contempladores, estacionados á margem da vida egoista e crepitante de hoje,—como a planta torrida consegue desenvolver-se e medrar, por excessivos cuidados, na estufa bem calafetada».

Eu creio que primeiro morrerão os vaticinios do que ella. Pessoal é ella e por isso mesmo me commove. Si cantas as tuas dores e alegrias de homem, eu, que sou homem, folgarei ou chorarei contigo. A solidariedade do coração faz com que no fim de contas, ella se torne a mais impessoal do mundo.

Não! a poesia lyrica não morreu; morrerão, é certo, os simples versejadores, que, em falta de occupação, escrevem em prosa rimada todas as anedoctas fastidiosas dos seus dias vulgares. Que me importa a mim que ella te desse uma flôr, que vertesse uma lagrima em certa despedida? Uma flôr e uma lagrima são cousas muito triviaes. Mas, conta-as com alma; pede á musa de G. Dias, de L. Guimarães ou de Lamartine o segredo da harmonia se a teu proprio cecração a nota da sinceridade, que eu sentirei contigo saudades d'essa dama que não conheço, e beijarei mentalmente essa flôr que nunca vi.

Poesias são cousas de pouco valor.

Não é com ellas que se movem os vapores e nem ellas influem na alta e baixa dos fundos.

Paciencia!

Ha, porém, no interior do homem um ouvido que não entende senão a linguagem das emoções puras; e para fallar a o melhor vocabulario é e será sempre o do velho Homero.

MONTROSE MIRANDA.

A Classificação das Sciencias

(Continuação)

A noção que os liga e permite collocar-os sob uma unica denominação geral, é a de movimento, vibração molecular, commum á quase totalidade dos phenomenos physicos e serve de fundamento ás hypothèses pelas quaes se procura explical-os.

É bem difficil classificar os de um modo satisfatorio, porque seguindo-se a ordem de especialidade crescente, ter-se-á de designar uma secção mais racional e desprendida de hypothèses, como por exemplo, a acustica, depois de outras menos adelantadas sob a condição de sua positividade.

Os phenomenos sonoros são, com effeito, menos geraes, mais especiaes que os da luz e vêm por conseguinte logo em seguimento.

Seu estudo, entretanto, apresenta um caracter de perfeição que a optica e a thermologia não offerecem, e onde se conserva ainda a idéa hypothetica de fluido imponderavel para unificar e explicar os factos observados,—hypothese esta inverificavel e por isso mesmo inscientifica.

Foi isto, segundo acreditamos, que levou Augusto Comte, na sua grandiosa *Philosophia Positiva*, a classificar a acustica antes da thermologia e logo depois a barologia, que serve de transição á astronomia na physica, a gravitação terrestre considerada como um caso particular da gravitação cosmica.

Depois da acustica, Augusto Comte colloca a thermologia da qual uma das partes, a que trata dos phenomenos de conductibilidade no interior dos solidos, recebeu do grande physico e mathematico Fourier um elevado contingente de positividade e perfeição racional.

Em seguida vem a optica; e a seu respeito, Augusto Comte manifestou-se energicamente contra-

rio quanto ao emprego das explicações deduzidas da existencia imaginaria de um fluido ethereo.

Em ultimo lugar então, finalmente, a electrologia e o magnetismo, que facilitam a transição da physica para a chimica.

Augusto Comte guiou-se, portanto, nesta classificação pelo grão de desenvolvimento de cada uma destas secções da physica.

Mais tarde, porém, concebeu o futuro estado de progresso a que poderia chegar esta sciencia e modificou a sua primeira classificação, adoptando a ordem da especialidade crescente. (*)

Por conseguinte passou a acustica para depois da thermologia e da optica, apresentando finalmente a disposição seguinte: *barologia—thermologia—optica—acustica—electrologia e magnetismo*.

H. Spencer criticou a sua primeira classificação e S. Mill a defendeu, extranhando que Littré ficasse silencioso a este respeito.

Admittamos, porém, que com facilidade se possa oppor serias objecções á classificação particular dos ramos da physica, não serão ellas, entretanto, de natureza a affectar o principio geral de hierarchisação de que tratamos e acceptamos.

Um ponto sobre o qual o fecundo creador deste principio não teve a minima hesitação e é geralmente sancionado, mesmo pelos seus adversarios, —é o de que a physica abre-se pela barologia e fecha-se pelo electro-magnetismo.

As possiveis divergencias sobre o objecto dos trez estudos intermediarios, no que concerne ao seu logar respectivo, não terão grande importancia doutrinal e methodologica.

A este respeito preferimos a collocação da thermologia antes da optica.

Tambem sabemos ser muito difficil decidir quaes são, dos phenomenos luminosos ou calorificos, os mais espalhados. Pode-se, entretanto, considerar na decisão deste grave problema, o facto de existirem raios puramente calorificos e os luminosos terem pelo menos ao mesmo tempo um certo grão de calor capaz de elevar a temperatura das substancias, optando-se assim pelos phenomenos calorificos. (*)

Julgamos, porém, que será mais acertado encerrar a positividade de cada uma destas disciplinas e reunir á barologia a sciencia que relativamente for mais completa, e, neste caso, está a thermologia.

Quanto aos phenomenos de sonoridade, são realmente menos universaes que os precedentes e ainda mesmo que os da electricidade, cuja generalidade se confirma a cada momento.

Os phenomenos electricos estabelecem vantajosa e suavemente a transição da physica para a chimica; será, pois, um grave inconveniente permittal-os com os da acustica.

∴

Com a chimica cresce o grão de complexidade superior e os de independencia inferior.

(*) Vd. tom. I.º cap. 1.º do Syst. de P. Littré.

(*) Não ignoramos que ha phenomenos de phosphorescencia, que se produzem a frio, mas estes são rarissimos.

Os phenomenos tornam-se especificos e soffrem por consequencia a modificação profunda das substancias, quanto á sua composição molecular. Estas passam por transformações nas quaes sua identidade inicial desaparece, seus attributos primitivos destroem-se, apresentando, finalmente, novas substancias differentes, por seu aspecto, composição e virtudes.

Por isso a chimica é verdadeiramente na ordem physica a *sciencia creadora*.

Possue tambem a curiosa propriedade de compor e decompor, nas retortas, diversos corpos, interessantes operações estas, que a natureza, lentamente, em seu vasto laboratorio, reproduz nas diversidades e multiplicidades caracteristicas.

Gravitação, calor, luz, electricidade, etc., todas estas forças agem em chimica, como na physica, produzindo, porém, naquella resultados mais elevados, mais approximados da espontaneidade vital, menos universalmente espalhados e mais directamente utilisaveis.

A chimica é por isso mesmo mais especial, mais complexa e dependente, porque o conhecimento das leis da physica lhe é indispensavel.

A lei da classificação mantem-se perfeitamente e applica-se com exactidão no interior do primeiro grupo.

Examinemos agora a astronomia. Esta sciencia foi classificada entre a mechanica e a physica. Assim procedendo Augusto Comte caracterizou-a sobretudo como uma sciencia determinando a forma e o volume dos astros, suas orbitas, densidades e gravitações, os phenomenos que dahi resultam, etc., verdadeiras geometria e mechanica cosmicas.

Para convencermos-nos disto basta recorrer ao seu *Tratado de Astronomia*, onde a sua opinião está exposta clara e luminosamente.

Mais tarde porém, esta sciencia, tomando outra direcção, progrediu muito.

Devido as spectroscopia, spectrometria e photographia poudese examinar e estudar os phenomenos physicos e chimicos que se dão nos astros.

Já se conhece senão completamente, pelo menos numa consideravel medida, a composição dos diversos involucros solares, protuberancias que se separam da chromosphaera, chegando-se a restringir, nos mais pequenos limites, as approximações concernentes á temperatura da photosphaera. (*) Estes novos estudos relacionam-se ainda mesmo que applicando-se a outros membros de systema solar, os que constituem a geologia e a geographia physica.

Tornam-se assim uma sciencia concreta na qual o nome *astrologia* lhes foi dado pertinentemente, por ter sido antigamente empregado para designar um systema imbuido de superstições.

Seria, portanto, uma nova secção a destacar-se da astronomia mathematica e a classificar-se a parte, permanecendo em todo o caso esta ultima com o seu caracter inicial, indelevel, realmente distincto e considerada como sciencia abstracta.

Nestas condições pode e deve conservar o lo-

(*) Vd. Bull. de Soc. Astr. Jan.,—1900.

gar que lhe designou o genial fundador da classificação.

Com effeito, para constituir-se completamente e elevar-se á classe de mechanica cosmica, depois de attingir com Kepler a de geometria cosmica, precisava, além das leis desta, os theoremas e principios dynamicos descobertos por Galileu e posteriormente por Huyghens.

As descobertas deste ultimo no dominio da força centrífuga, foram particularmente utilizadas, como sabemos, no estudo e conhecimento da lei de gravitação universal. O descobridor desta lei procurou na mechanica racional sua terceira base natural:—o principio da igualdade entre a acção e a reacção, o qual reunido ao principio da inercia (Kepler) e ao da independencia dos movimentos (*) relativos aos diversos pontos de um systema em comparação com o movimento commum do conjuncto (Galileu), contribuiu para formar o triplice fundamento natural da mechanica. (*)

Lemos, algures, que a mechanica racional desceu do céu. É uma bella phrase, não ha duvida, verdadeira, porém, somente até certo ponto.

A fundação definitiva e o desenvolvimento da mechanica cosmica permittiram á mechanica racional obter o seu progresso e o elevado grau de positividade e racionalidade que tem actualmente, tornando-se por isso um modelo scientifico quase derfeito.

Entretanto, é preciso reconhecer que a sciencia abstracta dos movimentos, precedentemente e antes mesmo da astronomia dinamica, attingio a um notavel estado de consistencia racional, o que se justifica pela descoberta de Newton.

Resta-nos distinguir entre a constituição de uma sciencia no estado positivo e o de pleno progresso e desenvolvimento dessa sciencia.

Na primeira phase somente ella permanece relativamente independente das sciencias que a seguem. A reacção destas sobre aquella serve poderosamente aos seus progressos ultteriores.

A sociologia, por exemplo, por mais imperfeita que ainda se queira julgar-a, já não reagiu sobre a biologia, e não foi o phenomeno apparente da divisão do trabalho social, que provocou a celebre theoria de Milne Edwards sobre a divisão do trabalho organico?

A astronomia, na qualidade de sciencia dinamica, colloca-se, pois, regularmente, em seguida á mechanica:—primeiro porque seus phenomenos são mais especiaes e complexos, segundo porque ella se acha em um estado evidente de dependencia perante a mechanica racional e a geometria.

Seu primeiro ramo, que comprehende as trez conhecidas leis de Képler, devido ao seu caracter geometrico, colloca-se antes da parte mechanica.

Quanto á astrophysica, parece-nos, que será necessariamente collocada, logo que attingir a um desenvolvimento bastante consideravel,—ou entre as sciencias physico-chimicas, ou entre as que se applicam a um conjuncto, como a geologia.

Acabamos, pois, de verificar que a classificação permanece indemne e cada vez mais affirmase no conceito de todos que a estudam desapassionadamente.

..

O grupo biologico comprehende duas grandes ordens: uma classifica os estudos relativos aos vegetaes, á estrutura e ás funcções physiologicas das plantas, chama-se botanica ou botanologia; a outra, formando-se das duas sciencias abstractas que se relacionam, anatomia e physiologia,—estuda a estrutura e funcionamento dos organismos animaes.

Pensamos, de accordo com alguns especialistas, que a embryologia e as noções que derivam do transformismo, poderiam ser apresentadas a parte, num quadro proprio.

(Continúa).

Nosso progresso moral e material

O Ministro Lauro Müller

O confronto do progresso moral da Republica com o da monarchia não deixa saldo a favor das instituições vigentes.

A falta de partidos constitucionaes, durante quinze annos de governo republicano, é um indicio vehemente d'esse descalabro moral, que tanto disabor deve causar ao historiador philosopho, que se der ao trabalho de investigar as causas dos multiplos phenomenos sociaes, que se desenrolam no seio de nossa nacionalidade.

Debalde temos tido uma constituição liberal que, conhecendo das vantagens da fiscalisação dos governos pelas opposições, garante ou diz garantir a representação das minorias. Sua disposição, n'este sentido, tem sido lettra morta, e os que governam, livres das vistas indiscretas dos que querem alcançar o governo, podem agir a seu bel-prazer, livremente, soberanamente, que ninguém os pode embaraçar. Parece ser mesmo assim que elles, salvo honrosas excepções, concebem a liberdade estatuida em nossa lei fundamental.

Entretanto, os partidos politicos são de incontestavel utilidade: implantam na consciencia publica o cunho das grandes convicções, aquecem a alma nacional ao calor dos nobres ideaes.

O homem politico sabe, por isso, ter compaheiro de idéas de um extremo a outro do paiz e de um extremo a outro adversarios, que, combatendo-o, estreitam-lhe os laços de solidariedade entre os correligionarios.

E com esse auxilio mutuo e mutua combatividade, as opiniões, por assim dizer, crystallizam-se. Manter-as e emittil-as é signal de vida; despresal-as é signal de fraqueza imperdoavel.

Mas, essa fraqueza de passar de um a outro grupo é o que ha de mais commum na quadra actual, porque nenhum d'elles tem programma definido:—são simplesmente o partido do governo e o da opposição.

E si os membros d'esta não passam a ser go-

(*) Vd. Koenigs—art. na Rev. das Scienc. de 30 de abril 01—.

(*) Vd. na Rev. cit. um art. de Freyvinet, no qual reune a estas trez principios fundamentais, o da "equivalencia mechanica do calor".

verno, deixando os companheiros por lhes faltar a coragem de secundá-los, só lhes restam dois meios de, conservando-se fieis aos amigos, galgar com elles o poder:—a intriga e a revolução.

O primeiro é o mais commum e se exerce perante o chefe da nação para obter prestígio nos Estados e perante o chefe do Estado para obtel-o nos municípios.

O segundo é o que, para as republicas da America latina, parodiando a nossa jurisprudencia, podemos impropriamente chamar de—recurso extraordinario. Si a intriga não medra, este meio—a revolução—torna-se o seu legitimo suppletivo, si se pode admittir legitimamente nos levantamentos contra o poder constituido.

Não ha, portanto, muito que estranhar do phenomeno revolucionario em nossa boa America e em nosso Brazil bem amado. A luta armada fica sendo a valvula de expansão das consciencias que, por outro meio, não podem se expandir.

Accrescente-se a isto o mal organico da justiça—o ultimo e supremo refugio dos que soffrem.

Desde que os homens são incapazes de ter idéas, ella que é um sublime ideal, não pode deixar de ficar reduzida ao papel de filha espuria. Certo que, devido a razão historica, tem-se conservado aos seus ministros—os juizes—o rotulo de coisa seria, com garantias de independencia. Simples apparencia, que não encobre a funesta realidade! Si ainda temos julgadores dignos de sua missão nobilissima e que se aventuram a contrariar os desejos dos que querem, podem e mandam, certamente ou são elles máus discipulos ou não foram educados na escola dos ultimos tempos. Máu será não honral-os e peor deixar de remediar o mal antes que elles desapareçam.

Si passarmos, porém, do lado moral a encarar o progresso material da Republica, teremos uma perspectiva diametralmente opposta. A triste desillusão cede passo a uma mais consoladora realidade.

Emquanto que o passado regimen ia sempre adiando as nossas questões de limites, não nos permitindo, por isso mesmo, conhecer ao certo o territorio nacional, a Republica tem muito airoosamente resolvido essas pendencias internacionaes. E assim fazendo, não somente tem firmado os nossos direitos sobre regiões contestadas, como as das Missões e do Amapá, mas tem conseguido mais: chamou para o nosso patrimonio uma zona fertilissima, o Acre—que os nossos governos anteriores tinham declarado não nos pertencer.

As nossas industrias, outrora em estado rudimentar, têm tomado grande incremento. Paiz admiravelmente fertil, e sem contestação o mais rico do mundo quanto á natureza do solo, parecíamos, entretanto, incapazes de produzir. Tudo pediamos ao estrangeiro, mesmo os productos manufacturados com as nossas materias primas, que só passando por suas mãos podiam tomar as variadas formas dos artefactos mais communs e satisfazer as nossas multipas necessidades.

De quinze annos a esta data, porém, temos patenteado ás nações civilisadas a nossa competencia industrial. Já prescindimos de grande copia de

productos, que o estrangeiro nos fornecia; e agora mesmo o telegrapho nos transmite a grata noticia do brilhante resultado colhido pelo Brazil na exposição de S. Luiz.

O movimento do nosso commercio externo—importação e exportação—que ao findar o imperio, subia a 500.000:000\$000, orça hoje pelo triplo, mais ou menos. As nossas estradas de ferro, que tinham em trafego 8.930 kilometros, actualmente têm outro tanto, e o telegrapho, que, sem falar na rede submarina, contava 10.775 kilometros, 442 metros, já tem mais do duplo, e dia a dia, como as vias ferreas, vae se internando mais pelo amago do paiz.

E si attendermos que o pequeno periodo de republica, entre nós, tem sido uma quadra de constante agitação revolucionaria, e que o longo periodo de monarchia atravessou muitos annos de paz, seremos naturalmente forçados a levar o nosso bem-estar material a conta da differença de regimen politico; o antigo gastando a maior parte do tempo em lutas estereis, o actual, em lutas necessarias para abafar o fermento revolucionario, estimulando concomitentemente a iniciativa particular, sem esquecer o publico serviço.

O imperio, de preferencia, chamava ao governo os seus medalhões, que, em regra, pareciam pensar mais em honras e serviços á propria individualidade que ao paiz. A Republica tem chamado os homens de acção, que têm poder de vontade, e não vivem á cata de honras nobiliarchicas, preoccupando-se mais seriamente das necessidades da nação que da satisfação de vaidades pessoais.

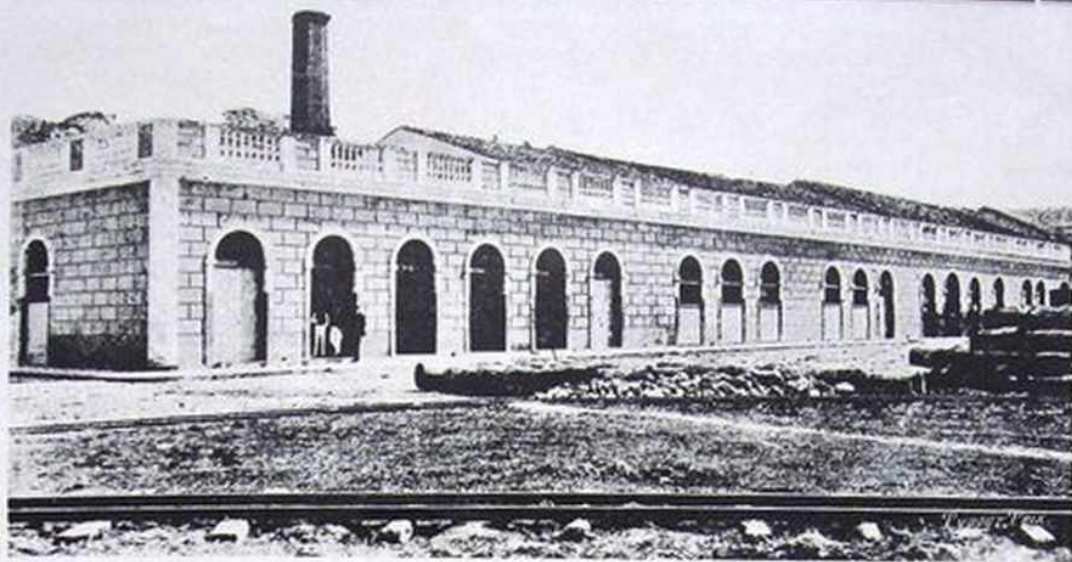
Uma prova d'isto, temol-a nós no actual ministro da industria, o sr. Lauro Müller. No relatorio por elle apresentado ao Presidente da Republica, cuja introdução acabamos de ler no «Diario Official», em uma linguagem attrahente de singeleza e modestia, se nota o esforço tendente ao engrandecimento do paiz, o que sobremaneira honra a um homem de estado.

Isento das tentações do orgulho individual, diz o ministro que para o leal cumprimento das promessas do manifesto inaugural do sr. Presidente da Republica, «empenhou todo o esforço de que é capaz, tanto por dever de subordinação, a que se habituou na boa escola da disciplina, quanto pelo ardor consciente de servir á grandeza de nosso paiz». Trata dos grandes melhoramentos encetados na capital da Republica, que julga «o mais nacional de todos os problemas administrativos», porquanto é pela mesma cidade que a patria se torna mais conhecida do estrangeiro; mas attendendo igualmente ás necessidades geraes do paiz em todo o seu vasto territorio.

Não esqueceu a ligação de uns com outros Estados da União, por meio de vias de comunicação e transporte.

Este é, com effeito, um dos principaes problemas nacionaes, que não podem deixar de attrahir a attenção do governo.

O homem é um ser sociavel por excellencia. Já houve mesmo quem o distinguisse dos demais pelo seu instincto de sociabilidade, e ainda é corrente a opinião de que a sociedade está para o ho-

PARAHYBA DO NORTE—FABRICA DE SABÃO A VAPOR DE LEMOS & C.^a

mem, assim como o espaço está para os corpos. Eliminal-a, é eliminar o proprio homem.

E' mister que se lhe facilite a troca de idéas, que traz consigo a necessidade de outras relações. Equanto maior for a permuta dessas relações, tanto maiores serão o seu conforto e commodidades, o que, em ultima analyse, vem a ser a obra do progresso—a civilização.

Assim nol-o ensina a lição da historia.

Vemos por toda parte que as aglomerações humanas se estabelecem, de preferencia, nos logares onde ha maior facilidade de communicações, não somente indirectas, mas principalmente communicações directas, pessoas. E buscam mercado de idéas e mercado de productos.

Por isso, ellas se fixam, nos paizes novos, primeiramente no littoral, em seguida á margem dos grandes rios e posteriormente nos pontos servidos por vias ferreas. O S. Francisco foi, depois do Atlantico, o grande caminho de nossa civilização.

Os Estados-Unidos que, apenas em assumpto legislativo nos têm servido de modelo, devem o seu extraordinario progresso antes ás suas vias de transporte, que á actividade quasi febril de seus habitantes. Tendo de um lado o Pacifico e do outro o Atlantico, e no interior uma grande rede de navegação fluvial, nem por isso deixaram de dar incremento á viação por caminhos de ferro, já os tendo hoje em uma extensão kilometrica superior a de todos os paizes da Europa reunidos.

A viação ferrea, sendo a mais celere, é a ultima palavra em materia de transporte interior. Si nosso paiz, o melhor servido do Continente por vias fluviaes, fosse, de um extremo a outro, ligado por estradas de ferro, não teriamos que receiar a perda de nossa hegemonia na America do Sul, porquanto a superioridade das nações é hoje aquilatada, não pelas vantagens de seusapparelhos bellicos, mas pelo seu movimento mercantil.

O ministro da industria, felizmente, não descarta dessas necessidades vitaes. Lembra o nosso compromisso especial da construção da estrada do Madeira ao Mamoré, cujas vantagens são deve-

ras inestimaveis para o Brazil. Por ella, o commercio da Bolivia, procurando um escoadouro aos seus productos, descerá pelo nosso territorio, em busca dos mercados europeus ou norte americanos; o que succederá igualmente aos productos de outras regiões, por ser a grande via amazonica o caminho mais proximo d'aquelles mercados.

Diz parecer bem encaminhada a ligação da Tocantins ao Araguaia; e que as negociações que tem por fim a construção do ramal de Itapémirim a Mathilde, no Espirito-Santo, o estudo da ligação do ramal de Timbó a Propriá, os da linha interior do Rio Grande do Norte que se deverá ligar a Baturité, reunidos a construção da estrada de Victoria a Minas, a ligar-se ás linhas da Bahia e futura ligação da estrada de Sobral com a linha de Caxias a Cajazeiras, prolongada a S. Luiz através do Piahy; adiantarão o problema da ligação do Norte ao Sul por linhas commerciaes, a pequena distancia do mar.

Fala no prolongamento das estradas do sul e na construção de vias importantes através dos Estados de Goyaz e Matto-Grosso, atravessando ferassimas regiões de nosso solo e communicando-se com as melhores arterias fluviaes daquella zona.

Em tudo se revela a boa vontade do ministro de servir ao paiz, de modo a tornar o Brazil uma nação realmente apreciavel pelas vantagens que offerece por suas riquezas naturaes, em grande parte inexploradas.

E' de homens de governo, nas condições do sr. Lauro Müller, que nós precisamos.

Desde que tenhamos sempre á frente da administração geral do paiz brasileiros de sua estatua moral, que saibam dar estimulo á iniciativa particular e promover o andamento dos trabalhos publicos com tanto patriotismo, visando com acerto as medidas necessarias ao nosso desenvolvimento, não teremos que receiar do nosso futuro. Seremos uma grande nação, prospera e respeitavel.

S. Luiz, novembro de 1904.

Araujo Costa.

A Revista do Norte

Anno 4

Maranhão, 16 de Novembro de 1904

Num. 78



Gonçalves Dias

(BUSTO OFFERECIDO PELO ESTADO DO MARANHÃO AO GENERAL JULIO ROCA,
PRESIDENTE DA REPUBLICA ARGENTINA)



A GLORIFICAÇÃO DE GONÇALVES DIAS—ORGANIZAÇÃO DO CORTEJO NA PRAÇA JOÃO LISBOA—Phot. amador J. Faria.

O indianismo de Gonçalves Dias

A individualidade belletrística de Antonio Gonçalves Dias enquadra-se na segunda phase do romantismo brasileiro.

A primeira, toda religiosa e elegiaca, fôra abeberar-se nos acordes tristes das *Meditações* de Lamartine. Deus e a Alma eram os themas predilectos das divagações dos poetas. Adorar as grandezas do primeiro e chorar as desventuras da segunda, eis ahi o officio dos que empunhavam uma lyra. Domingos de Magalhães foi o creador dessa escola que veio depois asphixiar-se na imitação servil do seu primitivo inspirador.

A segunda phase, aberta sob o patronato mental de Chateaubriand e de Cooper, aproximou-se mais das coisas terrenas, relegando para plano secundario a religiosidade doentia e o exagerado mysticismo da primeira.

A revolução romantica encaminhava-se para ideaes mais sadias e mais uteis, emergindo das oscillações dolorosas da duvida e das nebulosidades estereis da tristeza. O trabalho dos pensadores allemães, buscando num esforço unico congraçar as entidades intellectuaes e as realidades physicas para a conquista soberana da verdade, começava a ganhar proselytos e seduzir espiritos. Os phenomenos da vida attrahiam as intelligencias estudiosas, não mais na abstracção vaga que os representava, mas na sua propria existencia intima. A curiosidade mental já se não saciava na contemplação extactica dos dogmas e dos mythos, buscava divulgar o sentimento religioso por detraz

dos primeiros e a belleza poetica por detraz dos segundos. Francisco Bopp, fundando a philologia comparada, rasgava horisontes novos ás pesquisas do espirito humano. A ethnographia e a linguistica, regeneradas pelas investigações do sabio allemão, começaram a revelar maravilhas de cuja existencia até então nem sequer se suspeitava. Uma intuição, vaga a principio, mas que depois se foi rapidamente confirmando, gerava no espirito dos homens a consciencia de que o seu passado recuava para muito alem das pyramides magestosas dos Pharaós, da montanha sagrada de Sião e da reluzente Acropole de Athenas. E inesperadamente, numa ensecação brusca e vivida de vetustez e de grandezza, a India surgio, maravilhosa e ancestral, offertando, como um campo farto á avidez intellectual da Europa, o mysterio imponente dos seus templos, a riqueza incalculavel das suas theogonias e as joias raras da sua literatura. Por essa direcção enveredou a actividade febril dos sabios, dos historiadores, dos linguistas e dos ethnographos, tentando estabelecer com segurança o parentesco intimo que ligava esse mundo recém-descoberto a esse outro já conhecido, sobre o qual vinham trabalhando, desde os albores da Renascença, a imaginação e a sciencia dos grandes belletristas e eruditos europeus.

Simultaneamente e como subsidio a esse grande trabalho commum de pesquisa das origens geraes da civilisação, os espiritos cultos dos diversos paizes do Occidente, circumscrevendo a esphera das suas investigações, buscavam trazer para a luz a vida intima dos seus primitivos habitantes, as crenças, os costumes e as ceremonias das populações anonymas



A GLORIFICAÇÃO DE GONÇALVES DIAS—ORGANIZAÇÃO DO CORTEJO NA PRAÇA JOÃO LISBOA.—Phot. amador J. Faria

que na penumbra longinqua das suas origens historicas se agitavam. E sobre esse fundo novo e virgem a imaginação dos seus poetas de genio se veio exercitar, nelle collendo themas para as suas idealizações artisticas.

Foi mais ou menos neste momento historico que se começou a exteriorisar o genio de Gonçalves Dias.

Aparelhado por uma larga cultura classica, o poeta maranhense quiz acompanhar a grande corrente mental do seu tempo. Olhou para as origens da sua patria—trabalho aliás facilimo, porque apenas tres seculos haviam transcorrido da descoberta—e nellas apenas viu o indio.

Não buscou ventilar qual a contribuição d'esse contingente para a constituição ethnica da nossa nacionalidade, não tentou conhecer qual a parte que lhe coube na formação do nosso patrimonio leandario e tradicional; viu o indio espoliado pelo aventureiro portuguez e logo a sua infinita piedade de artista impellio-o para a reabilitação do vencido. Supprimindo, com os recursos inventivos da sua imaginação poderosa, a carencia absoluta de documentos por onde se pudesse com relativa segurança reconstituir a sua physionomia apagada, Gonçalves Dias cantou o indio, bordando sobre a trama desconnexa das lendas que a seu respeito corriam, fragmentos de poemas, admiraveis pela sua feitura artistica, pela compungida emoção que os anima, pelo largo sopro de altruismo que os vivifica, mas incontestavelmente falhos sob o ponto de vista ethnologico e historico.

Vae nesta observação uma censura ao poeta? De modo algum, porque o criterio que veio reduzir ao seu justo valor o contingente indigena na

formação do povo brasileiro é posterior á epoca em que viveu o vate maranhense.

Mas, mesmo que assim não fosse, bastava o talento estupendo com que Gonçalves Dias revestio os selvagens dos predicados que a sua compassiva generosidade de poeta e a sua immensa compaixão pelas hordas derrotadas lhe inspiravam, para lhe conferir o logar de honra que elle occupa na evolução geral da poesia brasileira. Foi poeta como nenhum outro antes d'elle o soubera ser, e quando, simultaneamente com o indio, cantou a natureza tropical, a magestade opulenta das nossas florestas, a doçura olympica de nosso ceu, o murmúrio cantante dos nossos regatos, e a corrente impetuosa dos nossos rios, soube emprestar aos seus versos uma vibração inextinguível de exactidão e de verdade. As suas produções poeticas constituem o mais rico patrimonio desse compartimento das bellas letras brasileiras, e justificavam, juntamente com os seus trabalhos de theatro, de ethnologia e de historia, o culto acendrado e profundo que lhe veem votando os seus patricios ha quasi meio seculo, culto que brilhantemente se exteriorisou nas ruidosas festas com que a 3 do corrente commemorou o Maranhão o quadragésimo anniversario da sua incorporação á vida subjectiva.

A *Revista do Norte* consagra o seu numero de hoje á memoria do poeta, gravando pela imagem alguns quadros d'essas festas, quicá das mais bellas que a capital do Maranhão tem visto. E aproveitando a occasião para envolver na sua homenagem os promotores da erecção do monumento que no Largo dos Remedios perpetua a effigie do poeta, insere tambem diversos excerptos do *Pantheon Maranhense* de Antonio Henriques Leal.



A GLORIFICAÇÃO DE GONÇALVES DIAS—ORGANIZAÇÃO DO CORTEJO NA PRAÇA JOÃO LISBOA—Phot. amador J. FARIA

DISCURSO PRONUNCIADO NA SESSÃO DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO MARANHÃO DE 7 DE JULHO DE 1865

«O sr. Joaquim Serra:

Senhor presidente, tomei para mim o encargo de ser quem n'esta casa venha esmolar a favor dos grandes homens da provincia (*Movimento de attenção*).

Tem-me sido tão facil quão honrosa esta tarefa; facil porque encontro sempre predispostos para o bem os animos generosos dos dignos maranhenses que illustram esta corporação; honrosa porque ella nobilita aquelle que se constitue o promotor de um acto tão resplendente de justiça.

Bem longe já vão os dias em que os contemporaneos deixavam que succumbissem á mingoa e ao abandono aquelles que mais illustravam a terra onde tinham o berço.

Este seculo, reparador das injustiças preteritas, tem saldado as dividas que as nações guardavam em aberto para com os varões assignalados que as distinguiram, e tem ensinado que para certos vultos preeminentes a posteridade começa-lhes ainda em vida.

O funeral de Beranger por entre os soluços da França inteira, o jazigo de Byron nas cegas de Westminster, a apothese annual que a Allemanha celebra em honra de Schiller, bem mostram que o reconhecimento das nações veio substituir o ingrato esquecimento, que tanto as affeiava.

O anno passado, d'este mesmo logar, pedi um auxilio para Odorico Mendes; uma outra vez ergui-me supplicando igual favor para João Francisco

Lisboa; hoje venho impetrar d'esta casa o quinhão, que deve caber em partilha a um outro filho tão dilecto como esses dous, genio o mais caracteristico e original entre as sumidades maranhenses.

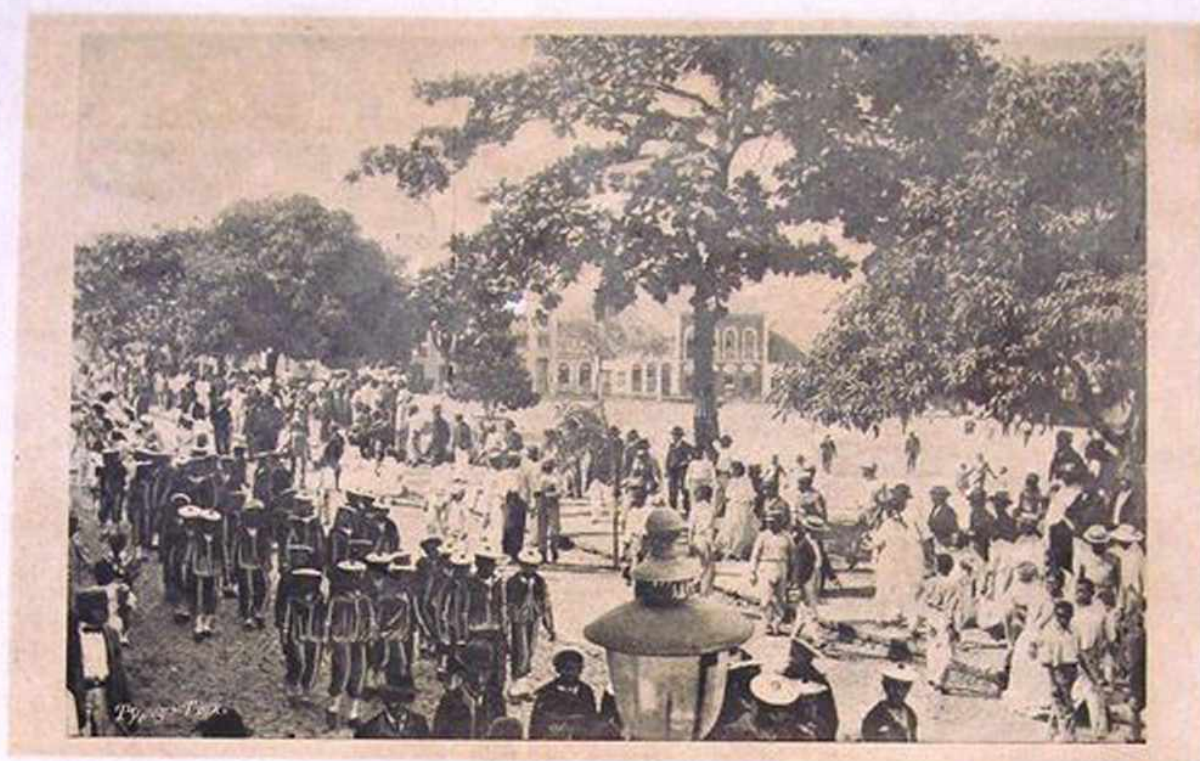
Aquelle que nos deu os memoraveis cantos que fazem a glória do Brasil; que nos patenteou os rudes mysterios das sagradas tabas dos nossos aborigenes; que evocou as sombras magestosas dos selvaticos habitantes das nossas mattas—Gonçalves Dias, em summa, é aquelle que hoje deve receber de vós o premio, que reservastes para os filhos de eleição d'esta bella provincia que representamos. Fazer o elogio de Gonçalves Dias é um pleonismo inutil e banal. Elle nos deu tanto que comparando-se o donativo com o pouco a receber, quasi nada ter-lhe-hemos dado.

Quem mais sublime e arrojado se ergueu ás regiões da poesia, do que o peregrino cantor que firmou o edificio da litteratura brasileira? Elle possuia todos os encantos e seducções que o talento descommum sabe buscar para o seu adorno. Morreu sem deixar herdeiros de seu genio, sem collateraes que lhe disputassem a herança.

Outros poderão vir que cantem com admiravel gentileza, porém nenhum mais ha de cantar assim.

Trata-se de erigir, em uma das principaes praças d'esta capital, um monumento, que atteste aos vindouros que os grandes homens da patria não colheram n'ella o indifferentismo. Esta provincia, que é mãe, deve abrir os seus cofres e inscrever-se como a primeira em lhe prestar o culto do seu amor.

Eis o que peço no projecto que acabei de ler;



A GLORIFICAÇÃO DE GONÇALVES DIAS—O CORTEJO NO LARGO DO QUARTEL—Phot. amador J. Faria

para que quando se fallar da legislatura de 1864 a 1865, se possa dizer, que se dentro d'esse biennio a provincia perdeu os seus mais importantes filhos, elles foram chorados e commemorados de uma maneira digna d'elles e digna de nós.

Vozes:—*Muito bem, muito bem.*

—Vae á mesa e é lido o seguinte projecto, o qual, a requerimento do author, é dispensado dos interstícios da leitura, afim de ir a imprimir:

«A assembléa provincial resolve:

«Artigo 1.º Fica o governo authorisado a gastar até a quantia de 10:000\$000 reis, auxiliando a construção do monumento que se vae erigir á memoria do cidadão Antonio Gonçalves Dias.

«Artigo 2.º Ficam revogadas as disposições em contrario.

«Maranhão, 5 de Junho de 1865».

Inauguração da estatua de Gonçalves Dias

A 7 DE SETEMBRO DE 1873

Poucas festas tem tido o Maranhão como a da inauguração do monumento do grande poeta.

Foi no dia 7, ás 5 horas da tarde, que teve lugar a magestosa cerimonia, assistida por numerosissima multidão, que enchia a vastissima praça, em cujo centro ergue-se o monumento.

Desde a vespera, ainda velada a estatua, já começava o monumento a ser visitado e saudado por numerosas pessoas. Entre os grupos de visi-

tantes distinguiram-se dous que eram acompanhados de excellentes musicas que por muito tempo ali estiveram tocando.

Ao romper da aurora de 7 foi a musica dos Educandos tocar a alvorada junto do monumento, e ao nascer do dia via-se a praça toda empavesada, fluctuando no alto dos mastros a bandeira nacional, tres elegantes coretos para as bandas de musica e um pavilhão para o acto da inauguração, o pedestal do monumento tendo em todos os degraus vasos com flores, e cingido por festões de murta entretrecida com flores naturaes.

A's quatro horas da tarde começou o povo a affluir, e numerosos carros de aluguel, comboios successivos da companhia ferro-carris traziam centenaes de pessoas. Em pouco tempo estava a praça cheia. O 5.º batalhão estendia-se em linha defronte da estatua, e formavam em ala outros dous lados de um immenso quadrilongo o corpo de Educandos Artifices. No meio da multidão viam-se collegios de meninos com seus directores, e senhoras e cavalheiros de todas as gerarchias, etc.

A's cinco horas em ponto, estando no pavilhão os exms. srs. presidente da provincia, governador do bispado, presidente e vereadores da camara municipal, senador Vieira da Silva, dr. chefe de policia, chefes das repartições, a commissão da praça, e as commissões representantes de diferentes associações, deu-se principio a cerimonia, lendo o sr. José Manoel Vinhaes o discurso inaugural escripto pelo sr. dr. A. Henriques Leal, o qual já publicamos e está inserido no auto, abaixo transcripto.

Dirigiram-se depois para junto do monumento,



A GLORIFICAÇÃO DE GONÇALVES DIAS—O CORTEJO NA RUA DOS REMÉDIOS—Phot. amador J. Faria

e alli tomando os srs. presidente da provincia e o da camara, senador Vieira da Silva, como representante do Instituto Historico, e J. M. Vinhaes os cordões das bandeiras nacionaes, que velavam a estatua, a descobriram.

Foi um quadro arrebatador o que então se apresentou. Uma massa enorme de povo, cheia de vida e animação, dirigia as vistas para a nobre figura do poeta, e respeitosa descobria-se, o 5.º batalhão apresentava armas, tocavam o *hymno a Gonçalves Dias* as bandas de musica, o estrepito de numerosas girandolas de foguetes soltas diante do monumento e de todas as praças e muitas ruas da cidade atroavam os ares, salvavam os fortes, repicavam os sinos, milhares de avulsos contendo discursos e poesias eram lançados ás turbas de todos os pontos do largo e até das torres da igreja, e ao mesmo tempo distribuíamos em toda a cidade e em grande cópia no largo uma folha dedicada á memoria do poeta, contendo a maior parte dos discursos e poesias que tinham de apparecer n'aquella occasião. Póde, pois, dizer-se sem exageração que a saudação ao poeta foi levantada pela cidade em péso.

Diminuindo o ardor d'esta primeira saudação, voltaram ao pavilhão o sr. presidente da provincia e mais pessoas que n'elle anteriormente se achavam, e começaram a ser recitados os discursos e poesias.

Fallou em primeiro lugar o sr. presidente da camara municipal, cujo discurso já publicámos e está transcripto no auto da inauguração, e em seguida o sr. dr. Gentil Braga, por parte da commis-

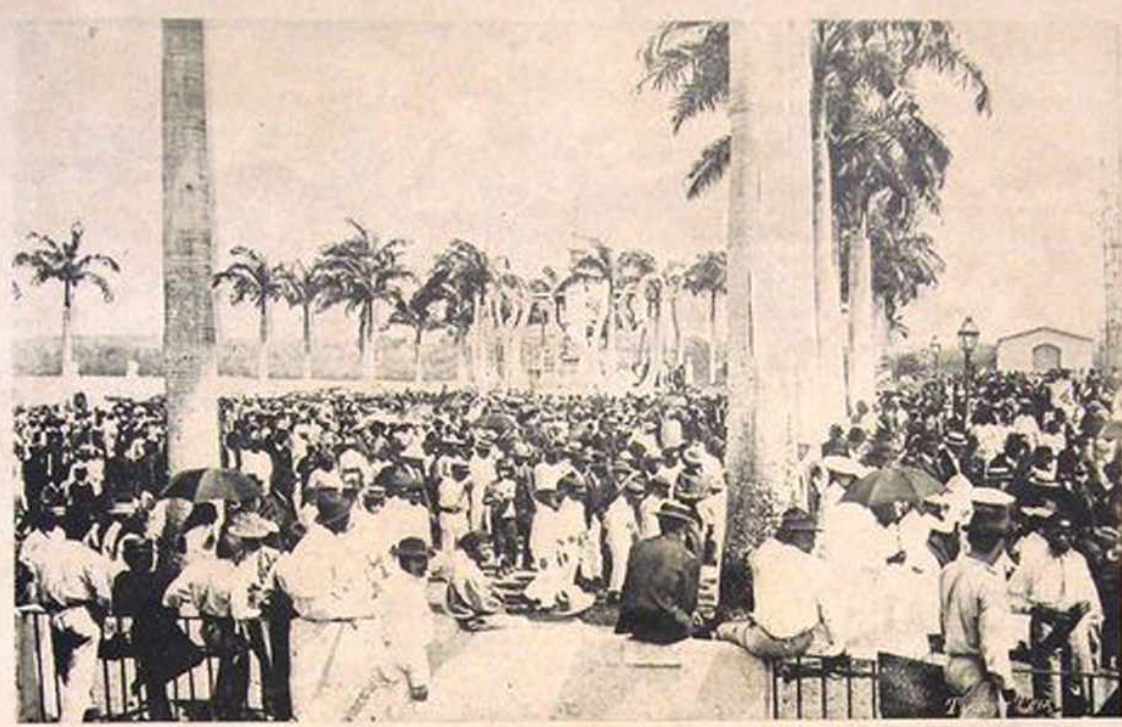
são da estatua. Seguiram-se outros discursos e poesias, todos applaudidos com enthusiasmo, principalmente uma poesia do sr. capitão Caliope, distinctissimo official do exercito, a qual abaixo publicámos. Recitou-a o seu author com todo o fogo da inspiração com que a produziu, e o gesto e a voz, harmonisando-se perfeitamente com o elevado pensamento, foi magnifico o effeito, merecendo o poeta as calorosas felicitações que lhe foram dadas.

Todos os discursos e poesias de que só tivemos cópia na occasião da inauguração vão em seguida, ficando assim com os que se acham na folha distribuida n'aquelle dia completa a publicação de todas as produções que então appareceram.

Concluida a leitura d'essas produções, leu o sr. secretario da camara o auto da inauguração, que foi assignado em primeiro lugar pelo exm. sr. presidente da provincia, governador do bispado, presidente e vereadores da camara, dr. chefe de policia, commissão da estatua, commissões das associações e as authoridades que ali se achavam. Assignaram todos com a riquissima pena de ouro, feita expressamente para esse acto, e que pela commissão da estatua vae ser offerecida ao sr. dr. H. Leal.

O sr. presidente antes de retirar-se dirigiu algumas palavras de louvor áquelles que se esforçaram para que o monumento fosse realisado, e levantou diversos vivas, que foram entusiasticamente correspondidos.

Terminado o acto, continuou a praça cheia de povo e continuava a apresentar a rua dos Remedios curioso aspecto; numerosos carros e bonds



A GLORIFICAÇÃO DE GONÇALVES DIAS - ASPECTO GERAL DA PRAÇA GONÇALVES DIAS - Pict. amador J. Faria

cruzavam-se em todos os sentidos, e cobria-a imensa multidão, que substituiu-se em continuo fluxo e refluxo.

A' noite illuminaram-se todas as casas da praça e algumas da rua.

A's oito horas, pouco mais ou menos, os caxienses, reunidos no largo do Carmo, tendo á frente uma banda de musica, dirigiram-se ao largo dos Remedios para tributarem particular homenagem á memoria do seu conterraneo. Chegando a praça postaram-se defronte da estatua do seu cantor, e foram lidas tres allocuções, uma do sr. dr. Frederico José Correia, outra pelo sr. dr. Cesar Marques e outra por um joven caxiense, o sr. Luiz de Lima Sá, e por ultimo o sr. José J. Pereira dos Santos levantou estes vivas, que foram freneticamente acompanhados: *Gloria a Gonçalves Dias, Gloria ao poeta! Gloria ao plebeo vale caxiense!*

Dirigiram-se finalmente os caxienses á casa do sr. Joaquim Marques Rodrigues, onde se achavam alguns membros da commissão da estatua, e fazendo-se representar por tres de seus conterraneos agradeceram á commissão os serviços pela mesma prestados.

Eram quasi onze horas da noite; já a praça tinha menos gente e parecia terminada a festa.

Magnifico era o luar, a maré cheia beijava as verdes margens do Anil, os grupos de passeantes, que se haviam demorado, gosavam a doce brisa que soprava do lado do rio. O scenario era para inspirar o mais desilludido poeta.

N'isto viu-se um grupo numeroso de meninas todas vestidas de branco, entrarem na praça e dirigirem-se para o monumento.

Formadas na frente da estatua, vinham duas a duas depôr ramalhetes nos degraus do monumento, no throno do poeta-rei. Ao mesmo tempo ouviavam-se os melodiosos accordes de uma musica suavissima executada por habilissimos professores, e que acompanhava a *Canção do Exilio*, cantada por aquelles anjinhos.

Profundissima, indescritivel, foi a impressão causada por esta scena, assistida com todo o recolhimento, parecendo que cada um temia que a propria respiração a interrompesse e fizesse perder uma só nota da inspirada composição.

«Presenciou-se então, escreve um talentoso cultor das lettras, a verdadeira apothese do genio. Os pallidos clarões da veladora lampada nocturna estavam a denunciar-nos que era emfim chegado o momento dos sonhos e mysterios, porque aquella hora,

«hora em que voam as fadas
«soltas as tranças douradas
«das campinas perfumadas
«por sobre o floreo matiz,

um bando de anjinhos, esplendidos e candidos como a branca plumagem das garças, veio laurear o vate excelso, enchendo de ramalhetes odoríferos o pedestal marmoreo da sua estatua magestosa!

«Durante esta arrebatadora scena que a todos enchia de indisivel satisfação, maviosas harmonias eram pelas auras balsamicas trazidas a nossos ouvidos, e a nossa imaginação transportava-se a ponto de ouvir n'ellas o canto dulcissimo das sereias que



A GLORIFICAÇÃO DE GONÇALVES DIAS—CHEGADA DO CORTEJO À PRAÇA GONÇALVES DIAS—Phot. amador J. Faria

lá nos Atins guardam o sepulchro ingente do primeiro brasileiro».

Offerecidas as flores, veio uma respeitável senhora, em cujo semblante transpareciam as nobilissimas qualidades de seu coração de ouro, e por sua vez depositou uma corôa de louros, atada por um riquíssimo laço em que se liam estas palavras—*O collegio de Nossa Senhora de Nazareth á memoria de Gonçalves Dias*.

Aquellas meninas eram as alumnas do collegio de Nossa Senhora de Nazareth, e esta senhora sua distincta directora a exma. sra. d. Rosa Laura Parga Nina.

Se a alma do poeta baixou n'este dia á terra ou lá do céu contemplava esta festa, nada podia ser-lhe mais grato do que o tributo d'aquellas innocentes virgens, d'aquellas innocentes meninas, verdadeiros anjos terrestres.

A musica foi composição do sr. L. Raiol, joven e talentoso artista, que n'este dia não quiz deixar de render um preito de homenagem áquelle laureado artista, sublime mestre da mais sublime das artes.

Pedi a offertante a um dos membros da comissão da estatua, que se achava presente, e a quem offereceu um bouquet de flores naturaes, gratissima recompensa dos serviços que prestou, que guardasse a corôa para ser remettida ao sr. dr. H. Leal.

E assim por esta fórma brilhante, devida á feliz lembrança da exma. sra. d. Rosa Nina e do sr. L. Raiol, terminaram os festejos da inauguração

do monumento levantado ao primeiro filho d'esta terra, ao primeiro poeta nacional—a Antonio Gonçalves Dias.

AUTO DE INAUGURAÇÃO SOLEMNE DA ESTATUA DO POETA ANTONIO GONÇALVES DIAS

Aos sete dias do mez de setembro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e setenta e tres, na cidade de S. Luiz do Maranhão e largo dos Remedios, em cujo centro achava-se erigido o monumento á memoria do poeta Antonio Gonçalves Dias rematado pela estatua do mesmo velado por bandeiras nacionaes do imperio do Brasil, foram presentes as authoridades civis e ecclesiasticas, os representantes da provincia residentes na capital, os chefes das repartições publicas, as commissões representantes de associações commerciaes, industriaes e beneficentes, os redactores de jornaes, homens de letras e outras pessoas.

Sendo cinco horas da tarde dirigiram-se para junto do monumento—a comissão nomeada pelo dr. Antonio Henriques Leal para presidir a esta solemnidade, o presidente da provincia, o exm. sr. dr. Silvino Elvidio Carneiro da Cunha, o da camara municipal, major Alexandre Collares Moreira, o governador do bispado, arcebispo dr. Manuel Tavares da Silva, e mais pessoas presentes, e ali leu o sr. José Manuel Vinhaes, procurador do dr. Henriques Leal, para represental-o na construção do monumento e solemnidades a elle concer-



A GLORIFICAÇÃO DE GONÇALVES DIAS — O CORTEJO JUNTO À ESTATUA
PHOT. AMADOR A. SEVERO

nentes, o seguinte discurso inaugural enviado de Lisboa.

«Senhores, descubramo-nos e curvemos respeitosos as fronteiras ante a estatua do sublime poeta cuja immensa e imperecível glória irradia esplendorosa por todo o imperio do Brasil; d'esta estatua que se nos mostra com todo o seu brilho artistico illuminado pelo sol americano. Enchamo-nos do mais justo orgulho não só por possuir esta bella cidade um monumento, senão por ser o primeiro que se levanta no Brasil a expensas e esforços particulares. O estrangeiro que aportar a nossas plagas contemplará de longe este testemunho da nossa homenagem ao genio poetico.

«Traçar o elogio do creador da poesia nacional é ocioso quando o proclamam com eloquencia e bem alto seus escriptos, os *Tymbiras*, e seus immortaes *Cantos*. E demais, não me é dado coordenar idéas; que me combatem n'este momento o espirito e embaraçam-me a penna tantos e tão oppostos sentimentos—de intima satisfação e extraordinario contentamento pela realisação d'esta idéa por que lido desde o infausto dia 3 de novembro de 1864, que é de todos nós, e de que fui apenas humilde interprete; e de saudades d'essa terra querida, que trago sempre no coração e na memoria; pungindo-me ellas amargamente agora mais que nunca.

«Abi tendes essa divida de gratidão paga por nós, coetaneos, ao genio da poesia brasileira, não consoante os meritos, o valor litterario, e o patriotismo de Antonio Gonçalves Dias, nem á medida de meus desejos, que, mercê de Deus e da coadjvação de meus patricios e benevolos estrangeiros, levaria de certo ao cabo, se a cruel enfermidade que me traz ausente da patria ha mais de cinco annos me não frustasse os planos; mas consola-me ao menos a idéa de que a posteridade é para Gonçalves Dias de hontem, fazendo quasi nove annos que esse astro fulgurante mergulhou-se para em-

pre nas aguas do oceano, que lhe serviram de tumulo!

«A vós, habitantes da cidade de S. Luiz do Maranhão, e com especialidade aos illustres membros da sua municipalidade, dirijo-me por derradeiro: minha missão termina hoje, e a vossa, muito mais importante e delicada, vem substitui-la; poisque vos cumpre zelar pela conservação d'este monumento, que é agora propriedade da provincia e deposito nacional que importa ser guardado com toda a veneração e acatamento, como estimulo perenne, que é, a instigar as gerações vindouras para que trilhem desassombradas as sendas, que conduzem á gloria e á immortalidade».

Terminado este, os srs. presidente da provincia e da camara municipal, José Manuel Vinhaes, representante do dr. Leal, iniciador e promotor da idéa do monumento e senador dr. Luiz Antonio Vieira da Silva, representante do Instituto Histo-

rico, tomaram os cordões das bandeiras nacionaes que occultavam a estatua e a descobriram. Apresentou armas o 5.º batalhão de infantaria que fazia as honras militares, salvaram os fortes, repicaram os sinos de todos os campanarios, subiram ao ar numerosas girandolas de todas as praças, e todas as bandas de musicas reunidas tocaram o hymno composto expressamente para este acto pelo sr. Francisco Libanio Colás.

Acto continuo, leu o seguinte discurso o sr. presidente da camara, recebendo o monumento e agradecendo em nome da provincia o serviço prestado pelo dr. Leal:

«Srs. membros da commissão encarregada de dirigir o monumento ao dr. Antonio Gonçalves Dias:—E' para mim motivo de justa glória ser o interprete do jubilo d'esta cidade por ver realisação o monumento do grande poeta. A divida que hoje paga o Maranhão era uma divida nacional, porque Gonçalves Dias não honra só a sua terra natal, porém a todo o Brasil.

«A camara municipal d'esta cidade, recebendo este monumento, não pôde deixar de dirigir um voto de louvor, expressão do reconhecimento nacional, ao dr. Antonio Henriques Leal, a quem se deve a realisação do grandioso pensamento por elle concebido e desenvolvido; e tambem agradece a todos, nacionaes e estrangeiros, que por qualquer forma o auxiliaram e contribuíram para que a estatua do grande cantor do alto d'aquella columna possa attestar ás gerações futuras a gratidão de um povo coetaneo áquelle, cujos *Cantos* lhe serão padrão de eterna glória.

«A cidade do Maranhão assignalará entre os seus primeiros dias este em que se inaugura a estatua do immortal poeta.

«E a camara municipal, á qual tenho a honra de presidir, congratula-se com a digna commissão que dirigiu as obras do monumento pelo cabal des-

empenho que deu a tão honrosa tarefa. Possa este tributo de homenagem ao primeiro poeta nacional servir de estímulo aos que trabalham para opulentar as letras patrias, ou, por outra qualquer forma, para glória e engrandecimento do Brasil».

Foram depois lidos um discurso do dr. Gentil Homem de Almeida Braga, por parte da comissão encarregada de presidir a esta solemnidade e outros dos relatores de diversas comissões, assim como numerosas poesias, sendo uns e outros distribuídos em avulsos e publicados em uma folha do jornal *Paiz* dedicada á memoria do poeta. Encaminhando-se o prestito para a tribuna levantada junto ao monumento, foi ali lido e assignado pelas pessoas presentes este auto, sendo ao mesmo tempo extrahidas duas copias authenticas, uma para ser remettida ao Instituto Historico Brasileiro, e outra ao dr. Antonio Henriques Leal, devendo ficar este livro guardado no archivo da municipalidade.—Eu, Antonio José da Silva Sá, secretario da camara, o escrevi e assigno.—Antonio José da Silva Sá.

Foram membros de comissões que representaram diversas sociedades na inauguração do monumento de Gonçalves Dias os srs.:

Comissão da Praça

José Joaquim P. dos Santos,—P.
José Pedro Ribeiro,—S.
Antonio Justiniano de Miranda,—T.
Domingos Theotônio Jorge de Carvalho.
Jeronymo José Tavares Sobrinho.
Franklin Jansen Serra Lima.
Luiz Manuel Fernandes.

Instituto Historico e Geographico Brasileiro

Senador Luiz Antonio Vieira da Silva.
Dr. Cesar Augusto Marques.

Gabinete Portuguez de Leitura

João Marques da Silva.
Manuel de Figueiredo Couto.
Francisco Fernandes Junior.
Domingos Ennes Pereira.

Associação Typographica Maranhense

Antonio Joaquim de Barros Lima,—Relator.
Manuel Francisco Vianna Pires.
Antonio Justino de Mesquita.
João Francisco Bezerra de Menezes.
José Theodoro da Silva e Sousa.

Sociedade dos Caixeiros

Mariano P. Alves,—Relator.
José de C. Smith.
Francisco Carneiro Junqueira.
Pedro José da Silva Pereira.
José Joaquim F. de Carvalho.

Sociedade dos Ourives

João Marcellino Romeu,—P.
Raymundo Nonato Romeu,—S.

Felippe Thiago Borges de Queiroz.
Joaquim Ferreira Rabello.
José Honorato de Menezes.

Sociedade Manumissora 28 de Julho

Dr. Tolentino Augusto Machado,—Relator.
Dr. José Gaune.
Luiz Claro Serra.

Harmonia Maranhense

Fernando R. do Carmo e outros cujos nomes não nos foram dados.

ALLOCUÇÃO PROFERIDA POR OCCASIÃO DE SER INAUGURADA A ESTATUA DE GONÇALVES DIAS A 7 DE SETEMBRO DE 1873

«Estão cumpridos os nossos votos; a estatua do nosso grande poeta acaba de ser inaugurada, solvendo-se d'este modo a divida de gratidão em que se achava este povo para com aquelle homem. Quem tanto se elevou quando vivo entre os seus compatriotas a esforços do seu immenso trabalho, ao influxo do seu bellissimo talento, bem merecia estar hoje collocado em alto pedestal entre os que o cercam, não para lhe ouvir a palavra harmoniosa e inspirada, que a seus labios poz o eterno selo a mão da morte, mas para lhe sagrar a memoria na representação duradoura do granito, entrelaçando nos fustes e no capitel de uma columna os raios esplendidos da glória e as flores sempre vivas da saudade.

De hoje em diante devemos todos sentir o coração menos captivo; já o não oprime o cuidado, antes já o perfuma do seu delicadissimo consolo o bafejo da consciencia na gratidão popular. Justo era que rendessemos tributo ao maior apostolo que nos pregava a religião da arte, e prestassemos esta homenagem á magestade do inspirado poeta.

Não lhe provinha a realza da vontade de um povo, nem de um artigo de constituição ou lei humana. Recebeu-a elle das mãos de Deus; fê-la resplender entre os homens, subindo na terra á mais elevada posição, que ise pode subir. Servia-lhe de corôa a aureola refulgente, que ornou a fronte de Homero; tecia-lhe o genio a roçagante purpura; alvejava-lhe o arminho o raio de luz complexa do seu ormosissimo talento.

Magestade eleita pela propria natureza, subditos lhe foram todos os que leram seus maviosos cantos, ouvindo num trecho dos seus versos immortaes, o mais fugitivo som da fama de seu nome.

Poesia, história, litteratura e linguística—tudo se amoldou ao seu genio e foi por elle cultivado. A obra nos ficaria acabada e perfeita, se a morte no laço da rede impia o não colhesse tão cedo, quando elle então se achava no periodo de maior robustez do seu talento; mas, é bastante o que d'elle nos ficou para lhe eternisar o nome. Lavra-lhe um magnifico florão a epopéa indigena por elle creada, e os cantos inspirados do seu delicado lyrisimo não encontram rivaes na doce lingua, que é tambem a nossa, mais harmoniosa talvez depois que atravessou o oceano e veio n'este mundo novo



A GLORIFICAÇÃO DE GONÇALVES DIAS—ASPECTO DA
RUA DOS REMÉDIOS—Phot. amador A. Severo

reflectir em si a luz de um ceo diverso, modificando-se ao som da brisa dos palmares, ás vozes consonas da nossa esplendida natureza, ou nas montanhas e nas campinas extensissimas do sul, ou nas florestas verdejantes e nos caudalosos rio do norte.

Nascido sob as auras ardentes d'este clima, em uma cidadesinha a beira-rio, apertada entre uns morros, que lhe estreitam o horisonte, e um manancial perenne de aguas, em vallerisonho onde sombreiam laranjeas em flor cobertos de quando em vez pelo véo denso das neblinas, ali começou o despontar brilhante do seu rico engenho, que em seguida passou a desenvolver-se em uma outra cidade a beira-rio também, cheia de seu valor historico e da profusão de sua sciencia, a saudosa filha do Mondego, ufana ainda dos brasões de Cidazunda, e para sempre celebre pelos amores de Ignez, que ali passaram.

Era differente o povo, mas irmão; era diverso o clima, porém sem as sombras nevoentas do norte-europeu; e ali posto a viver os melhores annos da sua vida, com o espirito voltado para o ceo da patria, que tem mais estrellas, para as nossas varzeas, que tem mais flores, para os nossos bosques, que tem mais vida, e para a nossa vida que é mais cheia de amores, d'aquella célebre cidade, e do seio d'aquella boa e amigagente voltou o inspirado poeta ao ninho seu paterno, rico de talentos e de esperanças para ser entre nós o verdadeiro creador de um novo mundo litterario.

Effectivamente o foi. O primeiro volume de versos com que veio á luz da publicidade attrahiu grandemente a attenção do nosso e do glorioso povo transatlantico, que falla a mesma lingua em que tão formosos versos foram escriptos. Entre nós subiu logo de p nto a popularidade do inspirado poeta, e de alem do oceano um grande talento unido a um grande caracter e a uma vastissima erudição, o sr. Alexandre Herculano, bateu palmas

a tão brilhante estreia, sagrando desde logo o apostolo das nossas letras.

Foi no periodo da expectativa e de adormecimento em que então se achava o nosso movimento litterario. Guardavamos ainda viva a lembrança das *lyras* de Thomás Gonzaga, poeta do periodo colonial—que não era nosso e que bem podia sê-lo, se mais desprendido da Arcadia; e d'entre os nossos poetas contemporaneos só se haviam popularizado o sr. Magalhães com algumas das bellissimas composições dos *Suspiros e Saudades*, o velho Odorico Mendes com o seu *Hymno á tarde*, sendo também estimados, porém em mais elevado circulo de homens de letras, o sr. Porto-Alegre, que tão grande reputação depois obteve, o sr. senador Firmino Rodrigues Silva por amor de sua *Nenia á morte de um moço de talento notavel*, o dr. Francisco Bernardino.

José Basilio e Santa Rita Durão, os primeiros que entre nós deram forma litteraria ao elemento indigena do paiz, viviam da memória dos seus poemas, e em ambos aquelle elemento foi pouco vivificado, porque só apparecia em descrições das scenas da natureza ou em episodios classicos, manifestando um sentimento, que é de todos os tempos e de todas as raças, e que já anteriormente havia sido symbolisado entre os pontos extremos dos Dardanellos nos fogos de Sestos e no tragico acabamento de Leandro, o louco amante de Hero.

D'este modo e em taes condições, o primeiro livro do nosso poeta ganhou logo o favor publico. Eram vozes que ainda não tinhamos ouvido, eram manifestações de sentimentos individuaes, que a todos aprazia ou enthusiasmava; era como que o resurgimento da vida de um povo por bem dizer extinto, de que nós não conservavamos a minima lembrança, mas que se erguia das sombras do passado a nos cantar os seus cantos de guerra, o phantastico da tradição receiosa da conquista, a nos pintar o seu estado da civilisação, a nos fallar, mas já em linguagem complexa, de tudo quanto haviam elles pensado e sentido.

Dahi por diante o trabalho encetado se foi completando até que em quadro de maiores dimensões o esboço já perfeito do elemento indigena mais se desenvolveu nos *Tymbiras*. Pena, grande pena que o artista não concluísse a tela.

O romance, postoque incompleto; o drama; a historiado povo extinto deram emprêgo ao seu talento. Mas, sobretudo nos cantos lyricos foi em que mais se elevou e distinguuiu, occupando mais que saliente lugar entre tantas composições delicadas e sublimes as *Sextilhas de frei Antão*, que eu peço licença para dizer que são no genero a que pertencem os melhores modelos em lingua portugueza.

Se tão alto se elevou pelo talento, não serei eu quem agora lhe levante a cortina dos infortunios. Que lhe não foi próspera a vida n'este mundo—todos o sabem; mas, que da glória eterna elle se adorna—todos o reconhecemos.

Pois viva entre nós na apothose d'esta estatua quem nem sequer teve a commum fortuna de possuir uma pedra para lhe cobrir os ossos. E não pequena é a nossa em lhe havermos pago tamanha divida, cabendo-nos ao mesmo tempo a glória de

ver nos relevos do pedestal da columna, que aqui está e aqui fica, os medalhões de um Gomes de Sousa, de um Lisboa, de um Odorico e de um Sotero. Poderão de ora em diante tirar-nos tudo, menos esta gratíssima sombra do portico de Athenas.

Devêra ter sido feita a 3 de novembro do anno passado, anniversario da morte do poeta, a cerimonia da inauguração a que hoje assistimos. Impediram que assim se fizesse algumas circumstancias imprevistas, que agora foram vencidas. Mas, não é o dia de hoje o menos proprio. Ao sol de setembro revive sempre em nossa memória o grito do Ipyranga; e com as recordações da nossa independencia bem podemos confundir as festas da apothese do nosso grande poeta, ensinando ás futuras gerações que, assim como soubemos conquistar a liberdade, honramos a memória dos talentos privilegiados, que Platão no sonho do ideal da republica coroava de flores, postoque injustamente os collocasse fóra dos limites da gestão dos negocios politicos.

Honremos, honremos todos ao altissimo poeta.

Gentil Homem de Almeida Braga».

Gonçalves Dias

(D'O Publicador Maranhense de Novembro de 1863):

Não menos digno de louvor se tem tornado o intelligente delegado supplente d'Alcantara, o sr. Capitão Francisco Caetano Martins, no zelo e actividade que tem desenvolvido nas indagações e procura do cadáver e bagagens do infeliz poeta, que desapareceu nas aguas do oceano no dia 2.

Mais de uma participação tem elle dirigido ao exm. sr. dr. Chefe de Policia interino sobre o assumpto, e hoje remetteu-lhe duas malas, que já estão no nosso poder e que vieram acompanhadas do seguinte officio, cuja publicação nos foi permittida com a melhor boa vontade pelo digno sr. dr. Braga.

«Delegacia de Policia de Alcantara, 20 de Novembro de 1864.

«Logo que fui entregue do officio de V. S. em que me ordena que fizesse pesquisas a ver se encontrava o cadaver do distincto dr. Gonçalves Dias e suas malas de viagem, bem como os salvados do *Ville de Boulougne*, dei as providencias necessarias, já fazendo recommendações aos subdelegados; já expedindo uma diligencia para as costas deste termo, a qual, indo um pouco tarde, nada achou a apreender. Neste entremetres, o subdelegado me participa que duas malas do dr. Gonçalves Dias haviam sido encontradas no lugar denominado—*Reli-ro*,—distante cinco leguas desta cidade, e julgando-me caber a gloria de achar os manuscriptos do eminente litterato, (o que não aconteceu) mandei-as logo buscar, e agora as remetto a V. S. com uma relação dos objectos n'ellas encontrados, e uma

conta das despesas feitas com conducções e carretos das malas e com a diligencia a que me referi.

«Note V. S. que os piratas de beira da praia não respeitaram objectos tão sagrados; arrombaram as malas e tiraram seguramente o que para elles tinha valor, e nem sequer poseram ao sol os livros, atlas e pamphletos, o que foi feito por mim. Vou dar outras providencias no intuito de fazer novas descobertas».

Ilhm. e Exm. sr. dr. Sebastião da Silva Braga,

Digno Chefe de Policia interino.

Francisco Caetano Martins

Supplente da delegacia em exercicio.

Relação dos objectos que contém as malas do falecido dr. Antonio Gonçalves Dias.

Contém a mala de couro o seguinte:

- 1—Sobrecasaco de panno fino.
- 1—Capote de panno fino.
- 1—Calça de casemira.
- 2—Coletes de casemira.
- 12—Camisas.
- 4—Ceroulas.
- 3—Lençoes brancos.
- 2—Pares de meia.
- 2—Lençoes uzados para pescoço.
- 1—Bonet uzado.

Contém a mala coberta de lona:

- 1—Atlas geographico.
- 1—Diccionario portatil das linguas portugueza e allemã.
- 1—Diccionario portatil das linguas portugueza e ingleza.
- 1—Volume da Historia da Litteratura Brasileira.
- 12—Volumes das Obras de Saint Simon.
- 1—Volume da Historia da Guerra do Peloponneso.
- 1—Volume de noticias biographicas e litterarias sobre Francisco Rabelais.
- 4—Volumes de corographia historica sobre o Imperio do Brazil, por Mello Moraes.
- 1—Volume da Historia, de Xenophonte.
- 7—Volumes de musica.
- 1—Volume de Preceitos sobre molestia de figado.
- 1—Volume de Historia Natural, por Guilherme Pinçon.
- 1—Volume sobre a Historia do Brazil, por Yrannes Mauriti.
- Folhetos desorganizados.
- 7—Massos de cartas.

Delegacia de Alcantara 20 de Novembro de 1864.

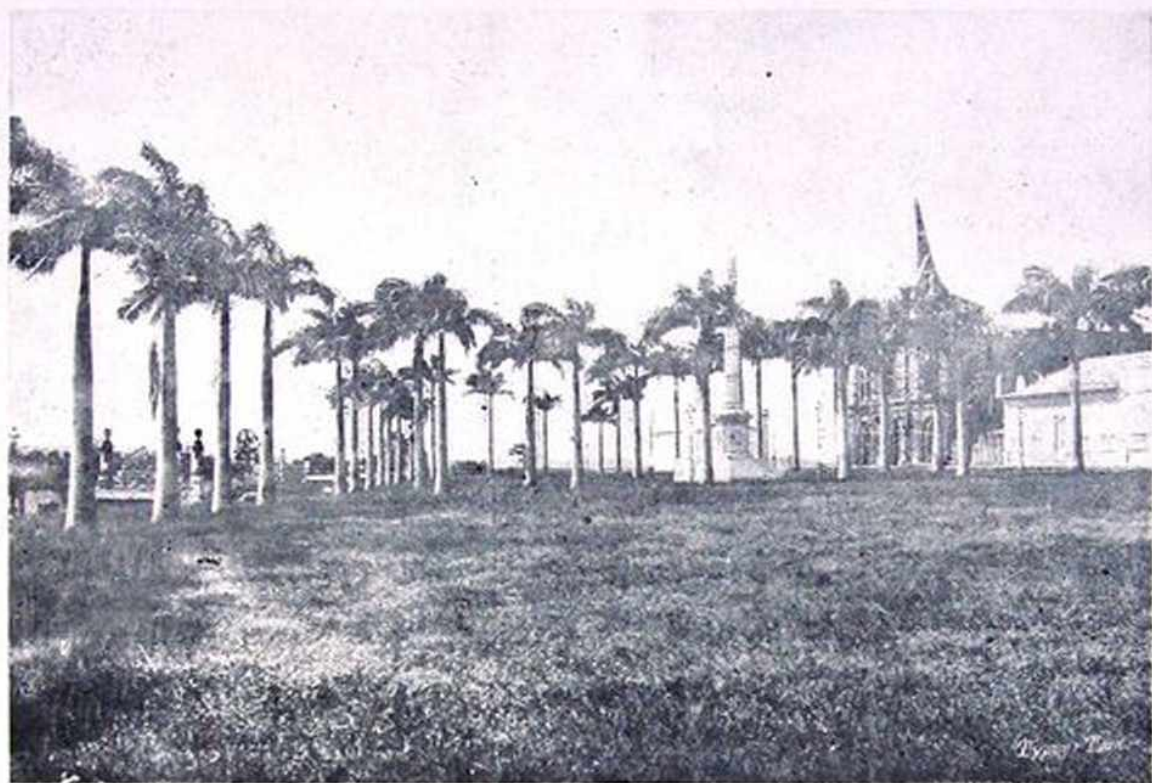
F. C. Martins.

A Revista do Norte

Anno 4

Maranhão, 1 de Dezembro de 1904

Num. 78



MARANHÃO—PRAÇA GONÇALVES DIAS

A expansão russa na Ásia

O tratado de Berlim de 1878, proclamando a independência das nacionalidades christãs da península dos Balkans, trouxe como consequencia uma transformação radical na politica externa da Russia.

O grande sonho da conquista de Constantinopla, acalentado por Catharina II e pelos soberanos que lhe succederam no throno da Russia, esvaiu-se como uma nuvem de fumo ante a opposição tenaz da Austria e da Inglaterra. A despeito da heroicidade de Tottleben em Plevna e dos extraordinarios esforços bellicos dos generaes russos contra as tropas aguerridas de Abd-ul-Hamid II, o Csar apenas conseguiu augmentar os seus domínios com uma estreita faixa de terra na Bessarabia

até ás bocas septentrionaes de Danubio e duas possessões irrisorias ao sul de Cáucaso, Kars e Batoum. A Inglaterra, estabelecendo-se na ilha de Chypre e a Austria guardando a Bosnia e a Herzegovina, arrancavam-lhe de vez a esperanza da aquisição futura de um porto no Mediterraneo ou no Adriatico.

Nesta desolada emergencia, as vistas dos Czares começaram a voltar-se para o Oriente. Se o sul da Europa lhes era trancado, o unico recurso que lhes restava para assegurar ao seu paiz os *debouchés* necessarios ao seu commercio era a Ásia. E a *Marcha para o Oriente*, a *Drang nach Osten* dos allemães, começou, das bordas do Mar Caspio ás praias do Oceano Pacifico. Bastava para semelhante fim iniciar ao inverso, as grandes correrias epicas dos Mongoes da Bandeira Azul de Gengis-Khan e de Tamerlão.

O terreno já se achava maravilhosamente preparado. A resistência dos montanheseiros do Caucaso fôra de ha muito vencida; o ultimo reducto dos insurrectos, nos rochedos de Gounib, cahira em poder das tropas do principe Bariatski, e a acção russa estendera-se triumphante por toda a bacia do Mar de Aral, na direcção do planalto de Iran e do Valle de Indus, até ás fronteiras do Afghanistan. O governor russo de Turkestan fôra constituído em 1868. Bastava apenas estender as suas conquistas um pouco mais para o sul para que o pavilhão russo tremulasse no alto do Pamir, ameaçando assim a fronteira septentrional da India ingleza.

E foi esse o trabalho dos successores de Alexandre II. Atravez de uma serie estupenda de victorias e de revezes, apoz uma campanha heroica contra os bandos de turcomanos que infestavam a Asia central, as armas russas escalaram o Pamir.

Os inglezes protestaram, incitaram secretamente contra os russos as populações do Afghanistan; houve mesmo um instante em que a guerra pareceu imminente entre as duas nações. Graças, porém, as tendencias pacificas de Alexandre III e de Gladstone, o conflicto terminou por uma delimitação das fronteiras, confirmada em 1895, partilhando o planalto do Pamir entre a Inglaterra e a Russia.

Simultaneamente a esse movimento de expansão para Asia central, um outro se estendia para aem da Siberia Oriental. O general Mouraviev explorava as costas do mar de Okhotsk, determinava as embocaduras do Amur, e apoderava-se pacificamente da margem esquerda do rio. Os chinezes apoz longas tergiversações, reconheciam á Russia, pelo tratado de Aigoun, a posse do territorio conquistado.

A esse seguiram-se outros tratados garantindo aos russos o direito de viajar e commerciar livremente no imperio chinês e estendendo por toda a costa occidental do mar do Japão até ás fronteiras da Coréa a provincia russa de Vladivostok, cujo nome indica *dominação do Oriente*, foi fundada nos confins da Coréa e da Mandchuria, em face do Japão. Em 1875 os Russos compraram aos Japonezes a ilha Saghalien, em troca das ilhas Kurilas. Por occasião da guerra russo-japoneza de 1894 a Russia melhorou a sua situação na Asia oriental pela cessão, por parte da China, de Porto Arthur e de Ta-Lien-Wan, e pela aquisição do direito de fazer passar um ramal do seu transiberiano atravez da Mandchuria.

E não ficarão ali de certo as ambições moscovitas. Um rapido golpe de vista pela carta da Asia oriental demonstra a parte que a Russia aspira na partilha futura da China. Uma linha, partindo do Pamir para ir terminar em Pekin, pelo Turkestan chinês e pela Mongolia, parece claramente indicar o dominio provavel da Russia nessas longinquas paragens.

Será isto apenas um sonho ou um facto de proxima realisação?

O resultado do actual conflicto russo-japonez o dirá.

MAXIMO DE SÁ.

A devise de 89

As revoluções como phenomeno politico são sempre o producto de um estado morbido da humanidade, uma especie de diathese do organismo social. Não escapa a esta lei a preconizada revolução de 89 onde, talvez mais do que nunca, se confirmasse o principio acima exposto.

Para julgar 89, basta apenas uma ligeira analyse da sua divisa, d'essas tres palavras sonoras, mas vãs, que ainda fazem as delicias das gerações novas e porisso mesmo entusiastas. Na trindade dos vocabulos—Liberdade, Igualdade e Fraternidade—define-se completamente a inanidade das aspirações revolucionarias, o nenhum conhecimento scientifico dos homens e das instituições, o delirio que os homens em estado de febre substituíram á razão fria do pensador que medita. Tomemos cada uma d'essas palavras de per si e vejamos se o conceito que encerram é applicavel ou não a uma sociedade qualquer que tenda á civilização.

Poucas palavras ha de que se haja feito abuso maior que a de liberdade: concepção de metaphysicos, tem descido das theorias philosophicas para o campo das sociaes; e se em philosophia ha conduzido á absurdos, em materia social não tem produzido menores desconcertos. O philosopho idealista, dando á vontade humana uma omnipotencia indemonstravel, faz da liberdade sua lei; o sociologista, imbuido de idealismo, acha que pode fazer della a base das instituições humanas. Quer um, quer outro, desconhecem, porem, este facto capital:—que a liberdade é uma illusão de uma porção de materia organizada e que a sociedade, aggrupamento de organismos, não pode possuir o que esses organismos não teem.

Nenhum pensador esclarecido dirá que é livre o tigre quando devora a presa, pois para lhe provar a liberdade seria necessario affirmar a possibilidade d'este carnívoro abster-se de carne, sem ruína organica para si. Da mesma forma o homem dotado de um temperamento especial, tendo certas aptidões, não é livre nas suas funcções physiologicas, determinadas simplesmente pelo organismo. Suas funcções sociaes são um prolongamento d'estas succedendo-lhes natural e fatalmente. Poderá portanto haver na consequencia o que não ha no principio? E' um contrasenso affirmar-o.

Tomemos uma sociedade qualquer e vejamos se é possivel applicar-lhe a formula da liberdade. Entende-se por esta o desempenho completo das funcções do individuo, como membro de uma collectividade social. Mas nas sociedades ha sempre conflictos das funcções de um individuo com as funcções dos outros; e em geral a collectividade restringe a esphera de acção do individuo. Nenhum homem é livre, ou antes não se lhe reconhece liberdade para matar seus semelhantes, pois a vida do aggregado social prima a do individuo. Pois bem, nos demais casos dão-se phenomenos identicos, o homem só faz de legitimo o que a collectividade quer; e, portanto, sendo a vontade d'esta que prima, onde a liberdade que só é admissivel entrando apenas em jogo a vontade d'elle? Quando se diz—Fulano é livre em praticar este acto

perque a sociedade não o reprovava, affirmava-se immediatamente a restrição que annula a liberdade. O costume, principal regra das sociedades, tyranno que nunca se destitua, é a negação completa da primeira palavra da formula de 89.

Aquelles que affirmam serem as restricções postas á liberdade uma necessidade, affirmam a legitimidade de todas as restricções, pois, partindo do principio de que convem em certos casos limitar a esphera de acção do individuo, legitimam que se a limite em absoluto, sempre que as circumstancias o exigirem. Se o homem só é livre em fazer o bem e sendo o bem essencialmente variavel, segue-se que a sua liberdade de hoje não é a de hontem e nem será a de amanhã, conforme o meio impuzer diferentes restricções. Ora uma liberdade que varia não pode ser erigida em principio politico de governo, nem é base estavel para instituições.

Não menos erronea é a segunda palavra da formula; não ha igualdade entre os homens, nem pode haver-a, quer physica, quer socialmente, pois a segunda seria uma injustiça não existindo a primeira. Cada homem traz á existencia o seu organismo peculiar, com suas aptidões, suas tendencias, seu maximo de energia e de força. Não podendo serem iguaes suas funcções physiologicas, dá-se necessariamente desigualdade nas sociaes. Um organismo privilegiado como, por exemplo, um Schopenhauer, não pode socialmente equiparar-se ao de um que desempenhar funcções inferiores, unicas compatíveis com a sua organização. O branco caucasiano que chegou á civilização, o aria, não se pode por na mesma plana que o hontentote. Ha entre elles um abysmo que todas as theorias igualitarias seriam incapazes de entulhar.

Mas, responder-nos-hão, a formula de 89 só diz respeito á igualdade perante a lei. Esta evasiva é facilmente respondível por simples supposição:—Imagine-se um tribunal em que se tem de julgar dois reus pelo mesmo crime. Um tem um passado honroso, foi útil á patria, quer derramando seu sangue no campo da batalha para defendel-a, quer enriquecendo-a nas lides da paz pelo seu trabalho; o outro tem um passado cheio de culpas, foi inutil, não prestou o menor serviço á humanidade de que sempre foi parasita. O crime é o mesmo: poderá ser igual a punição? Se o fosse, seria a igualdade perante a lei, mas seria ao mesmo tempo a injustiça.

Passemos á terceira palavra, a mais vasia das tres. Todos os homens são irmãos: devemos amar ao proximo como a nós mesmos. Mas isto seria o absurdo, a injustiça, a maldade levadas ao requinte. Pois então o homem de bem pode accusar consideravelmente seu irmão o perverso, o malvado, o facinoroso? Não n'o pode, nem n'o deve, pois a fraternidade, si fraternidade ha, apenas se limita aos individuos que com elle tem communidade de sentimentos. Pela mesma razão que ama a uns, é justissimo que odeie a outros; e é ante-moral exigir d'elle que fraternize com todos, isto é, que considere, como irmãos seus, individuos inferiores, prejudiciaes á collectividade social pelos crimes e faltas que commetteram. A fraternidade entendida em absoluto no genero humano seria o apagamento

completo da separação que existe entre a virtude e o vicio.

N'um estado ideal em que os homens fossem perfeitos, não sendo os organismos que nós conhecemos, seria esta formula uma cousa muito bella; mas entre nós é manifestamente absurda, tanto mais que, alem de haver nutrido nos espiritos aspirações delirantes, ha invadido o campo das manifestações litterarias, sendo objecto constante de amplificações rhetoricas, adaptadas ao enthusiasmo dos primeiros annos. O mal que tal formula ha feito á sociedade não é maior do que o que tem causado em litteratura, pois se constituições, se leis, se codigos, ha formulado anti-scientificos, tem tambem feito vir á luz não pequena quantidade de escriptos, de discursos e de livros. Tem sido uma cousa anti-social, anti-esthetica; e até o bello sexo ha com esta formula perdido. A facilidade dos costumes é o producto da primeira palavra da legenda applicada ás mulheres: o deformamento do tronco pelo espartilho e o adelgaçamento das cinturas, são a consequencia da segunda; e a perversão do sentimento que as leva em grande parte a não fazer distincções entre os homens é o resultado da terceira.

Nem a sociedade, nem a arte, nem a mulher, que é sempre o que ha de melhor na terra, lucraram com a devisa de 89.

JOSÉ MARIA.

Na Avenida

Todas as tardes, era cessar o trontonante e agudo ecoar dos silvos das fabricas, e, instantes depois, se achavam reunidos na Avenida Gomes de Castro diversos operarios da Cambóia e da Fabril ou Santa Izabel. Era o Lopes quem ordinariamente presidia as reuniões, dando-lhe tal direito o importante lugar que exercia na Fabril.

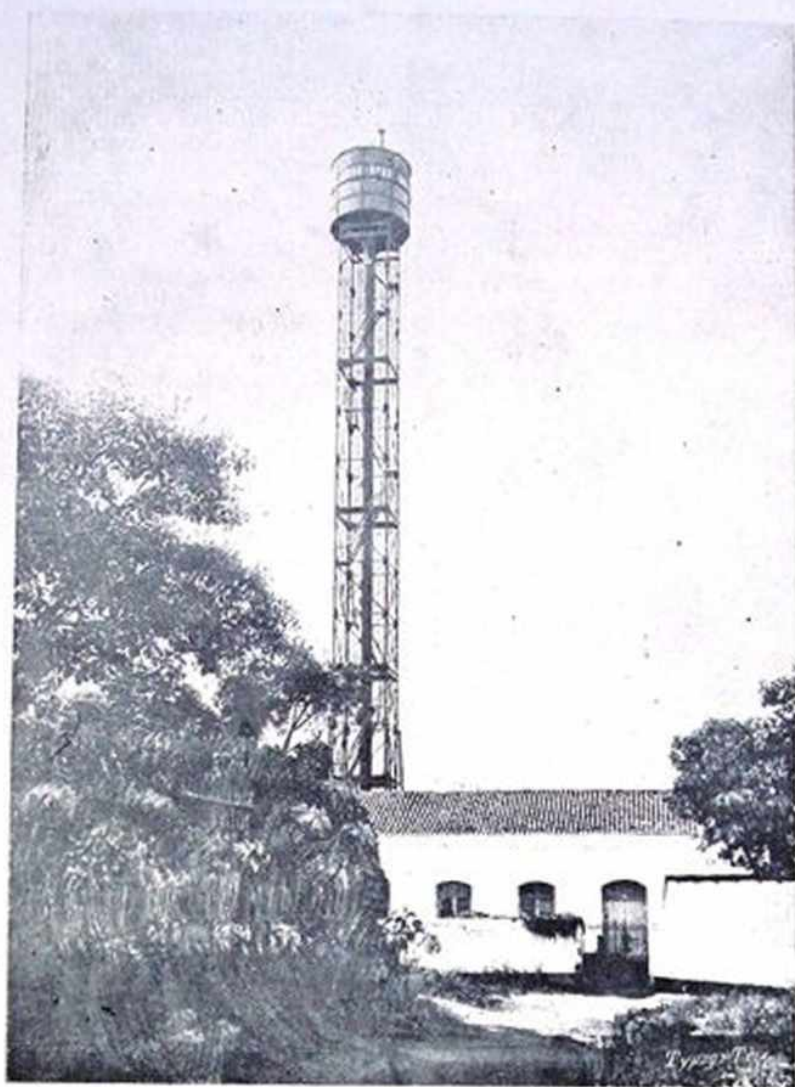
Naquella tarde, era um sabbado, os *habitués* haviam recebido a fêria semanal e, tendo saldado as suas contas com o quitandeiro e, alguns, sorvido o seu groguesinho, apresentavam crescente a verbosidade na costumaz palestra.

Estava na balha um facto ocasionado por aquelles dias na fabrica da Cambóia. Cada um dos que constituíam o grupo dava a sua opinião, algumas conscienciosas, outras prenhes dos mais descommunes dislates, quando se aproximaram o Torcido e o Serafim, este foguista e aquelle engommador na fabrica em que se dera o caso que originava os commentarios. Foram logo saudados fraternalmente pelo Lopes:

—Então, como vai isso? Estava mesmo á espera de alguém lá da Cambóia, para certificar-me duma verdade: Passa como certo que as coisas por lá não andam bem?

Os dois encolheram os hombros, sem responder, e o rapaz pediu-lhes que se não vexassem em contar, com toda a minudencia, um facto cujos tons geraes eram já notorios,—a tentativa de suicidio, por enforcamento, duma operaria da Cambóia.

O Torcido respondeu logo que ignorava tudo. Trabalhava, como sabiam, no engommador e pas-



MARANHÃO—FABRICA DE CHUMBO

savam-se semanas que elle não transpunha a secção dos teares.

—Sim, eu mesmo já engulo essa pilula de que você não sabe. A quem você quer contar? Ora, seu Torcido, trate sério!

—Mas que tem vocês com o que se passa na Cambóia?! perguntou, exasperado, o Serafin. Nas outras fábricas dá-se quanta patifaria existir possa e ninguém lhes pede contas...

—E' que a Cambóia, acudiu o Serrão, é a mais velha e de lá deve partir o respeito.

Travou-se então uma grave disputa entre os dois rapazes da Cambóia, o Lopes e o Serrão, este da Industrial e aquelle da Fabril. O Lopes, como reforço ás suas invectivas, allegava o grande respeito que imperava na sua fábrica, onde havia um regulamento que dir-se-ia militar, tão peremptórias e moralisadôras eram as suas disposições. Duvidava de que lhe apontassem um facto sequer que concorrêsse para manchar os altos fóros de

que gozava a fábrica Santa Izabel ou a Fabril, essa fábrica «colossal e piramidal», que dava trabalho a centenas de pessoas... Febricitante, e majestosamente envaidecido pelas grandezas do grande estabelecimento, narrava-as, esforçando-se por torná-las mais valiosas do que realmente eram. Qual a fábrica que, no Maranhão, além de preparar tecidos de variadas formas, ainda abarrotava a cidade de gelo? Qual a fábrica que podia pôr no frontespicio, em letras garrataes: ÚNICO POÇO! Qual a fábrica que, no tempo da sede, já dêra de beber ao povo desta boa terra?...

—Protesto, gritou o Serrão. De quem é a fonte do Apicum? Não será pública, porventura?

—Mas a bomba, pelo menos, era da fábrica, respondeu solemnemente o Lopes, e parece que ella não tinha por obrigação fazer o que fêz!

—Lorôtas e pipócas, disse sorrindo o Serafin.

—Bom, deixemo-nos de histórias que nada adiantam, propôz o Lopes, e vamos ao que inte-



MANAUS—MONUMENTO AMAZONAS

ressa. Houve ou não enforcamento na Cambôa, seu Torcido? Nós estamos aqui em família, e, por isso, abra-se connosco...

—Mas que birra é esta?! Já disse que de nada sei!

—Havia de se falar por força, mesmo do que se não sabia! disse picado o Serafim. Na Anil houve o grande escandalo que todos sabem, e ninguém tratou delle. Na Progresso, embora já lá se hajam ido muitos annos, nem era bom falar. A Canhamo e as outras todas tem tido a «sua mancha», mas punha-se logo uma pedra em cima, abafava-se. Agora, com a Cambôa, é que se queriam intrometer...

—Pois se de lá partem os mais *sorumbáticos* acontecimentos! commentou, vivaz e ironico, o Serrão. O caso da banana e o da espula donde vieram? pergunto. E, agora mesmo, não vejo o Zé Candando ás voltas com a policia?!

—Seu Lopes, você quer saber duma coisa? per-

guntou o Torcido, é melhor que você trate da sociedade lá da Fabril.

—Que tem! interrogou, intrigado, o Lopes.

E o congór respondeu sem demora.

Não queria falar... Mas, como fôra provocado e como quem tinha rabo de palha não tocava fogo no do vizinho, elle tambem ia relatar o que a voz pública dizia da nova sociedade, constituída por operários da fábrica do Lopes. Ninguém lhe contára, era certo, mas ouvira de pessoas mesmo de dentro uma censura tenaz e justa pela forma aparatosa e estridente por que fizeram a installação da novel agremiação, desperdiçando-se dinheiro ás mãos cheias com musica, foguetes e comes e bebes, dinheiro que serviria para garantir o capital da associação. E além disso ainda queriam pagar os funeraes dum sócio, cujo requerimento para a admissão tivera o deferimento da directoria, quando elle já era cadaver, havia umas boas horas. Se começava assim a tal sociedade...

—Ah! ah! ah! gargalhou o Lopes. Ria-se e esfregava as mãos. A acusação do *Torcido* era infundada, sem valor. Os funerais não seriam pagos pela directoria da sociedade, uma vez que ella fôra illudida na sua boa fé, o que se poderia dar com qualquer outra. E, quanto á pomposa festa da instalação, a sociedade nenhum dinheiro dispendêra, porque fôra uma contribuição espontanea dos socios, para esse fim único.

—*Seu Torcido*, concluiu, nós vivemos ás claras, fique certo!

O *Torcido*, livido e atoadado, desconcertado pelo protesto terminante e irrefutavel que lhe lançou o Lopes, foi troçado pelo Pereira, o Rufino e o Jozias, todos da Fabril, que se tinham reunido ao grupo.

G. Serrão sempre ironico e causticante lembrou acontecimentos passados na Cambôa. Ainda se lhe não varrêra da memória o caso dos carrinhos, que tanto dêra que falar, e que fôra cantado em prosa e verso e sobre o qual o Billio até compuzêra uma polka, *Os novêlos da Fiação*, que esteve na ponta por muito tempo. E, fazendo um esforço de memória, um grandioso arranque de entonação, conseguiu cantarolar:

Minha gente venha vêr
um caso que aconteceu:
—A cêsta de carrinhos,
que no malto se escondeu.

O Lopes, saracoteando-se de contentamento, com a cantata reavivada na memória, fazendo dum dos braços um violão, com o outro braço simulava bandolinar; e tromponescamente ajudou o Serrão, fazendo o côro:

Mi largue, mi solte,
mi deixe, por favô.
Não posso lhi atendê
foi o gerente quem mandô.

Os dois, agora afinadas as vózes, viva e estri-dentemente:

Minha gente, venha vêr
um caso de admirração:
Dona Honora Ferrão
co'os novêlos da Fiação!

A não sêr o *Torcido* e o Serafim, que estavam exasperados, convulsionantes, hirtos de raiva,—tôdos, austeramente possuidos da trôça, clangorosos e orquestricos, entoavam:

Mi largue, mi solte,
mi deixe, por favô.
—Não posso lhi atendê,
foi o gerente quem mandou.

E, por entre um rumoroso e farfalhante gargarhar, o gracêjo ia-se transformando num desagui-zado, cujas consequencias eram difficilimas de pre-ver, quando o Serrão exclama:

—Assim, *seu Rapôso*, de par com as meninas, hein!

A discussão foi interrompida, voltando-se tôdos para o Rapôso, um velho *poeta e filósofo*, que, despedindo-se dum grupo de moçoilas, que regres-savam do trabalho da fabrica Fabril, veio tomar o seu lugar costumado na palestra do banco em que pontificavam o Lopes e os seus companheiros.

—Então, *seu Rapôso*, namoricando, hein? *seu maganão!* commentou o Serrão.

—Qual, rapaziada isso é p'ra vocês! Eu sou bananeira que já deu cacho; estava ali a prosar com a Miloca, minha afilhada: as outras são irmãs della, explicou.

—Vejam só, observa o Lopes, ainda haverá quem se atreva a dizêr que a Fabril não é importante! Uma fabrica que sustenta três irmãs,—uma familia!

Como que um véu se passou sobre aquella trôça, e todos estavam agora prêsos dos lábios do *filósofo*, que passou a dissertar, como era o seu costume.

Lastimava que na presente quadra, em que tanto se falava dos direitos da mulher, em que se fazia tanto rumor á procura da sua almejada independencia, ninguém cuidasse de indagar se eram suficientes os meios de subsistencia que ella tira dêsse trabalho, que, a seu vêr, a enobrece e dignifica.—A modesta operária que ganha o pão quotidiano, ás voltas com dois ou três teares, ficando com a fronte perolada dum suor azeitado, terá já toda a independencia moral para vivêr sem o auxilio do homem?!

Os rapazes entreolharam-se, como que querendo comunicar uns aos outros a sua ignorancia pelo que ouviam.

Epôca haverá, continuava a doutrinar o *poeta*, em que não existirá genero algum de trabalho, seja material ou intellectual, em que a mulher não tome parte. A sua predominancia actual é no serviço domestico, e, nos sertões, nos trabalhos de lavoira, uma ou outra, quando se lhes mistram muitos campos para exercêrem a sua actividade, para os quaes não recebeu, entretanto, aprendizagem de sorte alguma. Prestando iguaes ou melhores serviços do que o varão, cobra menos que este. A razão disso está em a mulher achar-se rebaixada, social e politicamente, apesar de a sua obra, no seio da familia, se ter sempre desconhecido ou menoscabado.—Eram todos môços, dizia-lhes, e não tinham ainda o raciocinio preciso para avaliar o descalabro imperante...

Pigarreu e proseguiu: Quando elle via aquella porção de meninas pobres, num constante vai-e-vem, para ter o pão quotidiano, o seu coração ficava contrito; e a mágua que delle se apossava era ainda maior, quando certas pessoas, que de tudo blasfemavam, se punham a dizêr:—Qual, môça de fabricas!—e tocavam na selvática e vil campanha da difamação e no labêu da injúria.

Era uma corja! Vinham-lhe impetos de extirpá-las!

E, tendo o seu auditório seduzido e embasbacado, proseguia envanjelicamente:—Tudo isto deriva de um erro fundamental, vinculado á nossa sociedade, que é—«a mulher casada é sustentada pelo marido». Origina-se desta pretendida dependencia economica a sua inferioridade espirital

em todas ordens, que passa do lar domestico ás relações externas e faz que a consideremos como uma escrava...—Bom, meus senhores, interrompeu-se, preciso de conversar com aquelle amigo, que vai ali, no bonde. Até logo!

No vehiculo, a não ser o cocheiro e o condutor, não ia mais pessoa alguma. E grande foi o pasmo dos rapazes, vendo o Raposo entrar no bonde, onde elles não viam o tal «amigo». O Lopes tirou-os do embarço, pondo-se a explicar-lhes que algum «espírito», certamente, fôra visto no carro pelo poeta, e contou que já uma ocasião, numa festa de S. Benedicto, fôra com elle a uma bandeja de doces, da *nhã* Leonilia, comeram os dois, a sós, e, no fim, o Raposo pagara o que haviam comido, e dera mais um mil reis. A doceira, consciente, restituiu-lhe a importância e, mostrando-lhe o engano, o homenzinho recusou-se a receber a quantia, dizendo que era do «outro amigo que lá estivera com elle», quando ninguém, a não ser o Lopes, o acompanhava.

—Eu cá por mim, diz o Rufino, não entendi coisa alguma do sermão que elle pregou.

—Nem eu! nem eu! repetiram os demais.

—Quem vai lucrar com a historia, diz o Serrão, é o condutor, pois, certamente, elle pagará, além da sua passagem, a do «amigo»...

—Coitado! commentou o Josias, «aquelle vicio», que todos nós sabemos, é que o perde.

—O' «cabeça boa», vem cá, disse o Lopes ao Egidio que passava sobraçando um maço de bandeiras. —Vais fazer festa?

—Qual festa, qual nada! Estas bandeiras já desempenharam o seu papel, lá na Canhamo, no dia dos annos do Gerente. E, dirigindo-se para o Serafim:—Então, meu amigo, lá pela sua fabrica já se faz execução?

—Não sei o que quer dizer o amigo com isso, observou o Serafim.

—Falo da «pequena» que lá foi encontrada armando um laço para enforcar-se e que o Gerente, sabendo do facto, poz no olho da rua. Para que fazer misterio duma coisa que o Maranhão em peso conhece? Olha: o *Zé l'andando* quer te falar! Passem bem.

—Vocês estão enganados com esse «cabeça», diz o Lopes. Sabe de tudo e de tudo fala...

—Então vocês são colleças? adiantou o Pereira.

—Não apoiado! Não invento, digo a verdade; ao demais, não sou medroso como você, que, para falar de uma coisa, olha em redor a ver se tem alguma a mais.

—Nada de discussão, aconselhou o Torcido. Vamos ao que nos interessa saber.

—Vocês já viram, perguntou, aquelle «cabeça» do Desterro, que tinha ido de muda para o sul, aquelle doutor?

—Não, diz o Pereira. Sei que está ali, e até me disseram, não sei se é certo, que vem comprar a fabrica Anil, a mandado duns ricos de lá.

—Qual compra, qual nada! exclama o Lopes. Esses doutores que arribam d'aqui, quando apparecem, para mostrar uma importancia que não tem, dizem se logo «commissarios», «incumbidos», e outras coisas mais. O que vale é que aqui já não

tem quase «cabeças» formados, e mesmo eu acho que não são precisos.

O Pereira concordou, acrescentando que noutros tempos fazia gosto ver-se uma sessão no juri, onde falavam illustres doutores. Hoje, era um descalabro, uma vergonha.

E elle que ouvira o Sepulveda a defender um alferes do exercito! disse ufano o Lopes. Sabia ser incapaz de fazer o que o actor fizera, isso reconhecia, mas confessava que a defeza do homem não lhe agradara. Elle, que já ouvira tantos «cabeças» illustres soltarem o verbo no Tribunal, tanto na tribuna da defeza como na da accusação, tinha saudades desses tempos. Ainda se lhe não apagara da memoria o julgamento Cruz Ponçadilha, o do Manuel Bexiga, da Amelia *Pagé* e de outros processos importantes. Neste ponto, estava de inteiro acordo com o Antonio Fabricio, que dizia haver sido «gente formada» mesmo quem desmoralizara o juri na sua terra. Pois um *calhandro*, sobraçado pelo Raimundo Munheca, não comparecera em plena audiencia! E, depois dum lacrimante «Com licença, meus senhores!» a numerosa assistencia, mau grado seu, tapando os narizes, não se sujeitara a ouvir os trovejantes rumores, que uma necessidade fisiologica obrigara uma das testemunhas a soltar pelas salas do Tribunal atóra!...

Uma forte risada abafou as ultimas palavras da narrativa do Lopes.

Neste interim todos voltaram a sua atenção para uma moçoila, que passava com uma cêsta na mão.

Era a Silvéria, da S. Luiz, que ia muito cheia de si, alegre e catita, tendo flammejantes nos negros cabellos os fracos raios do sol imersos já quase todo no ocidente. Acenou com o lenço para o grupo e todos corresponderam á saudação, fazendo reverentes barretadas.

—Sempre atirada, a pequena, commentou o Lopes.

—E' verdade, perguntou o Serrão, que ha sobre o casório della?

—Está marcado para breve, segundo me disse a irman, respondeu o Torcido. A prima, accrescentou, é que eu julgo estar despachada para consumo. Trabalha agora na Lanificios, e ainda outro dia fêz annos caladinha...

—Home, ella não me parece muito criança, aventou o Serafim.

—Tem já mais de trinta...

—Entou já deu o tiro na macaca! galhofou o Lopes.

—Tem... tem trinta e três, certos, afirmou o Torcido.

—Se é isso, são os «annos de christo!» exclamou o Serrão rematando.

Entardecia. Começava a dispersão dos sesteiros, cada qual procurando os seus penates para «fazer bem ao estomago», e, em seguida ir ainda girar a vida. O Serafim e o Torcido tinham que estar presentes, nessa noite, a uma reunião da Sociedade Beneficente de Santa Severa. O Rufino e o Pereira iriam experimentar a sorte, lutar com os grãos de milho nas cordas do quino, na casa do Alvaro.

E o Josias, o Serrão e o Lopes, residindo no bairro da Currupira, ainda se conservavam sentados a parolar. E, por enthe chacotas e risos estridentes, commentavam factos já arrefecidos no domínio público. A surra applicada às costas do Fortunato, a prisão e a méla applicada no pêlo do Couto, no proprio carcere, ambos estes castigos para «desagrar a sociedade»; as bravatas do Rêgo Barros, o crime do Santiago, o assassinato no baile do Silva Santos, a morte misteriosa do Luiz Pinto, tudo isso era lembrado, trazido á balha.

Quando os três, vencidos pela fome e pela escassez de assumpto, abandonaram o banco em que palestravam, dos lados do quartel de policia, por detrás do covão do Campo d'Ourique, vinha a lua a subir, alva, cheia, projetando magestosamente a sua claridade por sobre os arbustos da Avenida, em cuja frente se ergia alto, um palacete, donde saíam apianadas as mellifluas e clangorosas notas da protofonia d'O Guarani, os harmoniosos acordes daquella musica em que tão bellamente se canta o amor do indigena, como que querendo saudar o alvaceito e mistico planeta que vinha clareando no céu, onde já se viam arrecamados fulgurar outros astros...

1904—Dezembro.

ASTOLFO MARQUES.

Julieta

Pé ante pé, na perfumada alcova, White, um gato inglez de fino e extenso pello, corria todos os cantos, saltava sobre todas as cadeiras e ás vezes parava absorto a contemplar no immenso *Psyché da toilette*, um outro White, tambem de fino e extenso pello, e que defronte lhe imitava todos os gestos e todos os movimentos da plumosa cauda.

No leito setinoso, adormecida entre as dobras alvissimas do cortinado por onde se coava a luz amortecida de uma lampada cor de rosa, Julieta, o mimoso habitante d'esse ninho venturoso, havia sentido cerrar-lhe as palpebras um somno doce, como as ultimas impressões do baile de que acabava de chegar e onde fizera a sua suspirada estreia. O ar tepido do aposento resentia-se do aroma especial das roupas humedecidas que haviam ficado no assoalho, abandonadas pelo corpo quente que d'ellas se despojava, havia instantes. E White estava desasocegado...

O seu faro subtil aguçava-se por uma sensação estranha, e dilatava-lhe as flacidas narinas. Sentia um cheiro novo, inteiramente novo.

Alli só se acostumara com o halito purissimo de sua senhora, com os perfumes das flores e com as exalações de sandalo que fugiam das gavetas entre-abertas...

Agora, espalha-se por todo o ambiente um aroma menos puro e mais enervador, como das corollas fecundadas que já se querem despir das petalas rosadas.

Então, chegou-se White ás roupas ainda mor-

nas, e estendeu-se indolente sobre as suas finas dobras...

De repente, ergueu-se bruscamente como desconhecendo-as; e impellido talvez por um grosseiro instincto, saltou por uma fresta do cortinado sobre a colcha alvissima em que sonhava a adormecida, e roçou-lhe de leve o collo leve com o sedoso pello...

Julieta estremeceu... e, entreabrindo os labios purpurinos, balbuciou:—Romeu!...

OSCAR DE LA TOUR.

Sem verdade não ha consciencia.—L. BARRES.

Indiscrição

Vi-te falando ás arvores frondentes,
Onde cantava o colibri risonho,
Das esperanças que contigo eu sonho,
Das alegrias que commigo sentes.

Vi-te falando a soletrar com as flores,
Estrophe por estrophe de um poema
De que és a musa, pallida Iracema!
De que és o canto, languida Dolores!

Vi-te falando á sideral planura
Em que scismava o pleniluneo ethereo,
Narrando á estrella a historia de um mysterio,
D'esta paixão que eu sinto e que é tão pura.

Vi-te falando ás nuvens perigrinas,
E as perigrinas nuvens te escutando:
A tua voz era um gorgoejo brando,
E tu falavas de illusões divinas.

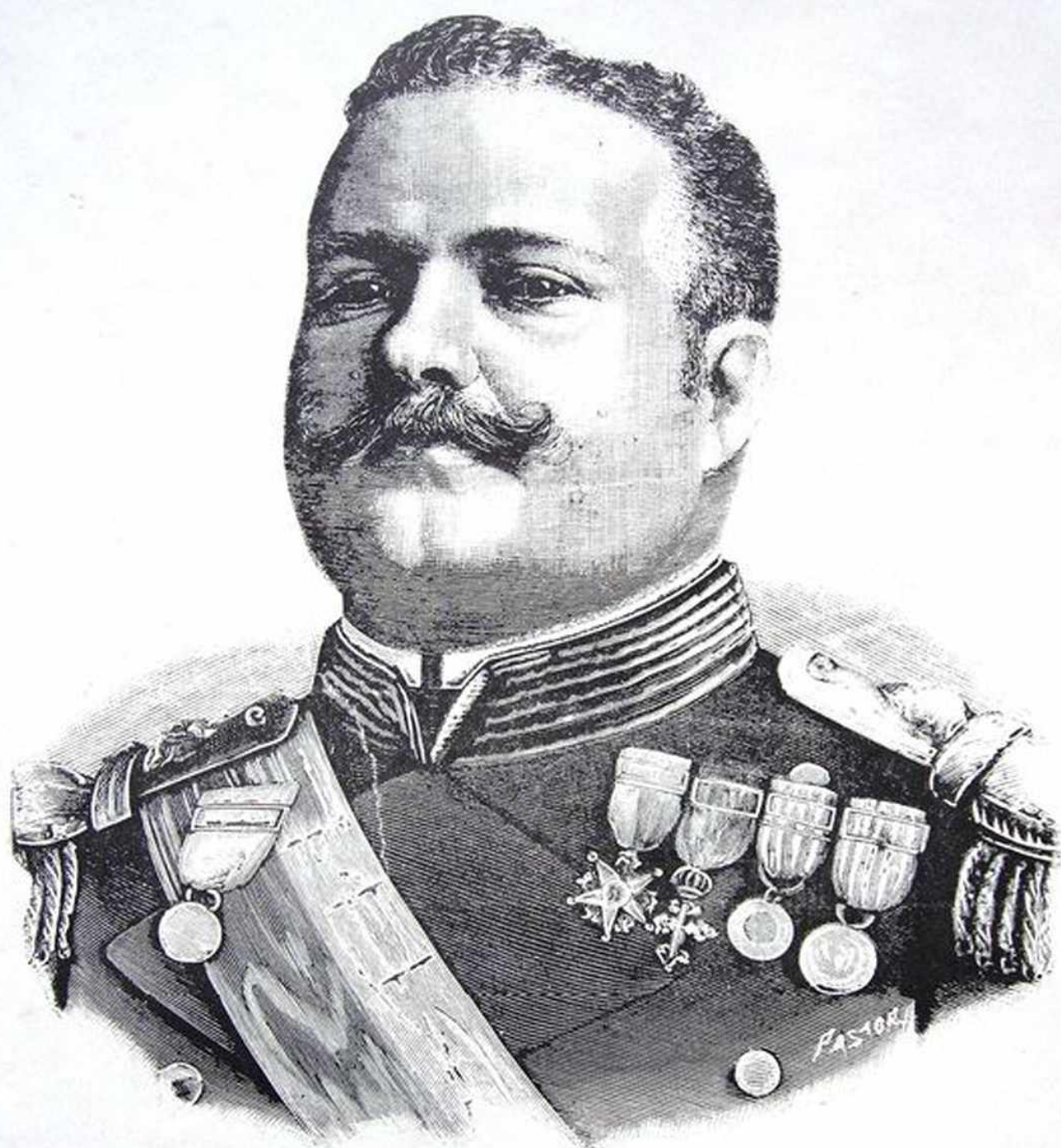
Vi-te falando em canticos suaves,
A fresca aragem, fresca e gemedora,
Dos meus amores castos como a aurora,
Dos meus idyllos puros como as aves.

Vi-te falando aos passaros da matta,
Vi-te ensinando-os n'um enlevo santo,
Tudo que em versos eu soluço e canto,
Tudo que d'esta lyra se desata.

Vi-te falando ás vistas do universo,
E revellar meu intimo segredo;
Mas acredita, ó flôr, que eu terei medo
De quando te falar—falar em verso.

ALUIZIO PORTO.

Quem p'ocura razões para faltar a verdade num ponto, bem depressa faltará em todos os outros.—P. ROUZGET.



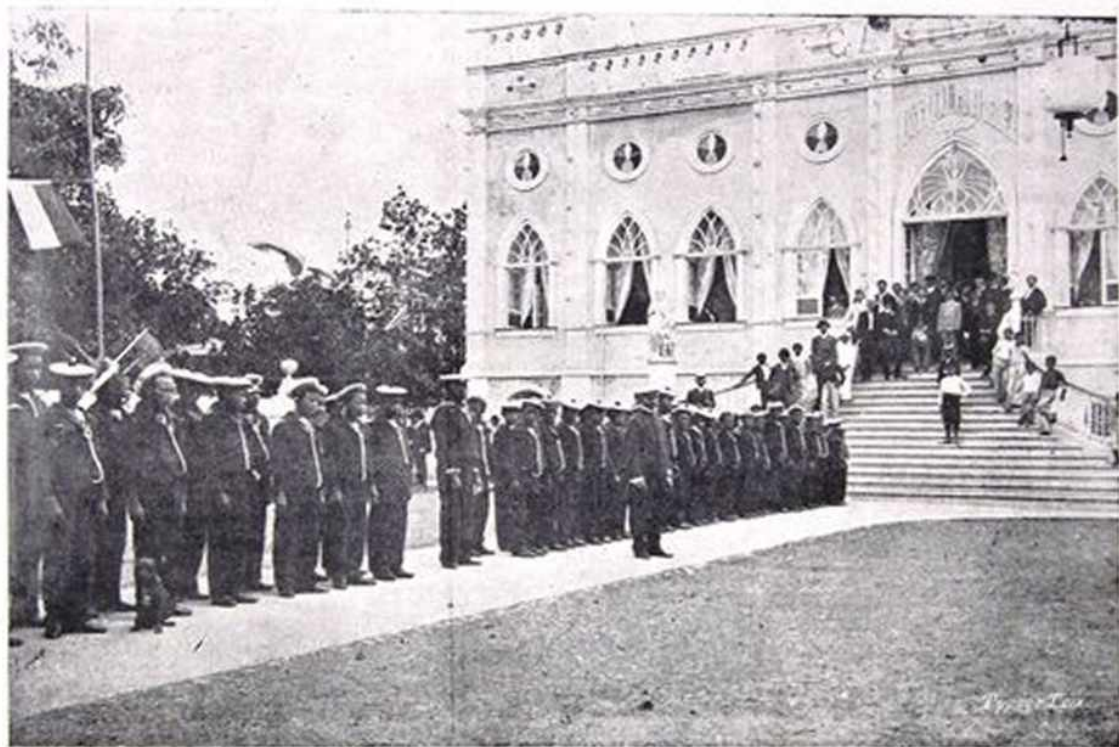
Rei de Portugal D. Carlos I

A Revista do Norte

Anno 4

Maranhão, 16 de Dezembro de 1904

Num. 80



MARANHÃO—HOSPITAL PORTUGUEZ, no dia 1.º de Dezembro—Phot. amateur J. FARIA.

O Hospital Portuguez

A distincta colonia portugueza no Maranhão commemorou no dia 1.º do corrente a passagem de uma das mais bellas datas da historia da sua patria.

A séde dessa commemoração foi o Hospital Portuguez, de propriedade da Sociedade Humanitaria 1.º de Dezembro.

A *Revista do Norte*, querendo associar-se ao jubilo patriotico da briosa colonia, mais uma vez se aproveita da extrema obsequiosidade do sr. J. Farias, sem duvida o mais distincto dos nossos photographos-amadores, utilizando-se para as suas photographuras, dos seus clichés impecaveis.

Toda a parte artistica do presente numero compõe-se de gravuras desse edificio, que é um dos mais bellos da nossa capital.

Situado num ponto magnifico da cidade e servido por uma linha de bonds, que lhe passa á porta, o Hospital Portuguez, desde a sua architectura externa, graciosa e elegante, até ás suas disposições externas, confortaveis e bem dispostas, faz honra á benemerita associação que o edificou e que o mantem com uma dedicação e solicitude exemplarissimas.

As nossas photogravuras, mais do que as nossas palavras, darão aos que nos lerem uma idéa exacta da belleza e do aceio dessa casa de Caridade, que dá eloquente testemunho dos sentimentos humanitarios da colonia portugueza entre nós.

Uma bibliotheca e um hospital são as duas fundações infalliveis com que os portuguezes assinalam o seu estabelecimento em terras brasileiras.

No Maranhão essas duas instituições acham-se

reunidas, pois que numa das alas do Hospital foram recolhidos os livros do antigo Gabinete Português de Leitura, devidamente catalogados e armados em graciosas estantes.

Quem visita o Hospital Português, percorrendo-lhe todas as dependências e buscando orientar-se acerca da sua administração, volta de lá bem-dizendo aquelles que, em annos idos, buscaram proporcionar aos seus patricios, como elles vivendo no estrangeiro, todos os recursos de que carecessem nos dias ingratos de enfermidade e de pobreza. E nessa benção envolvem tambem os que na actualidade continuam a empresa generosa dos antepassados, fazendo-a cada vez mais forte e mais querida.

Ratio Victrix et cor invictum

... Trop faible esclave, écoute,
Écoute et ma raison te jardonne et t'absout.
Rends-lui du moins les pleurs ! Tu vas céder sans doute ?
Hélas non ! toujours non ! O mon cœur, prends donc tout !
DESROCHES—VALMORE.

I

Amargurado coração dolente
Que por affectos vãos tanto has soffrido,
Consola-te e suffoca o teu gemido,
Sendo ao bem, sendo ao mal indifferente.

De que te vale este aneiar latente
Que te tem na amargura consumido,
E as lagrimas de dor que tens vertido
Por tudo a quanto aspiras vagamente ?

Nessas luctas de amor em que te empenhas,
Serás sempre trahido e rechaçado,
Pobre romeiro de desertas brenhas !

Por tudo por que em vão tens palpitado,
E' mister, coração, que te contenhas,
Sendo mais comedido e recatado.

II

Esconde a tua lagrima sincera,
O teu ansioso palpar reprime,
Porque o teu pranto amargo não redime
Esta ancia de soffrer que te lacera.

Sê mixto de cordeiro e de panthera,
Confunde o torpe bem e o mal sublime,
Caminha alheio entre a virtude e o crime,
Sendo menos archanjo do que fera.

Nas miragens veladas de puresa
Não te percas, somnambulo maldicto,
Por tua ingenua e fatua singeleza.

Basta de angustias, coração proscripto,
Submette-te ás leis da natureza,
Communga as hostias do mundano rito.

III

—Assim diz-me a razão serena e fria
Ao viril coração desbaratado,
Qual solicita sombra que a meu lado
Por mau caminho os meus passos guia.

E como um vão gemido suffocado,
Como um triste rumor de voz sombria,
Que em mortuarias nevoas irradia
Do silencio de um tumulo fechado,

Torna-lhe o coração solemne e triste:
Em tirar o prazer do soffrimento
Um sabio engano do viver consiste.

Nas chammadas deste eterno desalento
E' que o meu sangue a circular resiste
A' gelidez do eterno esquecimento.

IV

E' neste tantalismo de quem ama,
Sempre evitado pelo ser que adora,
Que consiste a ventura de quem chora,
O desgraçado alivio de quem clama

Por seu alheio amor—esquiva chamma—
Que, aos olhos de quem soffre, esquiva embora,
E' como o riso de uma doce aurora,
Que o largo ceu de luz todo recama.

E' neste renovar de crenças mortas,
Que o espirito, na dôr transfigurado,
Entra do sonho as constelladas portas.

Não profanes os veus do meu passado.
O' razão, é de balde que me exhortas,
Deixa-me assim viver sempre enganado !...

Carlos D. Fernandes.

Furto de animaes

Qual o processo que no Estado deve ser observado nos crimes de furto de animaes ?

Não é *uno* o processo para a repressão dos crimes de furto de animaes.

Cumpra, pois, distinguir.

Se o furto tiver sido feito de fazendas, pastos ou campos de criação ou cultura—o processo a observar-se, será o *especial* de que tratam os artigos 82 a 85 da lei n. 194 de 29 de Março de 1898, conforme expressamente determinou o artigo 5.º § 1.º da lei n. 316 de 9 de Abril de 1902.

Devemos notar que o Superior Tribunal de Justiça do Estado, em Accordão n. 801 de 16 de Dezembro de 1902, e que vem publicado na «Jurisprudencia», tomo 17, pagina 61, decidiu que o crime de furto de gado suino não está comprehendido no processo especial acima referido.

Não nos parece, porem, dizemol-o com a devida venia, que essa decisão esteja de accordo com a lei, pois é facto que, ao tempo em que foi proferido o Accordão citado, estava em plena execução a lei n. 316, a qual, no referido art. 5, § 1, dispõe: «Para os crimes de furto de animaes, nas fazendas, pastos ou campos de criação, são mantidas as formas do processo e julgamento dos artigos 82 a 85 da lei n. 194 de 29 de Março de 1898, e,



MARANHÃO—HOSPITAL PORTUGUEZ—A Capella

Phot. modor J. FARIAS.

como se vê, ella se refere ao furto de animaes, em geral, sem excluir qualquer especie.

Se o furto tiver sido feito de outro qualquer lugar, é preciso ainda distinguir.

Se se tratar de gado vaccum, cavallar e muar, o processo será sempre—o ordinario da competencia do jury.

Ha no entretanto opiniao discordante:—pensam que, na hypothese, o que determina a competencia é o valor do objecto furtado.

Assim, se esse objecto for de valor inferior a 100 mil réis—o processo será o *correcional*, ex vi do artigo 70 da lei n. 194; se de valor excedente o processo será então o *ordinario*.

Não nos pareça que tal opiniao seja sustentavel.

O crime de furto de animaes, previsto no n. 4

do artigo 331 do Codice Penal é punido com as penas estabelecidas para o crime de furto de coisa movel (artigo 330) guardadas nos dois casos, as distincções, quanto ao valor do objecto furtado, conforme os §§ 1, 2, 3 e 4 do mesmo artigo 330.

E é exacto que a lei n. 194, no artigo 70 declarou da competencia do juizo *correcional* os crimes dos artigos 330 § 1, 2 e 331, nas hypothese dos §§ 1 e 2 do artigo 330, isto é, os crimes de furto de coisa movel e de animaes, quando o valor do objecto furtado fosse de valor inferior a 50\$000,—hypothese do § 1 do artigo 330, ou do valor inferior a 100\$000—hypothese do § 2 do mesmo artigo.

Mas a lei federal n. 121 de 11 de Novembro de 1892 destacou, do n. 4 do artigo 331, o crime de furto de gado vaccum, cavallar e muar, para alterar-lhe a penalidade, que, no artigo 3, tornou fixa, una, qualquer que fosse o objecto furtado.

A pena estabelecida foi a do § 4 do artigo 330 e, na hypothese desse §, o crime de furto é da competencia do jury, conforme dispõe o artigo 60 da lei n. 194.

Accresce que crime de furto, na hypothese do § 4 do artigo 330 é inafiançavel—artigo 2.º n. 1 da lei n. 628 de 28 de Outubro de 1899, e seria impossivel submeter ao processo *correcional*, crime de tal natureza, pois, em tal processo, o réo se livra solto, ainda que preso em flagrante delicto, até a decisão da appellação voluntaria, para o Superior Tribunal de Justiça—artigos 95 § 3 da Const. do Est.; 70 § Unico da lei n. 194; 1.º da lei n. 316 e Accordãos do Superior Tribunal de Justiça do Estado tomo 1.º paginas 46 e 49, tomo 17 pagina 61 da Jurisprudencia.

—Se se tratar de furto de outros animaes; o processo será o *correcional*, quando o valor do objecto for inferior a 100 mil rs.

—artigo 70 lei n. 194, e o *ordinario* quando esse valor exceder dessa quantia—artigo 60 cit. lei, sendo em tal hypothese o crime inafiançavel—artigo 2 n. 1 da lei n. 628 de 28 de Outubro de 1899.

Maranhão—Março de 1904.

Alcides Pereira.

A louca

Ao Dr. Alves de Farias.

...E ella vagava desorientada, os cabellos em desalinho, olhos vitreos, pelas ruas da cidade.

No seu rosto macerado, de grandes olheiras roxas, amarelleciam os ultimos resquícios de uma physionomia de mulher bonita.

Trecho de viagem

[Conclusão]

Funambulesca, gesticulando adoidadamente, tremulando a voz, fatigada descia e subia instinctivamente as ruas, tendo no rosto a expressão amargurada de quem, occultamente, mitiga uma dor.

Si aos seus olhos passava, longe, um moço, eil-a correndo para junto delle, abestalhada, rindo-se satanicamente, gaguejando palavras repassadas de dor e, em extase, olhando o transeunte, fitando-o demoradamente em piedosa recordação de alguém que amara.

E ficava depois parada, olhando a esmo, rindo-se, rindo-se, a puxar nervosa os anneis dos seus cabellos louros, a balbuciar phrases desconexas que lhe morriam na garganta.

E todos tinham compaixão da louca.

Alguem desgosto, talvez, a puzesse naquella estado ou, quem sabe, a miseria, a desventura, ou, ainda, quem sabe, o amor?

Ella fôra victima de uma paixão dolorosa, trocara o perfume da sua carne por um beijo, vivendo feliz—presos os seus labios aos labios do amante.

E como ella fôra bonita! quantos moços lhe fizeram assedio de amor! quantos lhe prometteram mundos de felicidades...

Amara um rapaz moreno, olhos rasgados, forte e vigoroso, entregara-se a elle com toda a frescura da sua carne cheirosa, de mulher nova.

E viveu muito tempo nesse engano de vida, beijando-o, acariciando-o n'um embriagamento insaciavel de gozo.

Nessa vida falaz de illusões, terrivel molestia acabrunhara o amante, um excesso de amor, talvez...

E... ella tão forte e sadia, tão bonita aos olhos delle que fôra vigoroso...

Minara-lhe a existencia a fraqueza organica e n'um debilitamento de forças, fraca, olhava compassivo e saudoso o corpo cheiroso da mulher amante, beijando-o encarniçadamente.

Uma noite, nesse delirio de febre, beijando-a n'uma tentação horrivel, n'um esforço de vida, a terrivel hemoptise atirara-o pesadamente sobre o corpo della e o seu braço retezado, convulso enrescou-se ao pescoço da amante, apertando-a e a sua cabeça descansou sobre os seios della, tumidos e erectos, manchando de sangue o roupão que negligentemente lhe cobria o corpo.

E só, desvairada, olhar tumefacto beijara ainda aquella bocca fria, ensanguentada, apertara-o de encontro ao corpo n'um delirio de doida.

E nunca mais esqueceu-se delle e endoideceu, pallida de amor, vagabundando pelas ruas a chamar-o saudosamente, a procural-o por toda parte, desganhada e esqueletica.

Rindo-se, rindo-se para todos, desorientada e louca, soluçando, anda ella a litar o céu, os moços, vendo em cada um a imagem delle que lhe morreu nos braços...

E funambulesca, gesticulando adoidadamente, tremula a voz, crestada pelo sol, vagava pela cidade em piedosa recordação á procura delle, atirando beijos ao espaço, cantando n'um delirio infernal.

HERMILIO PEREIRA.

Nesse tempo tinha elle uma fabrica, digo mal, uma empresa fabril de encaixotamento e enlatamento (permittam-me o neologismo) de peixes, que produzia resultado superior ás sardinhas que importamos dia a dia de Nantes ou de outros lugares de fóra.

Era de um genio folgazão, perspicaz, intelligente e sabido a mais não ser, de tal modo que me foi impossivel ganhar-lhe uma só partida de gamão que jogavamos nas horas desoccupadas... para elle, porque a minha vida era uma longa flanação.

De meu irmão tenho apenas a dizer que era sempre o mesmo temperamento artistico, aberto aos sentimentos, fechado a sete chaves á preguiça e ao egoismo.

De certa vez fomos convidados a uma festa.

Depois do jantar, ás sete horas da noite, montamos a cavallo.

Plenilunio. Morro acima, trotando curto, os nossos animaes seguiam emparelhados. Diante a elevação escurissima da folhagem, raiada de luz clara, pendurando-se sobre as rochas.

A um lado o despenhadeiro, aguas cascadeantes, a espumarada das quedas do alto e pela natureza inteira o voluptuoso emballo de um descanso fresco.

Calados ambos.

Dominava-nos a mesma corrente emocional, que era um grilhão posto ao nosso pensamento, jungindo-o, enquanto o nosso olhar despenhava-se no abysmo ou grimpava pelas pontas das rochas. Vinha de longe uma toada distante, nostalgica no seio da mata, como lenços que acenam e a espasmos, pelos halos rasgados da vegetação, uma espiral de fumo diluia-se no ar ou faiscas errantes piscavam ligeiramente um olho de fogo.

Devia estar perto a casa onde todo esse musico rumor enchia os pulmões n'uma alegria tosca e farfalhante. Mais uma volta inesperada do caminho e desembocavamos n'uma clareira aberta, um terceiro quadrado onde troncos esbrazeados crepitavam, casquinando uns estalidos de madeira que se parte.

Em redor vultos que saltavam e que riam.

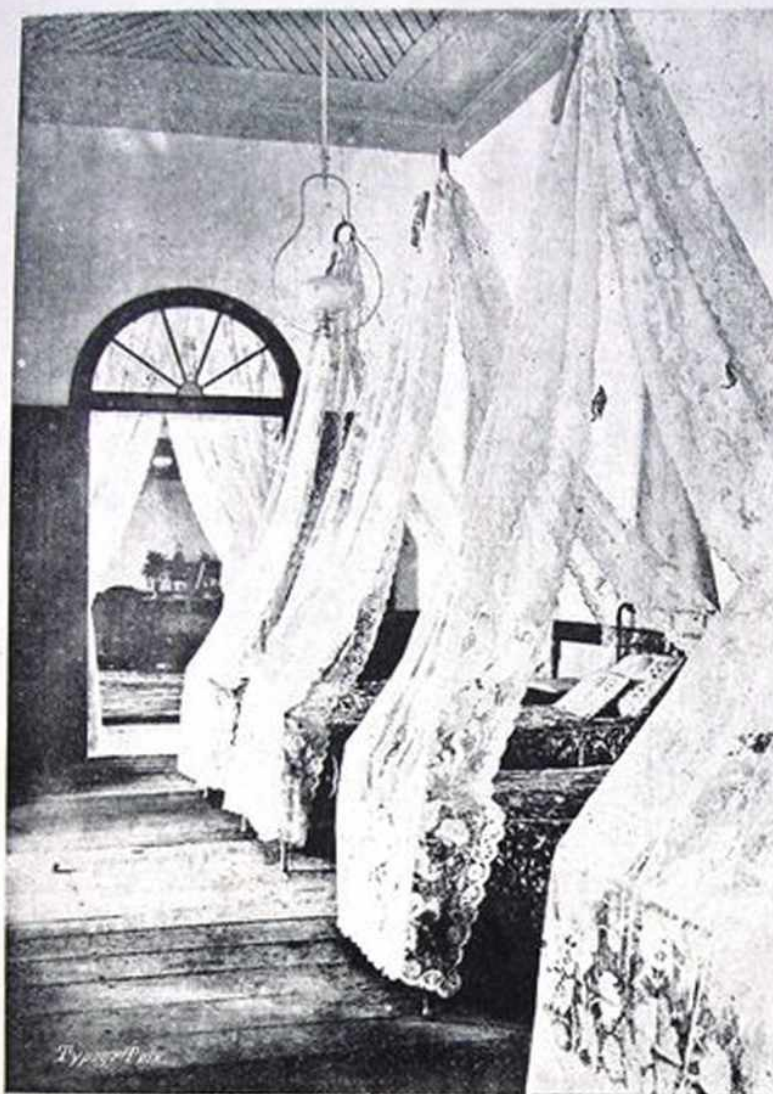
Apeamo-nos.

A casa do molde rustico das habitações do centro, escancarava o bocejo grosseiro das suas janelas e portas negras. Homens e mulheres dansavam numa promiscuidade confiante, requebrando o corpo, estalando fortes palmas e gritos, ao passo que a toada se arrastava nos tremolos da guitarra que se arquejava, macabreando uma viveza estranha de notas.

Alguem, a mão espalmada, rufava com os dedos doudamente um pandeiro que batia numa cadencia interrompida.

E a musica enchendo o aposento estreito, desmoronando a quietação costumeira do sitio, se escapava pelas janellas para a noite enluarada, fóra.

Dansava então uma rapariga morena, alta, num



MARANHÃO—HOSPITAL PORTUGUEZ—Uma das enfermarias

Phot. studio L. FARIAS.

traje simplíssimo de festa, bamboando, como uma haste, indo, vindo, os braços estendidos, os dedos castanhando, passo rítmico, seios trementes.

Fico a olhá-la, preso no magnetismo venenoso da sua pelle pennugenta, nesse todo de *couleur* que ella tem, ancas redondas, sacoteando.

Typo genuino de mulata, cor rosada como a dos jambos maduros, olhos escuríssimos e vivos, rachando um sorriso feliz, pendurado do labio, como um fructo vermelho.

E esses homens que a rodeiavam, haletantes da dança, precipitados por ella, seguiam-na no mesmo passo, enroscando-se voluptuosamente, aspirando-a em todo o seu aroma de moça e frescura de fema.

Cantava. Gemia a guitarra apenas, e o pandeiro a um canto ainda tremia. Passava-lhe na voz todo o frescor rumoroso das matas: rios que correm, passaros que trinam e a gente esquecia de que ella estava cantando, ouvia como se de muito longe, se-

guia-lhe a voz como uma esteira de flores na correnteza de um rio.

Havia curvas enforadas pelos caminhos, embalos de rede sob a sombra e a palpação amorosa de toda a natureza.

Parára de repente e o pandeiro arremetia de novo, como um touro, chocalhando os guisos tangidos por mão que sabe.

Sahimos. O clarão da fogueira vacillava e os troncos incinerados coalhavam todo o calor. Montámos de novo. A galope.

Mas no silencio embalsamado da noite, vagava como um batel pequenissimo toda a viveza lubrica de seus requebros, toda a volupia morena de sua voz!

E como este, muitos outros dias rolaram na onda impetuosa do tempo, levados como uma poeirada entre a palestra adoravel do dr. Carlos e o sol faiscando sobre a dobra da vaga pondo punhaes luzentes e alongados no oceano.

A tarde a volta, a cavallo ou em fortes canoas, a vela abetta ao vento que vem de fóra...

Pela manhã a partida alvoroçada, rumorosa, cheia da risada alegre e pandega de Mr. Chibbot e a elegancia esbelta da egua mimosa, a *Faccira*, que tinha meu irmão.

A noite, quando fóra soava a batega de agua que quasi os tinha alcançado em caminho, ao regresso, quando entre o *coquac* e o café accendiamos os charutos finissimos que punham uma nota de *haute gomme* n'aquelle aposento burguez arranjado ás pressas, entrava emtinabulando pela voz dos meus companheiros a descripção ephemera das sensações que os tinham apanhado durante o dia, desde a queda repentina na agua, mar alto, do Morsing, do Chibbot e de meu irmão que sós tripulavam uma canoa pequenina e esguia, até as considerações sociaes que o dr. Morsing fazia sobre a

educação no Brazil comparativamente com a educação em outros paizes.

Meu irmão fumava calado a um canto da mesa, cabellos annellados, num typo suavissimo de *bohémien*, num dos salões de atelier de Dechelette, em Pariz. Olhava-o a furto, de momento e o escutava preso na sua voz errante de beduino saudoso quando por accaso a palestra, interessando-o, arrancava-lhe phrases tersas, judiciosas e denunciando o fino gosto artistico que tem.

Nos olhos humidos de Monsieur Keller pairava a nevoa atordoante do vinho italiano que bebera e retinia na palestra destes serões nostalgicos a risada de Mr. Chibbot que se ria gostosamente com bons dentes e esplendida bocca.

Dentro de 8 dias partimos dahi para Monsoaba, tres leguas adiante, no trajecto para Angra, costeando o littoral.

Ao montar o burro que me levaria, receei que os arreios... não aguentassem a viagem.

Com as pressas, me tinham arranjado um animal mau com arreios peiores.

Depois, eu que não fazia parte da turma, não tinha animaes e me foi preciso montar aquelle burro doentio, seguramente em peiores condições do que eu. Partimos.

A tarde chegamos em Monsoaba, um lugar detestavel, e iam habitar um casarão cheio de ratos e de cupim, onde felizmente estivemos poucos dias.

Ahi, nas noites chuvosas e más, quando no espaço o espectro da tempestade resava o psalmo borrascoso da ventania e do açoute continuo ao torso das arvores, e da cosinha se elevava o fumo hospitaleiro e bom, indicando a residência que receberia de braços abertos o viandante que percorresse aquelles caminhos por aquella noite má e precellosa, elevava-se a voz do Morsing a recitar em inglez pedaços do Dickens, o apurado escriptor inglez, descrevendo a festa do natal com as côres suaves e as tintas pallidas de escriptor saxonio.

—Mas, objectava-lhe eu, pode a imaginação ingleza evocar das suas brumas o perfil de Othello, ou o vulto meigo de Julieta pela criação poderosa do Shakspeare, hade ser sempre fugitiva essa impressão como a nevoa que cobre os seus lagos e amortalha as suas *steppes*. A França, meu caro dr., hade levar-lhe a palma do triumpho, dizendo a phrase cantante de Pierre Loti no *Pêcheur de Islande* ou creando sombras como o Jean Rameau na *Chanson d'Etoiles*.

—Nunca! retorquiu. O modo de ser inglez é perduravel e eterno como a sua aristocracia, como as suas leis e si a litteratura evolue e se perturba com as modificações de forma de governo, nada menos perseverante que a litteratura da França.

Eu ria-me, applaudindo-o, enquanto no quarto visinho ouvia-se a voz do Keller que entoava uma canção nostalgica dos gelos de sua patria.

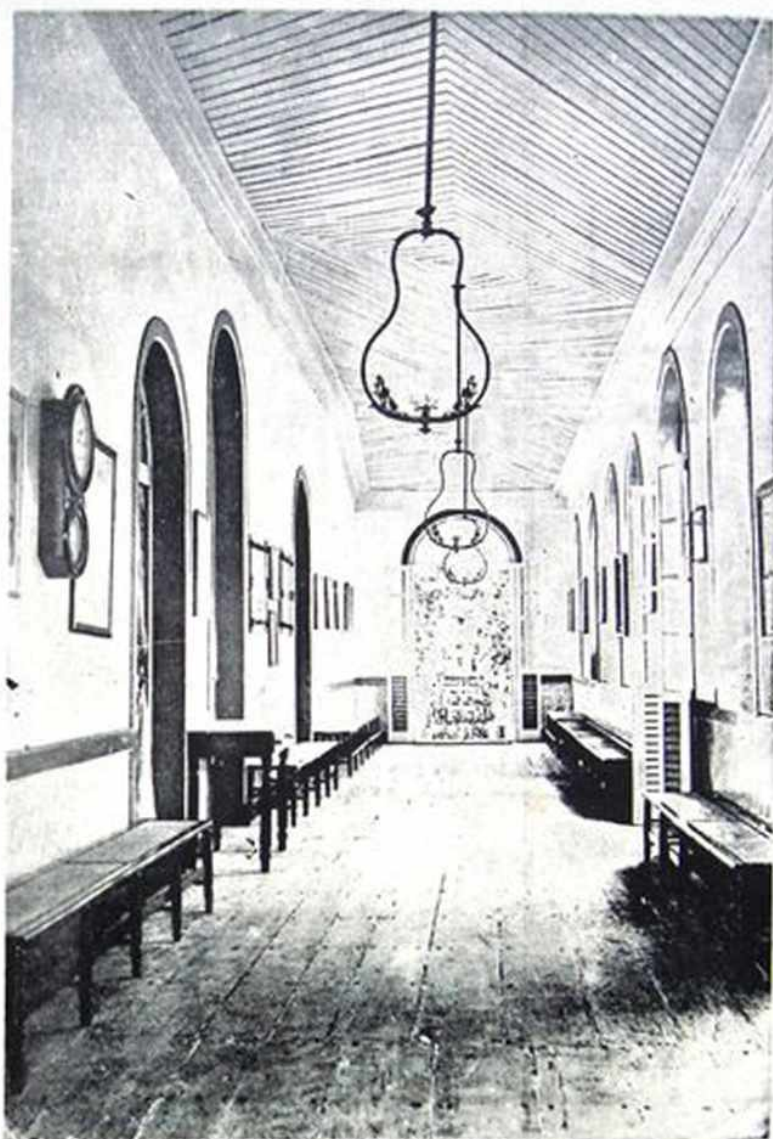
Dizia-a na entonação difficil do allemão que se falla na Suissa e nós suspendiamos a palestra para ouvi-lo, silenciosamente, como si sobre os alpes ouvissemos o trecho de cançõeta que algum *cicerone* das geleiras que cobrem esse pequeno paiz, estivesse cantando.

Depois o *good night* dito em voz alta pelo Chibbot e envolviamos-nos em cobertores e sobre-tudos grossos para o somno reparador de todas as noites.

R. Alves de Faria.

Retrato

Tão poucos dias se passaram sem que te visse, entretanto, tão longos foram que nem sei mesmo se foram dias ou se mezes.



MARANHÃO—HOSPITAL PORTUGUEZ—A Varanda

Phot. > BELL & J. FARIA.

Carpi saudades na tua auzencia.
Auzencia que mataria se mais durasse.
Se mais durasse...

Como isto me assusta!

Nem sabes que para te ver partia cedo com os passarinhos, ligeiro, ancioso.

De balde varava as ruas desertas, despovoadas, voltava, vagava por toda a parte.

De balde...

Como encontrar-te? como, se vives sempre ao piano?

Ao piano que inveja me causa, que me causa dôres e magoas, magoas e magoas e alegrias bem poucas vezes...

Enfim te vejo.

Que extratagemas... que artifício empreguei para alcançá-lo!

Era o problema avistar-te, falar-te, escutar-te.
Meditei e resolvi.

Toda de preto trajada, vestido quase comprido,
bem feito, com arte, muito alagado.

Branco, alto, bordado colarinho, contrastando
encantadoramente com as sedas negras.

Corpo de deusa, rosto de archanjo, mãos de
santa.

Estás retratada.

Sim... o original é mais bello, é mais perfeito.
Mas, olha, vê bem: Eu sou amador!
Desculpa!

S. Luiz, 1904.

Luiz Lima.

O mysterio da lagrima

I

Via-a chorar... Ella, a candida e loura creança
que eu adorava com o fervor e o fanatismo de um
crente, a formosa e meiga visão que me povoava os
sonhos, que me apparecia sempre, rodeada d'um
ambiente de pureza, no meu phantastico e louco
devaneio de poeta...

Eu, que sacrificaria a vida, o futuro, a felicidade,
tudo enfim, para que o riso nunca lhe fugisse
dos labios, para que a alegria nunca lhe abandonasse
a alma, via-a chorar, via-a soffrer, e não podia
enxugar aquelle pranto, e não podia minorar
aquelle soffrimento...

E as lagrimas, as tristes lagrimas, sentidas,
tremulas, algentes, rolavam-lhe lentamente, uma a
uma, n'um desfilar dorido, pelas faces descoradas
e pallidas...

Oh! como eu soffria tambem! Parecia-me que
envolta em cada uma das bagas cristallinas d'aquella
pranto, ia-me tambem um pedaço d'alma
que se bipartia no desespero d'aquella angustia
immensa!

Mas, qual o motivo d'aquellas lagrimas, qual
a causa d'aquella dôr profunda, sem limites, dilacerante,
que assim lhe fazia pender a fronte elegante e pensativa
como uma flôr crestada pelo sol, a quem faltou a carícia
reanimadora do orvalho da manhã?...

Desvairado, afflicto, febricitante, semi-louco,
eu me interrogava a mim mesmo e nunca, nunca
podia achar uma resposta plausivel!

Approximei-me d'ella, perguntei-lhe com a voz
abafada e supplice o que tinha, porque chorava:
ella não me quiz dizer, voltou-me apenas os olhos,
mas eram tão tristes, revelavam tanta magua, transbordava
d'elles tanta angustia... que eu tive impeto de lhe
cahir aos pés e, n'um rasgo de abnegação, offerrecer-lhe
o coração que aquellas lagrimas dilaceravam para poupar-lhe
aquelle soffrimento atroz que lhe cruciava a alma.

Finalmente despedi-me d'ella, senti a sua
mão fria, gelada, tremer na minha e parti... parti
porque não tinha mais forças para vel-a chorar!

II

Fui vel-a no outro dia. Trajava um *peignoir*
branco enfeitado de fitas azues, e os cabellos, louros
como um sonho de felicidade, cahiam-lhe esparsos
como uma onda de ouro por sobre os hombros. Não
chorava mais; esforçava-se para rir-se, por mostrar-se
alegre; mas a través d'aquella alegria ruidosa e por
isso mesmo falsa, eu descobria ainda o que quer que
fosse de dolorido e magoado que ella procurava occultar-me.

Sentei-me ao lado d'ella, tomei-lhe as mãos,
debalde busquei prescrutar-lhe a triste e commovente
historia d'aquella lagrima, d'aquelle poema de dôr
que se lhe lia nas faces.

Debalde... Sempre o mysterio!

Não me pude conter; fallei-lhe no pranto da
vespera, pedi, suppliquei, exorei-lhe, que me explicasse
o motivo d'aquella lagrima, a causa d'aquella tristeza
que ella procurava em vão occultar sob a mascara do
prazer.

—Não lhe posso explicar, disse-me ella. Olhe,
para que me falla n'isso? Não sabe como me magoa,
como me faz mal... E a sua voz tinha uma entonação
tão triste... tão magoada...

Obedeci. Procurei sorrir-me, mostrar-me alegre,
satisfeito; fallei muito; mas ali! a lembrança d'aquella
lagrima sentida cujo profundo mysterio eu nunca pude
descobrir, ainda me pairava n'alma enlutando-a de dôr!

Assim passamos o resto da noite.

Quando me despedi, ella desprende as tranças
uma flôr, uma mimosa flôr, e deu-ma. Era um
amôr-perfeito. Beijei-o tremulo e quando cheguei á casa
vi que a pobre flôr tinha uma pelata manchada: era
talvez uma lagrima d'ella.

Tenho-a visto sempre depois disto, todas as
noites.

Parece não soffrer mais. Mostra-se solícita, amavel,
carinhosa para commigo. Mas quando alguém falla nas
lagrimas e na tristeza d'aquella noite, a fronte annuvia-se-lhe
subitamente, o riso foge-lhe dos labios, e seus olhos,
os seus meigos e formosos olhos, perdem-se na
amplidão do firmamento estrelado, tão azul e
limpido como elles.

Que profundo mysterio occulta-se no coração
d'aquella creança? Que nuvem negra lhe veio tol-
dar a serena limpidez do horisonte de sua felicidade?

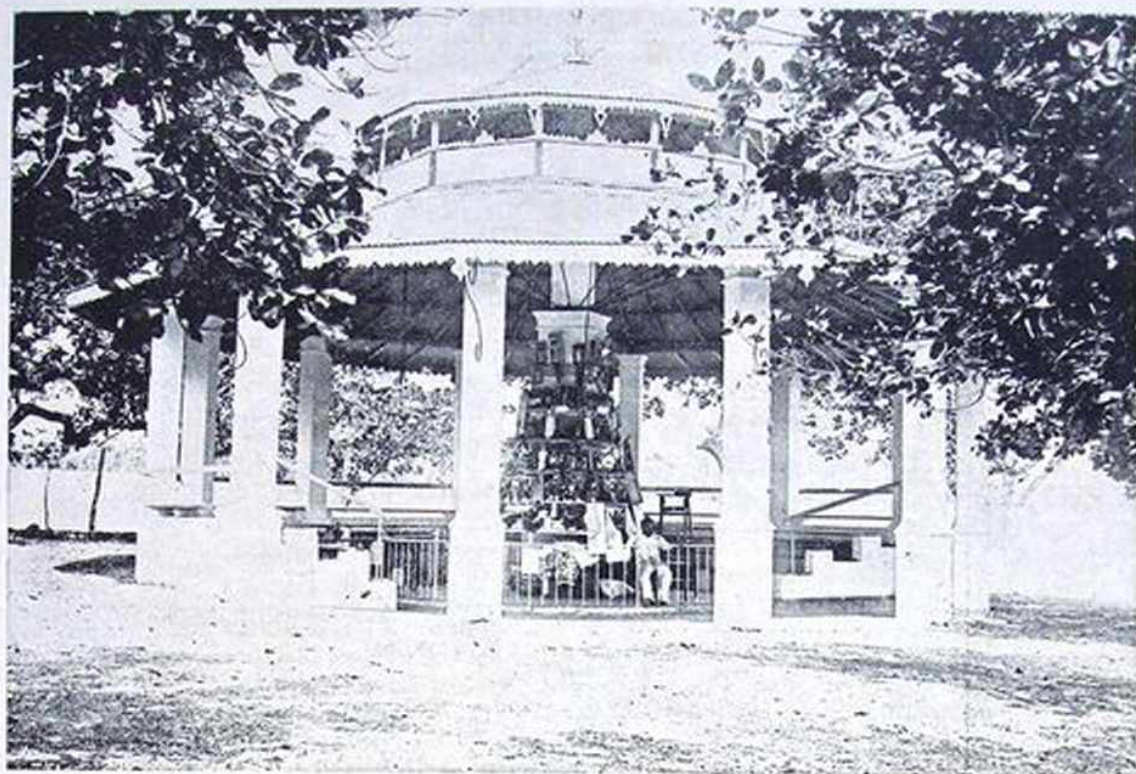
Não sei, nunca o pude saber... Mas o mysterio
d'aquella lagrima que eu nunca pude conhecer rouba-me
o socego dos dias, mata-me a alegria da vida.

J. Simas.

A mulher adultera

Ao alvorecer d'esse dia, Jesus, que passara a
noite ao relento no jardim das Oliveiras, entrou
em Jerusalem, pela Porta dos Cordeiros, visinha
da Piscina de Bethesda, e encaminhou-se para o
Templo.

Nadava em festas a cidade santa. Era o mez
de Ethanim, o septimo do anno ecclesiastico e o



MARANHÃO—HOSPITAL PORTUGUEZ—O Bazar—Phot. Amador J. Faria.

primeiro do anno civil judaicos. Terminara a colheita e nos celeiros transbordava o trigo que o orvalho do ceu fizera amarellecer nas searas.

Israel celebrava a festa dos Tabernaculos.

Havia sete dias que os lares dormiam deshabitados, porque o povo eleito abrigava-se sob tendas construidas ao ar livre com os ramos verdes do salgueiro e do myrto, entrelaçados de forma a dar passagem aos raios do sol, ao clarão da lua e ao scintillar das estrellas. As aguas de Siloé, transportadas cada manhã pelos levitas em vasos de ouro finissimo, corriam livres sobre o altar dos holocaustos, ao som do Hallel que o povo entoava acompanhado pela symphonia das trombetas sagradas. E todas as noites, em frente ás luzes dos candelabros symbolicos, levitas moços, tangindo as cytharas inspiradas, cantavam as glorias de Jehovah poderoso, lembrando as benções que sobre Israel fizera chover outrora, nos dias angustiosos e longinquos da travessia do deserto.

Quando Jesus penetrou no Templo, pela porta de Susa, era já enorme a multidão que no Adro dos Gentios se apinhava. Proselytos da Porta, Judeus da Dispersão, habitantes da Iduméa e da Decapole, moradores de Sydon e de Tyro, cruzavam-se em todos os sentidos, trocando com os cambistas a moeda estrangeira que traziam pelo *siclo* com que deveriam pagar o *corban* sagrado, confabulando com os mercadores que, sob tendas provisórias de cedro dos Libano, reluzentes de polimento, apregoavam essencias raras e unguentos perfumados, trazidas pelos Phenícios das paragens distantes da Arabia e da India.

Sob as arcadas do Portico de Salomão, os Pharisaeus e os Doutores da Lei, com os Tefillins reluzentes, cuidadosamente atados por presilhas elegantes sobre a testa e sobre as costas das mãos, e as franjas azuladas dos Tsitsith pendentes das extremidades do Talith, disqueteavam eruditamente sobre a observancia da Lei e sobre os pontos obscuros do codigo de Moisés, que nem os commentarios de Schammai, nem as explanações de Hillel haviam conseguido elucidar.

O sol nascente arrancava reverberações coruscantes das agulhas douradas da cupula do Santuario, e da Torre Antonia chegavam ossos marciaes do clarim dos Legionarios do Procurador que descera de Cesaréa a Jerusalem para assistir as festas e impedir com a sua presença qualquer manifestação hostil dos vencidos á soberania de Roma.

A noticia da presença de Jesus no Templo circulou logo por todos os grupos, attrahindo-os para as proximidades da Porta de Susa, por onde diziam que o Propheta havia entrado. A sua ausencia nos primeiros dias da festa havia sido commentada por todas as formas. Affirmavam uns que o Nazareno se acobardara ante as ameaças dos Sanhedritas e a attitude francamente hostil dos Saduceus, e andava áquellas horas foragido pelas montanhas ingratas da Perea. Outros sustentavam que o Tetrarca, cioso da fama que cercava o nome do carpinteiro de Nazareth, mandara atira-lo para um dos sombrios calabouços de Makeronte, provavelmente o mesmo em que morrera o Baptista.

—A seguir.


S. Lemos,

A Revista do Norte

Anno 4

Maranhão, 1 de Janeiro de 1905

Num. 81



O anno novo

Aos seus incansaveis e distinctos colaboradores, aos seus dedicados assignantes, aos seus solícitos leitores, a todos aquellos, enfim, que com o concurso valioso da sua intelligencia, o inapreciavel contingente da sua propaganda e o extraordinario apoio da sua solidariedade intellectual, a tem feilo viver atravez de todas as difficuldades e embarços que nos primeiros tempos lhe cobriram de espinhos o caminho, apresenta "A Revista do Norte" as suas saudações e os seus cumprimentos pela entrada do novo anno, desejando-lhes, no decurso do mesmo, todas as felicidades possiveis.

A Classificação das Sciencias

(Continuação)

A sciencia das plantas é mais simples que a dos animaes, tendo estes conseguido chegar em suas ramificações elevadas a um grão de perfeição estructural e funcional, que as primeiras não attingiram ainda. Encontra-se na planta, como no animal da escala superior, um centro de innervação e um appparelho completo que lhe é intrinseco.

Ha entre outros animaes phenomenos psychicos de que certas plantas apresentam apenas um esboço inteiramente rudimentar. (*)

Neste ponto destacou-se da biologia, sob a designação de psychologia-physiologica, um ramo que tende a uma certa autonomia, o qual comprehende o estudo dos phenomenos desta natureza.

A observação tem constantemente mostrado as duas grandes classes de seres vivos confundindo-se quase nos mais baixos grãos das escalas—botânica e zoologica. As diferenças, contudo, accentuam-se rapidamente na ascendencia das escalas de modo a evitar que o classificador caia na confusão inicial; isto mostra, pois, que a passagem da vegetabilidade á animalidade não é brusca e nem truncada, mas se faz por transições economicas, não havendo hiato ou qualquer outra perturbação apreciavel.

..

Alguns especialistas destes estudos, entre os quaes H. Spencer, em lugar da divisão em anatomia e physiologia vegetaes e anatomia e physiologia zoologicas, na sua valiosa obra—*Principios de Biologia*—prefere a que colloca de um lado—o conjuncto dos phenomenos de estrutura que se seguiria, no reino biologico, desde os protophyts até aos animaes mais elevados; do outro lado—os phenomenos de funcionamento estudados sem discontinuidade de baixo para cima, nos dois sub-reinos.

Com a mechanica deu-se um facto semelhante. Seccionava-se a principio em duas partes, uma comprehendendo o estudo dos phenomenos de equilibrio e movimento relativos aos solidos, outra o dos mesmos phenomenos apresentados pelos fluidos; depois subdividia-se cada uma destas partes em duas outras, e tinha-se:—*estatica e dinamica, hydrostatica e hydrodynamica*.

Comte condemnou este desdobramento e achou mais racional reunir os phenomenos estaticos; quer se relacionem aos solidos, quer aos fluidos, pelo mesmo modo quanto aos dynamicos, sem distincção entre os corpos que os produzem.

Dá assim o resultado seguinte: *estatica* subdivisão *hydrostatica*, *dynamica* subdivisão *hydrodynamica*.

E' incontestavelmente mais racional esta classificação e achamos que uma distribuição semelhante poder-se-ia adoptar na biologia, segundo a auctorizada opinião de H. Spencer.

(*) Alludimo-nos aos factos de contratibilidade observados em algumas plantas, podendo ter uma sensibilidade propria.

Por outro lado encerrar-se-ia num quadro especial os phenomenos de desenvolvimento quer no individuo, quer no conjuncto dos vegetaes e dos animaes; dividido este quadro em duas series: uma para a embryologia e outra para as doutrinas transformistas. O conjuncto da biologia abstracta apresentar-se-ia, pois, com as suas divisões e subdivisões seguintes:

Phenomenos estatísticos (Estructuraes
Funcionaes)

Phenomenos dynamicos (Individuaes—evolução do embrião e do
perfeito.
Grupo—evolução das especies.)

De modo que esta separação dos phenomenos naturaes em duas grandes classes comprehendendo uma, os de equilibrio, e a outra, os de movimento, poderia ser considerada tambem como fundamental e adaptada ás diversas ordens de estudos. As celebres obras de Berthollet e Berthollet já determinavam estes phenomenos. Com relação á physica, a distincção entre as duas categorias de phenomenos é muito usada em electrologia, onde ha para as respectivas medidas unidades estaticas e dynamicas.

Tratando-se tambem em thermologia de equilibrio de temperatura, temos a expressão caracteristica *thermodynamica*.

Na barologia, que se approxima da mechanica, as questões de equilibrio e movimento apresentam-se naturalmente e provocam as intituladas e celebres questões especiaes de secções: *hydrostatica, hydrodynamica*. Desde a mechanica até á sociologia inclusivé, achar-se-ia, pois, neste percurso, dois grandes quadros que se repetiam symetricamente, e onde cada sciencia apresentaria por sua vez os seus phenomenos classificados methodicamente.

..

Chegamos ao vertice do grandioso trabalho de Augusto Comte: a sociologia.

Esta sciencia já se delinea no estudo dos grupos formados por certos animaes e apresenta-se depois, nitidamente, recebendo o seu caracter autonomo, quando se prosegue no estudo das sociedades humanas. Ella resulta, pois, da observação do agrupamento dos phenomenos que se manifestam pela comunicação dos pensamentos e conservação indefinida dos resultados da actividade mental do homem. Os grupos organizam-se, aggregam-se, transformam-se parallelamente, a linguagem exprime-se em suas mais elevadas produções e um vasto campo scientifico apresenta-se á intelligencia investigadora.

As raizes da sciencia social mergulham, entretanto, na região subjacente occupada pela biologia; e se a continuidade dos phenomenos ainda não se mostra evidente, se os elos do raciocinio deductivo não se podem prolongar da biologia á sociologia,—é que no intervalo, entre a base puramente organica e o vertice em que se prendem os



A. P. GORGUET—O NATAL.



RUBENS—A VIRGEM E O MENINO DEUS.

productos superorganicos da civilização,—uma longa serie de geração humana superposta interpõe-se, de modo que as instituições sociaes parecem sair de outras instituições da mesma natureza e as idéas resultarem das series de idéas antecedentes.

No começo portanto, o que se observa ainda entre os animaes, a existencia social devia ter um laço bem sensível com a existencia biologica. Qualquer que seja o ser social deve conhecer-se em seu meio interno para que seus actos e suas idéas tornem-se comprehensíveis. O estudo da biologia, pois, deve preceder ao da sociologia, servindo-lhe sobretudo de fundamento.

Esta ultima sciencia mais complexa e dependente que todas as que enumeramos, é tambem menos geral, porque os seres que habitam a terra, o ar e as aguas, não são sociaes em seu conjunto.

Os grupos formados por aquelles que têm o instincto de sociabilidade apresentam certos caracteres e costumes interessantes ao estudo. Este é, entretanto, o preludio da sociologia, não constituindo uma parte integrante. Restam as sociedades humanas, que têm um circulo ainda menor e onde os phenomenos por isso mesmo são mais especiaes. São tambem os mais nobres e elevados em dignidade entre os objectos da sciencia.

O conhecimento profundo destas sociedades é o principal fim da sociologia, que as considera, quer no seu estado de equilibrio estrutural e funcional, quer sob o ponto de vista das mutações que ellas soffrem, evoluções que se produzem, dando-nos consequentemente os dois grandes ramos sociologicos: a *estatica* e a *dynamica* sociaes em symetria com as duas divisões da mechanica racional e da astronomia.

..

Finalmente duas questões apresentam-se como consequencia do estudo que vimos fazendo sobre a classificação das sciencias abstractas: uma referindo-se á moral, outra concernente á psychologia.

A moral firma-se na biologia e tem a sua origem na constituição psychica do homem.

Não se poderia pensar razoavelmente em transformal-a e, a admitir a possibilidade de uma semelhante operação, exigiria esta milhares de seculos para realizar-se. Em quanto não chega essa data, precisamos de uma moral racional e positiva para facilitar a evolução de nossa especie a um estado de civilização mais aperfeiçoada. Se o homem fosse um ser completamente egoista, teriamos que renunciar a idéa de moralisal-o, tornando-o capaz de bondade e dedicação.

Para estabelecer-se uma base de operações de aperfeiçoamento é preciso, pois, reconhecer a existencia natural no homem de germens altruistas, faculdades favoraveis, embora rudimentares ao principio. Uma moral positiva só pode fundar-se sobre semelhantes aptidões, sem as quaes a benevolencia e dedicação se comprehenderiam apenas como actos miraculosos em virtude de graça di-

vina, o que estaria alem dos limites da sciencia e n'uma esphera fóra de nossa penetração. E' portanto sobre uma theoria das faculdades mentaes que repousa a moral scientifica. O fundador do positivismo comprehendeu perfeitamente este facto e apresentou a seu respeito uma theoria hypothetica, mas racionalmente elaborada. As tendencias altruistas, como as egoistas, são naturaes no homem, somente estas revelam-se mais fortes e predominantes. Por isso torna-se necessario desenvolver aquellas por meio de uma educação apropriada, de modo que pelo seu poder se contrabalancem, conseguindo afinal restringir progressivamente a acção nociva do egoismo.

Esta conquista da moral é racional e poderá ter sempre um resultado satisfatorio, porque as tendencias egoistas se oppõem e procuram até certo ponto destruir-se; ao passo que as altruistas se sustentam e reforçam-se mutua e harmoniosamente. Não será pois temerario prever um estado de aperfeiçoamento no qual o homem possa viver pela dedicação, realisando assim o preceito superior da moral positivista, mais desprendida de egoismo e portanto mais pura que a actual.

Tomando-se a biologia por tronco commum de onde se ramificam a moral e a sociologia, como hierarchisar estas duas sciencias?

A moral precederá a sociologia?

Augusto Comte modificou a sua primeira classificação; a principio collocou a moral antes da sociologia, mas depois, no *Systema de Política Positiva*, inverteu esta ordem dispositiva, considerando a moral como sciencia mais digna e sobretudo mais complexa.

Esta sua ultima decisão provocou diversas objecções e discussões. Um dos attributos do principio de hierarchisação é, como sabemos, collocar cada sciencia numa completa independencia relativamente ás que se seguem e de conformidade com os elementos essenciaes de sua positividade.

Ora, o proprio Comte empregou na constituição da sociologia, elementos e principios da moral. Reprovou tambem aos economistas por não terem na elaboração de suas doutrinas, attendido aos factos moraes existentes e estreitamente combinados no *complexus* social.

Para Comte a sociologia engloba o conjunto dos phenomenos da sociedade, inextricavelmente misturados, apresentando uma unidade indecomponivel. A sociologia não é assim independente da moral. Creemos que se poderia conciliar a divergencia sobre esta ordem dispositiva, collocando ambas na mesma altura hierarchica e sobre a base organica commum. A esta igualdade de nivel corresponderão correntes de communicações, que levarão facilmente á sociologia os elementos da moral e á esta as noções provenientes daquella, visto como ha neste facto uma parte de ethica que reveste um caracter social innegavel e no qual a sociologia tem pelo menos autoridade consultiva. Collocando-se a moral no vertice da hierarchia, certamente ella se servirá dos resultados sociologicos para sua formação e progresso.

A ordem inversa, baseada na reciprocidade, admissivel para dar á sociologia um pleno desen-



BESQUES - A VESPERA DO NATAL -

volvimento, não será indispensável à sua existência.

O mesmo verifica-se com as disciplinas sob a designação colectiva de *sciencias sociaes*. Comte não admittia a sua existência distincta e autonoma.

Para elle confundiam-se na sociologia, que lhes fornecia a synthese e as englobava para produzir phenomenos comprehendendo respectivamente a materia indistincta de suas elaborações. Outros, divergindo desta opinião, affirmam que a economia, o direito, a linguística, a estetica, etc., têm, como a moral, razão poderosa de autonomia, attendendo-se ás suas relações com a sociologia.

As mutações sociaes não se explicam somente pelas *sciencias sociaes* particulares.

Os seus factores são multiplos e convem estudar nelles indivisamente as acções e reacções reciprocas.

E' o que faz effectivamente a sociologia. Será, entretanto, isto um motivo para isolar cada um desses factores, consideral-os a parte e determinar-lhes os efeitos no caso hypothetico de que se tratasse?

Mantendo embora estreita correlação, ha casos em que um desses factores torna-se preponderante e imprime ao acto social seu caracter distincto: si o movel dirigente for o egoismo—o acto será economico; si for impulsionado pela dedicação e propensão para o bem—o acto será propriamente moral; si for levado pelo sentimento de justiça—o acto terá especialmente o caracter do direito, etc.

Compreende-se pois, um estudo distincto de cada uma destas categorias de actos sociaes, não esquecendo que, na realidade, se apresentam conjunctamente á observação, influenciando-se reciprocamente pelos seus intuitos e justificando-se assim a intervenção de cada sciencia social particular na sua esphera e dentro de certo limite.

O phenomeno social é complexo; o raio de luz que nos fere a vista e que a principio julgamos indecomponivel, não é tão simples comtudo: analysado definitivamente revela-se composto de diversos elementos, cada um com as suas qualidades e acções proprias.

A analyse sociologica pode ser feita e convenientemente adaptada á disposição de um poligono, onde os respectivos angulos representam os phenomenos economicos, juridicos, politicos, moraes, religiosos etc.; a sociologia geral combinando-os methodicamente e obtendo pelo estudo distincto, um conhecimento mais profundo da razão e attributos de cada um delles.

Admittimos, por isso, ao lado da sociologia a possibilidade da existencia das sciencias sociaes particulares. Entre estas proceder-se-á tambem a uma classificação, determinando-se seu respectivo lugar no interior do grupo e o do grupo completo com relação á sociologia. Assim pensamos que o grupo no seu conjuncto poderia ficar no mesmo nivel scientifico da sociologia geral. Quanto á sua distribuição interna, não são desconhecidas as diversas tentativas feitas sem um resultado positivo.

Fallece-nos competencia para organizar essa classificação, que exige desenvolvimento e detalhes justificativos muito complexos e alheios ao presente estudo.

A psychologia, que não figurou na classificação, constitue a segunda questão de que atraz fallamos.

Augusto Comte recusava o methodo de observação interna sobre o qual então se apoiavam, quase que exclusivamente, os exploradores psychicos.

Elle resumio sua opinião a semelhante respeito na celebre phrase: *on ne se met pas à la fenêtre pour se regarder passer*. Ao que lhe respondeu Brunetiere, se não nos enganamos, defendendo o processo de introspecção psychologica: *oui, cela est vrai, mais on peut cependant s'examiner en se plaçant devant une glace*.

No que se chama a observação interna, o que se observa é a imagem do acto mental conservado pela memoria, reconstituído e reenviado ao espirito. O ser pensante não se observa pois pensante, mesmo porque estando na janella, como Comte disse ironicamente, não podia se ver passar. Para elle, pois, as faculdades mentaes do homem e as operações internas que ellas executam não são percebíveis e só podem ser estudadas por seus resultados sociaes.

Devido ultimamente aos trabalhos de alguns sociologos contemporaneos, entre os quaes Le Bon e G. Tarde, os phenomenos socio-psychicos attenta e minuciosamente estudados, sobretudo pelo ultimo, formam hoje o objecto de uma disciplina firmada.

Entre outros resultados, Tarde confeccionou o mecanismo da imitação em sociologia. Combinou e reduziu seus documentos e observações em systema e apresentou as suas celebres leis. (*)

Não podemos, entretanto, negar que o fundador da sociologia logo em principio notou a importancia destes phenomenos inter-psychicos, a respeito dos quaes, na parte statica de sua elaboração, consignou indicações bem precisas. (2)

Posteriormente Bagehot desenvolveu com profunda competencia estas interessantes questões de psycho-sociologia. (3)

Comte não bania por conseguinte a psychologia da sciencia, comprehendendo-a somente de modo differente.

Acreditamos mesmo que considerando a psychologia individual, condemnava apenas o processo de observação empregado nas indagações e estudos sobre a natureza mental do homem ou do animal. Não repugnava por isso reconhecer, no futuro, um caracter scientifico á nova psychologia, que se guia e situa-se na physiologia cerebral e na experimentação psycho-physiologica, abandonado o methodo da introspecção.

Nestas condições passará do estado embryonario a inscrever-se ao lado das sciencias positivas.

Como será então alli collocada? Responderemos com Bagehot. A psychologia que de algum modo é a manifestação da physiologia cerebral, deverá collocar-se immediatamente a esta.

(*) Vid. *Leis de l'Imitation*—Introd.

(2) Augusto Comte *Syst. de Polit. Posit.* Introd. cap. terceiro.

(3) *Leis Scient. du Developpement des Nations*.

—A seguir.

Machado Junior.



W. BURTON—O NATAL A BORDO

A Revista do Norte

Anno 4

Maranhão, 16 de Janeiro de 1905

Num. 82



A VIDA NO JAPÃO—N. 1—JAPONESAS ALMOÇANDO—A' direita a creola, de joelhos, serve o arroz

A VIDA NO JAPÃO

Compõe-se a parte artistica do presente numero d'A *Revista do Norte* exclusivamente de gravuras reproduzindo, nos seus mais pittorescos aspectos, a vida urbana e rural do Japão.

Na febre de interesse que actualmente desperta em todos os paizes civilizados essa nação do Extremo Oriente, que, ha pouco mais de meio seculo, julgavam todos atrasadissima e barbara, será de certo essa nossa iniciativa bem recebida por todos os que folheam o nosso magazine.

As gravuras que inserimos, todas de uma actualidade flagrante, tem a vantagem de revelar os costumes essencialmente locais do Japão, mantidos ainda a despeito do verniz apparente de civilização occidental com que os japonezes procuram disfarçar as diferenças palpaveis que radicalmente os separam dos europeus.

A nitidez e a disposição d'essas gravuras dispensam qualquer commentario elucidativo. A sua simples inspecção visual bastará para dar a idéa que encerram e tornar per-

feitamente comprehendida a scena que illustram.

O nosso proximo numero será consagrado, nas gravuras e no texto, ao actual conflicto russo-japonez, inserindo um extenso artigo estudando as causas reaes dessa guerra que presentemente desola o mundo culto.

Recuerdo

Conheci-o...

Era um rapaz sympathico, bom e jovial... A affabilidade do trato, a sonoridade da voz quando usava da palavra, expandindo radiante umas idéas frescas e boas, attrahiam aos que tinham a felicidade de apertar-lhe a mão n'uma intimidade perfeita.

Notava-se-lhe um defeito, apenas: não era filho da nossa formosa *Erin*.

Vindo de outras terras a passeio, em pouco tempo soube captivar a nossa sympathia e a do... bello sexo.

Como elle era docil, como sabia contemplar as flores perfumadas d'este casto jardim, e como se expressava bem, si um feliz acaso lhe permittia encontrar uma *violêta* que lhe dirigisse a palavra sonora e amenizante! Era um rapaz finalmente *du monde chic* e de uma educação esmeradissima, *comme il faut avoir ici bas*.

Uma noite vio-o, n'um esplendido salão de um *Paraizo* carnavalesco, oceanizado de aromas extasiantes, e inundado por um diluvio de luz, sentado ao lado d'Ella como um rei no seu doirado throno.

Ambos, offegantes pelo delirio de uma valsa, tinham-se sentado esperando o momento em que cessasse a fadiga para encetar novamente a expansão dos seus segredos de amor...

A valsa o—*Amor dos Amores*, executada artisticamente pela orchestra, fazendo echoar os seus harmoniosos sons no seu coração, como um riso de fada, embriagara-o tanto, que impossivel lhe fôra fugir ao doce intento de render ao idolo adorado o culto devido á sua excepcional belleza! Assim o fez...

Ebrio de amor, mas de um amor puro e sincero, expandiu toda a ardência d'esse sentimento á gentil donzella, promettendo-lhe, na *verve* de sua



N. 2—DANSARINAS JAPONEZAS

paixão, como um poeta no delírio da sua inspiração,—palácios de crystal com arcadas de ouro, onde ella pudesse ostentar um mundo de grandeza de que era mui digna pela sua radiante formosura!

Todos que passeavam pelo esplendido salão ao final das contradanças e viam ambos nadando em um mar de magneticos sorrisos, em posição elegante, deixavam sempre escapar dos labios a deliciosa phrase:

—Que formoso par !...

E era-o sim. A formosa *Camponessa*! porque ella se achava assim vestida no baile á phantasia do deslumbrante *Paraíso*, era o mais perfeito *specimen* da mulher: bella como as filhas de Sambul e graciosa como só ella.

Elle tinha razão de se achar apaixonado por esse primor da natureza.

Tinha feito de seu coração o cofre dos olhares d'ella, tão lucidos como as estrellas, tão angustiosos como o luar. E passariam ambos, assim, n'um oceano de mansas alegrias, de palavras preñhes de amor, si o signal para a ultima quadrilha não os despertasse d'esse puro encantamento.

Elle amava-a como se pôde amar na vida...

Ella o queria muito, tanto quanto se pôde querer o que nos deleita e nos amenisa o coração.

O final do baile entristeceu-os, tinham achado pequena essa noite de doçura, e ambos, feridos pelo amor, apartaram-se n'um ruído de retumbantes vozes dos convivas que saíam, deixando escapar dos labios n'um dilúvio de sorrisos, nas flammillas do amor, juntos e harmoniosamente, a palavra:—amo-te...

E amavam-se devéras.

Quando elle chegou á casa onde se achava hospedado e entrou no quarto, estava livido.

Disseram-me alguns amigos que com elle convivem,—que levára todo o resto da madrugada em

sonhos, imitando com sua voz a inebriante valsa o *Amor dos Amores*, sua predilecta.

Pobre mancebo, no delírio de seu amor dera o coração ao anjo que lhe apparecera no horizonte da vida, radiante como surge a aurora por entre os rendilhados verdejantes das montanhas do Oriente.

M. M.

A Philosophia do Nada

Nada existe—eis um dogma fatal, uma divisa que já pertenceu ao passado e que pertencerá ao futuro.

D'esde o supremo mysterio de Buddha até ao desespero de Harthman, desde Epicuro a Hodes, de Socrates a Leibnitz, de Diogenes a Voltaire, dos Cynicos a Schopenhauer, de S. Paulo a Comte, a luta é sempre a mesma e ainda não se sahio do *Nada*!

Morre o lethchismo (religião da natureza), vem o polytheismo (religião da Arte); desaparece este e surge o monotheismo (religião de um só Deus), decahe este, vem a philosophia revolucionaria, lutam os espiritos theologico e metaphysico; nasce o Positivismo, e a luta é sempre a mesma, e ainda não se sahio do *Nada*!

Brilha a sciencia, discutem os sabios; sondam-se os ceus com a Astronomia, o telescópio e a photographia; estuda-se a Terra pela physica, a chimica, a geologia e a mineralogia; observa-se a natureza vegetal pela botanica e a animal pela anatomia e a physiologia; e ainda nunca se resolveu um *porque* sequer... A luta é a mesma, e ainda não se sahio do *Nada*!

Lá apparece um dia a Dôr; mas a Dôr existirá tambem? Não sei; mas admittamos que exista. Vem a dôr, mortifica-nos o corpo nos multiplos phenomenos de uma molestia; mostra-nos, enfim, depois de longos soffrimentos, a Morte, outra hypothese que tambem não sei si é a realidade.



N. 3—UMA RUA EM OSAKA

Então, vendo ameaçada a sciencia da vida que é a Biologia, chamamos a sciencia do allivio que é a Medicina; e no fim de contas só não se morre si a natureza tem forças para a reacção. E o que fez a Sciencia que, ha tantos seculos, consome a vida de tantos sabios? Nada, absolutamente Nada.

Os medicos vêem succumbir seus entes mais queridos, sentem mesmo ás vezes o seu proprio e ainda mais estremecido *Ego* já quasi no laço da terrivel Parca, e não se podem salvar!

D'ahi o aphorismo popular que a tradição repete: «Só se deve tomar remedio quando não ha mais remedio».

A luta é sempre a mesma e ainda não se sahio do Nada.

Os povos que fallavam o *sanscripto*, escreveram um dia estas palavras terriveis: «*Nismind*, *Nama* e *Naham*» que querem dizer mais ou menos: «Eu não sou nada, nada existe, eu mesmo não existo».

Os infelizes russos, no hora terrivel do despotismo dos Czars, perseguidos, sem lei que os abrigasse, sem justiça que os ouvisse a não ser a força, corriam desvairados para as regiões polares da Siberia, e morriam de frio escrevendo somente sobre o gelo esta palavra: «*Nihil*».

A vida, diz uma velha maxima, é um sonho e nada mais. E o que é o sonho? Ainda nunca se poudo explicar, como a incognita da vida, porque a sciencia descobrindo tudo, só consegue descobrir o Nada!

Assim foi que tive um dia um amigo que amava loucamente uma loura menina. Quando me fallava n'ella era como si tivesse nos seus olhos languidos descoberto o elixir da felicidade eterna!

Uma vez, porem, procurou-me elle; trazia o rosto banhado em pranto. Tinha acabado de acompanhar o enterro de sua amada! Vestira-a de branco como se fosse mesmo uma noiva, ornara-lhe a fronte com uma grinalda de flores de laran-



N. 3—UMA TOCADOIRA DE GUITARRA

geira, para que entrasse assim tão pura e tão linda ás portas do Paraizo.

Tres annos depois, em um dia de *spleen*, fui com elle ao cemiterio; abrimos um tumulo; arrancamos a tampa de um caixão!... Triste espectáculo! Só encontramos uma fria ossada, coberta outr'ora pelos artificios de uma belleza vã, e hoje reduzida a um pobre esqueleto!

Vêo, flores, vestido, tudo ali jazia esphacelado, como testemunho eterno de que d'aquella vida angelica hoje somente existia o Nada!

Coração humano! tu que és tão cantado, tão querido e tão invocado, onde existes tu? Serás este musculo que bate porque tem nervos e despeja sangue?

Alma! ó incompreensivel Alma! tu que és tão procurada e tão discutida, tu que guardas, como um sacrario precioso, todos os segredos do pensamentos e todas as sensações, onde estás tu? Dizem os philosophos que estás em tudo em que existe a vida... Mas eu corto os nervos e não sentes mais; atrophio o cerebro e não pensas mais!

Deus! ó grande Deus! és tão adorado e tão chamado; e tu és tão infinito e tão onnipotente, que, quem quer subir onde estás, desce sem sentir o plano inclinado que vai dar ao Nada!

Mas finalmente, si tudo é assim o que é o mesmo Nada? O Nada é o sacrificio do Christo sobre o Calvario, é a palavra de Demosthenes vibrando sobre as aguas; é a lanterna de Diogenes procurando um homem; é o grito dos martyres em Roma; é a excomunhão de Lutero; a carnificina de S. Bartholomeu; é o riso de Voltaire e o amor de Julieta; são as professias de Rousseau, o 89 francez e as glorias de Napoleão; é a philosophia do Incognoscivel e, enfim, a sciencia do seculo XIX!

Amor, gloria, sciencia, ideaes e crenças, tudo são illusões que passam; e neste mundo só ha de realidade—o Nada!

D. M.



N. 4—UM JARDIM PARTICULAR EM YOKOYAMA



N. 6—LAVRADEIRAS DEBULHANDO A CEVADA EM GRÃO

A Classificação das Sciencias

(Conclusão)

Ficará sendo, pois, um ramo da biologia. E' de supor que mais tarde as operações psychicas possam ser estudadas por si mesmas, independente de seu *substratum* organico; que uma parte puramente psychica eleve-a ácima da secção psychophysiológica; ou finalmente que venha a ter uma existencia propria, consequencia ainda assim da biologia, embora mais especial e dependente.

Elevando-se em complexidade, deverá por isso mesmo collocar-se em uma ordem superior da escala encyclopedica. Depois do que temos exposto, a serie das sciencias abstractas ficará completa na ordem seguinte: mathematicas, physica, chimica, biologia (com uma secção superior—a psycho-physiologia, ou somente psychologia logo que se torne independente), moral, sociologia—sciencias sociaes particulares.

∴

Vejamos agora algumas considerações sobre as sciencias concretas. Trataremos dellas succintamente e apenas para salientar o pensamento de Augusto Comte.

Estas sciencias teem para aquelles que admittem a sua realidade, uma classificação, cuja escala se estende parallelamente a das sciencias abstractas.

Comte não admittia a existencia de verdadeiras sciencias concretas e expoz sua opinião a este respeito no primeiro volume do seu *Systema de Politica Positiva*.

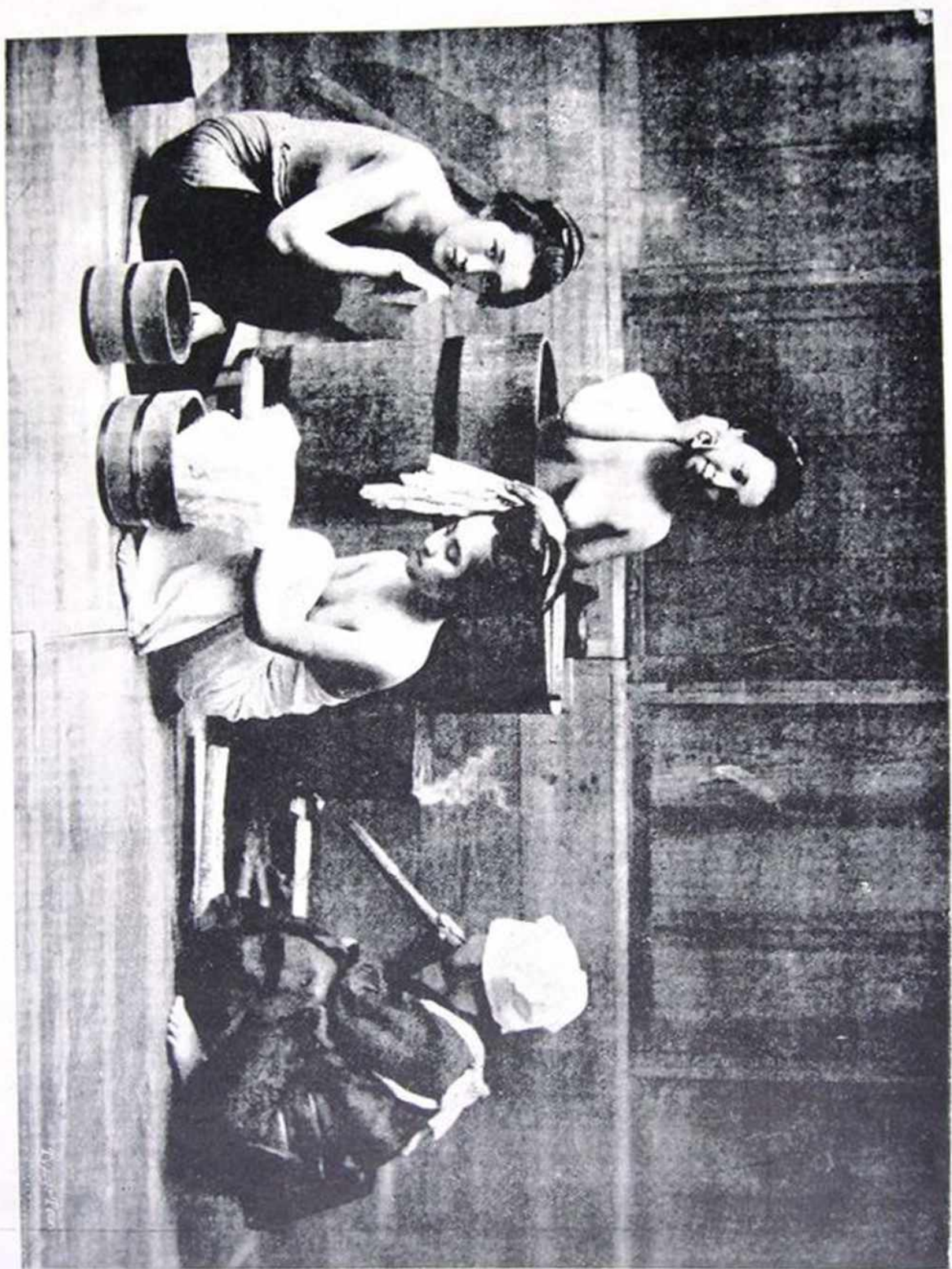
Segundo seu modo de ver, nada havia ali a organizar em vista da pratica industrial, social, politica, etc. elementos, noções, principios estabelecidos e fornecidos pelas sciencias abstractas,—designadas por este termo as disciplinas que comprehendem em sua acção os proprios phenomenos, abstracção feita dos resultados tangiveis, que proveem de sua acção combinada.

H. Spencer attribuiu—às palavras *sciencias abstractas*, um sentido differente.

Designou por tal as sciencias que elaboraram noções puramente intellectuaes, subjectivas, como por exemplo, as noções que se encontram em logica e regem phenomenos que na realidade con-



N. 7—PARSEATA DE CRIANÇAS



A REVISTA DO NOITE

A VIDA NO JAPÃO—Um banho em família

MARANHÃO—BRAZIL



N. 8—LAVRADOR JAPONÊZ PONDENDO EM MOVIMENTO UM MOINHO PARA IRRIGAÇÃO DOS CAMPOS

creta não se encontram, taes como um ponto geometrico, sem extensão de especie alguma, uma linha sem espessura nem largura, um plano sem espessura, reservado o nome *concreto* ao que cãe sob os sentidos.

Partindo dahi, estabeleceu trez grandes classes de sciencias: as *sciencias abstractas*, as *abstractas concretas* e as *concretas*.

Ao primeiro exame nota-se logo que esta classificação apresenta menor homogeneidade que a de Comte, alem de uma complicação inutil, que a deste evitou.

Mistura-se alli a ordem concreta com a abstracta, resultando, pois, confusão á sua comprehensão.

E' mais simples e racional para os que, tambem contrarios a opinião de Comte, admittem sciencias concretas, classificam-as a parte, parallelamente ás sciencias abstractas, como o fez Manouvrier, que addicionou ás duas series parallelas, uma terceira sciencia comprehendendo as disciplinas, que tendem para a pratica e que permittem agir sobre a natureza physica viva e moral, modificando a sua acção no meio dos interesses da civilização.

Como vimos, o principio de hierarchisa-

ção scientifica de Augusto Comte, apesar de erroneas apreciações e odiosas objecções, cada vez mais se eleva victoriosamente do grande monumento philosophico e scientifico deixado por seu poderoso espirito.

Vizeu—Pará—1904.

Machado Junior.

DESDEMONA

Sob as cortinas, pallida e risonha,
No leito azul, entre os cabellos d'ouro,
Ouvindo os anjos candidos em córo,
Desdemona dormita e sonha... e sonha.

Vae desmaiando a lampada tristonha...
Dorme feliz o cherubin tão louro,
Dorme sonhando... acerca-se-lhe o Mouro:
Tinha no olhar a colera medonha.

Sorrindo accorda aquella flôr divina,
Fita no entanto a lagrima que corre
Na fulgurante lamina assassina.

E quando sente o golpe do cutelo
Geme, estertora, desfallece... e morre
Pelos ciumes tragicos de Othello.

ALUIZIO PORTO.

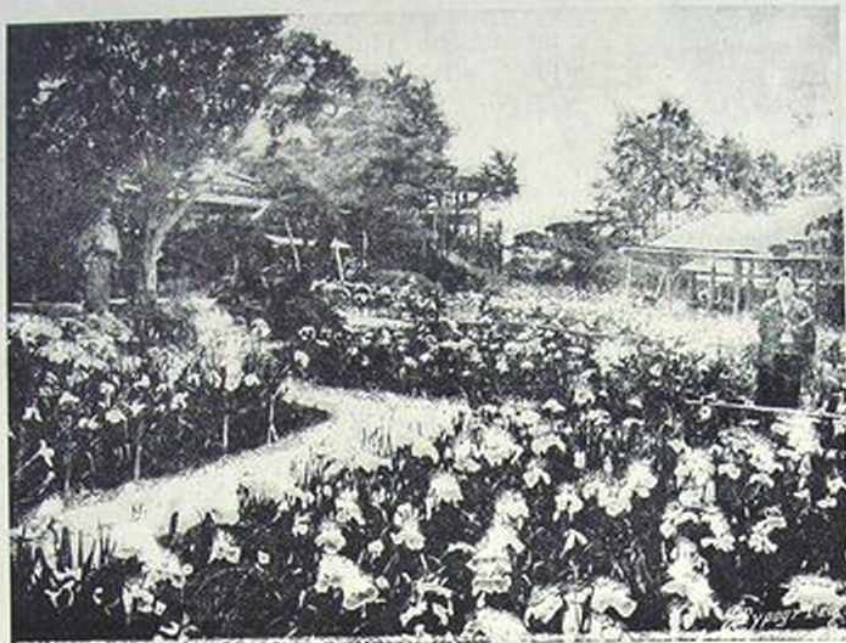
Hypnotismo

Luiz, o noivo apaixonado de Leonor, a formosa menina de deseseis annos, formosa como uma garridice de criança, não acreditava em suggestões hypnoticas. O numero dos incredulos como elle era extraordinario, e para arraigar mais a sua incredulidade, resolveram fazer uma sessão de hypnotismo. O local escolhido para tal fim foi um bellissimo jardim da casa de Luiz.

A' noite, pela folhagem balouçante da aragem que, osculando todas as perfumosas flôres do jardim, enchia o ambiente de um aroma inebriante, a lua filtrava os seus esbranquiçados raios e praticava a superficie limpida de um regato que se espreguçava por entre margens verdejantes e flori-



N. 9—JAPONÊSAS JOGANDO CARTAS



N. 10—IRIS EM FLOR NOS JARDINS DE HORIKIRI

das, dando ao jardim um aspecto deslumbrante. Começou a sessão e o primeiro a ser hypnotizado foi Luiz, o noivo apaixonado de Leonor.

Submeteram-no a varias provas e por fim suggeriram-lhe a idea de assassinar a sua noiva no dia immediato pelas sete horas da manhã.

.....
Incredulidade atroz, fatal, sinistra.

Luiz ia ceifar inconscientemente, de um só golpe, aquella flôr adorada, porque a veracidade do phenomeno hypnotico impeli-lo-ia a fazel-o.

Leonor talvez n'aquelle momento maldicto pensasse na sua felicidade, na realisação do seu ideal sonhado em noites de delirio, tributo dos seus deseseis annos de mocidade.

E ella tinha somente deseseis annos. Ao perfumar de deseseis flôres na primavera da vida, a existencia é sempre bella. Ha uma esperanza em cada flôr que vicia, um riso em cada aurora que surge e uma crença em cada madrugada que desponta. Ha tanta luz nessa idade, que as trevas do erro não podem apagal-as. Leonor era uma flôr viciosa que abria ao sol brilhante da primavera da vida. Ella sempre alegre, risonha respirava o perfumado ambiente do presente, nem sequer cuidava no futuro. Dizia muitas vezes: se a existencia de hoje é um hymno de sorrisos e venturas, para que pensarmos no

dia de amanhã, que pode ser uma nenia de saudades e de lagrimas. Leonor brincava no perfumado lar da primavera e Luiz descaído do seu futuro, applaudia os seus folguedos como o velho applaude os primeiros sorrisos da humanidade que se levanta.

Logo pelas seis horas da manhã do dia immediato, quando o sol começava a dardejar os seus ardentes raios sobre os pincaros das verdejantes montanhas do Oriente, Luiz, irrequieto, raivoso dava começo ao seu vestuario. Poz no bolso o retrato de sua noiva, e... juntamente o punhal assassino. Chegando á casa de Leonor, encontrou-a recostada n'uma *chaise longue* com o busto meigo e doce ondulado com a arfagem suave do seio como um batel azul vogando em mar de neve. Na occasião em que Luiz entrou, cahiu-lhe das mãos

a tragedia de Shakspeare—o Othelo.

Apertou-lhe convulsivamente as nevadas mãos, beijou-lhe pela primeira vez as faces nacaradas, segredou-lhe ao ouvido... (talvez o mysterio fatal da suggestão hypnotica) e quando no relógio soava a primeira badalada das sete horas, Luiz vibrava no peito virgem e offegante de Leonor o punhal inconsciente do assassino.

.....
Incredulidade atroz, fatal, sinistra.

O. M.



N. 11—UM PASSEIO DE CARRUAGEM

Neblinas

Do alto da montanha nas, manhãs de inverno, eu as vejo cair uma por uma. O verde-escuro das mattas orvalhadas vai pouco a pouco turvando-se, e o meigo azul dos céus annuviando-se a meus olhos vagos.

Somem-se depois e quasi de repente todas as casinhas da formosa villa; e só ouço em baixo, no fundo dos valles, os languidos queixumes da corrente que já quer banhar os cabellos louros da alvorada.

E eu me sinto feliz nessa rapida solidão, porque me parece, que minha alma se desprende de todas as paixões ruins para saudosa conversar commigo, como se fosse a tua imagem, ó minha amada, que me viesse embalsamar as magoas.

Então não creio que estou longe de ti, e a minha nostalgia evapora-se nas oscillações de um sonho.

Depois... tudo se apaga; um sol ardente abrasa todas as melancolias da natureza, e eu vejo um mundo para que não vivo, ouço uns threnos alegres que em mim não repercutem mais, sinto odores subtils que não ousam enebriar-me, e só me agrada o verde-escuro das mattas por ser cor de esperança.

Aqui, ó minha amada, aqui, longe de ti, minha alma é como as manhãs da inverno e as minhas saudades são pallidas neblinas.

Oscar de la Tour.



N. 10—UM MERCADOR DE OBJECTOS DE CERAMICA, EM TOKIO

A emancipação feminina

Não obstante os frequentes clamores dos espiritos revolucionarios e innovadores, a mulher ainda não pode constituir-se uma entidade perfeita, ainda não pode proclamar a sua completa autonomia.

Familiarisada com as doutrinas e principios que a civilização apregoa na sua passagem veloz e destemida no cyclo do progresso, ella não cança de exigir a sua emancipação politica e social!



N. 12—JAPONESAS NO LEITO

Julga-se uma escrava, considera-se uma victima. Primeiro que tudo, excellentissima escrava e respeitabilissima victima, de quem sois escrava e por quem sois victimada?

Respondereis muito naturalmente, sem nenhuma relutancia: pelo homem.

Mas eu faço minhas aqui as palavras de um dos vossos mais acrysolados defensores, d'aquelle espirito brilhante de Dumas Filho, n'um dos seus bellissimos trabalhos:

«A mulher não tem razão quando declara que não quer continuar a ser escrava do homem, e quando, ao mesmo tempo, julga poder viver independente.

«Em primeiro lugar, a mulher só é escrava do homem quando ella é propria assim o quer, quando com elle se casa, e nada, legalmente, a obriga a casar-se. Em segundo lugar, não pôde ter vida á parte, independente do homem, pois que este desempenha certas funcções materiaes que a mulher não pôde desempenhar, e sem as quaes a vida á parte é independente, que ella para si reclama, nenhuma segurança teria, e até se tornaria impossivel; assim o homem é soldado e a mulher não é.

«Depende ella pois do homem,

«ainda mesmo quando se conserva celibataria, para a defeza do seu lar.

«Quanto á sua escravidão, tal escravidão, repetimos é voluntária; ella é legalmente livre, tão livre, mais livre do que o «homem», desde que completa vinte e um annos, e nenhum poder no mundo poderia «prival-a da minima parcella d'esta liberdade legal, se ella quizer conservá-la, liberdade muito mais lata, muito mais vantajosa—sempre legalmente—do que a «nossa».

Alem d'isso fazer a emancipação da mulher sem ter ella uma completa orientação politica e social, com a educação que tem, será irrefragavelmente o detrimento da sociedade que não se poderá assentar sobre alicerces solidos e inconcussos, pela irresolução, inconstancia e falta de iniciativa, symptomas característicos da mulher em sua quasi collectividade.

Ainda mais: a emancipação feminina trará inevitavelmente a dissensão no lar e abalará sensivelmente a familia que combalindo progressivamente, se desmoronará por fim.

A emancipação feminina parece-nos até um absurdo.

Vejamos o fundo das cousas.

A concepção scientifica tem-nos claramente provado a fraqueza congenita do organismo physico da mulher, fraqueza que se manifesta em todos os seus actos.



N. 10—JAPONESAS A EXECUTAREM TRECHOS MUSICAES NOS SEUS INSTRUMENTOS ESPECIAES

Ora um organismo fraco é indubitavelmente incapaz de arcar com os obstaculos e labores na luta pela existencia, esse drama sinistro de que fala Darwin.

Eduque-se mais a mull.ª e restrinja mais as raia de suas aspirações.

Procure seu triumpho nos cantos ardentes dos poetas que a immortalisam, na tela scintillante dos pintores que a perpetuam, no marmore glorioso dos estatuarios que a eternisam.

Procure seu triumpho nessa doutrina luminosa e santa que ella tão ardentemente sabe evangelisar, nessa luz esplendorosa e bella que irradia de seus olhos, nesse perfume suavissimo e inebriante de uma flôr que se fecunda no adyto de sua alma, n'esse gorgeio mavioso e limpido que se escuta no ninho mysterioso que ella guarda no sacrario immaculado do coração, nessa palavra de uma doçura deliciosa e estranha e que seus labios murmuram—o amor que é cousa muito alta e muito nobre na mulher, como diz Michelet.

Faça isto que já tem feito muito e talvez o mais que pôde fazer.

Fazer a séde effectiva nos prazeres intellectuaes é fazer desaparecer a esthetica e cruzar os braços o artista que ficará irrevogavelmente sem musa que lhe inspire, sem ideal que o illumine, sem modcio para suas criações, pois musa que faça prelecções de mathematica, ideal que discuta questões juridicas, não pode inspirar senão um sentimento de aversão ao artista que o sonha de outro modo, que o observa por outro prisma.

A mulher, julgamos, é ingenua de mais.

Por ver o adstricto campo de suas aspirações ir tomando mais vulto, ampliando-se e desenvolvendo-se mais, e a sua missão não ser simplesmente, unicamente mulher, mas deputada, medica, caixeira, advogada e *tutti quanti*, julga isso causas primordiales, iniciamento de sua emancipação individual.

(A seguir).



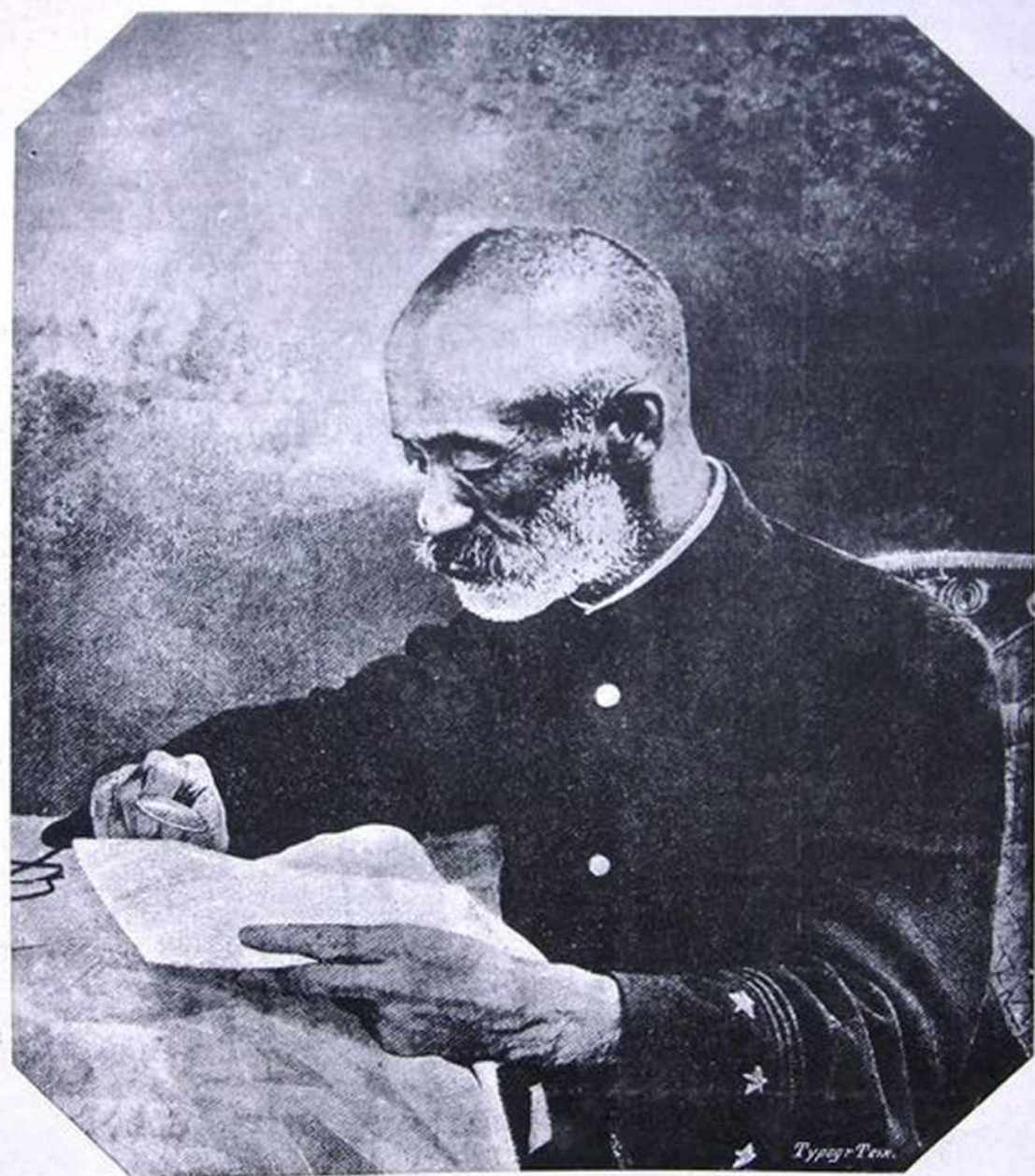
N. 11—UM VENDEDOR DE TRAVESEIROS E DE COLCHAS

A Revista do Norte

Anno 4

Maranhão, 1 de Fevereiro de 1905

Num. 83



O general japonês Nogi, adversário do general russo Stoessel

As origens do conflito russo-japonês

O desaccordo d'onde resultou a guerra em que actualmente se empenham a Russia e o Japão nada mais representa do que a consequencia logica do movimento de expansão que arrasta esses dois paizes a estenderem a sua influencia na China do Norte.

Nestas condições, para bem comprehender a natureza e a importancia dos interesses que se entrecrocão, necessario se torna retroceder sobre os factos que, pelo seu encadeamento logico, determinaram a situação actual.

Desde a época, já longínqua, em que a Russia se estabeleceu no litoral do Pacifico, o seu objectivo principal tem sido sempre descer para o sul, buscando adquirir nesse oceano um porto livre dos gelos. O grande estabelecimento militar do Vladivostok, fundado em 1860, não correspondia exactamente ás condições desejadas.

A partir de 1891, a construcção do caminho de ferro transsiberiano veio dar a semelhante politica um caracter de imperiosa necessidade. Todavia, para pôr em pratica semelhante programma, era necessario esperar que um ensejo favoravel se apresentasse, e a Russia dispoz-se a aguardar pacientemente a marcha dos acontecimentos, segura de que nenhum concorrente se manifestaria a contrariar os seus projectos. Semelhante expectativa, porém, foi bruscamente interrompida pela guerra sino-japonesa que simultaneamente poz em evidencia, não só as ambições do Japão, como também a importancia deste novo factor na politica do Extremo-Oriente.

Foi, com effeito, como todos sabem, uma divergencia com relação a Coréa que provocou o conflicto. Este paiz, que, ha trez seculos atraz, pertencia ao Japão, passara em seguida para a suzerania da China.

Em 1876, o Japão, cujas relações commerciaes com a Coréa tinham sempre sido por demais activas e estreitas, impoz ao soberano de Séul (capital da Coréa) um tratado que tinha por fim abrir os portos de Fusan, Gensan e Chemulpo. Esta intervenção encontrava a sua justificativa na necessidade que experimentava o Japão de subtrahir os seus commerciantes ás exações das autoridades coreanas. Animado pelo successo obtido, o Japão, nos annos que se seguiram, procurou por todos os meios, mesmo os mais violentos, abusivos e injustificaveis, assegurar a sua posição na Coréa e forçar a corte de Séul a introduzir varias reformas na administração interior do paiz, visando sempre, está claro, os seus interesses particulares.

De 1876 a 1894, foi a Coréa constantemente perturbada por uma serie de conspirações, sedições palacianas e assassinatos, fomentados, ora pelos japonezes, ora pelo partido opposto, que encontrava apoio na China, potencia suzerana.

Em 1894, em seguida a uma perturbação dessa natureza e ao tumulto popular que a acompanhou, os japonezes fizeram desembarcar tropas em Fusan e Chemulpo e apresentaram a Li-Hsi, rei da Coréa,

um *ultimatum* exigindo a applicação immediata de reformas radicaes em todo o systema de administração do paiz. A China apoiou a resistencia offerida por Li-Hsi ás pretensões japonesas, exigindo por sua vez do Japão a evacuação da Coréa. O resultado foi o rompimento da guerra entre as duas potencias orientaes. Em menos d'um anno os japonezes conquistaram a Coréa e a Mandchuria Meridional, destruíram a frota chinesa e apoderaram-se de Wei-hai-Wei e de Porto Arthur. As tropas do Japão preparavam-se para marchar sobre Pekin, quando a China assignou um armistício, enviando em seguida ao Japão, um embaixador, Li-Hung-Tchang, encarregado de negociar a paz. O tratado de Simonosaki, de 17 de Abril de 1895, consagrou a independencia da Coréa e a renuncia, por parte da China, a todo e qualquer tributo ou outra formalidade que implicasse vassalagem do paiz recém-independente. Alem disso estipulava esse mesmo tratado a cessão ao Japão da península de Liao-Tung, com Porto-Arthur.

Esta ultima clausula feria directamente os interesses da Russia, porque fechava definitivamente á sua influencia a Coréa e a Mandchuria meridional, privando-a, ao mesmo tempo, do porto em mar livre, que ella ambicionava para termino de sua via-ferrea transsiberiana. Apressou-se, pois, a Russia a pôr embargos á ligeireza do Japão, e afim de tornar mais effectiva a sua acção, associou á sua empresa a França e a Alemanha.

O Japão cedeu ante a colligação das tres potencias europeas e, a 8 de novembro de 1895, foi assignado em Pekin o tratado de retrocessão da península de Liao-Tung.

O resultado final da intervenção europea foi nullificar todos os resultados da victoria do Japão, impedindo-o de conseguir o alvo principal dos seus esforços, isto é: uma base na China do Norte que lhe permitisse isolar a península coreana e fazer assim sentir a sua acção sobre o governo de Pekin.

O governo japonês procurou desde então compensar os prejuizos soffridos, pelo reatamento da sua politica anterior em Séul. Já em janeiro de 1895 havia elle obrigado o rei Li-Hsi a promulgar uma carta introduzindo reformas no reino. A rainha Min, que sempre havia sido a inimiga implacavel dos japonezes, buscando contra elles sublevar a população coreana, pereceu assassinada, a 8 de outubro desse mesmo anno, n'uma conspiração organizada pelo ministro do Japão. Supprimida esta adversaria tenaz, suppoz o Japão que poderia d'ahi por diante obrar á sua vontade. Mas a Russia, cuja politica até essa epoca ainda não se havia claramente feito sentir, começou desde então a contrariar os projectos japonezes, tomando o partido do rei, o qual, vendo-se ameaçado na sua vida, foi refugiar-se, no anno seguinte, na legação russa, ali permanecendo por muitos mezes consecutivos. Na impossibilidade de estabelecer a sua preponderancia exclusiva em Séul, o Japão resignou-se a transigir e assignou com a Russia, na primavera de 1896, dois tratados que organisavam na península coreana o condominio russo-japonês. Em virtude da segunda destas convenções, a Russia



SOLDADOS JAPONEZES NO TRANWAY ELECTRICO DE SÉUL

tomava sobre si o encargo de velar pela pessoa do rei e assumir a direcção das finanças e do exercito, ao passo que o Japão ficava autorizado a exercer o direito de vigilância policial nas cidades de Séul, Fusan e Gensan, onde residiam importantes colónias japonesas, podendo para tal fim manter em cada uma d'essas cidades as guarnições que julgasse necessárias, igual direito, de resto, sendo também reconhecido á Rússia. A mesma convenção previa a construcção, pelos russos, de uma linha telegraphica ligando Vladivostok a Séul e pelos japonezes de uma outra linha ligando Séul ao porto de Fusan; estas linhas telegraphicas deveriam ser guardadas militarmente pelas duas nações contratantes.

Mas, em 1898, uma reviravolta brusca se produziu na politica russa. A Rússia retirou o conselho financeiro que mantinha em Séul e bem assim os instructores encarregados de organizar e instruir o pequeno exercito coreano e concluiu a 25 de abril com o Japão uma nova convenção que representava o primeiro passo para o abandono da Coréa á influencia japonesa. As partes contractantes, resava a nova convenção, desejando afastar de vez toda a causa possível de dissensões futuras comprometteram-se a não tomar medida de especie alguma quanto á nomeação de instructores militares e conselheiros financeiros na Coréa. O artigo 3 da convenção era assim concebido:

«A vista do grande desenvolvimento que tem tomado as empresas industriaes e commerciaes do Japão na Coréa, assim como do numero consideravel de subditos japonezes residentes neste paiz, o governo russo por forma alguma embarçará as relações industriaes e commerciaes do Japão e da Coréa».

A conclusão d'esta amistosa transacção, escrevia pouco depois o *Mensageiro Official*, de S. Peterburgo, offerece á Rússia a possibilidade de dirigir todos os seus esforços para a realisação da tarefa historica e essencialmente pacifica que lhe cabe nas margens do grande Oceano.

E' preciso, com effeito, procurar a causa desta mudança de attitudé da parte da Rússia, com relação a questão coreana, nas vantagens que esta potencia soubera retirar da crise chinesa, entre as quaes a mais importante foi de certo a acquisição de Porto-Arthur, isto é: de um porto no mar livre

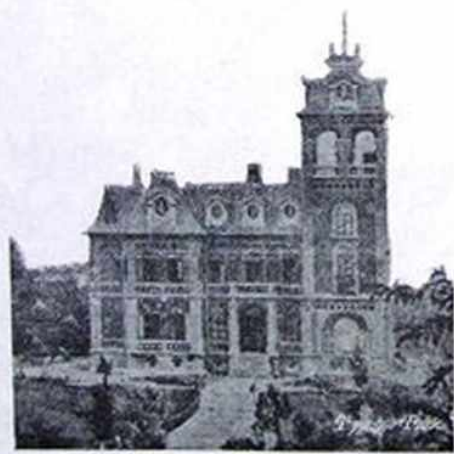
(tratado russo-chinez de 27 de março de 1898) com o direito de nelle fazer terminar o transsiberiano, cuja construcção atravez da Mandchuria fóra já autorizada por uma convenção de outubro de 1895, ratificada em 1896. Favorecida pelos acontecimentos de 1900, a Rússia precisou e desenvolveu o seu programma de expansão no norte da China. A insurreição dos Boxeurs havia tido a sua repercussão na Mandchuria; os christãos foram massacrados nesta região e a linha russa que partia de Porto-Arthur soffrera prejuizos consideraveis; emfim, no mez de julho de 1900, a cidade Blagovetchensk, sobre o Amur, fóra atacada pelas tropas chinesas. Em presença destes acontecimentos e aproveitando-se da desordem da Europa, cuja attenção se concentrara exclusivamente sobre a sorte das legações sitiadas em Pekin, a Rússia occupou militarmente as tres provincias chinesas que compõem a Mandchuria. Em seguida á entrada dos alliados em Pekin, esforçou-se ella por obter em favor da China concessões menos duras do que as apresentadas pelos representantes estrangeiros, na esperança secreta de invocar depois os serviços assim prestados afim de obter para os seus interesses particulares maiores vantagens. As suas esperanças realisaram-se: a 22 de novembro de 1900 foi assignada entre o general russo Korostovitch e o general tartaro Treng, uma convenção que theoreticamente tinha por objecto determinar as condições nas quaes a administração da Mandchuria meridional seria restituída aos chinezes, mas que de facto estabelecia um protetorado completo da Rússia nesta região. As praças fortes e os arsenaes, bem como todas as munições, seriam entregues aos russos e um residente russo, com amplos poderes de inspecção, deveria residir em Mukden. A Inglaterra, então occupada com os boers na Africa do Sul, curvou-se ante o facto consummado; a sua inquietação, comtudo, continuou e em março de 1901, como se espalhasse o boato de que a Rússia negociava com a China um novo accordo agravando as disposições da convenção de novembro, o governo inglez, associando-se aos Estados-Unidos e ao Japão, conseguiu impedir o imperador da China Kuang-Su de sancionar as exigencias russas. A Rússia limitou-se a declarar, por uma nota inserida no *Mensageiro do Governo*, que ella continuaria a occupar militarmente a Mandchuria até ao restabelecimento de uma si-



SOLDADOS DA CORÉA, EXERCITADOS POR UM INSTRUCTOR RUSSO

tuação normal em uma região limitrophe das suas provincias asiaticas.

Durante este tempo o Japão procurava desenvolver na Coréa as suas empresas commerciaes e politicas. Em 1899 uma sociedade japonesa construiu uma via-ferrea ligando Chemulpo a Séul e em 1901 os japonezes obtinham a concessão de uma outra linha entre o porto de Fusan e a capital. As colonias japonesas na Coréa por seu lado cresciam em numero e em importancia e monopolisavam o trafego dos portos. Mas se o dominio da expansão economica do Japão assim augmentava, por outro lado a sua influencia politica nenhum progresso accusava e os seus projectos de reforma encontravam tenaz opposição por parte do rei que, em 1889 se fizera proclamar imperador e cada vez mais disposto se mostrava a manter intactos os antigos costumes e usos do paiz. A Coréa achava-se entregue á anarchia e as empresas japonesas viviam sujeitas aos caprichos arbitrarios dos palacianos. Por detraz desta hostilidade julgaram os japonezes descobrir a acção da Russia e, na verdade, não parece duvidoso que esta nação tenha, por meios secretos, procurado crear embaracos á influencia japonesa. E' certo que a Russia pelos accordos concluidos na primavera de 1898, revelava-se desinteressada pelos negocios coreanos e durante algum tempo mostrou-se fiel aos seus compromissos; mas a actividade crescente do Japão no Extremo-Oriente, a sua intervenção em Pekin, de concerto com a Inglaterra e os Estados-Unidos, para combater os projectos russos sobre a Mandchuria e, finalmente, a sua pretensão, abertamente apregoada, de fazer a educação dos homens de raça amarella e contrahir uma alliança com a China, despertaram as desconfianças da Russia e modificaram profundamente o seu modo de encarar o problema coreano. Ella havia abandonado a Coréa ás influencias japonesas na esperança de que, em troca d'esta concessão, toda a liberdade lhe fosse assegurada para agir na Mandchuria; mas, desde o momento em que semelhante esperança se não realisava, a unica solução que lhe restava era retomar em Séul a sua politica interrompida em 1898. E foi o que ella fez a partir de 1900.



LEGAÇÃO FRANCESA, EM SÉUL



LEGAÇÃO BRITANNICA, EM SÉUL

Em presença d'esta situação, o Japão voltou-se justamente para aquella, dentre as potencias occidentaes, cujos interesses mais se approximavam aos seus proprios no Extremo-Oriente. Em dezembro de 1901, o marquez Ito, antigo chefe do gabinete japonês, dirigio-se a Londres afim de entabular negociações com o ministerio inglez, então dirigido por Lord Salisbury. A Inglaterra, que nessa epoca se achava a braços com a guerra sul-africana, desejava exactamente confiar a uma potencia amiga o cuidado de vigiar de perto as manobras russas na China. O Japão carecia de um apoio moral susceptivel, uma vez vencidas as difficuldades do sul da Africa, de transformar-se num concurso effectivo, sob o duplo ponto de vista militar e financeiro. A 30 de janeiro de 1902, um tratado de alliança offensiva e defensiva foi assignado entre a Inglaterra e o Japão. Eis as principaes disposições deste acto diplomatico: Os dois paizes declaravam-se igualmente desejosos de manter a integridade da China e da Coréa e promptos a intervir para defender os seus interesses. Se a Gran-Bretanha e o Japão fossem levados, para salvaguardar os seus interesses, a fazer a guerra a uma outra potencia, a outra parte contractante observaria uma estricta neutralidade e empregaria todos os esforços ao seu alcance para impedir que outras potencias se juntassem ao adversario da sua alliada. Se esses esforços não produzissem resultado satisfactorio e que uma ou mais potencias se juntassem ao adversario da sua alliada, a outra parte contractante viria em seu soccorro e só assignaria a paz ao mesmo tempo que ella. A duração do tratado foi fixada em cinco annos.

A 23 de fevereiro seguinte, a França e a Russia trocaram uma nota relativa ás consequencias eventuaes do tratado anglo-japonês. Os dois governos da França e da Russia, dizia essa declaração, receberam a communicacão da convenção anglo-japonesa de 30 de janeiro de 1902, concluida no intuito de assegurar o *statu quo* e a paz geral no Extremo-Oriente e de manter a independencia da China e da Coréa que devem permanecer abertas ao commercio e á industria de todas as nações e sentiram-se satisfeitas por ali encontrarem a affirmacão dos principios essenciaes que ellas já por diversas vezes, teem declarado adoptar delles fazendo a base essencial da sua politica. Os dois governos estimam que o respeito de semelhantes principios



A LEGAÇÃO RUSSA, EM SÉUL

constitue ao mesmo tempo uma garantia para os seus interesses especiaes no Extremo Oriente. Obrigados, todavia, a encarar, por sua vez, o caso de, ou pela acção agressiva de terceiras potencias, ou por novas perturbações na China, ser de novo postos em questão a integridade e o livre desenvolvimento desta ultima potencia, ameaçando assim os seus proprios interesses, os dois governos alliados reservam-se o direito de agir em semelhante eventualidade como melhor lhes parecer, no intuito de salvaguardar os seus interesses.

A conclusão do tratado anglo-japonês teve como resultado accentuar o caracter da politica russa na Coréa. O ministro da Russia em Séul, o sr. Pavlof, diplomata emprehendedor, cuja influencia fortemente se fazia sentir sobre o imperador da Coréa, começou a trabalhar por todos os meios para contrariar os projectos japonezes. Todas as concessões solicitadas pela Russia eram promptamente concedidas, todas as reclamações do Japão eram indeferidas pelo governo da Coréa. Foi assim que a Russia obteve que de novo fôsse posta em vigor uma concessão florestal nos vales de Tumen e do Yalu, concedida em 1897 a uma Companhia russa e a cuja exploração esta ultima, em virtude do protocolo russo-japonês de 1898, havia renunciado. Em 1902, uma missão russa, na apparencia encarregada de explorar o paiz, installou-se em Yugampo, cidade corea vedada aos estrangeiros e ali construiu uma linha telegraphica, ao longo da qual foram collocados postos cossacos para garantir-lhe a protecção. No mez de agosto de 1903, esta mesma sociedade obteve o monopolio das madeiras que fossem pescadas fluctuando sobre o rio Yalu hem como uma concessão de terras em Yugampo. Esta penetração politica russa na parte septentrional da Coréa, descontentou profundamente o Japão, já irritado pelos maneios da diplomacia russa em Séul. O governo japonês protestou, reclamando a abertura de Yugampo a todos os estrangeiros. O imperador da Coréa, naturalmente aconselhado por Pavlof, mostrou-se surdo ás reclamações japonesas.

A estas affrontas vinham juntar-se outras relativas á Mandchuria. Por um tratado de 8 de abril

de 1902, concluido com a China, a Russia se havia comprometido a evacuar esta região, reservando-se contudo o direito de fazer occupar militarmente em toda a sua extensão a via-ferrea que, partindo de Karbin, conduz a Dalny e Porto-Arthur. A Mandchuria, dizia o artigo 2 do tratado, será evacuada em tres secções, em moratorias successivas de seis mezes, a contar da assignatura da presente convenção. A 8 de outubro de 1902, a evacuação da primeira secção (da Grande Muralha ao rio Liao) estava terminada. A 8 de abril de 1903, a segunda secção que comprehendia a cidade de Niu-Tchuang não se achava ainda evacuada. Em fins de junho começaram a circular boatos alarmantes. Dizia-se que o sr. Lessar, ministro russo em Pekin, havia assignado com a China uma convenção a respeito da Mandchuria e do porto de Niu-Tchuang, consagrando todas as pretensões do gabinete de

S. Petersburgo. Semelhantes boatos eram inexactos mas, em compensação, cada vez se tornava mais evidente a pouca disposição da Russia a evacuar na Mandchuria. Este proposito do governo russo traduzio-se num *ukase* de 12 de agosto creando uma tenencia geral no Extremo-Oriente e reunindo sob uma direcção unica os territorios do Amur e da Mandchuria meridional. O almirante Alexeief, titular d'esta tenencia geral, foi investido de poderes os mais extensos, sob o ponto de vista militar e diplomatico. A partir d'esta epoca, as relações da Russia e do Japão cada vez mais se estremeciam. No mez de novembro os russos reoccuparam Mukden e Haikden, que elles haviam evacuado no mez de abril de 1902.

Nos começos de dezembro de 1903 as negociações entraram na phase critica e os dois Estados começaram a preparar-se abertamente para a guerra. Quaes eram os pontos exactos que constituam o objecto da discussão? A este respeito, via-se todo o mundo reduzido a meras conjecturas, porque os gabinetes de Tokio e de S. Petersburgo observavam uma discrepância absoluta sobre a natureza das communicacões que entre si trocavam. Todavia, era opinião geral que as reivindicações do Japão diziam principalmente respeito á Coréa, onde considerações de ordem politica e economica, de longa data lhe haviam creado imperiosas necessidades de expansão. A Coréa, com effeito, é o *débouché* natural para a população cada vez mais



CONSULADO JAPONÊS, EM SÉUL



LEGAÇÃO ALEMÃ, EM SÉUL

densa nas ilhas meridionais do archipelago japonês, ao mesmo que constitue, por assim dizer, o celeiro de arroz do Japão. Nada mais natural, portanto, do que os esforços por este ultimo empregados para obter carta branca n'aquelle paiz. As noticias publicadas pela imprensa davam a Russia como disposta a ceder neste ponto e a reconhecer ao Japão, no sul da península coreana, o direito de agir livremente, sob o ponto de vista dos seus interesses economicos. No norte d'esta península, ao contrario, dizia-se que a Russia se oppunha á occupação de portos fortificados por tropas japonesas, manifestando fortes desejos de ver constituída, de cada lado da fronteira corea-mandchuriana, isto é, ao longo dos rios Yalu e Tumen, uma zona neutra de 50 kilometros. Não parecia de todo impossivel qualquer transacção neste sentido. Era certo que o Japão reclamava a evacuação da Mandchuria pelas tropas russas, exceptuando apenas os destacamentos necessarios á guarda do caminho de ferro; mas parecia que semelhante reclamação apenas era utilizada pelo Japão como um meio de obter concessões mais largas, porque era opinião corrente, que dada a situação de facto adquirida pelos russos na Mandchuria, seria difficil acreditar que o Japão pudesse alimentar a illusão de ser bem succedido na imposição que fazia á Russia de evacuar aquella região. O mais que esta potencia, na opinião europeia, poderia conceder neste terreno era o systema da *porta aberta* á livre concorrência no domínio commercial e economico. A approvação por ella concedida, no decurso do mez de janeiro, aos tratados sino-americano e sino-japonês que franqueavam ao commercio internacional Mukden, Antung e Tatung-Ku, e permittiam aos Estados-Unidos e ao Japão installar consulados nestas cidades, foi geralmente interpretado como um signal das tendencias conciliadoras da Russia e como um acontecimento que viria facilitar uma solução amigavel da questão.

Na Europa, excepção feita da Inglaterra, a opinião unanime, apesar dos armamentos aos quaes procediam, com febril actividade, os dois Estados interessados, sobretudo o Japão, era que o conflicto se resolveria pacificamente. A Russia, com effeito, parecia disposta a exgotar todos os meios de conciliação, cedendo até ao limite extremo do

possivel para evitar um conflicto armado. As palavras pacificas pronunciadas pelo Czar Nicoláo em presença do corpo diplomatico na recepção de 1.º do anno russo; a decisão d'este soberano de retirar as negociações da tenencia geral no Extremo-Oriente e do Ministerio especial de quem directamente depende esta tenencia, para confia-las ás mãos mais habéis e mais diplomaticas do conde Lamsdorf, chanceler do imperio; finalmente, a adhesão tacita dada pela Russia ao principio de uma mediação em que a França deveria agir, conjunctamente com a Inglaterra e os Estados-Unidos, num terreno em que as duas potencias se poderiam entender; tudo isto parecia indicar que o governo de S. Petersburgo buscava evitar a guerra. Mantinham todos a esperança de que estas disposições conciliadoras triumphariam da attitude intransigente do Japão.

Os ultimos dias de janeiro e os primeiros de fevereiro foram assignalados por uma vivissima ansiedade; sabia-se que se achava imminente uma solução e que a Russia preparava a remessa para Tokio de uma nota de uma importancia capital. Subitamente, a 7 de fevereiro, soube-se, com verdadeiro estupor, que o governo do Mikado, sem aguardar a recepção da nota russa, tomara a iniciativa de uma ruptura das relações diplomaticas. Logo em seguida chegou a Europa a noticia de que, na noite de 8 para 9 de fevereiro, a armada japonesa, sem previa declaração de guerra, tentara o ataque de Porto-Arthur, e despedira torpedos contra dois navios russos, ancorados na enseada. Nenhuma duvida era mais permittida acerca do desenlace da crise: era a guerra.

Os manifestos ás potencias publicados pelos dois belligerentes, alguns dias depois da abertura das hostilidades, vieram fazer a luz sobre as negociações que haviam precedido a ruptura, permitindo a averiguação exacta dos pontos sobre os quaes versava o desacordo. São elles em numero de dois. D'um lado, a Russia, embora consentindo em reconhecer ao Japão uma situação preponderante na Coréa, assim como o direito de para lá enviar tropas em caso de necessidade, recusava-lhe o direito de atilizar-se d'esta península para fins estrategicos. Basta lançar os olhos sobre uma carta da península coreana e do norte da China para comprehender os motivos que guiavam o governo russo. Por seu lado, o Japão exigia a introdução no tratado em perspectiva de uma clausula



LEGAÇÃO JAPONESA, EM SÉUL

pela qual a Rússia se compromettesse a respeitar a soberania e a integridade territorial da China. Esta clausula visava evidentemente a Mandchuria. Mas a Rússia entendia que a Mandchuria deveria permanecer alheia á questão; apenas admittia a discussão sobre este ponto para obter do Japão a declaração de que esta região ficava fora da esphera dos seus interesses.

C. B.

Vladivostok, Porto-Arthur e Tchemulpo

VLADIVOSTOK — cidade marítima da Sibéria oriental, capital da provincia do litoral, ao fundo do golfo de Pedro-o-Grande, formado pelo mar do Japão a 2.200 kilometros de Irkutsk.

Ponto terminal do caminho de ferro transiberiano pelo vale de Ussuri.

Vladivostok, em 1860, não passava de uma simples aldeia de pescadores quando os russos ali se installaram, por occasião da occupação dos territorios do Amur.

PORTO-ARTHUR (em chinês: Liu-Chun-Ku). Bahia e porto militar do mar da China, na extremidade sul da península de Lião-Tung, sobre o estreito de Pe-Tchi-Li. Cerca de 14.000 habitantes, contando neste numero um forte contingente de chinezes e de japonezes. Commercio pouco activo. Porto-Arthur é, sobretudo, uma cidade militar.

O destino d'esta cidade, ainda muito nova, é singular e algum tanto dramatico. Já em 1884, por occasião da guerra franco-chinesa, o almirante Courbet havia comprehendido toda a importancia deste maravilhoso ancoradouro natural, dominando a entrada do golfo de Pe-Tchi-Li, propondo por essa occasião ao governo francez que o fizesse occupar pela sua esquadra. A China procurou por todos os meios impedir a execução desses planos do almirante francez e começou a fortificar Porto-Arthur. Em 1894, por occasião do conflicto russo-japonez, Porto-Arthur cahiu em poder do Japão que se viu depois obrigado, em virtude da intervenção das potencias europeas, a restitui-lo á China.

Quatro annos mais tarde, a China cedeu por arrendamento Porto-Arthur á Rússia. Desde esta data os russos começaram a fortificar cada vez mais o porto que afinal acaba de cair em poder dos japonezes.

A cidade de Porto-Arthur, propriamente dita, acha-se situada sobre um pequeno lago interior, cercado de altas collinas, e que communica com o mar por um canal de 8 metros de profundidade. A entrada deste canal é assignalada por um pharol. Era ali que se achava ancorada a esquadra russa por occasião do ataque imprevisto de 9 de fevereiro.

Tchemulpo. Cidade marítima da Coréa, sobre a Costa occidental da península, a 32 kilometros ao oeste de Séul, numa bella situação ao fundo da bahia da Imperatriz. Cerca de 6.000 habitantes, contando neste numero muitos chinezes e sobretudo japonezes. Nas mãos destes ultimos acha-se concentrada a maior parte do commercio, que comprehende a importação de fazendas de algodão, de metaes, e a exportação de couros, legumes secos, arroz, etc.

Tchemulpo é na realidade uma grande cidade sem industria e um porto pouco seguro por occasião das tempestades. Mas o ancoradouro apresenta uma importancia especial em razão da proximidade de Séul, capital da Coréa e da embocadura do Han-Kiang que communica, por um braço, com a bahia da Imperatriz.

As embarcações de pequeno calado podem subir de Tchemulpo a Ryon-San, nas proximidades de Séul.

Tchemulpo, cuja situação havia sido reconhecida em 1866 por officiaes francezes, foi escolhido em 1882 por marinheiros inglezes como porto de desembarque das mercadorias que se destinavam a Séul. O porto foi, desde o anno seguinte, aberto ao commercio estrangeiro e desde então se tem consideravelmente desenvolvido.

Em primavera

(Ao Viriato Correia).

No pequenino esquife a pallida creança,
Entre nuvens de incenso e lagrimas sinceras,
Murchada sobre o peito a rosa da esperança,
Eternamente dorme o somno sem chimeras!

No pequenino esquife, inerte, ella descança
Das luctas infantis no chão das primaveras...
Ella sonha talvez. Uma alegria mansa
Palpita em derredor e reverdece as heras!

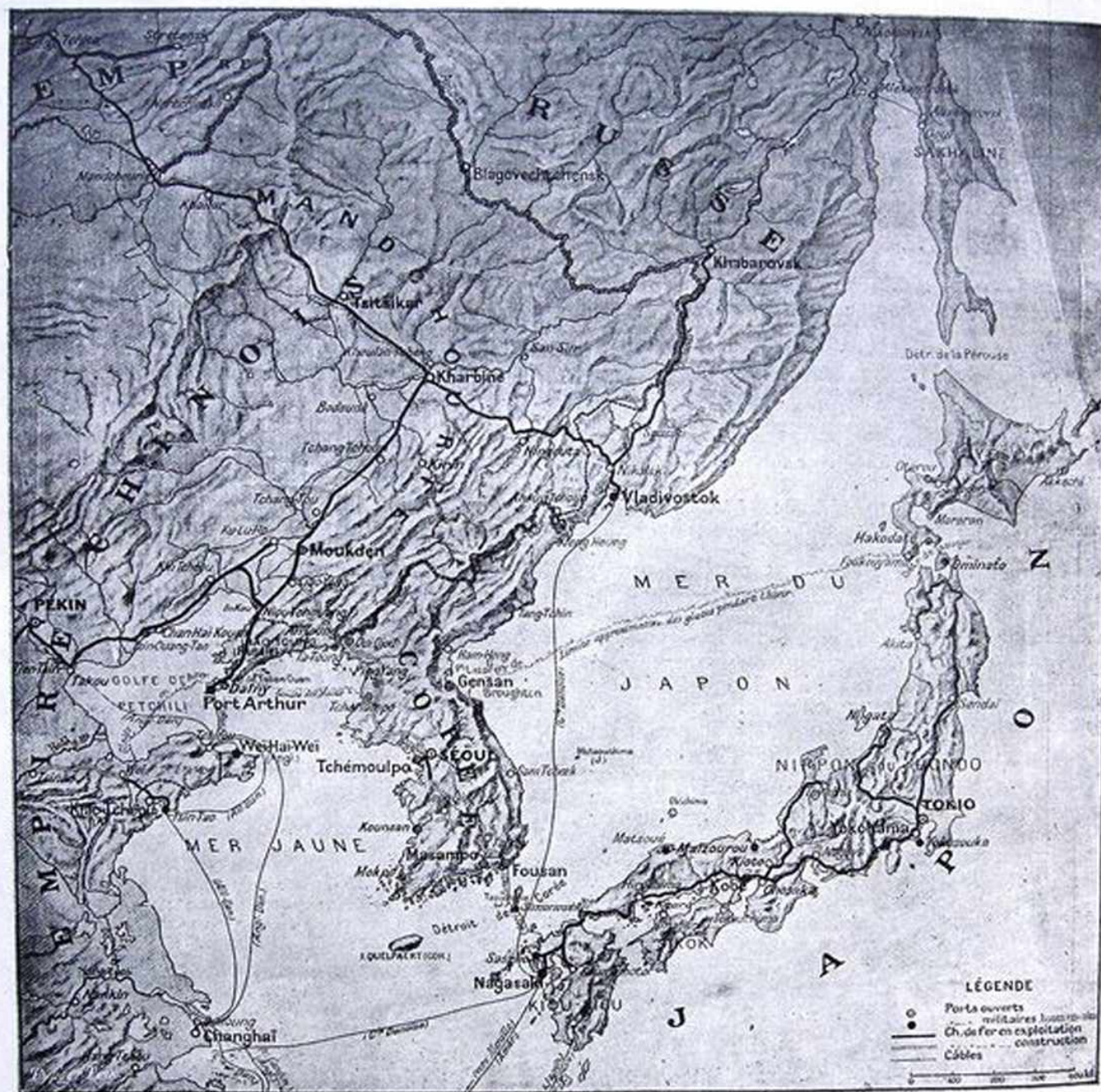
E emtanto a creancinha, inerte, loira, fria,
Nos finos labios morta a gárrula alegria,
Eternamente dorme em seu esquife estreito.

Escuta-se na alcôva um soluço dorido...
E' a triste mãe que chora o filho estremecido
Tão cedo arrebatado ao ninho de seu peito!

RAYMUNDO MONTEIRO.

—Rio—

O conflicto russo-japonez



Carta do theatro da guerra dando uma idéa exacta do relevo do solo

A Revista do Norte

Anno 4

Maranhão, 16 de Fevereiro de 1905

Num. 84

O bigode

(GUY DE MAUPASSANT)

CASTELLO DE SOLLES, 30 DE
JULHO DE 1883.

Minha querida Lucia.



Não tenho novidade alguma a assignalar-te. Vivemos no salão, vendo cair a chuva porque impossível se torna sair com um tempo d'estes. O nosso unico divertimento consiste no desempenho de pequenas comédias. Ah! minha querida, como são ineptas as peças de salão do repertorio actual! Ausencia completa de espirito, de naturalidade, de graça e de elegancia. Os gracejos são pesa-

dos e insulsos, as situações simplesmente estupidas. Na verdade, os nossos homens de letras nada conhecem da sociedade chic. Ignoram completamente como se pensa e como se fala na nossa roda. Poderia perdoar-lhes o desprezo dos nossos costumes, das nossas convenções, dos nossos modos, mas a ignorancia, isso nunca! Para affectarem finura buscam trocadilhos de palavras capazes de pôr em colicas de riso um quartel inteiro; para fingirem alegria servem-nos o espirito que a muito custo lograram colher nas alturas dos boulevards exteriores, nessas pretenciosas cervejarias de artistas onde, ha mais de cinquenta annos, são diariamente repetidos os mesmos paradoxos de estudante.

Emfim, representamos comédias para matar o tempo. Como somos apenas duas mulheres, os papeis de creadinha de quarto cabem a meu marido que para semelhante fim raspa a barba. Tu não avalias, minha querida Lucia, como elle ficou mudado! Chego mesmo a desconhecer-o... quer de dia, quer de noite. Se não deixasse immediatamente crescer o bigode, creio que chegaria a mentir aos meus deveres de fidelidade, tão feio o acho assim desbarbado.

E, na verdade, um homem sem bigode não é um homem. E note-se que não sou lá muito apaixonada da barba, acho mesmo que ella dá sempre

aos homens um certo ar de descuido e de negligencia que immensamente me desagrada; mas quanto ao bigode é outra coisa. O bigode é indispensavel a uma phisionomia viril. Nunca poderás avaliar como esta escovinha de pello nos beijos é deliciosa á vista e, sobretudo... ás relações naturaes entre esposos. Acode-me, a respeito d'isto, um montão de reflexões que quasi nem tenho coragem de te communicar por escripto. De viva voz dir-t-as-ia todas, baixinho, ao ouvido. Mas é tão difficil encontrar a gente palavras apropriadas á expressão de umas tantas coisas, e algumas d'essas palavras, inteiramente insubstituiveis, ficam tão feias no papel, que não me sinto com forças de as traçar. Alem d'isto, o assumpto é tão escabroso, tão delicado que seria necessaria uma extrema habilidade para abor-lo sem perigo.

Emfim, procura ler nas entrelinhas e, se não comprehenderes, tanto peor para ti.

Quando meu marido me appareceu de barba raspada, comprehendí logo que nunca me sentiria atrahida, a ponto de faltar aos meus deveres, por um actor ambulante ou por um pregador, fôsse este embora o Padre Didon, o mais seductor de todos. Mais tarde, quando me encontrei sosinha com elle, a coisa foi peor. Ah! minha amada Lucia, nunca te deixes beijar por um homem sem bigode. Os seus beijos não têm sabor de especie alguma. São insóssos, falta-lhes o necessario tempero que só lhes pode dar o bigode, porque o bigode, minha queridinha, é por assim dizer a pimenta do verdadeiro beijo. Imagina que alguém, para castigar-te, te fôsse applicar sobre os labios um pergaminho, secco ou humido, (isso é indifferente) e ahí tens a sensação produzida pelo beijo de um homem sem barbas.

Mas, dir-me-ás tu, donde vem a seducção do bigode? Sei-o eu, porventura? Começa por causar a gente umas cocegas deliciosas que nos põem no corpo inteiro, até ás pontas dos pés, um calefrio encantador. E' o bigode que acaricia, que faz tremer a pelle, que dá aos nervos esta esquisita vibração que nos faz soltar os classicos gritinhos, como se estivessemos a tiritar de frio.

E no pescoço, então! Ah! é porque tu nunca sentiste um bigode roçar pelo teu pescoço!... Embebeda-nos, faz-nos delirar, desce-nos pelo dorso abaixo, até ás unhas dos pés. A gente torce-se toda, enrosca-se, encolhe os hombros, joga a cabeça para traz, quer fugir e ficar ao mesmo tempo. E' adoravel e irritante, mas é bom como tudo!



E depois... ai! minha querida Lucia... Um marido que nos ajuda a descobrir certas coisas, certos cantinhos que parecem feitos propositalmente para esconder beijos avidos, cantinhos de cuja existência nós, reduzidas à nossa pobre ignorância, nem sequer suspeitávamos.

Pois, sem os bigodes, esses beijos perdem o sabor, chegam quasi a ser inconvenientes. Explica-te esta esquisitice como puderes. Quanto a mim eis a explicação que lhe dei: um beijo de homem sem bigodes é como um corpo nú, e tu bem sabes que tudo neste mundo, para valer alguma coisa, precisa andar vestido, levemente embora, mas sempre vestido.

O Creador (não tenho coragem, tratando d'esta coisa, de pôr aqui outro nome) o Creador teve o cuidado de velar assim todos os abrigos da nossa carne, onde se poderia esconder o amor. Uma boca raspada assemelha-se sempre nos meus olhos, a um bosque derribado ao redor de uma fonte onde a gente estava acostumada a ir beber e dormir.

Isto traz-me á mente uma frase de um homem politico, que hatres mezes não me sae da cachola. Meu marido, que acompanha todos os jornaes, leu-me uma noite um discurso singular do nosso ministro da agricultura que então se chamava o sr. Meline. Já foi elle substituido por outro? Ignoro-o.

Eu quasi que não prestava attenção, mas este nome de Meline, fez-me lembrar, não sei porque, as *Scenas da vida bohemía*. Julguei que se tratava de uma *grisette*. O ministro fazia aos habitantes de Amiens, creio eu, a seguinte declaração, cujo

sentido até agora me tinha sempre escapado: «Não ha patriotismo sem agricultura». Pois esse sentido encontrei-o eu agora, para dizer-te, por minha vez, que não ha amor possivel sem bigodes. Parece-te muito engraçado, não achas?

«Não ha amor sem bigodes».

«Não ha patriotismo sem agricultura», affirmava o sr. Meline. E tinha razão o ministro, bem o comprehendendo agora.

O bigode, debaixo de um outro ponto de vista, é essencial, porque determina a physionomia. Dá ao seu possuidor o ar doce, terno, violento, debochado, emprehendedor. O homem barbado, verdadeiramente barbado, aquella que conserva todos os seus pêlos (oh! que palavra feia) na cara, esse não tem elegancia, nem distincção no semblante, porque os traços estão todos occultos.

O homem que só usa bigode, porem, guarda a sua expressão propria.

E que aspectos variados que teem esses bigodes... Frisados, retorcidos, coquettes, parecendo, antes de tudo mais, dispostos a amar as mulheres:

Ora são pontudos, agudos como agulhas, ameaçadores. Esses preferem o vinho, os cavallos, as batalhas.

Ora são enormes, pendentes, medonhos. Esses dissimulam quasi sempre um caracter excellente, uma bondade que toca as raias da fraquesa e uma doçura que confina com a timidez.

Eu, pelo meu lado, o que prefiro antes de tudo no bigode é que elle seja francez, genuinamente francez, esse bigode que nos veio dos gauleses e que ficou como o signal distinctivo do nosso caracter nacional.

E' paroleiro, galante e bravo. Molha-se gentilmente no vinho e sabe rir com elegancia, em quanto que os grandes queixos barbados são desageitados em tudo o que fazem.

Espera, lembro-me agora de uma coisa que me fez chorar como uma doida e que me fez tambem, agora me apercebo, amar os bigodes nos labios dos homens.

Foi durante a guerra, em casa do papá. Era eu então solteira. Um dia houve uma batalha perto do castello. Desde pela manhã comeci a ouvir o barulho dos canhões e á noite um coronel allemão entrou-nos pela porta dentro e installou-se na nossa casa. No dia seguinte partio. Vieram prevenir meu pae de que havia um grande numero de mortos no campo de batalha. Meu pae mandou juntar os cadaveres e trouxe-os para nossa casa para enterra-los todos na mesma fossa. A' proporção que iam chegando, os homens que os traziam os iam alinhando ao longo da comprida avenida de pinheiros; e, como comessem a cheirar mal, atiravam-lhes pás de terra por cima enquanto não acabavam de abrir a grande fossa. De modo que apenas se lobrigavam as cabeças que pareciam sair do solo, com os olhos fechados.

Quiz ve-los; mas quando dei com aquellas filas de rostos medonhos suppuz desmaiar; em seguida comeci a examina-los, procurando adivinhar o que tinham sido em vida aquelles homens.

Os uniformes estavam encobertos pela terra e



todavia eu distinguia logo os francezes só pelos bigodes !

Alguns tinham feito a barba na propria manhã do combate, como se quizessem guardar a linha elegante até a noite. A barba, contudo, tinha começado a renascer, porque tu bem sabes que mesmo depois da morte a barba ainda cresce por algumas horas. Outros pareciam haver esquecido a navalha, por mais de oito dias; mas todos invariavelmente traziam o bigode francez, o altivo e nobre bigode que parecia dizer:—Não me confundas com o meu camarada barbado, pequena; olha que eu sou um compatriota !

E puz-me a chorar, querida, a chorar talvez mais do que se eu os houvesse conhecido em vida, aquelles pobres cadaveres...

Fiz mal em contar-te isto, querida, porque fiquei triste e incapaz de tagarelar por mais tempo. Adeus, minha querida Lucia, abraça e beija a tua amiga.

Viva o bigode !

JOANNA.

J. Ribas.

O ensino das congregações religiosas na França (1)

As congregações religiosas não chegariam a desempenhar na sociedade franceza o papel politico e economico que desempenham se de longa data para isso se não houvessem aparelhado; foi nesse proposito que ellas começaram por apoderar-se do ensino e é neste ponto que os seus defensores no parlamento com mais obstinação teem luctado.

(1) A questão da expansão das congregações religiosas da França tem apaixonado o mundo inteiro, porque põe em jogo os mais vitales interesses da sociedade contemporânea. Julgamos, portanto, a propósito de transmittir, da brochura, a ponto publicada em Paris pelo sr. Eugène Naville, a título de «As congregações religiosas», o presente capítulo onde o autor documentadamente estuda a acção dessas mesmas congregações no ensino publico da França.

O padre Gayraud, deputado, chegou mesmo a fazer algumas concessões ao projecto do governo sob o ponto de vista economico.

«Admitto, disse elle dirigindo-se aos seus collegas, que imponhaes certas condições á personalidade civil das associações religiosas, e nem mesmo faria grande opposição ao projecto actual se elle apenas visasse estabelecer que qualquer congregação religiosa não pode gosar dos seus direitos de entidade civil se a isso não for autorizada por um decreto expedido pelo conselho de Estado».

Mas, no tocante á faculdade de ministrar sem restricções o ensino congreganista, não houve conciliação possível entre os defensores das congregações e os autores da lei. Nada mais natural do que semelhante desacordo, porque, para chegar a dominar os homens que mais tarde, pela importantíssima situação que adquirirem ou pela sua unica influencia de cidadãos e de eleitores, virão dispor dos destinos do paiz, só ha um caminho a seguir: começar cedo a catechese, imprimindo nos cerebros o cunho desejado, desde a infancia e accentuando-o durante a adolescencia. E tanto isto é verdade que só agora é que a influencia das congregações se faz fortemente sentir porque é na actualidade que a semente do seu ensino, que ha trinta annos germina nos espiritos, começa a fructificar; os empregos publicos são actualmente invadidos pelos discipulos por ellas formados durante o longo periodo de tolerancia cega de que tão bem se souberam utilizar.

Não discutiremos aqui o direito ilimitado reclamado pelos paes de darem aos seus filhos o ensino da sua escolha, em opposição ao direito contrario que invocam os defensores do Estado a favor da fiscalisação por este ultimo do ensino publico, mesmo d'aquelle que não é dado nos seus estabelecimentos, porque semelhante discussão ultrapassa os nossos intuitos. Limitar-nos-emos simplesmente a examinar se a situação actual apresenta caracteres taes que exijam a intervenção do Estado.

De uma maneira geral, como o fez notar o Ministro da Instrucção publica, não se pode separar a politica do ensino publico porque quem monopolisa a instrucção e a educação monopolisa o futuro. Deixando de parte a questão do monopolio do Estado em materia de ensino, pode-se, todavia, admitir que o Estado tem o dever de informar-se se o ensino ministrado fóra dos seus estabelecimentos acha se a cargo de pessoas capazes, se não é contrario aos principios das instituições do paiz, e, sobretudo, se não visa semear a discordia e o odio entre os seus cidadãos.

Na actualidade, approximando os dados fornecidos pelo relator do projecto de lei dos apresentados pelo deputado Aynard, um dos adversarios do mesmo projecto, vemos que as congregações teem entre as mãos, no ensino primario, 1.600.000 creanças pouco mais ou menos, e no ensino secundario cerca de 32.000; nos documentos de origem congreganista encontram-se informações que variam para mais ou para menos, conforme o interesse dos organisadores d'essas estatísticas. O numero exacto parece ser de 2 milhões

de crianças. Com relação ao conjunto da população escolar, as congregações dispõem de um terço dos alunos do ensino primário e de metade dos do ensino secundário.

Estas cifras bastam para justificar as inquietações do Estado, se é que elle tem alguns motivos para acreditar que elle será hostil a natureza do ensino fornecido nas escolas congreganistas. Não se pode absolutamente censurar o legislador que se preocupa do modo por que é instruída a metade das crianças do seu paiz. De resto a progressão constante que offerece o numero destas escolas é de natureza a impressionar o espirito do governo: de 1887 a 1901 o numero das escolas congreganistas secundarias subiu de 430 448. Quanto aos jesuitas, apesar de interditos, possuem elles actualmente 29 collegios na França, contra 16 que mantinham em 1870, e a informação a este respeito é fiel, porque vem do Padre Du Lac.

Que seja isto um bem ou mal é outra questão, mas o facto capital é que nenhum francez preocupado com os destinos do seu paiz pode deixar de perguntar a si mesmo se deve regosijar-se ou inquietar-se com esta situação.

Não é, portanto, para admirar que os adversarios do ensino congreganista tenham examinado os livros dos theologos, em uso nos seminarios, trazendo para a camara o resultado das suas pesquisas. As abominaveis doutrinas dos jesuitas, condemnadas pelas assembleas do clero, pelas universidades, por 111 arcebispos e bispos, por 14 papas, encontram-se ainda hoje em certas obras, como a «Theologia dogmatica et moralis», do Padre Vincent, edição de 1899, que serve de regra de formação moral em 67 seminarios diocesanos da França. Com este livro, afirma o relator do projecto de lei, ainda hoje se ensina, como doutrina official da Igreja:

«A these da restricção mental que permite a mentira; a direcção de intenção que permite todos os delictos; o probabilismo que os justifica, isto é, que institue ao lado da verdadeira honestidade, ao lado da honestidade da gente de bem uma falsa honestidade para os patifes.»

O relator cita alguns trechos d'este livro de moral.

A proposito do probabilismo:

«O confessor deve ter em vista a pessoa e as circunstancias para de acordo com ellas dar os seus conselhos. Algumas vezes convem aconselhar o que é somente provavel e não o mais provavel, porque é possível que a pessoa que solicita o conselho não esteja disposta a seguir a opinião mais segura, e seria assim exposta ao perigo de pecar. Todavia o que dá o conselho deve agir de forma a que o publico não possa ser escandalizado.»

A proposito da simulação e da hypocrisia:

«A simulação deixa de ser uma verdadeira mentira se se traduzir por actos e não por palavras, porque os actos não são por sua natureza, assim como as palavras destinados a significar alguma coisa!!

Por consequencia, commenta o relator, se uma pergunta a qual deverieis responder por um *sim*, responderdes *não*, mentis, commetteis peccado;

mas, se em vez de articular a resposta, fizerdes um gesto de negação, não mentis, ficaes isento do peccado.

Sobre a restricção mental:

«E' permittido para uma causa justa e proporcionada servir-se a gente de restricções largamente mentaes... Por exemplo, uma esposa interrogada pelo marido sobre se ella é culpada de um adultério que realmente commetteu, pode responder «Eston innocente», subentendendo «porque já recebi a absolvição!» E' certo, diz Belluand e outros, que semelhante resposta não passa de restricções largamente mentaes e por consequencia licitas.

Sobre o capitulo do laço conjugal nem mesmo em latin será permittido fazer citações, sem gravemente offender ao decoro e á decencia.

A respeito do roubo ensina-se que os furtos leves commettidos em prejuizos de pessoas diversas, não passam de falta venial; portanto, nota o relator, tendes o direito do roubar cem *sous* de cada vez e assim chegareis a fazer fortuna sem commetter peccado mortal.

Com relação á liberdade de consciencia, a theologia do Padre Vincent ensina que: «Se num paiz reina a unidade de fé catholica o Estado deve lançar mão de todos os meios para repeller as novidades de doutrina, os sophismas. Em semelhante paiz a heresia é crime publico, porque tudo o que é feito contra a religião divina attinge a todos os membros da sociedade».

«A these, commenta o relator, cifra-se nisto: todas as vezes em que fordes os mais fortes a vossa consciencia vos obriga a opprimir aquelles que não pensam como vós; somente quando fordes fracos e portanto impotentes para impor a vossa doutrina é que deveis consentir na liberdade».

Nessas poucas palavras acha-se resumido todo o programma clerical.

Este livro ensina ainda que a igreja pode e deve reprimir os que se afastam da verdade por penas temporaes e corporaes taes como a prisão, a flagelação, a tortura, a mutilação e a morte.

Se os discipulos dos seminarios instruidos em semelhantes preceitos os transportarem para as escolas que por seu turno forem regeis, de que inapagavel cunho serão marcados os homens, que, crianças ainda, lhes forem confiados? Se as congregações devem ser admittidas a ministrar o ensino publico, será exigencia descabida reservar semelhante faculdade para aquelles que, por uma lei especial, para tal fim tenham recebido a competente autorisação? E' o que pretende o legislador de 1901, sem que porisso possa ser taxado de Jacobino.

Poderíamos citar agora aqui uma outra obra do mesmo genero, muito em voga nos seminarios, a do Padre Gury, cuja 7.^a edição de 1885 recebeu a approvação dos bispos de Tours e de Lyon e a qual se acha em via de publicação uma nova edição com a approvação plena do Papa. Esta obra de theologia moral é acompanhada de um manual de casos de consciencia destinado ao uso do confessor, manual bem conhecido na Suissa, porque é adoptado para o ensino dos alumnos do seminario de Soleure. O manual do Padre Gury é por demais

recente, e porisso pode ser considerado como a base actual da moral que é ensinada aos futuros sacerdotes e congreganistas. Pode, pois, ser consultado utilmente pelas pessoas de quem depende a autorização ás congregações em geral ou a algumas d'ellas em particular para ensinarem a mocidade franceza. Encontram-se ali as theses seguintes, dignas de serem assignaladas aos liberaes que repellam todo o freio á liberdade do ensino congreganista.

Sobre o roubo encontrar-se-a, no capitulo II, numerosas subtilidades que permitem absolver o ladrão; ver-se-á, entre outros, o direito que tem os creados de augmentarem os seus ordenados por compensações occultas em detrimento dos seus patrões, quando avaliarem o seu trabalho insufficientemente remunerado.

Num capitulo sob «o damno causado injustamente», ficar-se-á sabendo, pelo caso II, que se pode licitamente acceitar dinheiro para não denunciar um culpado. No mesmo capitulo ha o seguinte caso, sob o n. II, por demais suggestivo:

«Curtius dá a Didymo, que lhe pede de beber, uma bebida envenenada, na intenção de fazer-lo morrer; Julio que se acha presente, toma, gracejando, a vasilha das mãos de Didymo, esvasia-a e morre pouco depois».

Pergunta o autor:

«Curtius deve indemnizar a infeliz familia de Julio?» E o mesmo autor responde pouco adiante:

«Curtius não é obrigado a reparar o mal, se não podia impedir Julio de beber sem trahir o seu crime ou correr perigo de morte. E a razão vem a ser que esta morte de Julio não foi o effeito da vontade de Curtius, pois que elle não podia prever este caso e nem era obrigado, correndo um perigo de morte certa, a impedir uma morte que não previa. Foi, portanto, por mero accidente e contra a vontade de Curtius que se deu a morte de Julio. Por consequencia, Curtius não foi a causa efficaç, mas a *simples occasião*; porque Julio foi quem se matou tomando uma bebida que lhe não era destinada».

Nos casos relativos aos «Estados particulares», encontra-se um numero II, concernente ao juiz Pertus que recebe presente dos advogados e o professor de theologia moral decide que: «O magistrado não pode guardar os presentes para pronunciar um julgamento justo, porque semelhante julgamento não pode ser objecto de um contracto. Mas pode provavelmente guardar os presentes para pronunciar um julgamento iniquo».

Busenbaum já havia tratado d'este caso antes do Padre Gury, explicando que o juiz, expondo-se a perder a sua reputação, tinha direito a receber uma indemnização.

O caso IX, sobre «o noivado» é interessantissimo:

«Edmundo contractou casamento com Helena, rapariga da mesma condição que elle e dispondo de fortuna igual; mas, na vespera do casamento recebe Edmundo a herança de um tio que acaba de fallecer. Deixa immediatamente Helena para desposar uma outra mulher tão rica como elle».

A proposito d'este caso, o autor dirige o confessor da maneira seguinte:

«A opinião mais provavel é que não se deve inquietar Edmundo por ter rompido o seu compromisso após o recebimento da herança, porque ella vinha estabelecer uma grande differença de condição entre elle e a sua noiva. Esta razão só pode prevalecer no caso de não poder a herança ser prevista pelo noivo».

Um bellissimo principio de moral desprende-se tambem do caso III sobre o consentimento condicional do casamento:

«Patricio, moço de uma familia nobre, mas pobre, tem uma tia rica, que deve constituir o seu herdeiro universal, caso faça elle um casamento que lhe seja agradável a ella. Viando fora da sua patria, e aproveitando-se de uma occasião propicia, Patricio deshonrou Martinha, promettendo-lhe casamento, e deixando-a grávida. Ameaçado pelo pae da victima, Patricio desposa-a, sob a condição de approvação por parte de sua tia, visto como elle não poderá, sob pena de perder a herança, ir ao encontro da sua vontade. Ora, a persuasão de Patricio era que a sua tia negaria o seu consentimento ao enlace, mas o pae de Martinha, auxiliado por um amigo, mette empenhos e consegue que a tia de Patricio approve o casamento. Patricio, tendo conhecimento d'este facto, volta á patria e ali desposa outra rapariga».

Eis agora o modo por que o autor aconselha ao confessor a absolvição de Patricio:

«O primeiro casamento de Patricio não tem valor devido á falta de um consentimento real; não querendo casar-se com Martinha, elle apenas deu um consentimento ficticio. A razão d'isto é que ao dar um consentimento condicional, Patricio estava convencido de que a condição não se realisaria. Logo este consentimento é nullo e nullo tambem o casamento que d'elle decorreu. E quando as razões alludidas não bastassem para provar essa nullidade, ahí tínhamos o facto da sua fuga, o que claramente revela que Patricio não se julgava ligado por este casamento».

(A seguir).

O ultimo adeus

Ia bem longe a náu... e o rei proscripto
já não mais via a terra em que reinára.
O oceano parecia-lhe um Sahára,
e a voz da vaga o canto do precito...

E a elle—do paiz que tanto amára,
restava agora vér, nesse infinito
das ondas, uma lasca de granito,
onde a outros o imperio desterrara...

Doeu-lhe o coração... e um pombo branco,
(como se a alliança fosse a mancinha)
soitou em busca do escarpado flanco...

Toldou-se o mar... o céu tornou-se stygio,
E muito ao longe, o pombo sobre o ilha,
mostrou-se ao rei como um barrete phrygio !...

Dunshee de Abranches.

A orchidéa e a aranha

Paco Cardenas, de volta de uma das suas viagens ao redor do mundo, começava a sentir-se aturdido em meio do reboio da vida elegante. Todo entregue até então aos seus estudos nauticos, impavido diante das ondas e das tempestades, era contido de um acanhamento e de uma hesitação extremas quando entrava em contacto com as *sereias* de terra.

Uma d'ellas então empolgou-lhe definitivamente o coração. Encontrou-se o joven official de marinha com a encantadora rapariga num baile aristocrata, em Buenos-Ayres; e a impressão que lhe causou a superior belleza e as inextinguíveis graças d'esse bello *specimen* feminino, irrompeu-lhe logo dos labios, exteriorizada em palavras apaixonadas. A formosa creatura escutou-o sem perder a calma e quando o rapaz terminou a sua declaração de amor, começou a dizer-lhe:

—E' muito bello tudo isso que me acaba de contar... Mas eu careço, para acreditar na sinceridade da sua paixão, de uma prova maior de que as que me offerece.

—Que prova é essa?

—Que leve sabbado, ao baile da casa de minha tia Luiza, uma orchidéa semelhante áquella que tem a Martinez.

—E que destino reserva a essa orchidéa?

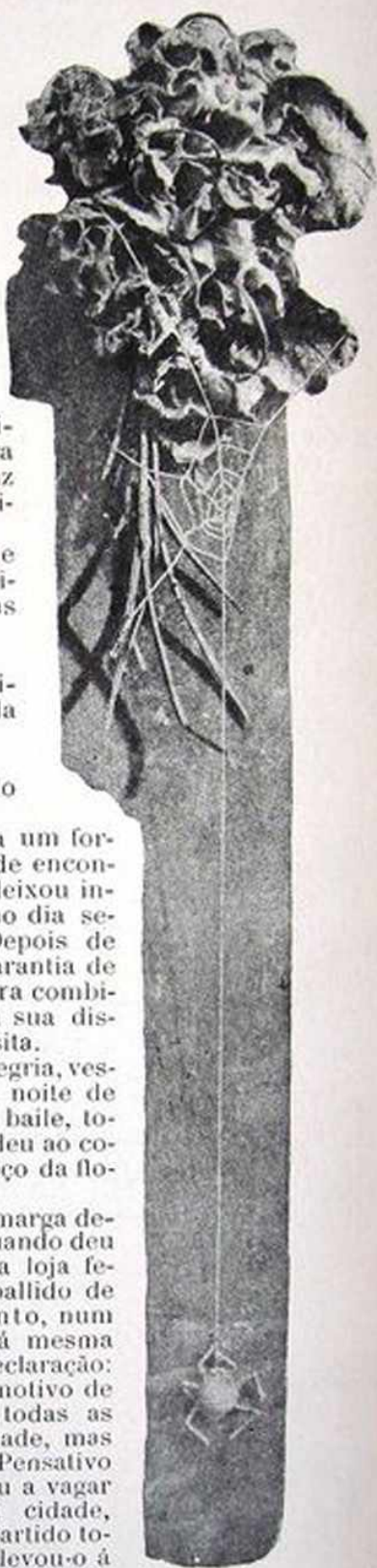
—Veremos depois, replicou a joven atirando ao enamorado official um olhar provocante.

A orchidéa a que alludia a rapariga era um formoso exemplar da *lilia elegans*, difficilissimo de encontrar naquella estação. Paco, porem, não se deixou intimidar por semelhante difficuldade e logo no dia seguinte atirou-se á procura da orchidéa. Depois de muito andar, conseguiu de uma florista a garantia de

que no dia e hora combinados estaria á sua disposição a parasita.

Louco de alegria, vestio-se Paco na noite de sabbado para o baile, tomou o carro e deu ao cocheiro o endereço da florista.

Mas, que amarga decepção a sua quando deu com a porta da loja fechada, lendo, pallido de desapontamento, num cartaz, colado á mesma porta, esta declaração: «Fechado por motivo de luto». Correu todas as floristas da cidade, mas sem resultado. Pensativo e triste começou a vagar pelas ruas da cidade, sem saberque partido tomar. O acaso levou-o á frente de um theatro onde nessa noite se representava uma peça sensaci-



onal. Quasi que mecanicamente, comprou um bilhete e entrou na sala de espectáculos. Terminava o segundo acto e a atriz que, de pé no proscénio, recebia os applausos do povo sobraçava entre outras flores, um esplendido ramo de orchidéas, exactamente igual ao queo rapaz, como um louco, procurava, havia algumas horas.

Paco, soffregamente, ganhou os bastidores e depois de procurar debalde, subornando diversos empregados do palco, apoderar-se de almejado ramo. Tomou uma resolução extrema e fez-se annunciar á artista. Recébio fidalgamente, começou logo:

—Minha senhora, como vae ver, a minha visita é motivada pela segurança que tenho de que o seu claro talento e o seu fidalgo trato saberão desculpar a minha ousadia. Tenho de levar esta noite a uma mulher que amo um ramo de orchidéas, prova por ella reclamada da sinceridade do meu amor.

Revolvi mares e ceus para encontrar essas orchidéas, mas tudo debalde. Dispunha-me já a abandonar a empresa, quando entro neste Theatro e vejo, entre os ramos que os seus admiradores lhe haviam offerecido, as *lelias elegans* que com tanto ardor procurava. Ahi tem V. Ex.^a espiada a razão da minha visita...

A atriz mirou o joven de alto a baixo. Era a primeira vez que um homem a procurava para lhe falar do amor que votava a outra.

Mas, nem de leve deixou suspeitar o despeito que a minava. Tomou o ramo de orchidéas e entregou-o a Paco dizendo-lhe:

—Não posso, por enquanto, formar ácerca de seu procedimento juizo seguro; reservo-me para mais tarde. Ahi tem a flor que deseja, porem com uma condição.

—Seja ella qual for desde já lhe declaro que gostosamente a acceitarei, respondeu pressurosamente o mancebo.

—Que amanhã, em pagamento destas orchidéas, me envie um ramo de violetas.

—Com o maior praser. E Paco, depois de inclinar-se profundamente ante a formosa atriz, sahio do theatro e correu ao baile. As orchidéas foram acceitas e com ellas o amor de abnegado official.

Na noite seguinte dirigio-se Paco ao camarim da artista a levar-lhe o ramo de violetas. Encontrou-a a preparar-se para scena, e embriagou-se logo na contemplação das bellezas irresistiveis que ella lhe deixava entrever.

Vinte dias depois a cronica social de um dos diários de mais circulação da capital, deu estas duas noticias:

«Parte hoje para Europa, no vapor *Hercules* a companhia lirica italiana da incomparavel atriz, Barcelani. Um grupo numeroso de amigos e admiradores foi levar a bordo a divina».

«O distincto official da marinha o sr. Fran-

cisco Cardenas, parte hoje para a Europa no vapor *Hercules*, em missão especial junto ao governo da Italia».

E o official, ao abandonar o porto, pensava: «Muito pode uma orchidéa, porem muito mais pode uma aranha».

L. Basa.

Adeus!

A' minha noiva.

Adeus!... disseste tu, e a nau partindo
n'um languido ondular te disse... adeus!
O mar julgou levar os olhos teus
E os olhos teus o mar trazel-os vindo.

Fugio a onda... então teu rosto lindo,
como implorando, ergueu-se para Deus...
Voltou a onda... olhaste para os ceus
e a nau, a triste nau, sempre fugindo

nem mais te respondeu, e a dôr immensa
de tu'alma não mais ouviu, suspensa
nos braços d'outros salsos Prometheus...

Adeus... disseste emfim, quasi expirante,
e um vagalhão colérico e arrogante
beijou-te os pés e soluçou-te—Adeus!

OSCAR DE LA TOUR.

Uma nação que sae directamente da barbaria possui uma garantia de força e de individualidade indispensavel para a sua existencia futura, ao passo que um paiz que mergulha as suas raizes n'uma cultura *raffinée* traz em si mesmo latente um germen de anemia e de corrupção.—L. BAZALGETTE.

A emancipação feminina

[Conclusão]

Mas isso, permitta-me que lhe diga, tende forçosamente a desaparecer. A propria civilização na sua marcha sempre evolutiva aluira.

E' de supôr que a mulher confie a sua emancipação á metamorphose quasi radical que a evolução tem operado em tudo n'este seculo do vapor e da electricidade, quando os madrigaes piegas dos scismadores idealistas são substituidos pela des-

cripeção exacta, clara e athentica do que observam os naturalistas da escola de Zola e Balzac, anatomistas calmos que com o escalpello da razão tudo dissecam.

Mas isso é simplesmente um engano. A evolução transformará tudo e mesmo alguma coisa da mulher, mas nunca estabelecerá a independência feminina.

Dissuada-se ella de sua luta improficua, de sua autonomia, essa mentira da civilização, porque a sua grande, elevada, importante missão na sociedade humana, no dizer de um socialista moderno, não é ser telegraphista, ser boticaria, ser jornalista ou ser doutoura; é ser mãe e ser esposa.

Não queremos na mulher um cerebro inflamado que se exalte no combate ás lutas politicas e sociaes, mas um coração terno, sensível e doce, que nos eduque no amor e seja o sustentaculo pujante e vigoroso da familia, a quem Herbert Spencer, o evolucionista inglez, augura os mais importantes destinos da familia, essa grandiosa instituição do pensamento universal.

Ella que deixe os trabalhos do intellecto e do musculo para o homem e fique no seu verdadeiro papel de mulher.

ALUIZIO PORTO.

Um povo historico é aquelle que consegue encontrar as regras de um estado politico e social e introduz uma certa ordem no governo, uma certa justiça na sociedade.—E. LAVISSE.

O Piano

Febril, nervosa, exausta, ella cosia
Ferindo os dedos no trabalho insano;
Tinha só um desejo; era um piano:
Por isso a pobre nem sequer dormia.

Ganhou chorando a insolita quantia,
Depois de dias longos como um anno,
Que lhe exigiu a usura de um tyranno
Judeu que n'essas illusões não cria.

Quando afinal a escura agua furtada
Veio adornar o mimo cubicado,
Como a rosa n'um tumulto plantada,

Com o seio ardente, o rosto desmaiado,
Ella pousou-lhe a mão enregelada
E morreu a sorrir sobre o teclado.

Luiz Guimarães.

Ouvindo-te

Quando cuço o teu piano soluçante
Gemer a melodia apaixonada
Da cavatina triste e lancinante
Como o grito de uma alma enamorada,

Acredita: Nem sei mesmo o que sinto...
Minha alma crente, embevecida, absorta,
Voa ao paiz de meu passado extinto
E vem depois anciosa, quasi morta

Cahir-te aos pés. A' doce melodia,
Cheia de encantos, preenhe de harmonia
Meu coração entreabre-se á esperanza...

Esqueço este soffrer que sem piedade,
Escurece-me o ceu da mocidade
E cobre-me de cans inda creança.

CELSE JUNIOR.

O romance é um genero literario incomparavel porque é o unico capaz de exprimir todas as formas do pensamento, todos os aspectos do universo, todas as lições da historia.—Melchior de Vogué.

Num amphitheatro

Essa mulher que eu vejo desnudada,
Morta p'r'o mundo e para o vicio morta,
Tem uma historia tragica que exhorta
As virgens na existencia descuidada.

A historia ó virgens, d'essa desgraçada
Que assim tão fria o coração nos corta
Eu vo-la conto. E' lugubre... que importa?
Se não nos ouve a triste flor ceifada?

Era formosa. Amcu. Mas a desgraça
Fê-la (coitada!) meretriz devassa
Do banquete do vicio... achava-o bello!

Veio depois o verme da miseria
Fazendo-a hoje putrida materia
Em que se move o barbaro escalpello.

ALUIZIO PORTO

A Revista do Norte

Anno 4

Maranhão, 1 de Março de 1905

Num. 85

A Revolução de 89

Uma das paginas mais brilhantes da vida da humanidade nos tempos modernos; o acontecimento de mais vulto e importancia de que foi theatro a Europa depois da tomada de Constantinopla por Mahomet II, aquelle em que a vontade do homem se revela com mais pujança e vigor, é sem duvida alguma a revolução franceza dos fins do seculo XVIII, a Grande Crise como a chamou o robusto pensador moderno Augusto Comte.

Quem contempla com attenção e cuidado o desenvolvimento d'esse grande drama politico e social que assignala o mais glorioso marco no caminhar incessante da humanidade na senda do progresso e do aperfeiçoamento; quem lê as paginas luminosas d'essa epopéa sublime onde a verdade, a justiça e o direito se manifestam em toda a sua magnificencia e esplendor; quem acompanha *pari-passu* essa serie não interrompida de factos prodigiosos que constituem a grande revolução; pasma, sente-se pequeno, acanhado, mesquinho, deante da grandeza e magestade d'esses heróes que, terminando as mais das vezes no patibulo a sua vida de sacrificios e labores, sellando com seu sangue de martyres as idéas que sustentaram, vieram, novos Messias, abrir para a humanidade captiva, não as portas do paraizo, mas os esplendidos porticos da liberdade e da independencia.

Grandiosa, sublime, incomparavel, aureolada de luz, coberta de bençãos, a revolução de 89 ainda hoje, depois de um seculo, vive e palpita no nosso meio nas suas sabias reformas, nas suas maravilhosas instituições que são adoptadas por todos os modernos paizes livres.

Antes d'ella, desde os mais remotos tempos, diversas revoluções se tinham operado no universo, mas nenhuma obteve uma victoria tão esplendida, um triumpho tão completo.

Na velha Roma dos Cesares, quando a corrupção e a immoralidade invadiam os costumes publicos, quando a venalidade era uma lei e a depravação um principio, ergueu-se a voz authorizada dos Grachos pedindo com a eloquencia das convicções sinceras e justas um correctivo para tantas infamias; mas Scipião Nasica e Opímio fizeram cair com a cabeça dos dois tribunos todos os seus projectos grandiosos.

Na media-idade, quando a França, luctando

simultaneamente com a Inglaterra no exterior e as dissensões civis no interior, parecia caminhar a passos largos para a ruina e o aniquilamento; quando o camponez, o *bom homem Jacques*, como o chamavam os soldados, debatia-se convulso nos ergastulos da tyrannia feudal; appareceu tambem um vulto grandioso e sympathico, Estevão Marcello, o preboste dos commerciantes de Paris, o Danton do seculo XIV, como o chama Hamel, o esforçado paladino das liberdades populares, defendendo os direitos do povo e stygmatisando com toda a *verve* de sua eloquencia revolucionaria os abusos e as infamias da nobreza; cahiu, porem, victima do punhal de Maillard sem ver realisado o ideal com que sonhara.

Contudo, os seus esforços não foram completamente baldados, porque dos Estados Geraes de 1357, depurados e reformados por elle, sahio a immorredoura ordenação que punha em pratica certos principios favoraveis ao povo e que pode ser considerada, diz um escriptor de nota, como o codigo da democracia na idade-media.

Nos tempos modernos, no seculo XVI, quando a depravação e a degradação moral estendiam-se desde o throno do rei até a cadeia do pontifice; quando Carlos V procurava realisar os seus projectos de ambição e egoismo, sacrificando para isso milhares de vidas no fervor das pejeas, na allucinação dos combates; quando Leão X entregava-se á enervante sensualidade de uma opulencia fabulosa, de um fausto oriental e esquecia-se das tradições dos seus predecessores; surgiu tambem Martinho Lutero, o frade apostata, pedindo reforma. A obra que elle pretendia realisar, apesar dos seus innumerados defeitos, apesar dos seus desvarios, era grandiosa, era sublime, porque era o primeiro grito de revolta do espirito humano contra as cadeias oppressivas que o manietavam e privavam de expandir-se. Mas a tentativa de Lutero não obteve o resultado que deveria porque o fanatismo de Felipe II, a baixeza e a infamia de Carlos IX e a politica astuciosa e traiçoeira de Catharina de Medicis, suffocaram n'uma onda de sangue essa primeira manifestação do desejo ardente de liberdade que começava a apoderar-se de todos os corações.

A perseguição contra os protestantes nos Paizes Baixos e a Saint-Barthélemy na França são duas provas eloquentes, palpitantes do que acabamos de affirmar.



RIO DE JANEIRO—HOSPITAL DA MISERICORDIA

Como se vê, todas essas revoluções, todos esses cometimentos arrojados, apesar de serem impulsionados pela aspiração à liberdade, esse factor potente, vigoroso, de todas as acções grandiosas da humanidade, não tiveram as consequências que se esperavam, não conseguiram realizar completamente o seu intento.

Apezar do heroísmo e abnegação de seus promotores, elles morreram, alguns sem deixar de si vestígios o não ser a sua recordação luminosa, outros conseguindo apenas em parte o seu fim e sendo mal interpretados pelos posteriores.

Só a Revolução de 89 perdurou, só ella realizou inteiramente o seu ideal.

Tambem, á semelhança das outras, ella sofreu grande opposição, encontrou obstaculos na sua carreira, mas superou-os, esmagou-os.

Tambem ella encontrou um traidor, tambem teve um filho desnaturado que se serviu do seu nome para galgar a escadas de poder; que, hypocrita! se dizia sectario os seus principios para conquistar as honras, para realizar os seus dourados sonhos de ambição, e que depois, quando se vio collocado nas cumiadas do poder, no pinaculo da fama, se não teve a coragem de Nero para cravar-lhe abertamente o punhal no peito e depois insultar o seu cadaver, pretendeu indirectamente neutralizar os seus effeitos, reconstruir de alguma sorte o edificio por ella desmoronado e assentar sobre as suas brillhantes conquistas o throno da monarchia hypocrita, que debaixo do manto de constitucional era absoluta, o que redundava na denegação completa de todos os principios, no

desmentido solemne de todas as doutrinas da Revolução.

Esse homem, esse traidor, esse filho desnaturado da Revolução, chamou-se Napoleão Bonaparte, o *assassino da liberdade*, na frase de Pedroso.

Mas elle cahiu esmagado em Waterloo como deveriam cair todos aquelles que se oppuzessem á corrente impetuosa da Revolução, á propagação das doutrinas santas que ella pregava.

Depois de Bonaparte, Luiz XVIII, Carlos X, Luiz Philippe e Napoleão III, pretenderam, pobres loucos! reanimar o cadaver já putrefacto da monarchia. Mas cahiram tambem esmagados. A Revolução, victoriosa, triumphante, hasteando a sua bandeira ennegrecida pelos fumos dos combates, esfarrapada pelas metralhas, mas assim mesmo gloriosa, accentuou-se mais que nunca na França e de lá expandio os seus raios luminosos por todo o mundo.

Triumpho esplendido da liberdade sobre a tyrannia, da verdade sobre o erro e da intelligencia sobre a ignorancia!

Uma cousa porem, deve lamentar-se na Revolução:—as execuções sangrentas, os crimes monstruosos, perpetrados em seu nome. Não concordamos inteiramente com o historiador portuguez quando diz que uma gota de sangue, embora criminoso, é sempre uma nodoa funesta na bandeira de uma idéa, sobretudo quando esta idéa é a liberdade. O sangue é algumas vezes preciso, é necessario em certas circumstancias erguer-se o patibulo

para conquistar-se um direito conspurcado e punir os que o conspurcavam; mas, contudo, a Revolução de 89 excedeu-se, as execuções por ella ordenadas ultrapassaram os limites. Mas como exigir a calma e reflexão n'um povo avido de liberdade, «embriagado pela allucinação da victoria», que procurava sacudir a todo transe as pesadas algemas de uma escravidão ferrenha que lhe havia manietado os pulsos por tantos seculos, e que abrigava n'um peito retalhado por todos os soffrimentos, uma sede de vingança insaciavel contra os seus algozes?

E, além d'isto, que eram esses crimes commettidos pelos revolucionarios de 89 á vista do que haviam feito os nobres nos seculos antecedentes contra o povo que elles defendiam?

Se um fidalgo, se um nobre, subia na epocha da Revolução os degrãos da guilhotina, nos tempos do despotismo feudal quantos plebeus não haviam descido innocentes as escadas dos subterrâneos dos castellos, onde iam terminar os seus dias no meio da miseria, da fome e da dôr?...

Esses desvarios da Revolução são lamentaveis, é real; mas desculpam-se, explicam-se e desaparecem deante do esplendor das suas conquistas.

A humanidade agradecida deve evocar a memoria augusta d'esses gloriosos martyres da liberdade e dizer-lhes, paraphraseando as palavras do vencedor da Austerlitz: «Soldados do progresso! luctadores sublimes! Estou satisfeita convosco! Cumpristes o vosso dever e cercastes o vosso nome de uma gloria immortal! Vós sois os meus verdadeiros filhos! Dormi em paz!»

J. ACACIO.

Supremo anseio

Quero estreitar-te nos meus braços ! Desce
A' dolorosa e grande escuridade,
Onde o meu triste coração padece
Torturado de amor e de saudade !

Aureo primor artistico da Helláde !
Como o desejo na minh'alma cresce
De enlevar-me na tua mocidade,
Que assim tão bella e virginal floresce !

Venha o teu beijo esplendorar-me os olhos,
Venha o teu beijo avigorar-me o sangue,
Neste Calvario aspérrimo de abrolhos

Da vida, agora és para mim bem como
Para um faminto moribundo exangue
O alme perfume tentador de um um pomo !

Alfredo Assis.

A derradeira illusão

I

Elle fôra um perdulario. Dos thesouros de sua mocidade, das riquezas de suas aspirações de joven, das joias dos seus prematuros sonhos, tudo gastara, tudo despendera apoz a phantasia louca de mil illusões desfeitas, de esperanças que nunca se realisaram. E depois de gasto o seu rico patrimonio de homem, achou-se só com o nada de suas aspirações, o vacuo de seus desejos malogrados, a ruina de todas as suas esperanças.

Tentou ainda sonhar, mas debalde, que não se sonha mais quando o ceu perdeu todo o anil, quando a natureza fria, gelada, não mais suspira cantos no sopro brando da aragem, não mais expira aromas na flor que desabrocha, não mais escreve poemas nos labios de uma mulher que sorri. Ficara-lhe vazio o cofre das suas illusões, e quando alli, mergulhando a mão, procurou encontrar um resto de riquezas que possuira, uma joia esquecida que, talvez, sem o saber guardasse: nada, nada encontrou senão a arida miseria do coração.

Tudo perdera o prodigo.

II

D'ahi em diante viveu como se vive quando não mais se sente, a sós com o pensamento que o torturava, com a razão fria que tudo desseca. Observava-se as vezes como se o fizesse a respeito do outro individuo; analysava-se e tinha tedio de si mesmo, tanto a precoce duvida que o perseguia lhe semelhava profunda monstruosidade moral.

Um dia, passeiava elle á beira de uma estrada e, facto singular! pareceu-lhe que voltara á natureza o sorriso com que d'antes lhe dava os bons dias da vida. Olhou para a terra illuminada do sol da manhã e bem a margem do caminho, entre o verde esmeralda de algumas graminhas rusticas, florescia uma rosa rubra, opulenta, de aroma suave e penetrante, cujas folhas setinosas tinham tons de luz avelludados. Estava alli a flôr em todo o viço, todo o frescor, abrindo a corolla pura ao sol nascente, rindo com o despertar da terra na resurreição de vida da manhã.

Quiz, apoz larga contemplação, colher a flor: ergueu a mão e prendeu-lhe o hastil delicado que balançava o vento tepido do dia a começar; mas, ao apossar-se da rosa que parecia olhal-o com o olhar mudo das flores, ella, como se tivesse azas, fugio-lhe e só lhe ficou na mão a haste delgada cujos espinhos se lhe enterraram nas carnes.

Mergulhara mais uma vez no cofre das illusões e d'ahi retirara as mãos a gottejar de sangue, na miseria de um sonho de realisação impossivel.

PLACIDO GUERRA.



O dote

(GUY DE MAUPASSANT)

A ninguém causou estranheza o casamento de Simão Lebrument com a senhorita Joanna Cordier. Lebrument comprara, havia pouco, o cartório do tabellião Papillon; para paga-lo tornava-se necessária uma boa somma e a senhorita Cordier possuía trescentos mil francos liquidados em cheques do banco e títulos ao portador.

Lebrument era um bello rapaz e que tinha muito chic, chic de tabellião, chic provinciano, mas enfim sempre era um chic, prenda rara em Boutigny-le-Rebours.

A senhorita Cordier tinha muita graça e muita frescura, o que a tornava extremamente querida e festejada.

A cerimonia do casamento poz toda a gente no ar em Boutigny. Os noivos foram muito admirados e, em seguida ás festas, recolheram-se ao domicilio conjugal, na resolução de emprehenderem dentro de poucos dias uma breve viagem a Paris.

Foram deliciosos os seus primeiros momentos de intimidade. Ao cabo de quatro dias, a sra. Lebrument adorava o marido. Não lhe podia dispensar a presença, queria-o sempre ao pé de si, para acariciar-lhe as mãos, as faces, os cabellos, etc. Empiriquitava-se nos joelhos do novel tabellião e agarrando-lhe as orelhas, dizia-lhe: «Abre a boca e fecha os olhos». Lebrument obedecia gostosamente e recebia então um saboroso beijo, muito terno e muito demorado, que lhe punha um adorável calefrio ao longo da espinha. E por sua vez já não sabia que caricias inventar para dia e noite provar a mulher que a adorava.

Decorrida a primeira semana, disse Lebrument á esposa:

—Se fôr do teu agrado poderemos partir para Paris na terça-feira proxima. Vamos correr os theatros, os restaurantes, os cafés, como um casal de amantes que não receberam a sanção matrimonial...

Joanna deu pulos de contente, batendo as mãos:

—Oh! sim, meu queridinho! Partamos o mais depressa possível...

—E como a gente de nada se deve descuidar, continuou Lebrument, dize a teu pae que aprompte o dote; leva-lo-ei connosco e aproveitarei a occasião para pagar o sr. Papillon.

—Está bem, queridinho, isso mesmo lhe repetirei.

Uma enfiada de abraços salpicados de beijos apaixonados poz termo ao dialogo.

Na terça-feira immediata, o sogro e a sogra acompanharam á gare a filha e o genro que partiam para a capital.

Dizia o sogro:

—Olhe, meu genro, que é uma grave imprudencia levar tanto dinheiro na carteira...

Mas o genro sorria, prasenteiro e brincalhão:

—Não se afflija, papá, ando já muito acostumado a semelhantes transportes. Compreende que na minha muita profissão muitas vezes me acontece ter commigo um milhão. Ao menos assim, levando commigo o dinheiro, evito uma serie de massadas.

O empregado cortou-lhe a palavra, bradando:

—Queiram embarcar os passageiros para Paris!

O casal precipitou-se para um wagão onde já se achavam accommodadas duas senhoras idosas.

Lebrument murmurou ao ouvido da mulher:

—Que estopada! Não posso fumar!

Ella, baixinho, retrucou:

—Tambem acho, mas não por causa do teu charuto... E um risinho brejeiro sublinhou a frase.

O comboio partio. O trajecto durou uma hora durante a qual os recém-casados pouco ou nada se puderam dizer, porque as duas velhas curiosamente os observavam.

Assim que pisaram o pateo da gare Saint-Lagare, Lebrument disse á mulher:

—Se quizeres, querida, podemos ir almoçar ao boulevard; em seguida viremos buscar a nossa mala para leva-la ao hotel.

Joanna immediatamente acquiesceu:

—Magnifico! Vamos almoçar ao boulevard! Fica muito longe?

—Um pouquinho... Mas isso é o menos, podemos tomar o omnibus.

—E porque não tomaremos antes um carro de praça? fez Joanna muito admirada.

Lebrument poz-se a reprehende-la galhofeiramente:

—Então são dessa ordem as tuas economias? Uma carruagem de praça, a cinco sous por minuto, para ir d'aqui ali?



MINAS GERAES—VISTA GERAL DE OURO PRETO

—Tens razão, fez Joanna um pouco confusa, nem sei mesmo onde andava com a cabeça...

Um omnibus passava, puchado por três cavalos. Lebrument fez signal ao conductor e o pesado vehiculo parou.

—Olha, disse elle a mulher, toma logar no interior que eu vou em cima para poder tirar uma fumaça antes do almoço.

Joanna nem teve tempo de responder, porque o conductor quasi á força empurrou-a para dentro do carro; quando deu por si achava-se atirada para cima de um banco, olhando espantada, pela vidraça posterior, para os pés do marido que subiam para a *imperial*.

E para ali ficou immovel, entre um senhor muito gordo e uma velha encarquilhada. Todos os outros passageiros alinhados e mudos, e os havia ali de todas as qualidades: operarios, soldados, costureiras, irmãs de caridade, etc., etc.

Joanna, sacudida pelos solavancos do omnibus, pensava:

—Porque não veio elle aqui, ao meu lado? Que lhe custava, por alguns minutos, privar-se d'aquelle charuto?... É uma tristeza vaga lhe opprimia a alma.

As irmãs de caridade, em numero de duas, mandaram parar o omnibus e uma atraz da outra ganharam a rua.

O omnibus poz se de novo a caminho e d'ahi

a pouco de novo parou. Uma cosinheira, suada e vermelha, veio tomar logar num banco, pondo no côlo a sua cesta de compras.

—E' mais longe do que eu suppunha, pensava Joanna.

Os outros passageiros, pouco a pouco, foram saltando e sendo substituidos por novos que iam entrando. E o omnibus seguia sempre, parando nas estações e pondo-se de novo a caminho.

—Como custa a chegar! murmurou Joanna. Quem sabe se elle não vae distraído lá em cima, se não pegou no somno... Coitadinho! Vinha tão fatigado!

Pouco a pouco todos os viajantes partiam e Joanna vio-se sosinha. O conductor gritou:

—Vaugirard!

E como ella não se movesse, repetiu o brado:

—Vaugirard!

Foi então que Joanna comprehendeu que era a ella que se dirigia o conductor. Timidamente perguntou-lhe:

—Onde estamos nós?

—Em Vaugirard, respondeu o homem n'um tom e' feso. Ha mais de dez minutos que o proclamo em altos brados.

—Fica muito longe do boulevard? perguntou Joanna.

—Que boulevard?

—Mas... o boulevard dos Italianos.
 —Ha que annos que já por elle passamos.
 —Ah! queira então ter a bondade de prevenir meu marido?
 —E onde está seu marido, se me faz favor?
 —La em cima, na *imperial*.
 —Na *imperial*? Ha muito que lá não tem ninguém...

Joanna teve um gesto de terror.
 —Como assim? Não é possível! Pois se elle entrou comigo... O sr. está enganado... Tenha a bondade de ir ver de novo.

O conductor tornou-se grosseiro.
 —Bom, deixemos de brincadeiras. Perdeu um, achará dez. Ponha-se a andar...

Joanna tinha os olhos rasos d'agua.
 —Mas, sr., asseguro-lhe que está enganado. Meu marido vinha na *imperial*; até por signal trazia debaixo do braço uma grande pasta...

—Ah! é esse? Saltou na praça da Magdalena.
 Joanna, fóra de si, pulou para a rua e instinctivamente olhou para a cobertura do omnibus. Inteiramente vasia.

A infeliz poz-se então a chorar desvairadamente e, sem prestar a attenção aos objectos nem as pessoas que a cercavam, exclamava:

—Meu Deus, que vae ser de mim.
 O fiscal dos omnibus aproximou-se.
 —De que se trata? perguntou.
 —E' uma senhora que o marido abandonou no caminho, respondeu o conductor.

O outro retrucou:
 —Bom, bom, isso nada vale. Trate do seu serviço.

E rodou sobre os calcanhares.
 Joanna, cada vez mais desvairada, poz-se a caminhar sem saber para onde se dirigia. Que queria dizer aquillo? Como explicar semelhante descuido, semelhante engano, semelhante distracção, ou que melhor nome tivesse, da parte do seu marido?

Só tinha na algibeira dois francos. A quem se poderia ella dirigir naquella triste emergencia? De repente acudio-lhe ao espirito o nome do seu primo Barral, empregado no ministerio da marinha.

O dinheiro que lhe restava bastava para pagar a corrida. Chamou uma carruagem, deu ao cocheiro o endereço do primo e d'ahi a alguns instantes saltava á porta de Barral. Justamente vinha este ultimo a sair com uma pasta debaixo do braço tal qual como Lebrument.

—Henrique! exclamou Joanna.
 Barral, estupefacto, parou.
 —Joanna?... Aqui?... Sosinha?... Mas que faz, d'onde vem?

Ella balbuciou com os olhos inundados de lagrimas.

—Meu marido perdeu-se...
 —Perdeu-se?... Onde?
 —Num omnibus.
 —Num omnibus?... Oh!...

E, chorando, a abandonada contou ao primo a sua aventura.

Barral escutava cabisbaixo. Quando ella terminou a narração:

—E esta manhã estava Lebrument no seu juízo perfeito? perguntou elle.

—Sem duvida.
 —Bom. E trazia consigo muito dinheiro?
 —Trazia o meu dote inteiro...
 —O seu dote? Inteirinho?
 —Sim, Henrique, inteirinho... Era para pagar o cartório.

—Pois bem, minha presada prima, com certeza a estas horas o seu estimavel consorte já vae caminho da Belgica.

Joanna não comprehendia ainda.
 —Meu marido?... a Belgica? interrogava gaguejando.

—E' isso mesmo. O maganão azulou com o capital, com o seu rico dote... Ora ahi está!...

Joanna fóra de si, subitamente empolgada por uma colera formidavel, mal pôde articular:

—Nesse caso... é um... miseravel... um bandido...

—Sem tirar, nem por, minha rica prima... Ora ahi tem...

A rapariga atirou-se ao pescoço do primo soluçando.

E como os transeuntes parassem para contemplar aquella efusão, Barral docemente fe-la transpor o portão da sua residencia e galgar as suas escadas. E quando a creada, pasma, lhe veio abrir a porta, ordenou:

—Sophia, corra ao restaurante a buscar um almoço para dois. Hoje não irei ao ministerio.

J. Ribas.

Magnum Cœlum

Sê tu benedito, ó carcere maldicto,
 Ó solitaria estancia da desgraça,
 Funebre, estreito e lugubre infinito
 Onde o imprevisto ante os meus olhos passa.

Aqui no teu silencio desolado,
 Oíço melhor a voz da eternidade,
 E sinto melancolico a meu lado
 O solitario archanjo da saudade.

Velhas recordações de tempos idos
 Que eu tenho no meu peito sepultadas,
 Agora andam cantando a meus ouvidos
 Estranhas e nostalgicas baladas.

Sobras antigas de illusões já mortas
 Povoam meus tristissimos scismares,
 E neste ermo recondito, sem portas
 Penetram-me visões tão singulares!...

Do tumulto da vida um só murmúrio
 Siquier me chega nesta paz serena
 Deste mortuario e tragico tugurio,
 Onde minh'alma triste em sonhos pena.

Nesta desolação em que me vejo,
 Do ceu, visto através á grade escura,
 Parece derramar-se um grande beijo
 De carinho e de amor que me procura.



S. PAULO—VIADUCTO DO CHÁ NA CAPITAL DO ESTADO

Quando a noite me envolve e que adormeço
Já fatigado de dolentes scismas,
Ao romper da manhã, todo estremeço,
Como se a visse por dourados prismas.

É que a pompa dos ceus de bênçãos cheia
Só de perdões celestes se illumina
A quem a vê das grades da cadeia
Como um docel da compaixão divina.

Então minh'alma lurida se expande
Em doçuras de fé que Deus lhe empresta,
Perdida em sonhos pelo ceu tão grande
Que eu vejo todo de uma estreita fresta.

Carlos D. Fernandes.

O ensino das congregações religiosas na França

(Continuação)

Para terminar esta escolha de centenas de «soluções moraes», tão immoraes umas como as outras, vejamos ainda no livro do Padre Gury a do caso VII relativamente a «um innocente condemnado em logar do verdadeiro culpado».

É digno de nota o talento de exposição e o cuidado com que o bom padre apresenta o caso

de consciencia chegando a uma conclusão que o mais grosseiro sentimento de honra repelle.

«Audifax, na ausencia de Rodolpho, penetra secretamente na casa d'este ultimo, arromba-lhe a burra, apodera-se de trezentos luizes e foge. Rodolpho, ao voltar para casa, verifica com espanto que a burra se acha aberta e que o dinheiro desapareceu. Enfurece-se, grita, pragueja, lamenta-se, mas ignora quem seja o ladrão. Afinal começa a suspeitar o seu creado Tito. Fa-lo prender. Por um accaso lamentavel, graves suspeitas pesam sobre Tito, porque ha testemunhas que affirmam que elle ficou sosinho na casa, durante a ausencia do amo. Tito, aterrorisado, dá ao juiz respostas incoherentes, contradictorias mesmo. O julgamento a que é submettido declara-o culpado e é elle condemnado a trabalhos forçados por toda a vida. Audifax, ao saber d'este facto, atormentado pelo remorso, procura um confessor, confessa-lhe tudo e pede que lhe indique qual deve ser o seu procedimento em tão grande embaraço.

Quesito 1.º Audifax deve entregar-se á justiça, deve-lo-ia ter feito antes do julgamento?

Quesito 2.º E' elle obrigado a reparar o damno causado ao creado?

Quesito 3.º Que deve responder o confessor?

Resposta ao 1.º quesito. Que se deve pensar de Audifax? Ei-lo, impellido pelo remorso, aos pés do seu confessor, esperando a sentença, banhado de lagrimas. Que deverá fazer o padre? Deverá orde-



RIO DE JANEIRO—TIJUCA—HOTEL MOREAU

nar-lhe, não só que restitua o dinheiro roubado, mas também que se entregue á justiça? Absolutamente. Basta que indemne secretamente Rodolpho e que faça penitencia do seu peccado. Estabeleço pois que o *nosso* Audifax não é obrigado a denunciar-se á justiça, mesmo antes do julgamento, mesmo que pudesse por este procedimento impedir a sentença injusta que ferio Tito; porque Audifax não foi a *causa effica* da condenação, mas simplesmente a *ocasião*, ou a *causa occasional*, ou a *causa remota*. Ora ninguém é obrigado a reparar um mal desde que não foi a causa effica e verdadeira d'esse mesmo mal. A desgraça de Tito deve ser levada á conta de erro das testemunhas e do juiz; Audifax não foi a causa effica d'essa desgraça, logo não é obrigado a entregar-se pa a prevenir ou reparar o mal.

Resposta ao 2.º quesito. Não, pelo que fica dito, não foi Audifax a causa da desgraça do creado, esta foi apenas causada pelo erro do juiz; portanto não é elle obrigado a reparar um mal que não causou. Todavia, a caridade obriga Audifax a livrar um innocente de uma pena grave, comtanto, porem, que trabalhando para semelhante resultado, não vá comprometter a sua propria segurança.

Resposta ao 3.º quesito. Na maioria dos casos, num embaraço tão grande, os conselhos do con-

fessor de pouco ou nada servirão; comtudo deverá induzir o penitente e, por si mesmo ou por intermedio de terceiros, empenhar-se junto de um personagem influente que, guardando o respeito e maior sigillo, busque obter do chefe do Estado o perdão do innocente».

Eis ahi, nessas linhas do Padre Gury, todo o processo Dreyfus explicado: Esterhazy salvo pelo confessorário e Dreyfus pelo perdão. O Padre Du Lac, director espirital do general Boisdreffre, com certeza applicou, para o «caso de consciencia» que lhe era submettido, as maximas do Padre Gury.

Pelas amostras que ahi ficam, poder-se-á julgar do perigo que existe em recrutar o pessoal do ensino entre os discipulos de taes doutores.

Recusamo-nos a acreditar que os professores congreganistas applicuem ás suas classes primarias semelhantes theorias; não julgamos mesmo que essas theses abominaveis tenham por fim inspirar o ensino que se ministria á infancia; o fim dos padres jesuitas instituindo uma moral tão larga (perdoem-nos o euphemismo) parece-nos que foi tornar o tribunal da penitencia tão brando, tão conciliador, a ponto de transformar-se num atractivo irresistivel para os peccadores.

(A seguir)

A Revista do Norte

Anno 4

Maranhão, 16 de Março de 1905

Num. 86



RIO DE JANEIRO—CIDADE DE VASSOURAS

Os livros de janeiro

João Chagas é hoje o primeiro dos nossos chronistas, e dizendo isto cumpre que definamos bem que o chronista actual, succedendo ao folhetinista de ha trinta annos, adopta em Portugal uma maneira inteiramente diversa de expôr um facto e commental-o, n'essa rapida e ligeira prosa de jornal que necessita ter todo o caracter de espontaneidade e todo o attractivo da impressão flagrante.

Os mestres do folhetim, entre nós, foram Lopes de Mendonça e Julio Cesar Machado. O ultimo, sobretudo. Em poucos cultores das galas e elegancias destinadas a ornar os rodapés dos periodicos, se encontraria mais fielmente personificada a graça,

a leveza e a bonhomia que caracterisaram tal especialidade jornalística do que n'esse encantador *causeur* que tendo vivido com um sorriso jovial nos labios acabou com um *rietus* de tragedia na bocca. Lér Julio Cesar é assistir á digressão agradável d'uma conversação amavel e espirituosa, afflorando todos os assumptos, realçando com um brilho fugaz de encanto as mil banalidades da vida. Inteligente e espirituoso, o folhetinista comprehendia, porventura, que, para a sociedade do seu tempo, a concentração n'uma só idéa levaria o seu leitor a esforços de raciocinio que não seriam o mais predilecto emprego do seu cerebro. Por isso elle voltejava atravez de todos os assumptos, largando-os successivamente logo que presentia que elles podiam já cançar a attenção d'esse publico

tão limitado nos seus gostos de discussão e de fixação de aspectos. Rápido e brilhante, sabia ser fútil, sem ser banal; leve sem ser vago, gentil sem ser precioso, — e a tudo doirava com a fina poeira do seu espirito e realçava com a amável rectidão da sua consciencia. Mas, nada d'isso impedia que o seu trabalho fosse disperso, e que a sua *causerie* se enredasse n'um tal encadeamento de impressões e aspectos varios que até mesmo os livros de costumes em que reunia uma colleção de instantaneos dos typos e dos aspectos do seu tempo tinham para nós a apparencia, pelo processo, d'esses contos das *Mil e uma noites* que por tantos élos se congregam que não ha maneiras de logicamente os quebrar.

Os tempos mudam. Hoje são de reflexão e analyse, e precisamente o que se reclama do escriptor é a concentração do seu pensamento n'um facto ou n'um problema, até nos dar uma conclusão do exame mental a que sobre elles procedeu. Variou o aspecto do interesse que leva o leitor a absorver-se n'uma pagina. Requer-se que tudo de que se trata tenha principio, meio e fim. Não se admite confusão, requer-se disciplina. Já não são simplesmente as qualidades de espirito, brilhando em qualquer phrase ou expandindo-se em qualquer situação, que empolgam a attenção do publico moderno. Ninguém lê simplesmente para se distrahir, — a não ser o immutavel pobre de espirito que nem o Christianismo reformador teve coragem de expungir. Lê para firmar uma opinião, ou para se robustecer, ao contacto d'um juizo mais auctorizado, na que primitivamente formou. N'uma palavra, e para me servir da inoffensiva linguagem do tempo, o folhetinista era a simples e doirada mariposa que indistinctamente pousava n'estas ou naquellas flores d'um jardim, abandonando-as umas pelas outras logo que sorvia um pouco do seu perfume. O chronista é já um espirito subtil complicado d'um pensador, que por procurar uma imagem ou um rhythm não abandona por isso uma idéa.

O chronista actual tem na vivaz imprensa franceza os seus mais lidimros representantes, e é n'essa raça de primorosos escriptores, a quem a deusa da originalidade não recata os segredos da sua harmoniosa plastica, que devemos filiar João Chagas. E' a sua vivesa, o seu amor do paradoxo, a sua flagrante penetração philosophica, envoltas na forma ductil e incisiva da sua linguagem litteraria, que immediatamente reconhecemos e nos seduzem nas suas chronicas que tanto successo tem ultimamente obtido em Portugal e no Brazil.

O livro *Homens e Factos*, que a livraria Franca Amado primorosamente editou, congloba uma selecção das que foram escriptas no decurso de dois annos: 1902 a 1904. Algumas são verdadeiramente notaveis; nenhuma ha que se possa julgar banal. A prosa de João Chagas é cheia de precisão e relevo; e como é clara e corrente tem o supremo poder e o supremo encanto da nitidez. Não ha perigo, como succede nas obras de tantos escriptores novos erradamente decorados com o nome de requintados, de que fechemos, com despeito e aborrecimento, as suas paginas, desistindo de perceber o que

nunca teve senso commum. Com João Chagas sabe-se o que o escriptor quer dizer, e são tão singulares os seus recursos de espirito que dispõe do poder de convencer, mesmo quando se encontra, como não poucas vezes succede, fundamentalmente afastado da verdade.

E' esse o aspecto mais curioso da obra de João Chagas, que já se affirmava no seu longo trabalho de jornalismo politico. Masahi poderia suppor-se que o polemista, levado por necessidades de discussão, não duvidasse auxiliar-se de brilhantes sophismas e de habéis paradoxos para ficar victorioso na recalcada liça dos seus prelios de combatente. Aqui, não. Posto em frente dos assumptos da vida diaria, sem nenhuma pressão externa que o obrigasse a desfigurar o seu pensamento, todo o merito do seu exame reside na mais absoluta pureza da sua impressão e da sua analyse. E assim succede, com effeito. João Chagas diz precisamente o que pensa sobre tal ou tal determinado facto. Mas o que succede é que, se se occupou passado tempo do mesmo assumpto, não raro o seu juizo será extranhamente contradictorio.

Por que é isto? Porque João Chagas será permanentemente o jornalista, — esse ser complexo que é impressionado por todas as circumstancias ambientes sempre que analisa uma actualidade, e que nunca terá estímulo para communicar impressões se a forte incidência da actualidade lh'as não suggerir. D'ahi, a carencia d'aquella orientação immutavel e rectilínea que caracteriza a obra do pensador e do litterato profissional. Chagas é o febril representante d'aquella imprensa que apenas o facto surge o commenta logo pelo seu prisma que maior attenção merece ás suas paixões do momento. O que dá em resultado que as outras faces do assumpto ficam inteiramente de parte e que se elle, um dia, o retomar, e o vir sob um aspecto diverso, que as circumstancias lhe revelem, dirá sobre elle, com a mesma sinceridade de impressão, uma palavra inteiramente diversa.

E' possivel que isto seja um defeito, deve-o ser mesmo, — se pozermos a questão nos altos pontos de vista da verdadeira logica. Mas tratando-se da obra transitoria, embora fulgurante, do chronista quasi chegamos a considerá-lo como uma qualidade excepcional, embora singular. Porque chega a ser d'uma curiosa e ingenua imparcialidade ver o mesmo homem, collocado em face do eterno problema que os factos da vida apresentam aos que os examinam, travar comsigo proprio aquella lucta que deriva da constante e perturbadora dualidade das cousas!

Viajar é povoar o espirito de saudades. Dillo o sr. Anthero de Figueiredo na pagina final das suas *Recordações e Viagens* em que relatou impressões com uma fina sensibilidade, emoldurando-as n'um estylo distincto e magoado. E é por isso mesmo que o viajar deve ser bem aprasivel á alma dos que levam a vida em sonhos, que pode transnornar-lhe a harmonia, mas que a tornam inequalmente bella.

Anthero de Figueiredo é um prosador dos mais interessantes da nova ala dos homens de le-

tras, que entre nós ainda se preocupam em trabalhar pa a a perfeição da Arte. Sente e observa como um espirito susceptível de comprehender a verdade das emoções, e lavra religiosamente o seu estylo para que não destoe em belleza do que vio, e do que sonhou. E consegue-o, porque sabe fazer da sua penna um uso nobre, e não rebaixa o seu olhar nem á mediocridade nem á infamia. Todavia, porisso mesmo que é correcto e fidalgo, e não demora a attenção senão naquillo que se irmana aos seus gostos e ás suas aspirações, falta-lhe paixão,—a que tanto resulta do contraste dos aspectos como do contraste dos sentimentos. Eis porque o seu livro é um pouco frio, e lendo-se com encanto impossivel se torna fechal-o sem tristeza.

Como obra de viagens, ha uma parte interessantissima. E' a que consta das paginas d'um *Bloc-Notes*. Ali agrupa o sr. Anthero de Figueiredo, rapidamente, aquellas observações ou *silhetas* predominantes que ficaram assignalando na sua memorias tantas tumultuosas cidades e tão luxuriantes paysagens. Dois traços bastam: aqui é uma historieta, acolá um vago perfil; alem, o recorte d'um monumento ou o horisonte d'uma praia... Synthese de tantos baralhados aspectos, essas paginas teem uma vida que nenhuma larga narração conseguiria egular.

Editou *Recordações e Viagens* a livraria Ferreira & Oliveira, de Lisboa. Parece que as casas portuquezas estão caprichando em rivalisar de primores. A edição do livro do sr. Anthero de Figueiredo é magnifica de gosto e sobriedade.

O sr. Auhusto Faschini não é só um estadista de alta envergadura, e um engenheiro distinctissimo. E' tambem um homem de arte e um escriptor de largos dotes. Todavia, tendo já livros de politica, que causaram sensação no paiz, como foram os *Vermelhos e Azues* e o *Futuro de Portugal*,—creio que o seu primeiro trabalho de caracter artistico é este que tenho agora na minha frente: *A Architectura religiosa na Idade Media*, que se enfileira sobre a rubrica geral de *Estudos da Historia da Arte*.

Sou profano em assumptos de architectura para que possa dar um juizo seguro sobre o valor de certas affirmações do sr. Faschini. Mas o livro tem capitulos de generalidades sobre os quaes é incondicional o meu applauso ás theorias expostas e brilhantemente defendidas. Contam-se entre esses os que constituem a 1.ª parte: *As origens da Architectura Christã*, e em que a eloquencia do sentimento evocador se molda nas galas d'um estylo perfeito como uma roupagem grega.

A obra do sr. Faschini é enriquecida por muitas e excellentes gravuras, em que tem grande logar os monumentos nacionaes.

Lisbôa.

Mayer Garção.

O amor da mulher só se applica aos que o não merecem.

ACACIO JUNIOR.



A cabelleira misteriosa

(GUY DE MAUPASSANT)

Era um quarto sombrio, quasi sinistro, de paredes nuas e tristes, recebendo a luz, uma luz parca e lugubre, por uma janella estreita, muito alta do chão, que uma grade de prisão guarnecia. E o louco, sentado numa tosca cadeira de palha, fitava-nos, com um olhar fixo, vago, doloroso. Magro, extraordinariamente magro, com as faces encovadas, os cabellos brancos, as vestes demasiado largas para os seus membros seccos e descarnados, apresentava o espectaculo do homem devastado, consumido por um Pensamento unico, empolgante, invencivel...

A sua Loucura, a sua Idéa, ali estava, obstinada, devoradora, fatigante naquella craneo precocemente envelhecido. Ella, a Invisivel, a Impalpavel, a Incomprehensivel, a Immaterial Idéa, minava-lhe a carne, bebia-lhe o sangue, extingua-lhe lentamente a vida.

Triste mysterio o d'aquelle homem morto por um Sonho! Inspirava medo, piedade e compaixão o semblante d'aquelle Possesso! Que extranho, que espantoso sonho habitava aquella fronte, cobrindo-a de rugas agitadas e profundas?

—Elle tem accessos de furor terriveis, disse-me o medico. E' um dos loucos mais curiosos que tenho encontrado.

A sua loucura é exotica e macabra. Escreveu em tempos o seu jornal, que claramente revela a doença do seu espirito. A sua loucura ali está, por assim dizer, palpavel. Se se sente interessado pelo caso, posso facultar-lhe a leitura desse curioso documento. Acompanhei o facultativo ao seu gabinete e ali recebi delle o manuscrito d'aquelle desgra-

çado. «Leia, disse-me, e dê-me depois a sua opinião».

Eis o que continha o caderno:

Vivi até à idade de trinta e dois annos perfeitamente tranqullo e isempto de paixões amorosas. Corria-me a existencia feliz e calma. Eram tantas as coisas que amava a um tempo, que me era impossivel apaixonar-me exclusivamente por uma só. Como era bom viver! Levantava-me todas as manhãs, risonho e satisfeito, para fazer o que muito bem me parecesse, e deitava-me ainda mais contente, na esperança tranquilla do dia seguinte e do futuro sem preocupações.

Tivera amantes, é certo, mas, passados os primeiros enlevos, de nenhuma dellas me ficara um só resquicio de paixão. Como é bom viver assim! Amar é melhor, talvez, mas muito mais terrivel! Pelo menos, os que amam como toda a gente devem experimentar uma felicidade ardente, menor, porém, do que a minha, porque o amor me veio de um modo incrível.

Tinha um capricho, cuja satisfação os meus recursos largamente permittiam: vivia sempre á procura de moveis antigos e de coisas velhas, pensando sempre nas mãos desconhecidas que haviam palpado essas coisas, nos olhos que as haviam admirado, nos corações que as amaram. Ficava por vezes horas e horas a contemplar absorto um microscopico chronometro do seculo passado. Achava-o tão delicado, tão mimoso, com os seus esmaltes e o seu oiro cinzelado! E trabalhava ainda como no dia em alguma mulher o comprara, naancia de possuir aquella incomparavel joia. E o chronometro não deixara nunca de palpar, de viver a sua vida mecanica, nunca interrompera o seu tic-tac regular, durante um seculo inteiro. Quem o trouxera primeiro ao seio, agasalhado por entre as sedas macias e tepidas? Que mãos delicadas o haviam segurado, com as extremidades dos dedos, depois de limpar-lhe o vidro, por um instante embaciado ao contacto da pelle humida? Que olhos haviam espiado, naquella mostrador florido, a hora divina?

Como eu desejava conhecer a mulher que havia escolhido este objecto exquisito e raro! Morreu, certamente! Vivo eternamente preso do desejo das mulheres de outrora; amo, de longe, todas aquellas que amaram. A historia das ternuras passadas deixa-me sempre uma saudade nalma. Que pena não haver eternidade para a belleza, para os sorrisos, para as caricias e para as esperanças!

Quantas noites a fio passei a chorar sobre as pobres mulheres de outrora, tão bellas e tão ternas, tão meigas e tão bondosas, cujos braços tanta vez se destenderam para os amplexos, antes que a morte os viesse paralisar para sempre! Só o beijo é immortal! Passa de labio em labio, de seculo, em seculo, idade em idade! Os homens recolhem-no, transmittem-no e morrem.

O passado me attrae, espanta-me o presente, porque o futuro é a morte. Tenho saudades de tudo o que passou e choro todos os que viveram. Quem me dera poder deter o tempo, fazer parar as horas! Mas ella segue na sua marcha eterna,

tomando em cada segundo um pouco do meu ser para o nada d'amanhã!

Adeus, horas de hontem! Como eu vos amo e vos quero, horas queridas e amadas que nunca mais voltarão!

Mas não sou digno de lastima, porque encontrei um dia aquella que eu esperava e a sua companhia deu-me venturas de cuja existencia não havia nunca até então suspeitado.

Por uma bella manhã de sol, percorria Paris ao acaso, com a alma em festas, o passo ligeiro, olhando as vitrines com esse interesse vago do *flâneur*. De repente, deparei com um movel italiano do seculo XVII, á porta da loja de um negociante de antigualhas. Que bello movel! Atribui-lhe mentalmente a factura a um artista venesiano, chamado Vitelli, que foi celebre naquella epoca.

E passei adiante.

Por que motivo a lembrança d'aquelle movel me perseguio de tal forma, que, alguns passos adiante, retrocedi? Parei de novo em frente á loja e senti-me tentado.

Que coisa singular que é a tentação! A gente olha um objecto qualquer e pouco a pouco começa a sentir-se seduzido, perturbado, invadido, como se estivesse a contemplar um rosto de mulher.

Penetra-nos nas carnes o encanto que delle se desprende, encanto estranho que nos vem da sua forma, da sua cor, da sua physionomia. E de repente apodera-se de nós, a principio timida e indecisa, mas em breve irresistivel e violenta, uma necessidade imperiosa de possui-lo.

Comprei o movel. Fi-lo immediatamente tran-



sportar para minha casa e colloquei-o no meu quarto de dormir.

Oh! como eu lamento aquelles que não conhecem essa divina lua de mel do colleccionador com o *bibelot* que acaba de comprar! A gente acaricia-o amorosamente com o olhar e com a mão, como se elle fosse de carne, como nós; vive sempre a pensar nelle, para onde quer que se vá, seja o que for que se faça. A sua lembrança amada segue-nos por toda a parte; e quando entramos em casa, antes mesmo de tirar o chapéu e de descalçar as luvas, vamos logo contempla-lo n'um enlevo de amante.

Durante oito dias adorei aquelle movel. A todo o instante abria-lhe as portas e as gavetas, mirava-o por todos os lados, saboreando as alegrias intimas da posse.

Uma tarde, palpando-lhe a espessura de um dos lados, apercebi-me de que elle deveria forçosamente ter um escaninho secreto. O coração poz-se-me a pulsar com violencia e passei a noite quasi que inteira a procurar debalde devassar-lhe o segredo.

Na manhã seguinte, voltando á tarefa da vespera, consegui introduzir uma lamina numa racha de madeira. Uma taboa resvalou e, sobre um fundo de velludo negro, appareceu-me uma maravilhosa cabelleira de mulher.

Era uma enorme trança de cabellos louros, quasi ruivos, que deveriam ter sido cortados junto a pelle, atados por um trancelim de ouro.

Fiquei estupefacto, perturbado, a tremer todo! Voava daquelle escaninho e daquelle surpreendente reliquia! um perfume longinquo e suave, quasi insensível já ao olfacto.

Tomei a trança nas mãos, docemente, religiosamente. E ella desenrolou-se logo, espalhando até ao chão a sua onda dourada, espessa e leve, flexível e brilhante como a cauda luminosa de um cometa.

Uma estranha emoção apoderou-se de todo o meu ser. Que queria dizer aquillo? De quem eram aquelles cabellos? Porque é que os haviam encerrado naquelle esconderijo? Que drama secreto, que mysteriosa aventura occultava aquella trança?

Quem a havia cortado? Um amante, na occasião da despedida? Um marido, num dia de vingança? A propria mulher que a possuira, num momento de desespero?

Teria sido no momento de entrar para o claustro que para ali haviam atirado aquella prenda de amor, como um penhor confiado ao mundo dos vivos? Teria sido no instante de encerrar no seu esquivo a bella morta, que o amante inconsolável guardara aquella reliquia, a unica que poderia conservar della, a unica parte viva da sua carne que escapara á putrefacção, a unica que elle poderia agora amar e beijar nas coleras do seu desespero e nas crises angustiosas da sua dor?

Não era estranho o facto de haver aquella cabelleira sobrevivido assim ao corpo donde nascera?

Ella corria-me por entre os dedos, affagando-me a pelle, numa carícia singular, numa carícia de morta.

Conservei-a por longo tempo nas mãos; pareceu-me depois que ella se agitava, como se tivesse occulta, por entre os seus fios sedosos, alguma coisa da alma daquelle que a possuira. E deitei-a de novo sobre o velludo, já algum tanto desbotado pelo tempo, e fechei a gaveta, e fechei o movel, e sahi para as ruas, a sonhar na minha aventura.

Seguia cabisbaixo, cheio de tristeza e de perturbação, dessa perturbação que nos fica na alma, depois de um beijo de amor. Parecia-me que havia vivido uma outra vida, diversa da minha vida actual e que fora nessa primeira existencia que conhecera aquella mulher.

Quando voltei a casa experimentava um desejo irresistível de ver de novo o meu estranho thesouro; tomei-o nas mãos e ao seu contacto correu-me pelo corpo todo um immenso calefrio.

Os dias que se seguiram passei-os no meu estado normal, apenas com a obcecação persistente daquelle formosa trança. Todas as vezes que me recolhia era tomado do desejo de vê-la, de apalpa-la, dava volta á chave do movel com aquelle estremecimento que sempre nos acommette, ao transportarmos o limiar de uma mulher amada; tinha nas mãos e no coração uma necessidade imperiosa, exquisita, quasi sensual de mergulhar os dedos nas ondas sedosas daquelle cabellos mortos. Quando, em seguida, fechava o movel, ficava-me ainda a impressão de conservar prisioneiro um ser vivo, palpitante.

Vivi assim por um mez ou dois. Sentia-me feliz e torturado, como nas vesperas de uma entrevista de amor. Encerrava-me com ella para sentir o seu contacto de encontro á minha pelle, para cobri-la de beijos, tritura-la, morde-la. Como eu a amava! Não podia mais passar uma hora sem vê-la... E esperava... esperava sempre... que? Nem mesmo sei dizer.

Uma noite despertei bruscamente, com a certeza de que não estava só no meu quarto.

E, todavia, a verdade é que eu me achava isolado como nunca. Comtudo, não me foi mais possível conciliar o somno; agitado, febril, quasi delirante, fui buscar á gaveta a cabelleira. Pareceu-me mais macia, mais animada do que nunca. Os mortos voltarão? Os beijos com que eu a aquecia faziam-me defallecer de ventura, levei-a para o leito, e deitei-me conservando-a de encontro aos labios, como uma amante querida.

Sim, os mortos voltam, porque ella voltou. Eu via-a, abracei-a, possuí-a, tal como ella fora em vida, alta, loura, corpulenta, com os seios fartos, as ancas em forma de lyra, percorri com as minhas caricias aquella linha ondulante e divina que vae do collo aos pés, acompanhando todas as curvas da carne.

Possuí-a, todos os dias, todas as noites. Ella veio, a Morta, a bella Morta, a Adorável, a Myste-riosa, a Desconhecida de todas as noites. Foi tão grande a minha felicidade que eu não pude occultá-la. Junta della experimentava um arrebatamento sobre-humano, a alegria inexplicável e profunda de possuir o invisível. Nenhum outro amante sabo-

reiou jamais prazeres mais ardentes e mais terribes.

Não soube occultar a minha aventura. Amava-a tanto que não pude mais deixá-la. Levei-a comigo para todas as partes. Passei com ella pelas ruas da cidade, como se fosse uma esposa cara; levei-a ao theatro em camarotes discretos, como uma amante cuja presença se procura occultar... Mas houve quem a visse... quem a advinhasse... e roubaram-m'a... E depois, para cumulo de crueldade, atiraram-me para o fundo de um carcere, como um malfetor. Oh! miseria! Oh! desgraça!

Acabava neste ponto o manuscripto. E subitamente, no momento em que eu fitava no medico os olhos espantados, echoou no asylo um grito estridente e espantoso, um uivo formidavel de furor impotente e de desejo exasperado.

—Está ouvindo? perguntou-me o medico. Somos obrigados a applicar cinco duchas diarias a este louco obscuro. Excepção feita do sargento Bertrand, não consta que alguma outra pessoa tivesse amado mortas.

—Mas... balbuciei apiedado, existe realmente semelhante cabelleira!

O medico, como unica resposta, levantou-se, abriu um armario cheio de frascos e de instrumentos cirurgicos e atirou-me de lá uma longa trança de cabellos dourados. Estremeci ao tocar aquellas

madeixas, num misto de repugnancia igual á que experimentamos ante os objectos que serviram nos crimes, numa curiosidade identica á que nos assalta deante da tentação de uma coisa infame e mysteriosa.

O medico sentenciou, encolhendo os hombros: —O espirito humano é capaz de tudo!

Suplicio de Magdà

Quem se julgar livre de culpa atire a primeira pedra.—Joaquim

Tu soffreste tambem, meiga heroina,
Por causa deste desgraçado amor;
E ficaste mais bella e mais divina
Sob o funereo resplendor
De nosso breve o desgraçado amor.

Eu bem sei que cuspiram no teu rosto
As injurias mais torpes, mais cruéis.
Não humilhes por isso o teu desgosto,
E não macules os teus pés
Pisando injurias torpes e cruéis.

Galenos-Lovelaces caricatos
Com requintes de satiro, bem sei,
Desvendaram a flôr dos teus recatos,
Patrocinados pela lei
Para affligir o teu pudor, bem sei.



S. PAULO—VISTA GERAL DE IPANEMA

Quizeste até findar tua existência,
Os virgíneos encantos do teu ser;
Roubar a tua inviolada essência
Ao sol fecundo do prazer,
Que deu novos encantos ao teu ser !...

Que ingenua que tu és, pomba indefesa !
Os teus juizes barbaros e hostis
São abysmos de lama e de torpesa,
São charcos podres, almas vis
Os teus juizes barbaros e hostis.

Qualquer delles, no caso do teu crime,
É réo covarde, é voluntario réo
Se erraste o teu encanto te redime,
Sómente foge ao seu labéio
Quem é covarde e voluntario réo.

Deixa o tufão do odio enfurecido
Destrançar os teus negros caracões.
Tua cabeça de anjo foragido
Terá meus beijos como sóes
A constellar teus negros caracões.

Magdalena chorosa e apedrejada,
Vem-te abraçar aos pés da minha cruz;
Vem, formosa, de lagrimas banhada
Beijar ainda o teu Jesus
Que por ti morre aos braços desta cruz.

Mesmo que o mundo inteiro proclamasse
Tua perpetua e eterna maldicção,
Podias occultar a tua face
No meu amor, no meu perdão
Que zombam da perpetua maldicção.

Até seria bem que o mundo inteiro
Te negasse guarida a teu pezar,
Para que tu, meu anjo forasteiro,
Tivesses no meu peito o teu altar,
Sem guarida no mundo a teu pezar.

Carlos D. Fernandes.

Pela Paz

AO DR. PRUDENTE DE MORAES.

Prudente de Moraes. Deves entrar na Historia,
qual um martyr da Fé, nos velhos sacrificios,
sereno, convencido, indifferente á gloria,
levando o coração coberto de cilícios.

Ha em torno de ti alguma cousa vaga:
Os soluços da Patria e a sua bra de uma cruz;
mas precisa que a tua investidura traga
uma alma de Danton n'um corpo de Jesus.

Peza sobre o Brazil a densa atmosphera
de incertezas cruéis e turvas esperanças.
Ouvem-se uns ais de mães e uns rugidos de fera,
só se falla em perdões, só se falla em vinganças.

E tudo isto se quédá, e tudo isto resóá,
e toca ao sentimento e move a compaixão;
mas lembra-te que Bruto ao filho não perdóá,
e apunhala sem dó teu nobre coração.

Deixarão-te, eu bem sei, o que ao troyano o grego:
«Um povo anarchisado e uma nação em ruínas.»
Sente-se em tudo séde, um egoismo cego,
ardem os corações como se fossem minas.

Erguem-se em toda parte as turbas mais fanaticas,
com misticos ideaes ou tragicos evohés;
emquanto as multidões, pacificas, extaticas,
só desejam de ti, Moysés, as novas leis.

Se tu fosses do Norte, aquella terra-lenda,
onde tudo é audaz, fantastico, grandioso,
e não póde invejar a homérica legenda
quando o tufão galópa, estridulo, raivoso:

Se tu visses alli, nos negros temporaes,
rolar como uma pluma a cópa das palmeiras;
ou a queda de um cedro o estrepito que faz,
por sobre os bambuaes, por sobre a cachoeiras:

Se sentisses da enchente o onda caudalosa
as tendas arrastar e os troncos seculares,
a subir, a subir, medonha, impetuosa,
nas serras sitiando os indios e o os jaguares:

Se visses como um céu tão cêrulo, tão concavo
de nimbo collossaes tão rapido se peja;
como do valle ulula o intimo reconcavo,
e como relampeia, e como alli traveja:

Eu te diria: Chefe, o teu governo voga
qual n'uma inundação, n'um vendaval do Norte,
o lenho abandonado, a intrepida pirôga
que o chefe de uma tribu inda disputa a morte.

E o mar que vai subindo estende a nivea tunica
que os lutos todos cobre e as desgraças sem conta;
e ao longe, uma montanha—a Paz—talvez a unica,
como um seio de Mãe inda te mostra a ponta.

E os destroços da Patria esbatem-se em teus braços,
no diluvio voraz do odio e da ambição;
mas se um semi-deus, agarra uns estilhaços,
e com elles fabrica a Arca da Promissão.

E deixa ella vogar... vogar... emquanto as aguas
cresçam ainda mais em largos paroxismos,
e apaguem sobre a terra as pégalas das águas
e afoquem as paixões no fundo dos abysmos.

Comtudo inda verás uns corcundas boiarem,
procurando seguir-te a gloriosa esteira,
e azas d'um abutre em vão te festejarem
na garra te levando o ramo de oliveira.

As sereias tambem te vibrarão a harpa
em que cada harmonia exprima uma emoção;
mas a alma cristaliza em escabrosa escarpa,
faze do sentimento a farpa de um harpão.

E assim tu chegarás ao Ararat da Historia,
A noute ha de passar, a noute, a irmã da dor...
e na aurora hei de ver brilhar a tua gloria
como as scintillações do sol sobre o Equadór !...



PARANA—ARAUCARIAS

Mas não leves a mal que só a minha ideia
ache comparações nas minhas patrias zonas;
mas dize-me se acaso ha tela, ou epopeia,
que seja mais sublime e exceda ao Amazonas.

E' que tambem eu vejo uma grande verdade
esquecida morrer na consciencia publica;
é que do Norte veio ao negro a Liberdade,
é que o Norte tem sido a alma da Republica !

Prudente de Moraes, Beijam-te as multidões,
e a flammula da Patria a tremular nas lencas,
ao som do nosso hymno, em meio ás saudações,
tem as palpações das grandes esperanças.

Já basta de lutar, já basta de guerreiros...
Quiz o Povo um pastor, e deu-te agora o háculo
O teu nome é um pallio aberto aos brasileiros,
levando o andor da Patria ao santo tabernaculo.

Sejão teus labios bons uns labios de Anchieta,
que só fallem a nós em prédicas sublimes.
Deixa que a historia puna ao ultimo grilheta,
que lá não julgar-se os derradeiros crimes.

E é tão facil guiar desta nação gloriosa,
doce como um rebanho, as almas fraternas
Torna a tua palavra a tuba sonora
que traga a liberdade ás legiões da Paz.

Prudente de Moraes. Do pedestal dos Andes,
a America abençoá o teu nobre perfil
Sejam tuas accões tão altas e tão grandes,
que nellas caiba toda a historia do Brazil.

Rio - 1895

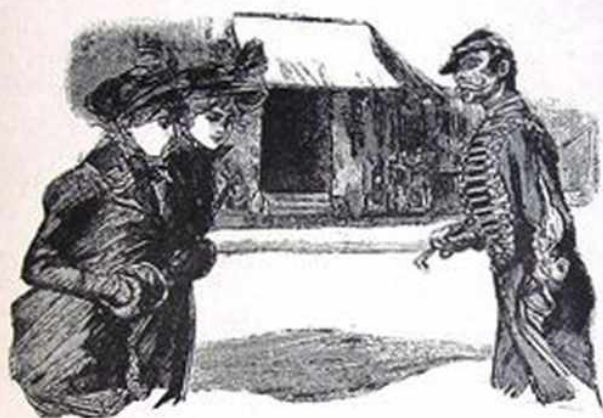
DUNSHEE DE ABBANCHES.

A Revista do Norte

Anno 4

Maranhão, 1 de Abril de 1905

Num. 87



O leito n. 29

(GUY DE MAUPASSANT)

I

Quando o capitão Epivent passava pela rua todas as mulheres que com elle se cruzavam voltavam-se para admirar o seu bello typo de militar. Sabendo d'isso, o capitão timbrava na ostentação da sua farda correcta, dos seus alamares reluzentes e dos seus soberbos bigodes, do seu talhe elegante, da sua coxa bem conformada, de gymnasta e de dansador, cujos musculos desenhavam todos os seus movimentos sob a fazenda esticada das pantalonas vermelhas.

Caminhava afastando os pés e os braços, no passo ligeiramente balanceado dos cavaleiros; afim de por bem em evidencia as pernas e o busto comprimido sob o talhe impecavel do dolman.

Como a maior parte dos officiaes, o commandante Epivent achava-se contrafeito sob o costume civil, que lhe dava a apparencia de um reles caixeiro de armazem. Mas, fardado, a coisa mudava de figura, o capitão triumphava, tendo, a realçar-lhe o triumpho, uma cabeça bem conformada, um nariz aquilino, uns olhos azues e uma fronte intelligente e distincta. Era calvo sem que houvesse jamais comprehendido porque tinham cahido os seus cabellos; consolava-se, porem, constatando que, compensado por uns grandes bigodes, um craneo nu não é de todo intoleravel.

O capitão Epivent despresava todo o mundo em geral, estabelecendo, porém, diversos grãos para o seu despreso.

Para elle, em primeiro logar, os burguezes não existiam. Encarava-os como se encaravam os animaes, sem lhes prestar mais attenção de que a que a geralmente se presta aos pardaes ou às gallinhas. Aos seus olhos só existiam no mundo os officiaes, mas esses mesmos não occupavam logares iguaes na sua estima. Só a mereciam inteira os que possuíam a genuina, a unica qualidade verdadeiramente militar: o garbo. Um soldado, pensava, era creado para a guerra e para o amor. Classificava os generaes francezes pelo seu talhe, pelo seu modo de trajar, e pelo aspecto rebarbativo dos seus semblantes. Bourbaki apparecia-lhe como o maior homem de guerra dos tempos modernos.

Zombava a valer dos officiaes de linha, curtos e grossos, botando a alma pela boca quando caminhavam; mas os que sobretudo nada lhe mereciam eram os ridiculos alfenins saídos da Escola Polytechnica, esses homemsinhos de lunetas, todos desageitados, que, segundo dizia, pareciam tão aptos para envergar o uniforme como um coelbo para dizer missas. Indignava-se por tolerarem no exercito semelhantes abortos de canelas finas que andam como carangueijos, que não sabem comer nem beber, preferindo as equações algebricas ás mocetonas de colos fartos e quadris roliços.

O capitão Epivent contava aos milhares as suas conquistas entre o bello sexo. Todas as vezes que cejava em companhia de uma mulher, nutria a inabalavel certeza de que a ceia terminaria num *lête-à-lête* intimo, e se razões imprevistas lhe viñham desmentir a certeza, consolava-se logo, adiando para a noite seguinte a victoria frustrada. Os camaradas não gostavam de lhe mostrar as amantes, e os logistas que tinham bellas esposas ao balcão, tinham-lhe um medo immenso e odiavam-no devéras.

Quando elle passava pela rua, a balconista, mão grado seu, trocava com elle, atravez dos vidros da antepara, um d'esses olhares que valem pelas palavras mais ternas, olhares que contem um pedido e uma resposta, um desejo e uma confissão. E o marido, advertido por secreto instincto, voltava-se bruscamente, lançando para o bello official olhadelas despeitadas e furiosas. E quando o capitão desaparecia, sorrindo satisfeito pela impressão causada, o logista, remexendo furioso entre os

objectos expostos na vitrina, resmungava, de modo a ser ouvido pela esposa:

—Ali vai um verdadeiro peru. Quando deixará o governo de sustentar com os dinheiros publicos patifes d'esta ordem que de nada valem? Quanto a mim, prefiro um carneiro a um soldado. O sangue que elle traz no avental é sangue de animaes e a faca que usa não serve para matar os seus semelhantes. Não comprehendo como é que se tolera que esses assassinos publicos passeiem pelas ruas com os seus instrumentos homicidas. A gente precisa de soldados, é certo, mas ao menos que os conservem escondidos e sobretudo que os impeçam de andarem mascarados, com calças vermelhas e bluzas azues.

A mulher guardava silencio, encolhendo imperceptivelmente os hombros, enquanto o marido, advinhando o gesto, concluia, cada vez mais furioso:

—Já é preciso ser muito idiota para admirar semelhantes bonifrates.

A reputação de conquistador do capitão Epivent achava-se estabelecida em todo o exercito francez.

II

Ora, no anno da graça de 1868, o regimento do capitão Epivent, o 102 de *hussards*, veio formar a guarnição de Rouen.

O garboso official foi logo conhecido pela cidade em peso. Apparecia todas as tardes, pelas cinco horas, no passeio Boieldieu, para tomar o absinto ou o café da Comedia, mas antes de entrar no estabelecimento dava uma volta pelas alamedas para mostrar a sua perna, a sua cintura e os seus bigodes.

Os negociantes de Rouen, que a essa hora tambem passeiavam calmamente, a conversarem sobre a alta e a baixa dos fundos, atiravam-lhe um olhar, murmurando:

—C'ò a breca! Que guapo official!

Depois que o conheceram, continuaram:

—Olha o capitão Epivent. Que bello rapaz!

As mulheres que o encontravam, tinham um movimento de cabeça interessante, uma especie de estremecimento de pudor, como se se sentissem extremamente fracas ou despidas diante d'elle. Baixavam a cabeça, com um ligeiro sorriso nos labios e um secreto desejo de merecer-lhe um olhar de admiração.

Entre as raparigas de vida alegre da provincia era uma luta renhida a ver qual d'ellas conquistaria o amor do capitão. A' hora do passeio dos officiaes, compareciam todas na praça Boieldieu a pôr em evidencia os seus encantos, arrastando por uma das calçadas a cauda dos vestidos, enquanto que pela outra os officiaes arrastavam os sabres, antes de entrarem para o café.

Ora, uma tarde, a bella Irma, amante, segundo diziam, do sr. Templier-Papon, fabricante riquissimo da cidade, mandou parar a carruagem em frente á Comedia e, apeando-se, fingio encaminhar-se para a papelaria de Paulard, mas só para passar por perto da mesa dos officiaes e atirar ao

capitão Epivent um olhar que claramente dizia: «Quando quizer, já sabe...», ao que o coronel Prune que sorvia o seu absinto, resmungou:

—Tem sorte o patife...

O dito do coronel foi logo conhecido e o capitão Epivent, animado por essa approvação superior, logo na manhã seguinte, em grande uniforme, foi passar e repassar por baixo das janellas da bella.

Irma vio-o, mostrou-se e sorriu.

Nessa mesma noite era Epivent amante da rapariga, e começaram ambos a mostrar-se juntos por toda a parte, apregoando orgulhosos a sua aventura. Todo o mundo na cidade conhecia esses escandalosos amores, excepto, como era natural, o sr. Templier-Papon.

O capitão Epivent resplandecia de orgulho e repelia a cada momento:

—Irma acaba de m'o dizer.—Ainda esta noite me dizia Irma.—Hontem, jantando com Irma...

Durante mais de um anno passeou o capitão este amor por toda Rouen como um pavilhão conquistado ao inimigo. Sentia-se prestigiado por esta conquista, cada vez mais seguro do futuro, mais certo de obter a sua condecoração ambicionada; porque todo o mundo se occupava d'elle, e basta achar-se alguém em evidencia para não ser esquecido pelos condecoradores.

III

Neste interim explodiu a guerra e o regimento do capitão foi um dos primeiros a partir para as fronteiras. As despedidas, regadas de lagrimas, duraram uma noite inteira.

Sabre, pantalonas vermelhas, kepi, dolman, atirados de cima da cadeira para o chão; vestidos, anaguas, meias, cahidos tambem, rolando pelo tapete; e no meio desta desordem, que lembrava um campo de batalha, Irma, alucinada, com os cabellos desgrelhados, abraçava-se desesperadamente com o official, repelia-o em seguida, rolava-se pelo chão, derrubando os moveis, arrancando as franjas das poltronas, mordendo os pés das cadeiras, enquanto Epivent, em extremo commovido, buscava chamal-a á razão, enxugando por vezes uma lagrima rebelde que lhe assomava ao canto do olho.

Quando amanheceu, os amantes separaram-se. Irma, de carruagem, seguiu o capitão até á primeira parada, e no momento da separação abraçou-se com elle, por assim dizer, nas barbas do regimento. Os camaradas apertaram a mão de Epivent, dizendo-lhe:

—Deixa lá, a rapariga tinha bom coração.

E viam todos, naquellas expansões de Irma, o que quer que fosse de patriotico.

IV

O regimento foi horivelmente disimado durante a campanha. O capitão portou-se heroicamente e recebeu afinal a almejada condecoração. Terminada a guerra voltou para a guarnição de Rouen.



Logo que chegou, o seu primeiro cuidado foi pedir notícias de Irma, mas ninguém lhe sabia dizer ao certo o que fôra feito da rapariga. Diziam uns que ella se regalara a valer com o estado-maior prussiano, outros que ella se havia retirado para a casa de uns parentes, lavradores, nos arredores de Yvelot.

Epivent chegou a mandar o seu ordenança á *mairie*, consultar o registo de obitos. O nome de Irma não se achava inscripto. O capitão fez grande alarde do seu desgosto, attribuindo-o até aos prussianos, declarando:—Deixem estar os patifes que na proxima guerra, me pagarão o desaforo.

Uma bella manhã, ao entrar para o almoço, recebeu Epivent, das mãos de um moço de recados, um envelope. Abriu-o e leu o seguinte:

«Meu amor,

Acho-me no hospital, gravemente doente. Não me virás vêr? Olha que com isso davas um grande prazer a

Tua Irma».

O capitão empallideceu e trovejou logo, apiedado:

—Pobre rapariga! Vou já vê-la, assim que acabar de almoçar.

E durante a refeição contou aos camaradas

que Irma fôra recolhida ao hospital, muito doente, mas que iria sem demora arranca-la de lá. Tudo por culpa dos malditos prussianos. A rapariga vira-se na miséria, desamparada, sem recursos, porque os malvados de certo lhe assaltaram a casa e destruíram os moveis.

—Mas deixem estar os patifes, concluía, que na proxima guerra me pagarão todo o desaforo.

Todo o mundo commoveu-se ao ouvir a narração.

Terminado o almoço, Epivent levantou-se, apertou o cinturão, donde pendia o seu sabre invencível, e dirigio-se para o hospital.

Não lhe correram, porem, as coisas á medida dos desejos; a entrada do hospital lhe foi severamente recusada e tornou-se-lhe necessario, para obter o desejado ingresso, ir buscar uma recommendação do seu coronel para o director.

Desde a porta sentio-se Epivent mal á vontade naquella asylo de miséria, de soffrimento e de morte. Caminhava na ponta dos pés, guiado por um creado, pelos longos corredores, onde fluctuava um cheiro fortemente pronunciado de mófo, de doença e de remedios. De quando em vez chegava-lhe aos ouvidos um ruido confuso de vozes e de gemidos. De certa em certa altura, por uma porta aberta, entrevia o capitão uma fila de leitos brancos, por sob cujos cobertores se desenhava o vulto dos doentes que os occupavam. Convalescentes, sentados em cadeiras baixas ao lado das respectivas camas, vestidos de um comprido *robe* de fazenda parda e tendo á cabeça bonets brancos, conversavam em voz cançada.

De repente, o guia estacou em frente a uma dessas galerias povoadas de doentes. Por cima da porta lia-se em grossos caracteres «*SYPHILITICOS*». O capitão estremeceu e corou. Uma enfermeira preparava, sobre uma banquetta de madeira, umas infusões therapeuticas.

—Vou já conduzi-lo, disse ella ao capitão. E' no leito 29.

E poz-se a caminhar adiante do official. Em seguida, indicou-lhe um leito.

—E' ali.

O capitão, preso de uma perturbação indescritível, sustentando com uma das mãos o sabre e tendo noutra o kepi, murmurou:

—Irma.

Um grande movimento se fez no leito e o rosto de Irma appareceu-lhe, mas tão transformado e tão magro que elle o não reconheceu. A inteliz arquejava suffocada pela emoção, balbuciando:

—Alberto!... Alberto!... E's tu!... Oh!... como és bom...

E as lagrimas corriam-lhe pelas faces abaixo.

A enfermeira trouxe uma cadeira.

—Senhor, tenha a bondade de sentar-se.

Epivent sentou-se, devorando com os olhos o rosto encovado e palido d'aquella rapariga que elle deixara tão formosa e tão fresca. E alvarmente perguntou-lhe:

—Mas, então, que foi isso?

Irma respondeu-lhe banhada em prantos:

—Nem precisas perguntar... Não lêste o distico da porta?



E escondeu o rosto nas mãos.

Epivent titubeante inquiriu:

—E como apanhaste isso, filha?

Ella murmurou:

—Foram esses imundos prussianos. Envenenaram-me á força, contra a minha vontade.

O capitão movia entre os dedos o kepi sem saber o que havia de responder.

As outras doentes miravam-no dos pés á cabeça, e o guapo official sentia subir-lhe ás narinas um nauseabundo cheiro de carne podre.

Irma continuava:

—Creio que não escapo d'esta... Os medicos disseram que era gravissimo o meu estado.

Em seguida, ao dar com a cruz no peito do official:

—Oh! estás condecorado! Como me alegra isso! Ah! se eu te pudesse abraçar...

Um calefrio de repugnancia e de medo correu ao longo da espinha do capitão. O seu maior desejo naquella momento era ganhar a rua, fugir d'aquelle desolador espectaculo. Todavia, continuava sentado junto ao leito, sem encontrar um meio decente e caridoso de despedir-se da rapariga. Afinal gaguejou:

—Tambem tu deixaste o mal avançar... não te trataste em tempo.

Uma chama subita passou nos olhos de Irma.

—Não! bradou a rapariga. Quiz tambem vingar-me. Envenenei, por minha parte, o maior numero que pude. Enquanto os prussianos aqui estiveram não tomei remedio algum.

Epivent apoiou:

—Ah! lá nisso fizeste muito bem, andaste correctamente.

—Não é? continuou Irma, exaltando-se cada vez mais. Garanto-te que me vinguei a valer. A estas horas já mais de um deverá ter marchado para a cova...

Epivent levantou-se:

—Bom, filha, has de me dar licença, porque ás quatro tenho que estar em casa do coronel.

—Oh! protestou Irma, já te vaes? Ainda bem não chegaste...

Mas o capitão ardia por ver-se fóra d'ali.

—Não tens razão de queixa, bem viste que logo que soube corri a ver-te... Mas é que tenho de ir a casa do coronel, ás quatro horas, sem falta...

Irma perguntou:

—E' ainda o coronel Prune que commanda o regimento?

—Em pessoa, respondeu o official. Foi ferido duas vezes durante a campanha.

—E os teus camaradas n'orreram todos?

—A maior parte.

E Epivent entrou em detalhes. Irma escutava-o tomada de interesse por aquellas tristes noticias. De repente murmurou:

—Dize-me uma coisa: não me queres dar um beijo antes de partires? A enfermeira não está presente...

E Epivent a despeito da repugnancia que o dominava, pousou os labios na fronte pallida de Irma.

—Tu voltas, não é assim? Dize-me que voltas, implorava a rapariga.

—Garanto-te que volto.

—Quando? Quinta-feira?

—Quinta-feira.

—A's duas horas?

—Sim ás duas horas.

—Promettes?

—Prometto.

—Então, adeus, meu querido Alberto.

—Adeus.

E Epivent, confuso, atrapalhado, sob os olhares da enfermagem em peso, ganhou apressadamente a porta.

V

A' noite perguntaram-lhe os camaradas:

—E então, Irma?

Epivent respondeu, um pouco atrapalhado:

—Pobre raparigo! Está muito mal, está tísica.

Mas um tenente atilado, desconfiando da veracidade das palavras de Epivent, buscou no dia seguinte colher informações precisas e poz os camaradas ao facto de tudo. Quando o capitão entrou para o jantar foi acolhido por uma gargalhada geral. Os companheiros vingavam-se afinal.

Souberam ainda mais que Irma andara numa grande crapula com todo o estado-maior prussiano, que percorrera o paiz a cavallo com um coronel bavariano e que em Rouen todos lhe chamavam «a mulher dos prussianos».

Durante oito dias o capitão foi victima do bom humor do regimento. Recebia diariamente pelo correio copias das receitas dos medicos, indicações pathologicas precisas e até mesmo medicamentos cujo uso vinha indicado no envoltorio que os revestia.

O coronel, informado de tudo, declarou num tom severo:

—Vou fazer os meus cumprimentos ao capitão por entreter relações de amizade com uma rapariga tão digna.

Ao cabo de doze dias recebeu Epivent uma carta de Irma pedindo-lhe que a fosse ver. Furioso despedaçou a missiva e não respondeu. Oito dias mais tarde, a pobre rapariga escreveu-lhe de novo dizendo-lhe que a sua hora estava proxima e rogando-lhe encarecidamente que lhe fosse dizer adeus.



Epivent não respondeu, como da primeira vez.

Passados alguns dias, recebe elle a visita do capelão do hospital. Irma Pavolin, no seu leito de morte, supplicava-lhe que lhe fosse dizer adeus.

Epivent não teve coragem de recusar e seguiu o capelão. Entrou no hospital com o coração repleto de rancor, de vaidade ferida e de orgulho humilhado.

Encontrou Irma no mesmo estado e julgou-se ludibriado.

—Que queres de mim? perguntou-lhe numa voz irritada.

—Quiz dizer-te adeus, porque me parece que vou morrer.

Epivent formalisou-se.

—Ouve lá: fizeste de mim a chacota do regimento e não me convem que as coisas assim continuem.

—Mas que te fiz eu? interrogou Irma humildemente.

Epivent irritou-se ainda mais por não encontrar uma resposta peremptoria.

—Não supponhas que eu me encontro disposto a voltar aqui para ser o alvo da zombaria de todo o mundo.

Irma encarou-o com os seus olhos amortecidos onde um ligeiro clarão de colera se accendia.

Mas que fiz eu, afinal de contas? Não fui sempre boa e carinhosa para contigo? Pedi-te porventura o que quer que fosse? Se não fosses tu não teria rompido as minhas relações com Templier-Papon e não me acharia de certo aqui. Olha que se algum de nós tem razão de queixa contra o outro certamente sou eu.

Epivent retrucou num tom violento:

—Não te estou a fazer recriminações, mas não posso continuar a visitar-te porque a tua conducta com os prussianos foi a vergonha de toda a cidade.

Num abalo bruto, Irma conseguiu sentar-se no leito:

—A minha conducta com os prussianos? Mas não te disse já que foi a força que elles se apoderaram de mim e que se não me tratei em tempo

foi para vingar-me? Se quizesse curar-me logo acredita que seria facilimo. Mas o meu desejo era mata-los e garanto-te que os matei e em grande numero.

Epivent aventurou:

—Mas em todo caso a tua conducta foi vergonhosa.

Irma quasi suffocada replicou:

—Achas que é vergonhoso ter-me por assim dizer suicidado para exterminá-los? Mas não era essa a tua linguagem quando vinhas á minha casa na rua Joanna d'Arc. Ah! é vergonhoso, achas? Mas tu, com a tua condecoração, não serias capaz de tanto. Merecia-a eu mais do que tu a tua condecoração porque matei muito mais prussianos do que tu.

Epivent, de pé junto do leito, tremia de indignação.

—Cala-te... Cala-te... Porque é esse um assumpto em que a ninguem permite tocar...

Mas Irma continuava exaltando-se cada vez mais:

—E semelhante coisa teria acontecido se vocês, os defensores da patria, os houvessem impedido, aos prussianos, de chegarem até Rouen? Era a vocês que cabia o dever de guardar-nos as fronteiras. E eu, que lhes fiz mais mal do que vocês todos, vou morrer para aqui abandonada emquanto que tu continuas a embellezar-te para attrahir a ti as mulheres...

—Cala-te, cala-te, bradava Epivent fóra de si, ao ver-se alvo dos olhares curiosos e zombeteiros das enfermas que occupavam os outros leitos.

Mas Irma continuava gritando cada vez mais alto:

—Bem te conheço, farçante! Bem te conheço, vae-te em paz, porque fui muito mais patriótica do que tu, do que todo o teu regimento, do que todo o exercito francez...

Epivent, com effeito, fugia desorientado, tendo sempre aos ouvidos a voz sibilante de Irma que o amaldiçoava.

Desceu os degrãos quatro a quatro e correu a refugiar-se no seu quarto.

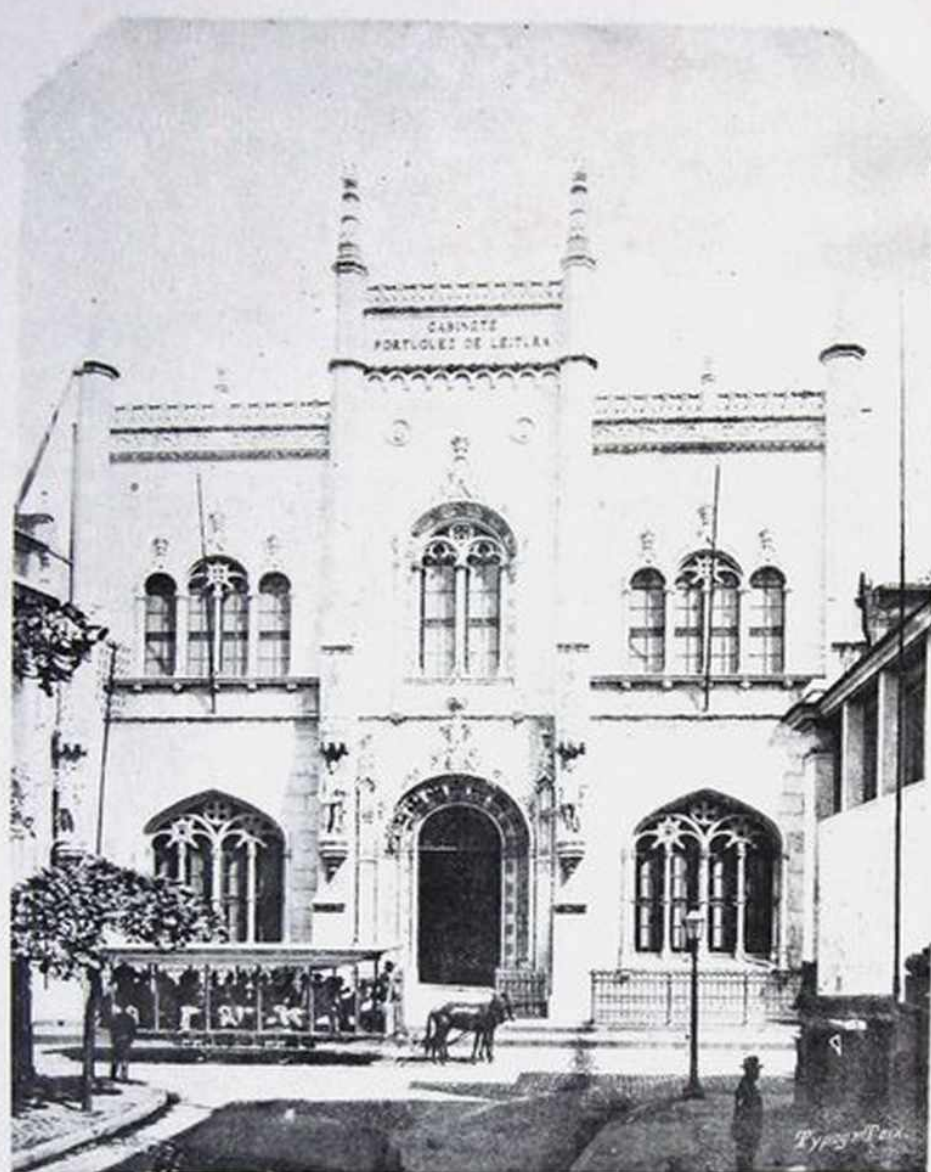
No dia seguinte soube que Irma havia morrido pouco depois de ter elle deixado o hospital.

J. RIBAS.

O ensino das congregações religiosas na França

(Conclusão)

Mas, admittido isto, como acreditar que jovens seminaristas preparados neste espirito para fins diversos, não conservem de semelhantes ensinamentos uma impressão tão profunda que venha tambem fazer-se sentir sobre as creanças? Todo mundo sabe que a delação é altamente encorajada nas escolas congreganistas e que a delação é irmã gêmea da hypocrisia: não é isto o resultado do ensino que se ministra nos seminarios onde são adoptadas as obras a que nos acabamos de refe-



RIO DE JANEIRO—GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA

rir? Como duvidar de tal facto quando se verifica que o congreganismo invade assustadoramente não somente a escola, a imprensa, a industria, o commercio, mas ainda o seminário? Sobre os 87 seminários diocesanos da França, os congreganistas invadiram 49, deixando, portanto, ao clero secular menos da metade, como ainda ha pouco dizia, lastimando-se, um bispo francez.

A concorrência que as congregações fazem ao clero parochiano é espantosa; contam-se actualmente em Paris 511 capelas congreganistas contra 70 egrejas parochianas. Quando o clero secular vê toda a clientela rica desertar as suas egrejas e as suas obras modestas, porem necessarias, para seguir a onda luxuosa das devoções especiaes organisadas pelas congregações, limita-se a soffrer em silencio, porque tem a certeza de que será esmagado no dia e no que publicamente protestar.

Vimos como se formam os discipulos dos seminários, vejamos agora como funcionam as escolas congreganistas.

Por occasião da discussão do projecto de lei de que nos occupamos, foram levadas á tribuna da camara certas revelações altamente interessantes ácerca dos trabalhos das escolas confiadas aos congreganistas.

O sr. Leon Bourgeois, antigo ministro da Instrução Publica, declarava, numa sessão da camara:

«O que devemos temer e combater não é absolutamente a liberdade de ensinar á creança esta ou aquella crença religiosa, mas sim o espirito, tantas vezes por nós constatado, de divisão, de discordia e de odio. Se chego a pronunciar esta ultima palavra é porque tive occasião de verificar pessoalmente, como presidente do jury internacional da

classe de ensino na Exposição de 1900, que certos livros postos nas mãos das crianças dos estabelecimentos privados, certas composições feitas por essas crianças, continham formaes incitamentos á divisão e á discordia entre os cidadãos, ao odio de casta, de classe, de raça e de religião. Os membros estrangeiros do jury fizeram a mesma verificação».

Será curioso fazer alguns extractos d'esses livros, sobretudo no tocante ao ensino da historia. Eis, por exemplo, a explicação por elles dada da Revogação do Edito de Nantes:

«Luiz XIV empregou os melhores meios, os mais nobres, para de novo trazer os protestantes á unidade catholica. Enviou bispos piedosos, missionarios cheios de caridade e de zelo para evangelisar as provincias. Finalmente, o rei verificou que todo o seu trabalho era baldado, que os protestantes não cediam ás exortações dos missionarios. Tratou então de imitar os principes protestantes que opprimiam a consciencia dos seus subditos...»

E um pouco adiante:

«As *dragonnadas* não passaram de excessos commettidos pelos dragões nas casas em que se achavam hospedados. Em consequencia d'isto, oitenta mil protestantes deixaram o reino, não se envergonhando de levar ao estrangeiro a sua industria, a sua coragem e o seu odio contra Luiz XIV e contra a sua patria».

Um termo que frequentemente se encontra nos cadernos dos discipulos dos congreganistas para designar as escolas leigas é o de «laboratorio de impiedade». Eis alguns extractos d'esses cadernos contendo as composições escolares dos melhores alumnos.

Sobre a Inquisição:

«Os suppostos crimes da Inquisição não devem ser imputados á Igreja cuja missão se cifrava em descobrir e condemnar as heresias e que jamais intervinha na execução da sentença; a Igreja tem tanto horror ao sangue que prohibe aos seus padres a profissão de cirurgiões. O julgamento só era pronunciado depois de longos debates onde o direito da defesa era plenamente respeitado e o acusado só era condemnado se se recusava a abandonar a sua doutrina heretica. Todos os escriptores imparciaes reconhecem que a Inquisição romana foi um modelo de equidade e de doçura».

Sobre Galileu:

«A Igreja protegeu Galileu. Se o condemnou não foi por causa das más theorias, mas simplesmente porque elle interpretava falsamente esta palavra da Escriptura: «Para, sol». Como elle se obstinasse no seu erro, a Igreja lançou-lhe a excomunhão».

A proposito das Escolas do Estado:

«Sem os padres, a sociedade não passaria de um agrupamento de debochados, porque a maior parte dos professores leigos só tem em vista ganhar dinheiro e ninguém poderá, portanto, contar com a sua dedicação pelo ensino».

Sobre a liberdade de consciencia:

«Accusaram a Igreja de intolerante, mas semelhante accusação é absurda, porque a tolerancia que os inimigos da Igreja lhe pedem é a indiffe-

rença religiosa, a liberdade para cada um praticar a religião que quizer, como se todas as religiões fossem igualmente boas, é, n'uma palavra, o indifferentismo, doutrina impia, absurda e funesta».

Sobre o progresso e a civilização:

«Para os partidarios das idéas modernas, o progresso ou a civilização consistem: 1.º, em facto de dogma, na negação de Deus e da alma humana, isto é: não ha mais Deus nem no governo, nem nas assembleas, nem nas escolas, nem nos hospitaes; 2.º, sob o ponto de vista da moral individual, na supressão de todo dever, na apologia de todos os vicios, na busca de todos os gosos, no insulto de todo o pudor e de toda a virtude; 3.º, sob o ponto de vista do direito social, na revolução, no sentido mais odioso d'este vocabulo, no radicalismo brutal que desagrega a sociedade, corroendo-a pela base, na falsa doutrina sobre a natureza do homem, sobre a liberdade, sobre a perfeita igualdade dos direitos entre os homens.»

E para não esquecer o velho rotulo de «abaixo os judeus!», fizeram os congreganistas escrever o seguinte por um dos seus discipulos:

«A decadencia actual da França é devida a alguns milhares de judeus que governam o nosso paiz e se a França dispuzesse de um governo anti-remita e anti-maçon de certo não se acharia no estado em que se acha. Os verdadeiros inimigos da liberdade são os judeus e os Maçons; elles não podem dar aos outros a liberdade porque não a teem. São elles os inimigos da sociedade pela sua falsa piedade, pela sua avareza sordida e pelo seu orgulho. Abandonam-se a excessos condemnaveis nos seus festins e são implacaveis nas suas vinganças. Por um punhado de moedas trahem a sua patria, ou melhor, a patria dos outros porque elles a não teem.»

E os congreganistas que fizeram semelhante selecção entre os trabalhos dos seus alumnos, dignos de figurarem na Exposição, não se descuidaram de patentear ao mesmo tempo o uso que faziam da liberdade de ensino se ella lhes fôsse amplamente outorgada. Que seria feito da França se selhes deixasse o monopolio do ensino nos termos em que o pedia o Padre Maraiguany:

«Quem é que se anima a falar em liberdade de ensino? O direito de ensinar compete exclusivamente á Igreja. O regimen perfeito da instrução publica, o regimen que corresponderia ao estado normal da sociedade seria o que conferisse á Igreja e só a Igreja, tanto de facto como de direito, a direcção do ensino em todos os seus grãos e lhe confiasse vigilancia e a fiscalisação absoluta e universal das escolas primarias, secundarias e superiores.»

Eis ahí um Padre que veio sobremodo prejudicar aos catholicos que fazem appello á liberdade de ensino para salvar os congreganistas.

Parece, depois da constatação dos perigosos excessos em que pode cair o ensino dirigido pelas congregações, que os autores da lei de 1901 teriam podido concluir pela interdicção absoluta do direito de ensino para os membros das congregações. Mas o legislador não se animou a ir tão longe e o artigo 14 da lei cifra-se nisto: «Ninguém



PARNAHYBA—CRUSADOR ARTHUR EWERTON PERTENCENTE À ALFANDEGA

será admittido a dirigir, quer directamente, que por intermedio de terceiro, um estabelecimento de ensino, seja de que natureza for, nem a nelle ministrar o ensino, se pertencer a uma congregação *não autorizada...*

Permanece, pois, á disposição dos apologistas do ensino congreganista a faculdade de solicitar a autorização legal, fornecendo ao mesmo tempo as necessarias garantias de que o seu ensino não consistirá em falsear a historia nacional, nem em plantar a discordia e o odio entre os cidadãos. N'estas condições semelhante autorização de certo lhes não será recusada.

Na França e provavelmente nos outros paizes civilizados, ninguém pode exercer simultaneamente as funções de medico e de pharmaceutico; a lei quiz evitar que o medico fôsse tentado a tratar os seus doentes levado exclusivamente pelo interesse monetario. Não seria para desejar que a mesma incompatibilidade fôsse estabelecida entre as profissões religiosa e pedagogica? O padre é sempre levado a tratar as questões de historia, de literatura e de politica sob um ponto de vista parcial, e a prova disso acabamos de offerecer aos leitores; que selhe deixe, pois, liberdade ampla para ensinar na Igreja ou nas sacristias as coisas da religião, mas que nas escolas, onde se encontram confundidas creanças de todas as confissões religiosas, só sejam admittidos a ensinar homens livres. Não seriam assim totalmente banidos os prejuizos, mas comtudo já seria esse um passo avantajado para a consecução de semelhante fim.

O Estado garante a liberdade de consciencia; sob a sua protecção cada culto se poderá exercer livremente dentro dos limites que a liberdade dos outros lhe traça. A fé religiosa, qualquer que ella seja, é sempre digna de respeito desde que não procura impor-se senão pela sua propria virtude.

Se se quizer garantir a paz religiosa, a plenitude

da liberdade de consciencia e evitar que a mocidade de um paiz seja educada em dois campos opostos, dos quaes um ensine o desprezo e o odio do outro, não será prudente confiar o ensino geral aos congreganistas; e o legislador que, antes de tudo o mais, buscar a segurança da vida nacional e dos destinos dos seu paiz, deverá instiur uma certa fiscalisação sobre a escolha d'aquelles que quizerem chamar a si a nobre tarefa de ensino da mocidade.

POEMA ETERNO

A Antonio Lobo

De olhos no ethereo azul profundamente frio,
De olhos celestiaes, Eva engendrava um crime:
—O amor, o eterno amor!—palavra que se exprime
No sorriso, no olhar...

E o céu então, sombrio,

Na doce voz de um anjo o anathema bravia
Fez-lhe, acerbo, vibrar: achava o amor um crime!
No entanto era criação mais pura e mais sublime
Do que todo o Universo!...

E o goso fugidio,

Foi-se... foi-se p'ra além, por ignoradas sendas
Em cujo termo vêem-se as tragicas legendas:
«—Perca toda a esperança o que tentar transpôr».

Eva, não chores, não! Cala, cala, teu pranto,
Murmura a estrophe idéal do teu poema santo...
Si um mundo Alguem nos deu, tu deste mais--o amor!

1889.

ALUIZIO PORTO.



MARANHÃO—Rua do Trapiche

quinze annos, e a sua meditação, facto excepcional em sua vida, inquietou-me sobre modo.

E em que podia meditar esse candido diabinho dos céus?...

N'uma boneca que a sua mamã lhe promettera na vespera?... N'uma borboleta que lhe fugira pressurosa e errante, quando brincava ao crepusculo da tarde, sob os frondosos sycomoros do pomar?... N'uma lição difficil que havia de dar no dia seguinte ao seu professor austero e grave?... N'uma dessas cousas, enfim, frivolas e pueris, que desorientam a fragil imaginação das crianças?...

Perguntei-lhe tudo isso e nem uma palavra si-quer balhucaram os purpurinos labios de Nathalia, labios de nacar onde morava a aurora esplendida e rosada.

Mas o facto é que Nathalia meditava e meditava muito.

Não quiz incommoda-la mais e conservando-me silencioso e attento, procurei descobrir no seu olhar de uma eloquencia muda, um silencio que não me fizesse vacillar na duvida e surprehender o que experimentava aquelle coração de quinze annos.

E Nathalia continuava estatelada, hirta, engolpçada na sua meditação profunda, quasi religiosa.

Mas de repente por uma transição subita ella ergueu-se da causeuse em que se achava, contrafez o olhar e sentou-se ao *harmonium* que estava inerte e quedo a um canto do salão.

Depois... eil-a preludiando uma sonata quente, voluptuosa, embriagadora, onde a alma ardente de Beethoven, extremamente artistica, derramou os arcanos de sua arte, de sua divina arte.

E enquanto as suas mãosinhas lacteas e seductoras, mãosinhas de fada, feriam docemente as cordas do grave instrumento, eu electrizado, eu venturoso, eu delirante, eu quasi louco sentia a ascensão lenta e triumphal de minha alma aos páramos da harmonia e da luz.

E ella radiante, ella indscriptivel antolhava-se-me uma celica visão vibrando a sua alma que era o proprio *harmonium* que naquelle supremo instante narrava um grande poema onde transpareciam estrophes sublimes.

E a sonata expirou... E eu despertei rindo e chorando simultaneamente, vendo tambem que Nathalia simultaneamente chorava e ria.

Como congraçaram-se em mim as lagrimas e os sorrisos?

Era que a musica do inspirado artista havia resurgido em mim a melancolia, as delicias, as saudades que jaziam polvilhadas no tumulto do passado, esse passado feliz quando eu divulgava no horisonte limpido de minha alma uma estrella, — a crença, uma nuvem — o amor...

E Nathalia... Porque chorava e ria tambem?

Perguntei-lhe. Oh! ella não m'o quiz dizer, ella que até então nunca, nunca deixara de reve-

lar-me todos os episodios do deslizar de sua vida
aos effluvis da infancia!...

E como quebrar o sigillo d'aquelle mysterio?...

Compreendi enfim: era a primeira appareção
da nuvem e da estrella no horizonte de sua alma.
Ah! era de certo... Tinha quinze annos!... E o
amor e a crença fazem a sua primeira appareção á
mulher quando ella tem quinze annos.

Nathalia amava pela primeira vez.

C. SERRANO.

Ao meu querido Assuéro

Se eu morresse aqui distante
Deixando o celeste trilho,
Minh'alma iria offegante
Primeiro beijar-te, filho.

Porque és o sol pequenino,
De brilho intenso e fecundo,
Que alumia o meu destino
Nos ermos invios do mundo.

Mesmo através as distancias,
Para est'alma és como o orvalho
Que revivesce as fragancias
Da flor pendida no galho.

Meu ser avaro te encerra
Com cuidados extremosos,
Bem como o seio da terra
Esconde os metaes preciosos.

Tal como as visões de eleito
Que moram n'alma de um monge,
Vives tão dentro em meu peito
Que eu nem sinto que estás longe.

Sou como um lago entre fragoas,
Todo ericado de escolhos,
Que só reflecte nas aguas
A doce luz dos teus olhos.

Em vão abram-me a face
As dores de um pranto esquivo:
Se a noite da aurora nasce,
Da tua essencia é que eu vivo.

Só não terás os affagos
Deste teu pae forasteiro.
O' minha Estrella dos Magos,
Se te apagares primeiro.

Mas, se acaso te apagares,
O' luz da minha existencia,
Eu — lago sem nenuphars —
Não mais terei refulgencia.

Eu — triste noite apagada —
Se findares, sol risonho,
Serei — cupula do nada,
Cobrando o esquite de um sonho.

Serei como um continente
Num esteril pesadello,
Evocando a luz fulgente
Sob montanhas de gelo.

Mas tudo isso é vã chimera,
Ainda te hei de ver, ao certo!
Quem impede á primavera
De fecundar um deserto?!...

Quem é que o fulgor esfuma
Da aurora que o céu recama
De luz, surgindo da bruma,
Como uma rosa de chamma?!...

Carlos D. Fernandes

Os livros novos em Portugal

O ROMANCE

O Romance, em Portugal, resente-se ha muito da falta de cultores. Entre nós, na plena vida litteraria, em que os poetas surgem e crescem como os cogumellos, o romancista escasseia, e dir-se-hia que um natural e louvavel pudor inhihi os litteratos de arcarem com as responsabilidades de tal genero de arte se não soubessemos que a razão de tal escassez reside apenas na falta de imaginação que lhes não permite architectar sequer as mais timidas afabulações da vida.

De Eça de Queiroz para cá a penuria de novelistas tem-se accentuado, como se esse insigne temperamento de romancista suffocasse com o seu prestigio todos os que ousassem confrontar-se-lhe, embora na mais modesta relatividade. E tirando Carlos Malheiro Dias a cujas qualidades perseverantes de trabalho eu, ainda que discorde dos seus processos, nunca deixei de render homenagem, nenhum outro nome, até ha pouco, ousara empunhar a penna para a factura d'uma obra que se irmanasse, na classificação litteraria, á do realista admiravel e do stylistia inexcusable que escreveu *O Primo Basilio* e *A Reliquia*.

Mas o Eça morreu, uma turba de snobs e de mediocres acompanhou-o mesmo á sepultura para ter bem a certeza de que ia ser enterrado, e derubado o modelo escultural e vivo que pela lampejante brancura do seu busto de marmore os deslumbrava e pela ironia attica do seu sorriso os amedrontava, eis que um enxame de pluitivos invade a arena sagrada das hellenicis luctas da arte, e se permite amassar os seus esboços de porco barro ao lado das puras formas que na doçura do granito privilegiado exprimem, gentil, severo, ou sarcástico, o pensamento de eleição.

E' assim que n'este frio mez decorrido se viram já nas montras das livrarias, com a designação de romances, tres ou quatro livros novos, quando d'antes pouco mais se registaria no decurso d'um anno inteiro. Titulos intencionaes os recobrem, procurando attrahir com promessas d'um entrevisto gozo, muito menos esthetico do que pervertido, o comprador remisso que não pro-



MARANHÃO—Thezouro Público do Estado

cura na obra de arte outra emoção que não seja a dos complicados entrechos rocambolescos ou a pornographia excitante de narrativas escandalosas. E' mesmo *Escandalo!* o titulo d'um, que devemos a um recémvindo, o sr. Antonio de Albuquerque; outro, que é do sr. Augusto de Lacerda, inscreveu esta firma: *Luxo e luxuria*, como quem abre a porta d'um bazar oriental. Não me demorei na analyse de taes trabalhos, que não julgo deverem ser incluídos na litteratura. Trata-se d'um mercantilismo, como o do sr. Gallis, com estylo igual e mais in-experiencia.

Mas como n'estes dias de fim de inverno frequentemente se abre uma nesga de azul entre farrapos de nuvens pardacentas, assim tambem o pobre mez litterario nos deu, precisamente no Romance, que tão affrontosamente se vio tratado, uma boa e formosa obra. Já aqui tive ensejo de me referir a João Grave, o escriptor portuense que abordando o terreno difficil da Novella, logo nos deu um livro que foi mais do que uma promessa, porque constituiu um documento seguro e forte. *Os Famintos* foram no anno passado o melhor romance que appareceu em Portugal; *A Eterna Mentira* é até agora tambem, no anno que vae correndo, o melhor trabalho no genero que me tem sido dado registrar.

Tratando da illusão constante, em que, para effeitos de convenção social, se mascaram os sentimentos, João Grave demonstra mais uma vez o thema triste. Sim: uma eterna mentira corroe o organismo moderno das sociedades. Tudo se si-

mula: o amor como o odio, o sonho como a convicção. Mas é sobretudo o amor que mais soffre da hypocrisia ambiente, visto que, por ser elle a chave das almas, maior interesse ha em utilizar as suas divinas expressões para dar victoria ás premeditações do interesse ou aos impulsos do vicio.

E' sobre um adulterio vulgar que gira todo o estudo doloroso de João Grave, e o romancista conscientemente o quiz vulgar, trivial, quotidiano, para melhor o faser resaltar na vida dos nossos dias.

Em resumo: um lar desgraça-se com uma guitarrada d'um bandalho, e no naufragio d'essa obscura felicidade quantos sentimentos puros são feridos de morte, quantas consequencias desastrosas d'elle derivam, quantos pormenores dolorosos sangram de imprevista dor! Eis o que deu a eterna mentira: uma mulher que se casa sem amar destroe, com a sua banal ambição d'uma casa e d'uma situação superiores, a honra e a vida do homem que illudio, a tranquillidade honesta de seus paes, e a sua propria felicidade, afogada na perda do seu decoro e na perda das suas proprias illusões.

O romance de João Grave é simples, como se vê, mas está trabalhado com tal esmero de estylo, tal sobriedade de processos, com tal observação de typos e tal emoção de alma que se lê com o coração fremente de sentimento experimentado. Disse observação de typos. E' preciso insistir n'este ponto. A figura do velho Luiz, o modesto empregado, pai da protagonista do miserrimo drama, está vincada com uma tal exactidão de traços, resalta,



MARANHÃO—O Baluarte

tão radiosa, na sua pureza moral que só essa criação bastaria para salientar o livro de João Grave como um dos melhores que ultimamente têm aparecido no meio literário português. Como são verdadeiras, para consolação e esperança do nosso espírito, essas figuras abençoadas de humildes, que pelo instinto calmo do dever e o supremo estímulo do sacrifício, dignificam ainda a espécie humana e retrahem, nos lábios mais amargos, a maldição que os egoísmos e as baixezas da vida moderna continuamente estão citando.

Comparando *A Eterna Mentira* com os *Famintos*, eu devo assignalar que, quanto ao intuito e significação, o segundo romance de João Grave é inferior ao primeiro. Não fechamos *A Eterna Mentira* com a mesma consolação redemptora que do forte ensino moral dos *Famintos* se extrahia, caloroso e grande. Mas em compensação, a technica do romancista aperfeiçoou-se. Vê-se que hoje está seguro dos seus recursos, que disciplinou a sua imaginação, que domina a sua palavra harmoniosa e quente que em tantas galas de estylo se comprazia, prejudicando às vezes pela exuberancia o que em simplicidade maior duplamente refulgiria. João Grave é hoje um romancista feito, e saudando-o pelos seus seguros passos na arte cumpro, com alegria, o que é um dever de justiça consignar e reconhecer.

A edição da *Eterna Mentira* é da casa Lello, hoje a mais conceituada casa editora do nosso paiz, visto que não cede á sede de especulação que está

levando algumas das suas congêneres a arremessar ao mercado, com a esperança nos ganhos do escândalo, obras más e pessimamente escriptas.

A POESIA

«Occano» versos de Antonio Patricio—Resíduos de symbolismo e sentimento authenticos.

Julgo que Antonio Patricio, um poeta também do Porto, é hoje o ultimo litterato que não renunciou ainda ás perigosas extravagancias da exdrúxula metrificacão, que os symbolistas iniciaram e mantiveram durante o seu fugaz transitio pela nossa litteratura. Gosta muito,—vê-se claramente,—da estrutura graphica d'aquelles versos de legua e meia succedendo a linhas de meio centimetro. Mas deve-se confessar que, áparte esse senão, para mim muito attendivel visto que com elle nunca me conformei, o seu livro, que de mais a mais é um livro de estreia, possui muita emoção, muita arte, muita originalidade e muita harmonia. Sobretudo nos poucos trechos, como os dos sonetos, em que os seus versos se contiveram submissamente dentro dos limites que o venerando Castilho lhes fixou.

N'isto de poesia, é, como em muitas outras cousas, «melhor experimental-o que julgar-o» e por isso recorto do *Occano* este soneto como specimen do valor poetico do livro de Antonio Patricio:

Tu vives a chorar, eu vivo a rir,
e assim vamos morrendo de mãos dadas...
Tu fallas p'ra rezar, eu p'ra mentir
e as nossas loccas beijam-se encantadas...



MARANHÃO—Rua da Estrella

Resas por nós, por este amor a abrir
em chymeras que nascem condemnadas...
Minto por nós, para poder sorrir,
erguer alegre as tuas mãos nevadas...

Tu crês e rezas, eu não creio e minto:
e as tuas rezas tem tanta piedade
como as palavras tremulas que eu sinto.

Mentir é afinal rezar sem crença:
e de mãos dadas, pela tempestade,
o nosso amor é uma oração imensa!

O THEATRO

*D. Maria: «A Trovisqueira»—Uma peça de Fabre
que é um romance de Balzac.*

Nenhum novo original na scena portugueza. Apenas, em D. Maria, a *Trovisqueira*, traducção da peça de Emilio Fabre, a *Rabonilleuse*, que para a sua contextura aproveitou uns dos romances de Balzac, da serie dos *Celibatarios*, *Un ménage de Garçon*.

No drama, que Emilio Fabre adaptou ao theatro com processos porventura demasiado melodramaticos, vive e expande-se a prodigiosa intensidade psychologica de Balzac. A peça está feita, não no entrecho, mas na admiravel creação dos seus personagens, no estudo formidavel das paixões que os agitam. Foi uma forte noite de emoção a que passamos hontem no theatro normal. Ali, n'aquelle palco em que a ficção tão fadigosa e inutilmente pretende, tantas noites, apparentar de verdade,

levantou-se na nossa frente a propria Vida, a complicada, variavel, desconcertante Vida, tão feita de imprevisto e surpresa que elles são afinal a sua unica e dominadora logica!

No desempenho, brilham primacialmente Ferreira da Silva e Ignacio. A traducção, escrupulosa, é do sr. Accacio de Paiva.

Lisbôa, 28 de fevereiro de 1905.

Mayer Garção.

Supremo anseio

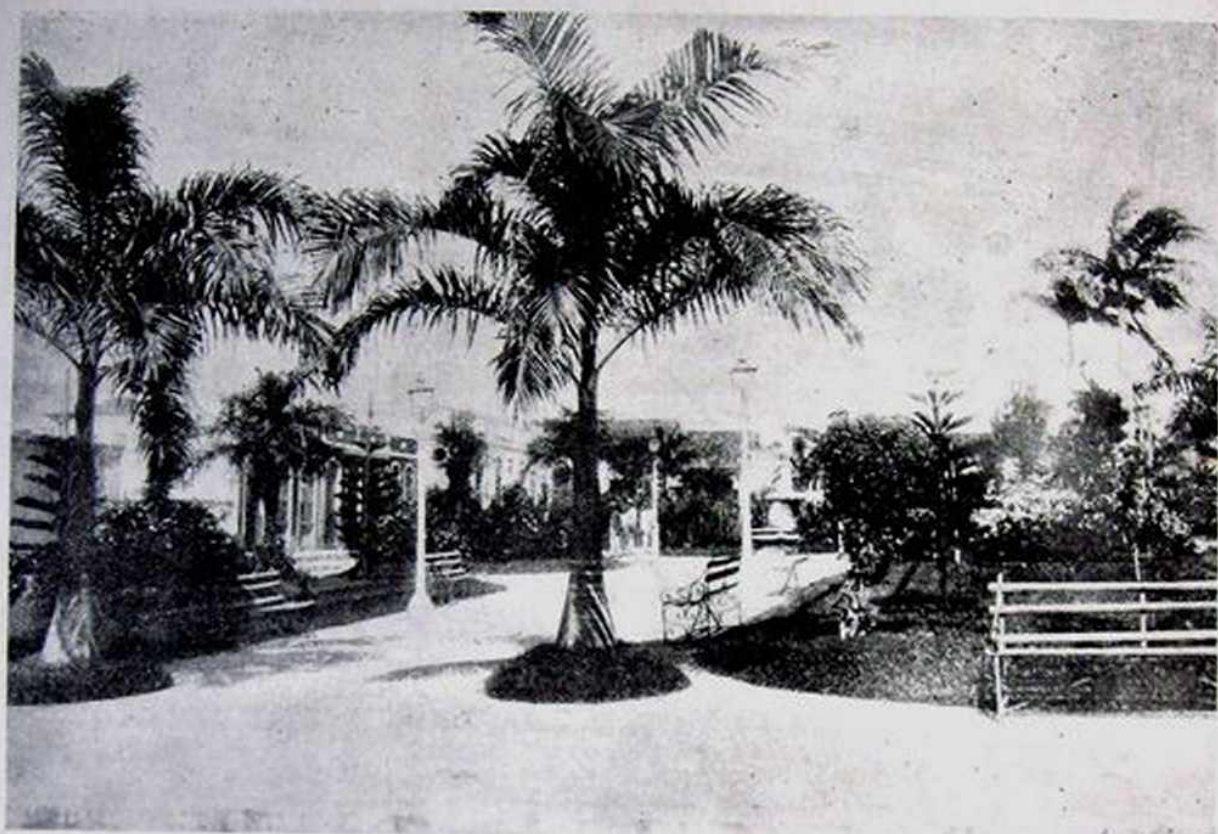
Quero estreitar-te nos meus braços! Desce
A' dolorosa e grande escuridade,
Onde o meu triste coração padece
Torturado de amor e de saudade!

Aureo primor artistico da Helláde!
Como o desejo na minha alma cresce
De enseivar-me na tua mocidade,
Que assim tão bella e virginal floresce!

Venha o teu beijo esplendorar-me os olhos,
Venha o teu beijo avigorar-me o sangue!
Neste Calvario aspérrimo de abrolhos

Da vida, agora és para mim bem como
Para um faminto moribundo exangue
O almo perfume tentador de um pomo!

Alfredo Assis.



MARANHÃO—Praça Odorico Mendes

Mar

Mão no quarto roloço e a outra em *abat-jour* sobre os olhos, a Lucia olhava curiosamente o mar tranquilo e vacillante entre o verde e o azul, nessa manhã clara e molhada de orvalho, novembro fôra, fim de anno.

Perto, um esqueleto de jangada mostrava a carcassa enxuta e tresandando á maresia forte, estatelada ao sol, num gesto supplicante de quem está de pernas para o ar.

Um garoto, pequenino, de 3 palmos de altura, o Lisardo, andava-lhe por cima, cabriolando, em risco de se estatelar sobre ella.

—Olha o pequerrucho!

E a voz grossa e rapida do Manoel Coto que se alava ao mar, se fez ouvir de longe, enquanto o sol que nascia a um canto illuminava com um clarão dourado de moldura nova o perfil immovel da mulher.

Rrr! rrr! e um rumor de cordas que se puxam, que se arrastam, se fez ouvir, enchendo o ar da manhã, com uma rudeza de mãos de marinheiros, de envolta com o cheiro acre e salutar do oceano que gemia juncto.

Brisa cortante alisava-o e nesse canto de praia, só a vela do Manoel, enfunada agora ao vento de terra, punha scintillações de lamina clara no azul profundo, em cima, em baixo.

O pescador sentado á pópa, costas á casa, preparava a rede com dedos grossos e amaneirados de quem sabe. O ar era frio e cortante.

E a Lucia, estregando os olhos somnolentos que acobertava a mão, á claridade intensa que lhe alagava a retina, gritou para o pequeno:

—Salta, Lisardo, para dentro.

Dous olhos medrosos fitos nella e a carreira de um palmo de passo apenas, precedeu a passada da Lucia, corpulenta e saracoteante, de ancas redondas e braços nus.

II

O Manoel Coto residia ali, havia perto de onze annos. Nascido juncto ao mar por um dia tempestuoso como uma cobra, o seu primeiro embalo de berço fora a *berceuse* do Oceano, que lhe suffocava o choro, rugindo, quando, por noites más e procellosas, entrava pelos frunchos da porta e da janella a friagem humida do vento, a zunir, e o mar a se despedaçar e relampagos, longe, estendiam a lingua de fogo, a lhe lambem a soleira.

Seu pai, o Marcos, um velho marinheiro reforçado por quarenta annos de lucta sobre as ondas, largo de peito e de coração, mirava-o á lua clara de desembro juncto á porta ou, quando maior, contava-lhe, bonet sobre os olhos, cachimbo acceso e esquecido a um canto da bocca, como, no dia de S. Guido, o patrono bom da marujada, salvara da morte o seu fiel amigo Zé Mestre que á agua cahira

juncto ás pedras da Mouraria, por um dia de mar damnado.

«... lembra-me bem! o mar tinha o diabo a atical-o e cada vagalhão, upa! era um mar que vos cahia nas costas. Isto foi ahi pelo meu quinto naufragio, dia, antes.... não! espera! sim! dias antes da festa do Senhor dos Navegantes....»

E contava explicadamente, na sua voz calosa e grossa de marinheiro envelhecido, como vindo da pesca, velas ferradas por causa do vento contrario, o Zé Mestre, sem mais nem menos, ao querer apanhar a ponta de um cabo zás! cahira ao mar!

«... atirar-me igualmente foi obra de um momento! sim! que o companheiro não encheria a barriga, ficando eu com ella vasia!...»

—E depois, papa?

Retinha a voz argentina do Manoel, como um aço cantante.

—Depois, filho, ao Deus dará. A jangada desapareceu numa volta de onda...

Era aos capús e eu a nadar vigorosamente para o Zé Mestre. Arriba! homem! não ha perigo!

«Pois foi lhe dando o braço, este braço, velho, mas valente,—e batia com a mão espalmada sobre o braço—a segurar, que nadei aos engulhos, para alcançar uma pedra que erguia a dentadura de ferro sobre a onda, a tres braças.»

E os olhos de Manoel, muito accesos e vivos, acompanhavam a gesticulação do pae, como o bracejamento de mastaréos no mar alto por um dia de tempestade!

Crescera por este modo, camisa aberta ao peito, a correr, praia forá, cantando ao mar, lançando-lhe a phrase como um namorado á sua noiva, a velha trova que o pai lhe ensinára e que elle ensinava agora ao filho, na modorra arrostada e somnolenta de marinheiro.

R. Alves de Farias.

O Amigo das Crianças

Elle é o ideal dulcíssimo das mães, Elle é o amigo eterno das crianças, das mães, que são as almas das crianças, das crianças, que são os corações das mães.

.....
Cahem as folhas...

Tristes, desgrenhadas, esgalham-se as arvores frondosas, braços hirtos erguidos para os céos.

Velam-se as cordilheiras.

As campinas se amortilham.

Desmaia o azul, lacrimejando uns longos flócos de lagrimas nitentes. E o mar, que ás vezes parece ter a alma piedosa das mães, já não tem mais também vagidos languosos porque o coração dos rios se gelou.

E o inverno cahe, e cahe a neve...

O inverno, que não foi feito para as mães, almas sempre em flór; a neve branca como as cans dos que já perderam as esperanças, a neve que não póde enregelar os corações das crianças, que são as nossas primaveras. Mas, se elle é o ideal dulcíssimo das mães, que importa a neve, que impor-

ta o inverno, se elle vem uma vez todos os annos como o amigo eterno das crianças?

Que o Neva géle, gelem os Apeninos.

Fiquem sem fim as noites legendarias da Suecia; sem fim se estendam as nevoas tacitas da Escossia.

Não transponha a beria os Pyríneus: caiam dos Alpes as avalanches em grandes rolos pelas escarpas argentinas.

Os pinheiraes são sempre verdes: são sempre bons os castanheiros. E quando Elle vem, alvejam-se como nunca as aldeias nas montanhas, fumegam mais os fumos das lareiras.

E pelos valles fundos e sombrios cantam-se as cantigas dos ceifeiros, dansam pelas quebradas os pastores e as fanfarras e pandeiros acompanham as castanholas amorosas nos estribilhos ruidosos do Natal.

E nas cidades que parecem mortas, nas tristezas dos gelos sepultados, portaes cerrados, ruas solitarias que um vento frio e máu vae desolando, illuminam-se as entranhas dos palacios, arde mais forte a lenha na lareira humilde. Não ha tristezas onde ha crianças: frio não ha onde existem mães.

E Elle vem, enchendo de brincos os berços rendilhados de ouro. E Elle vem, de beijos cobrindo as palhas dos tugurias. E as que embalam os berços dourados, cheias de gozos no esplendor do fausto, erguem os olhos supplices e dóces para Elle que tem todas as riquezas do céu, enquanto que aquellas que só tem beijos e caricias também se lembram consoladas que Elle nasceu assim tão meigo e tão humilde para depois tão humilde e tão meigo remir a humanidade.

Noites do Velho Mundo, noites gélidas, brumosas! Só Elle póde encher hoje de alegrias os lares que entristeceis. E até pelas estradas ermas e asperrima canta a mendiga exhausta o seu Natal, apertando o filho ao seio resequido. E o orphão abandonado e rôto, sobre as pedras da calçada, pensando que Elle é o amigo eterno das crianças, não sente mais o lençol de neve e... dorme satisfeito.

.....
Palpita o Sol...

Palpita e anceia, corre e chega, e beija toda terra bemdita como um beijo voluptuoso e ardente.

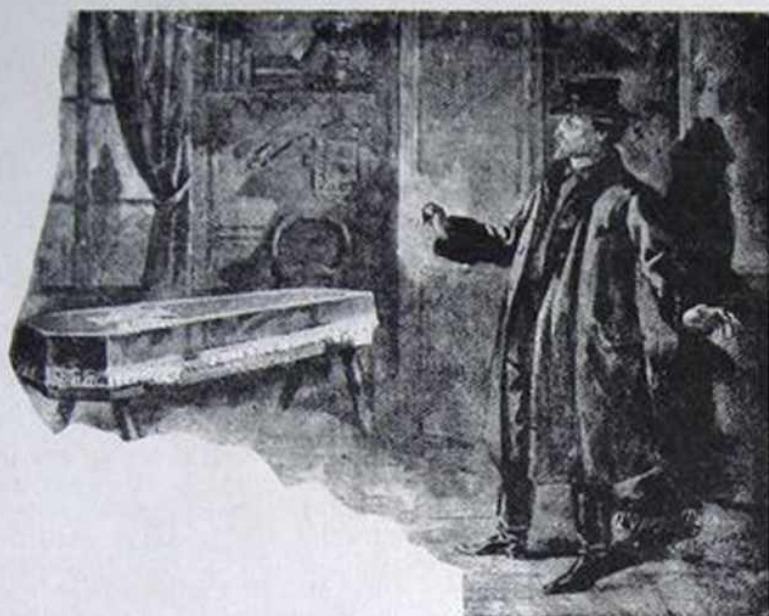
Abre a virgem da selva, a Flora americana, o seio tumido, fecundo. Também palpita e anceia. Exhala ella toda perfumes exquisitos.

Saltam de toda ella miriades de beijos nos labios das corollas em revoadas de azas multicores.

E' que Elle também vem aqui por entre os palmeiraes dourados, ouvindo as symphonias dos gorgeios e das cachoeiras.

E' que Elle também tem aqui o seu Natal por entre as scintillações das luzes e das flôres.

E basta que Elle chegue para que se abram todos os corações e para que se dourem todas as almas, porque Elle é o Jesus dulcíssimo das mães, eterno amigo das crianças.



Uma noite terrível

(TCHEKHOF)

João Petrovitch Panikhidine empalideceu, baixou a luz da lampada e começou, numa voz commovente:

—Sombria e impenetrável cerração envolvia a terra quando, numa noite de Novembro de 1883, voltava eu para casa, depois de ter assistido, na residência de um amigo meu, que já é morto, a uma longa sessão de espiritismo. As ruas estreitas que atravessava achavam-se quasi ás escuras e era ás apalpadelas que procurava o meu caminho. Morava eu nessa época em Moscou, na casa de um empregado publico, chamado Troupof, situada no quarteirão deserto de Arbate. Enquanto caminhava sentia que as idéas se me baralhavam no cerebro.

«Aproxima-se o fim da tua vida... Busca arrepender-te dos teus pecados»... Tal era a frase que, durante a sessão, me havia dito Spínosa, cujo espirito conseguimos evocar. Pedira-lhe que repetisse a frase e a repetição veio acompanhada do aviso: «Esta noite».

Não creio no espiritismo, mas a idéa da morte ou mesmo uma simples alusão ao fim que nos aguarda, mergulham-me logo no mais profundo dos abatimentos. A morte, meus senhores, é uma coisa commum, inevitável, mas, contudo isso, a idéa da morte é contrária á natureza humana... As trevas impenetráveis e frias envolviam-me por todos os lados, ante os meus olhos turbilhonavam com furor as gotas de chuva e sobre a minha cabeça o vento lugubrememente zunia; nem viva alma ao redor de mim, nem uma voz humana a ferir-me os tympanos... Um pavor inexplicável e indefinível apoderou-se do meu espirito. Não sou supersticioso e, todavia, apressava os passos, evitando olhar para traz: parecia-me que, se o fizesse, veria a morte seguir-me como um fantasma...

Panikhidine interrompeu a narração, respirou fortemente, sorveu um gole d'agua e depois continuou:

—Esse pavor indefinível perseguiu-me até mesmo depois de haver galgado os quatro andares da casa de Troupof. Introduzi a chave na fechadura da porta do meu quarto, dei a volta e entrei. Uma escuridão completa reinava no aposento. O vento penetrava sibilando tristemente pela chaminé do fogão.

—A dar credito ás palavras de Spínosa, murmurei commigo, devo morrer esta noite, ao ruido d'esta sinistra lamentação.

Risquei um phosphoro. Uma rajada furiosa passou por sobre o tecto da casa. A lamentação do vento transformou-se num rugido formidável.

—Como deve ser triste uma noite d'esta para os que não têm abrigo, pensei.

Mas o momento não era adequado para semelhantes lamentações. Quando a chamma do meu phosphoro rompeu as trevas e que os meus olhos avi-

dos percorreram meu quarto, um espectáculo inesperado e terrível deparou-se-me á vista... Como seria preferível que um golpe de vento houvesse apagado o phosphoro... Talvez que assim nada tivesse visto... Soltei um grito medonho e dei um passo para a porta, cerrando os olhos, presa de um terror que se não pode descrever...

No meio do meu quarto havia um esquire.

A chama do phosphoro não durou muito, mas deu-me, contudo, o tempo sufficiente de distinguir os contornos do esquire. Ha certas coisas, meus senhores, percebidas num rapido instante, mas que, todavia, indelevelmente se gravam na nossa memoria. Foi o que se deu com aquelle esquire. Vi-o num relance mas recorde-me perfeitamente dos seus mais intimos detalhes. Era o esquire de uma pessoa de estatura mediana e parece que destinada a uma donzella, a julgar pela sua cor rosea. O brocado que o cobria e todos os seus pertences eram riquissimos, indicando assim que se destinava a um defunto de fortuna.

Sali do quarto como um doido, sem reflectir e sem pensar em coisa alguma, sob a impressão do panico que de mim se apoderara. Desci as escadas, numa escuridão absoluta, tropeçando no amplo sobretudo que me envolvia, e nem sei mesmo como não parti o pescoço numa queda. Chegado á rua, encostei-me ao lampeão de gaz e comeci a sentir a calma que me voltava. O coração batia-me como se quizesse romper o peito, respirava offegantemente.

Uma das senhoras que ouvia a narração aproximou-se da lampada e baixou mais a luz...

Panikhidine continuou:

—Não me espantaria se encontrasse no meu quarto um começo de incendio, um ladrão, um cão damnado... Não me espantaria se o forro houvesse desabado, se o soalho houvesse abatido, se as paredes se houvessem desmoronado... Tudo isto seria natural e comprehensível. Mas um esquire no

meu quarto? Donde viera? Como entrara? Era um esquiife rico, indubitavelmente destinado a uma mulher aristocrata; como viera parar no quarto de um pobre empregado público? Estava vazio ou continha algum cadáver? Quem era essa jovem patricia que havia desertado da vida e que me vinha fazer esta estranha e terrível visita? Segredo pungentissimo!

Se não se tratava de um milagre, era então de um crime que se tratava, pensei commigo.

E comecei a perder-me em conjecturas. Durante a minha ausencia a porta ficara fechada e só alguns intimos conheciam o lugar onde eu costumava a guardar a chave. Mas não eram certamente os meus amigos que haviam trazido para o meu quarto aquelle esquiife. Talvez os empregados das pompas funebres, por engano, o houvessem deixado ali, mal informados, tendo-se enganado de porta. Mas ninguém ignora que esse pessoal incumbido de um transporte desses, não deixa a casa a que se destina sem haver recebido a sua gorgeta.

Os espiritos predisseram a minha morte, pensava. Não seriam elles, porventura, que se haviam incumbido de transportar para o meu quarto o esquiife que deveria guardar o meu cadáver?

Jamais acreditei no espiritismo, meus senhores, mais deveis convir que semelhante coincidência abalaria as crenças do mais materialista dos philosophos.

Mas tudo isto é absurdo e infantil, pensei commigo; não passa de uma illusão de optica e nada mais. Voltei para casa tão tristemente impressionado que não é para admirar que os nervos doentes me houvessem feito ver um esquiife.

A chuva fustigava-me o rosto e o vento abalava-me furiosamente as abas do sobretudo. Sentia-me transido de frio e ensofado até aos ossos. Precisava urgentemente tomar um destino, mas, qual? Voltar para casa seria arriscar-me a ver de novo o esquiife e semelhante espectáculo era superior ás minhas forças. Permanecer, sosinho, em face d'aquelle esquiife dentro do qual talvez dormisse um cadáver!... Continuar na rua, sob aquella chuva torrencial e varado por aquelle frio intensissimo tambem não me era possível.

Decidi ir passar a noite em casa do meu amigo Upakoief, o mesmo que depois se suicidou, como sabeis. Morava elle a esse tempo na rua Meurty, no hotel de Tcherepof.

Panikhidine enxugou o suor frio que lhe escorria em bagas pela fronte e continuou:

— Não encontrei o meu amigo em casa. Depois



de haver batido á porta e de me haver convencido da sua ausencia, como encontrasse a chave na fechadura, dei a volta e entrei. Atirei por terra o meu sobretudo, ensofado e procurando o divan ás apalpadelas deixei-me sobre elle cahir morto de fadiga. O aposento achava-se em trevas; o vento zunia tristemente no ventilador. No fogão um grilo sibilava o seu canto monotonico. No Kremlin, batiam as badaladas de meia noite. Risquei um phosphoro. Um pavor terrível de novo se apoderou

de mim... Soltei um grito, ergui-me como impellido por uma mola e sem consciencia do que fazia lancei-me pelas escadas abaixo.

Como no meu, acabava de encontrar no quarto do meu amigo um esquiife, com a differença que desta vez o esquiife era muito maior e de um aspecto mui-

to mais lugubre. Desta vez não podia duvidar de que estava eu positivamente sob a pressão de uma illusão de optica. Não era possível que em cada quarto que eu entrasse fosse logo encontrando um esquiife. Evidentemente tratava-se de uma doenca de nervos, de uma allucinação. Pouco importava o destino que agora tomasse, por toda a parte encontraria diante dos meus olhos aquella pavorosa imagem da morte.

Enlouqueço, meu Deus! murmurava apertando a cabeça entre as mãos. Que fazer em tão dolorosa emergencia?

A chuva continuava a cahir em torrentes, o vento congelava-me os ossos; o meu chapéu e o meu sobretudo haviam ficado no quarto do meu amigo. O pavor me impedia de subir de novo as escadas, para ir colhe-los.

Que fazer, Deus meu?

Felizmente lembrei-me que ali perto morava um dos meus melhores amigos, o Dr. Pogostof, recentemente diplomado, e que commigo havia assistido á sessão de espiritismo. Corri a sua casa... Pogostof não havia ainda desposado a riquissima herdeira com quem depois se casou, e morava no quinto andar da casa do conselheiro de Estado Kladibisch.

Subo as escadas e ao aproximar-me da porta do meu amigo ouço um barulho ensurdecedor; alguém corria dentro do quarto, batendo as portas. Ao mesmo tempo gritos horrorosos me chegavam aos ouvidos: Socorro! Acudam-me! Um momento depois um vulto abriu a porta e caminhou apressadamente na minha direcção.

— Pogostof! exclamei eu reconhecendo o meu amigo. Que é isso?

Chegado junto a mim, Pogostof parou e tomou-me convulsivamente as mãos, pallido, arquejante, com os olhos a pularem das orbitas.

—Panikhidine? perguntou numa voz sumida. Mas, não o reconheço! Cobri-lhe o rosto uma palidez mortal. Meu Deus, o seu aspecto é assustador!

—E você, Pogostof, traz as feições todas transformadas! Diga-me: que foi que lhe succedeu?

—Ah! meu caro amigo, deixe-me respirar. Como me sinto alegre por te-lo encontrado, se é com efeito você em pessoa que tenho na minha frente, se não sou victima de uma allucinação. Maldita sessão de espiritismo! De tal forma me impressionou os nervos o que lá vi e ouvi que ao chegar a casa... calcule o que se me havia de deparar á vista...—um esquife!

Parecia-me estar sonhando... Pedi a Pogostof que repetisse as palavras que me havia dito.

—Sim, meu amigo, um esquife, um verdadeiro esquife! Não sou medroso, mas o proprio diabo estremeceria se, ao voltar de uma sessão de espiritismo, deparasse com um esquife no seu quarto!

Gaguejando, contei ao Dr. os esquifes que havia visto também...

Durante uns minutos ficamos os dois de pé, um defronte do outro, com os olhos arregalados e a boca aberta. Em seguida, para nos convenceremos que não nos achavamos sonhando, começamos a beliscar um ao outro.

—Sentimos ambos, disse-me o doutor, portanto não estamos dormindo, achamo-nos ambos de posse da nossa lucidez de espirito habitual. Os esquifes que vimos não são, pois, uma illusão de optica, existem realmente. Que fazer agora, meu amigo?

Depois de alguns momentos de indecisão, resolvemos acordar o creado e acompanhado por elle penetrarmos no quarto de Pogostof. Pensado e executado. Acendemos uma vela e aos nossos olhos appareceu claramente o esquife. O creado benzeu-se logo.

—Vamos agora verificar se o esquife está vazio ou habitado? propoz o doutor com a voz a tremer.

E passando, com uma coragem que eu invejei, das palavras ao acto, Pogostof curvou-se e retirou a tampa do esquife. Olhamos para o interior... completamente vazio. Não existia nelle um cadaver, mas em compensação, uma carta assim dizia:

«Meu caro Pogostof. Deves saber que os negocios de meu sogro não andam bem. O bom homem está crivado de dividas. Amanhã ou depois virão os officiaes de justiça fazer a penhora e por hypothese alguma me sujeitarei a semelhante vergonha. Hontem, em conselho de familia, resolvemos occultar todos os objectos que tivessem valor. Como toda a fortuna de meu sogro consiste em esquifes (pois, como sabes, é elle o melhor armador da cidade) decidimos fazer desaparecer os mais ricos desses esquifes. Dirijo-me, pois, a ti, como a um dos meus melhores amigos, pedindo-te que me salves a fortuna e a honra. Na esperança de que não serás surdo ás minhas supplicas, envio-te um esquife, pedindo-te que o guardes escondido em tua casa até segundo aviso. Sem o soccorro dos meus amigos, estariamos a esta hora, eu e a minha familia, inteiramente perdidos. A todos os que considero como meus amigos sinceros, vou fazer uma remessa e um pedido identicos.

Do teu

João Tchelus.

—Em seguida a esta aventura, concluiu Panikhidine, tive de entrar em tratamento durante 3 mezes, porque o abalo que com ella soffreram os meus nervos foi extraordinario. Ficou-me, porem, a satisfação de salvar da ruina o meu amigo. João Tchelu é actualmente proprietario de uma casa de galas funebres; segundo me informam, os seus negocios não vão em bom pé, de forma que ando receioso de qualquer noite d'estas, ao entrar em casa, encontrar de novo no meu quarto um esquife.

S. Neiva.

A Quinzena

Resolveram os directores d'A Revista supprimir as paginas supplementares a contar do presente numero.

Foi uma medida acertada essa, não ha que vêr, e com a qual particularmente exultou este vosso humilde creado, meus amaveis leitores.

D'ora em diante é aqui, na alvura assetinada d'este esplendido papel *couché*, que a minha prosa rebrilhará para gaudio vosso e intimo orgulho meu.

Foi um accesso que apanhei, para provar aos senhores empregados publicos que não são elles os unicos a abicharem semelhante honraria, tão proveitosa quanto enaltecadora.

E, francamente, já era tempo de me retirarem d'aquella posição humilde em que eu andava, perdido na modestia simples d'aquellas supplementares; ha já uma infinidade de tempo que eu com uma pontualidade de chronometro ando todos os quinze dias a contar aos leitores d'A Revista as novidades da terra, fazendo das fraquezas forças, procurando tornar engraçado o que é desenhado e interessante o que é banal. Nestas condições nada mais natural e nada mais justo do que essa resolução do Alfredo e do Lobo.

E' bem verdade que não foi para me serem agradaveis que elles supprimiram as supplementares; é certo também que se ellas continuassem a encapar A Revista eu nellas continuaria...

Comtado, sinto-me lisongead com o accesso e como em mim, á semelhança dos oradores, a commoção me embarga, não a voz, mas a penna, por aqui fico hoje, prometendo do numero vindouro em diante desempenhar-me com galhardia dos meus deveres.

Rufinius.

O mundo pertence ás pessoas frias.

Machiavel.

Só se exaggera o que não tem importancia.

Talleyrand.

A sinceridade é o primeiro dos dotes moraes e mentaes.

Fran.